

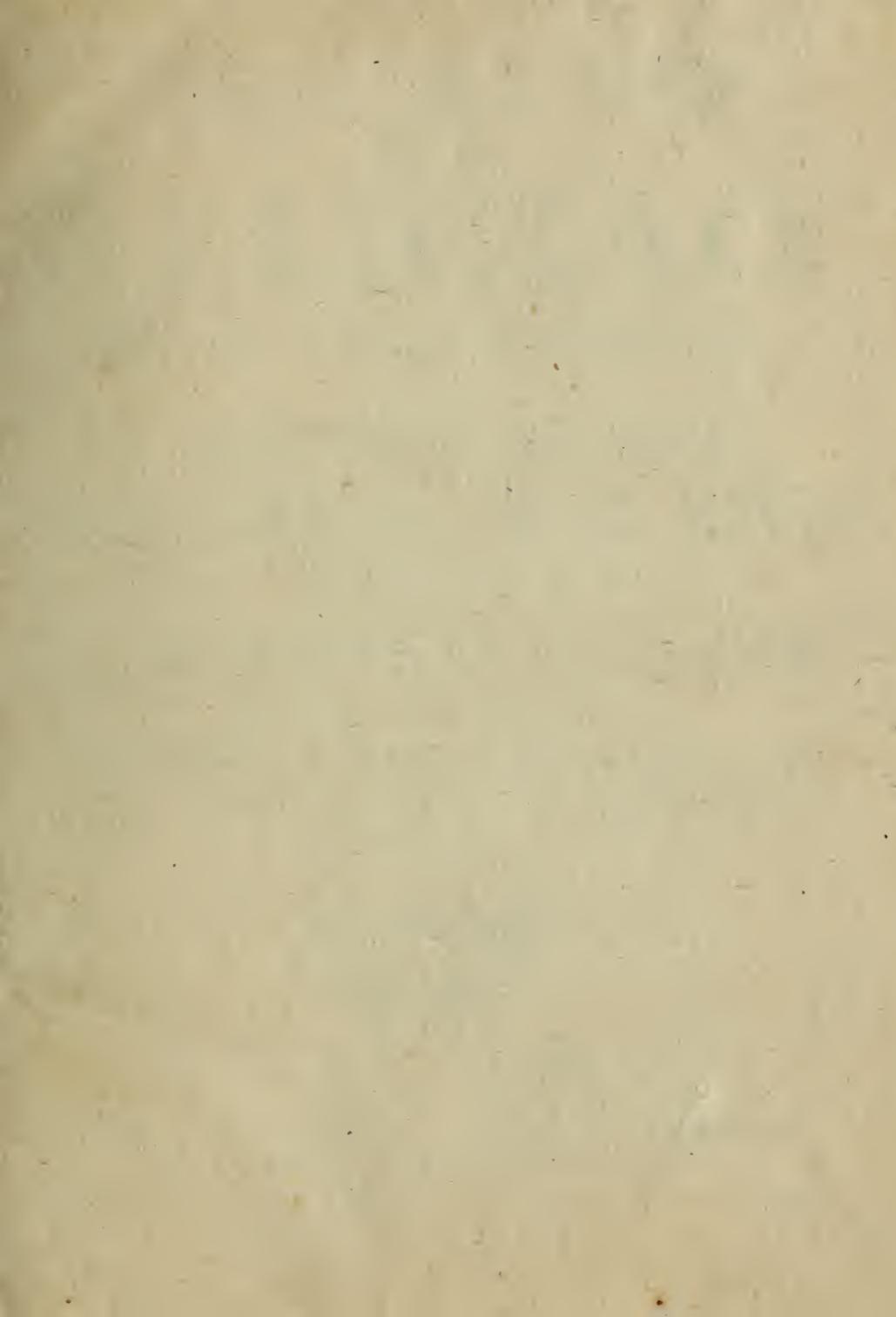


AB186, 602



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

17 E 772



TRIUMPHO

DA

RELIGIAO.

Por Luiz Episcopo de Coimbra

Com

A APOSTOLICA DO PAPA

BENEDICTO XIV.

FRANCISCO DE SAUTUA

Imprime e vende em Lisboa

na Officina da Typographia Nacional

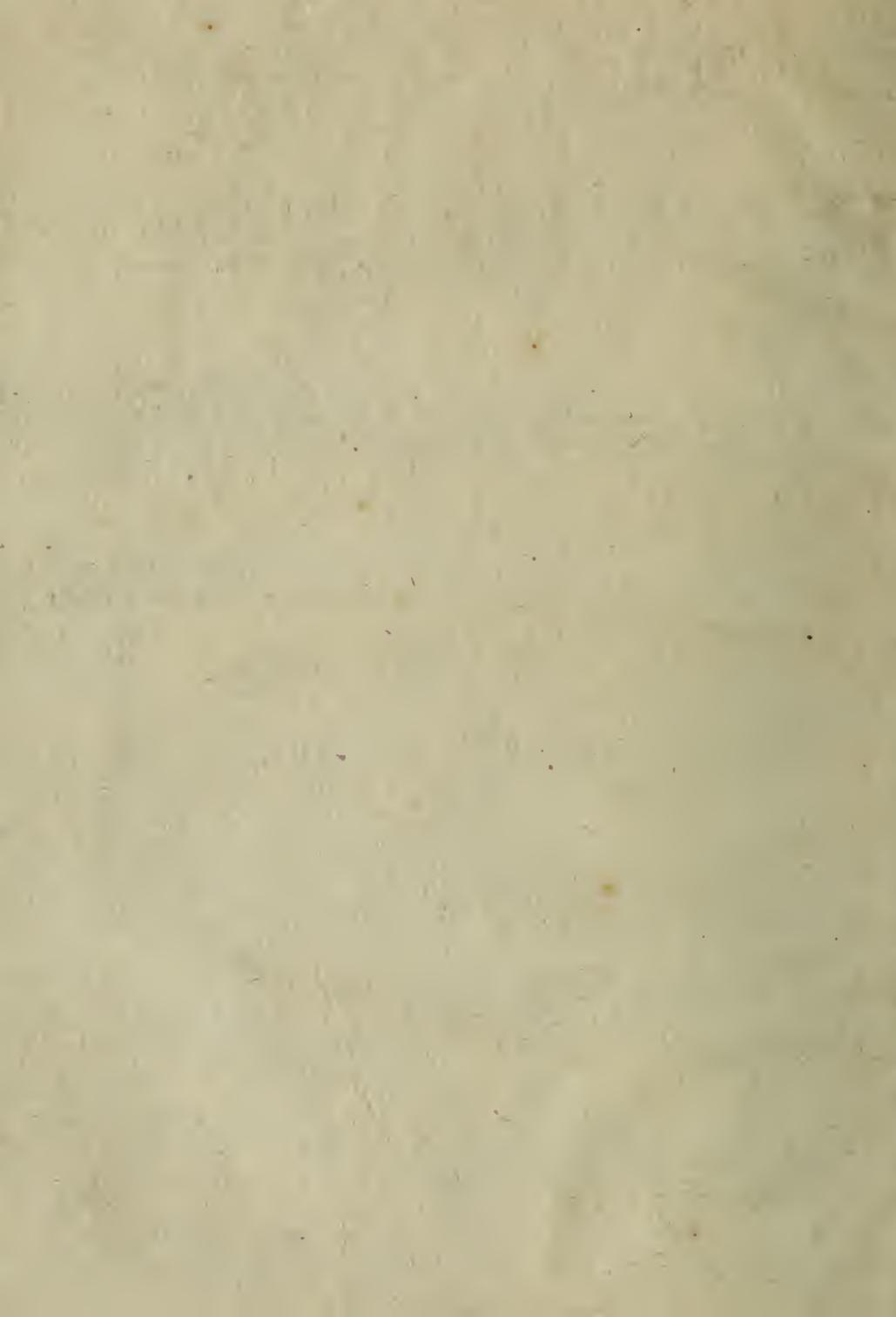
em 1788

Com o N.º 10

C. D. N. B. A.

Imprime e vende em Lisboa

na Officina da Typographia Nacional



TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-Polemico;

QUE

A' SANTIDADE DO PAPA

BENEDICTO XIV.

DEDICA

FRANCISCO DE PINA

E DE MELLO,

Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e
Academico da Academia Real da Historia
Portugueza.



COIMBRA:

Na Officina de ANTONIO SIMOENS FERREYRA,
Impressor da Universidade, Anno de 1756.

Com todas as licenças necessarias.

TRIUMPHO

RELLIGIAO

Tomada da ...

A. SANTIDADE DO TAPA

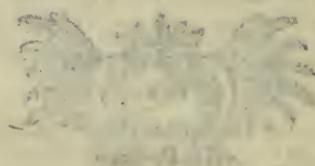
BENEFICIO DA

MEDICA

PLAVISCO DE TINA

E DE MILLO

Modo de usar ...



COMBRA

... ..

... ..

L I C E N Ç A S

DO S. OFFICIO.

O M. R. P. M. D. Fr. Bernardino de S. Rosa, Qualificador do S. Officio, veja este Livro de Francisco de Pina e de Mello, e infôrme com o seu parecer. Coimbra em Meza de Abril 2. de 1754.

Garrido.

Juizo, e approvaçãõ do M. R. P. Fr. Bernardino de S. Rosa, da Ordem dos Prégadores, Mestre, e Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, Presentado do numero pela lição dos Estudos geraes da sua sagrada Religiaõ, Consultor do S. Officio, Examinador das Trez Ordens Militares, Regente dos Estudos, e Reitor do Real Collegio de S. Thomás da mesma Universidade.

Muito Illustres Senhores Inquisidores Apostolicos.

POR ordem desse rectissimo Tribunal vi, e examinei o *Triumpho da Religiaõ*, ou *Poëma Epico-Polemico* de Francisco de Pina, e de Mello, Moço Fidalgo da Casa de S. M. e Academico da Academia Real, e conto por favor esta Ordem, que recebo; pois em ter lido este brilhante *Poëma* tenho logrado huma singular complacencia, vendo feitas Religiosas, e sagradas as Musas mais aménas, nas quaes entre os Poetas do seu tempo hê facilmente Principe Francisco de Pina, e de Mello. Elle as passa neste Poëma, desde o monte Heliconio para o monte Siao, e se deixa ver Philospho, e Theologo todo coroado de Louro. Elle em suave metro desfaz os errados Systemas dos *Atheistas*, *Politheistas*, *Deistas*, *Libertinos Religionarios*, e *Cyrenaicos*, do *Mahometismo*, *Hebraismo*, *Lutheranismo*, *Calvinismo*, e dos *Inchoerentes*, e assim cantando o mais glorioso *Triumpho da Religiaõ Catholica Romana*

nos mostra a Espada dos seus illustres Maiores degenerando em lustrosa penna, a penna em palma, e a palma em Louro. Elle, deixadas as fabulas, faz servir o verso ao verdadeiro Nume, illustrando as Musas com o pincel da verdade, e a não ter dado outro nome ao seu elegante Poëma, eu lhe chamara o *Anti-Virgilio*, ou *Anti-Ovidio*, assim como aquelle do celebre Cardeal Polignac se diz o *Anti-Lucrecio*. Tanto, ou mais dista o Pina da mentira, como aquelles dous Poetas da fama distarão da verdade. Toda esta obra respira doutrina sólida proposta com ardor, e efficacia, declarada com subtil viveza, authorisada com todas as letras; as divinas com grave, proprio, e judicioso commentario; as profanas com tal graça, que sendo ellas pura folha à luz das divinas, as converte a sua destreza em penetrante espada, que adoçando o ouvido como florida, se sente no coração como pedra preciosa, que edifica. Destes milagres hum só se conta em a natureza; porém nesta fabrica hum, e muitos em cada folha. Nobre Edificador he este Poëta, que de novo levanta a gloriosa Torre do Libano contra a Cidade de Damasco, adornandoa com os dourados Escudos da verdadeira Religião, e despindo de todo o genero de deteza aos pestiferos dogmas, de que triumphava neste clarissimo Poëma. Elle oppoem aos rebeldes as armas, que estão pendentes dos Baluartes da Igreja, e com tão uniforme disciplina, que sendo os modernos sectarios, como mãos ovos de mãos Corvos, tirados das cinzas dos antigos Hereges, a huns, e outros acomette com Catholico valor, tirando do Thesouro da sua vastissima erudição novas, e antigas preciosidades. Tambem os Hereges quizeraõ adoptar as Musas para melhor encobrirem a perversidade dos seus fantasticos enredos.

Ario no principio do 4. seculo da Igreja, primeiro scismatico, depois fatal Heresiarca, compós a sua infame Thaleia, que era huma Cantilena molle, em a qual exprimio todo o veneno do seu erro contra a consubstancialidade do Filho, para com este artificio atrahir os ignorantes de hum, e outro sexo ao seu nefando partido. Seguiu Ario neste genero de Poesia ao impurissimo Sotades. Outros Hereges poetizaraõ, e poderaõ agitar o seu espirito com dous furores, hum nobre, outro vilissimo, o nobre da Poesia, o vilissimo da Scita. Distinguiu-se Theodoro Beza, celebre Discipulo de Calvino, de cujos versos nos dá noticia Santelio com outros. Cantou na confusa Genebra,

nebra, onde se recolheu depois do afamado colloquio de Poiffi. O falso Oraculo de Londres junto à porta *Alderghet*, onde de hum cavado muro, reclusa por industria dos Hereges *Izabel Croste*, pronunciava infaustos successos à graõ Bretanha, reinando a Catholica Maria, era huma especie de Apollo Delphico, porque tudo quanto pronunciava era verso. Porém descobrio-se, que o Author destes versos era o infame *Drar*, que assim instrua a reclusa *Izabel Croste*, para animar o *Protestantismo*, que naquelle reinado hia declinando. Porém as Musas sendo de sua natureza lúidas, na dolosa lingua dos filhos das trevas estaõ como violentas. Bem sei, que no Etnicismo, e principalmente no seculo de Augusto sobiraõ ao ponto mais brilhante; mas ainda nas linguas dos Gentios padeciaõ sua violencia, e estavaõ como Ancillas. Apareceo a gloriosa Legiaõ dos SS. PP. e as chamou para a fortaleza da Igreja. Foraõ cantados em doces versos os Dogmas Sagrados do *Catholicismo*. De Ancillas passaraõ as Musas a Senhoras, e como deixados os suaves licores de Aganippe, principiaraõ a beber mais christalinas agoas na perenne fonte do Libano.

Desde o Vaticano usou dos metricos numeros o Santo Pontifice Damaso, natural de Guimaraens confórme a mais ajustada tradiçaõ, e não de Madrid, como queria Flavio Dextro, Author de cuja existencia duvida a Critica moderna. Pio II. foi excellente Poeta, e Urbano VIII. foi na mesma arte peritissimo. S. Prospero Padre do 5. século invicto Defensor da Doutrina Augustiniana contra os Palegianos, e Semipelagianos, das mesmas sentenças de S. Agostinho compós, e deixou à Posteridade hum livro de Epigrãmas, de cujo primeiro distico se conhece bem a excellencia da obra, assim como da unha a grandesa do Leão:

Dum sacris mentem placet exercere loquelis,

Caelestique animam pascere pane juvat.

Alguns lhe quizeraõ attribuir o Poëma de *Providentia Dei*; mas já os Eruditos tem mostrado, que he de Author Pelagiano, o qual não explica bem a graça de Christo. Assim deixado o tal Poëma aos Sectarios, temos por obra certa, e indubitavel de S. Prospero o *Carmen de ingratis* contra os Pelagianos, cujo argumento, e Prefacio he este:

Unde voluntatis sanctæ subsistat origo ;
Unde animis pietas insit ; & unde fides ;
Adversus ingratos, falsa & virtutes superbos
Centenis decies versibus excolui.

S. Gregorio Nazianzeno Padre do 4. século, e chamado por antonomasia o Theologo, enriqueceo a Igreja de excellentes Versos, e ainda hoje fervem de admiração aos mais cultos engenhos o Poëma, que dirigio a Christo: o da virgindade: o outro às Virgens; e varios opusculos em verso, sem que contemos a tragedia da Paixão de Christo, a qual não quer Belarmino seja obra sua, porque não diz com a gravidade do Theologo. S. Paulino de Nola, Padre do 5. século escreveu huma Carta poética a Jovio, em a qual entre varias doutrinas, que lhe explica, ensina, que nada saõ o fado, e a fortuna. Escreveo outra a Ausonio: outra a Ciltherio: outra a Pe-Neumacio: os versos Natalicios de S. Felix, e cantou com novo metro muitos Psalmos de David: varios versos, e de varios argumentos cantou S. Joã Damasceno, Padre do 8. século. Isto basta para se perceber o como se viraõ as Musas em Siao, e que não foi só o Parnasso, onde habitaraõ. Ellas, como todas brilhantes, tambem fizeraõ a sua guerra às sombras.

Entre as Musas do Parnasso cultivou-se a Musa sublime de Lucrecio. Foi Tito Lucrecio Caro, Poeta Latino elegantissimo, Philosopho Epicureo, de nação Romano. Conta-se, que estudou em Athenas, e que tivera por Mestres a Zeno, e a Phe dro, que naquelle tempo eraõ os Principes da Seita Epicurea. Seja, como for, Lucrecio, tirada toda a providencia do Nume, não só tirou a Religiaõ, mas tambem todo o raciocinio, escrevendo seis livros de *natura rerum* em verso bellissimo. Nelles tudo respira hum puro *Atheismo*. Dizem, que a obra de Lucrecio fora emendada, e acabada por Cicero, Principe da Eloquencia Romana, o qual lhe achou mais arte, que ingenho. Quintiliano a louva. Carlos Stefano julga, que elle seguiu o systema Philosophico de Empedocles. Por ultimo Edmundo Purchote no Prefacio à Fisica o poem na classe de Aristoteles. Seja, como for, Musa mais feliz achou o Cardeal de Polignac em Siao, e com tal Musa oppos ao *Atheista* Lucrecio nove livros no glorioso reinado do Christianissimo Luis XIV. em que delineou o seu *Anti-Lucrecio*. Quem foi o senhor Polignac, e quanto foi estimada a sua obra, consta dos elogios, que lhe pronunciarão nas

Academias reaes das Inscriptoens, Bellas letras , e sciencias M. de Boze , e M. de Mairan. No livro 1. dos amores celebrou Ovidio a profana Musa de Lucrecio:

*Carmina sublimis tunc sunt peritura Lucreti,
Exitio terras quem dabit una dies.*

Nos factos da honestidade , e da honra elogiaraõ aquelles Sabios de Paris o merecimento, e virtude do senhor Polignac. Nunc a Urna do esquecimento terá em deposito o seu nome , e a sua Musa.

O Methodo do Eminentissimo Polignac contra o *Atheismo* he seguido pela eminente Musa de *Præcisco de Pina e de Mello*, cõtra o *Atheismo*, *Politheistas*, *Deistas*, &c. Humã, e outra Musa de Polignac, e de Pina se abraçaraõ em Siaõ. Mais dilatado argumentõ segue o nosso *Pina*, e se os Francezes tem a gloria de que o seu Polignac confutou em atiloquo verso ao *Atheismo*, os Portuguezes, levando mais a diante a sua gloria, temos no nosso egregio *Pina* o acerrimo confutador de tantas Seitas, quantas se vem prostradas neste valente *Poëma*. O Polignac seguio Cartesio, e peleijando com Epicuro converteo as armas contra os Auxiliares deste velho *Atheista*. Ao Spinosa a cometteo de passagem, a Hobbesio por hum lado, apertou muito a Lochio, e Newton, reservando a este ultimo algum respeito, porque nelle admirou a pericia das artes Mathematicas. O *Pina* sem perdoar à Aristoteles, chama a juizo o Cartesio, e a quantos se fizeraõ Antesignanos no Orbe Philosophico, mostrando-se sabedor de todos os Systemas, sem abraçar algum delles, e com sagacidade evita o *Pirrhonismo*, tomando para si de cada hum o melhor. Assim bem instruido entra no conflicto com os Sectarios de varias idades; e nos representa hum invencivel Herõe, taõ peregrino, que discorrendo pelo ambito da terra triumphã gloriofamente de todos os falsos Systemas, sem lhe escapar Confucio na China, e Mafoma na Arabia. Este he *Francisco de Pina e de Mello*, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Academico da Academia Real Portugueza, Herõe, Peregrino, e Illustre Cisne, que, ameu ver, excede a todos, quantos tem cantado nas margens do nosso aprazivel Mondego. Elle será gloria a todo o Portugal.

Hespanha teve a Prudencio Poëta Palatino, mas Christaõ, e insigne em toda a litteratura. Escreveo *de Mundi fabrica*, *de Relatione in calites*, *de pugna animi*, *de Origine Peccati*. Gennadio

nô livro de *Viris illustribus*, diz, que Prudencio escreve vera hum *Enchiridion navi, & veteris Testamenti*. Labbéo na Difertação de *Script. Eccles.* entre as obras de Prudencio conta dous livros contra Symmacho Presidente de Roma, o qual defendia a Ara da Victória, e o culto antigo dos Deoses. Italia teve o Conde de Mirandula João Pico, que entre varias obras Dogmaticas deixou o celebre *Poëma* da Cruz. Alemanha teve o famoso Alberto Pighio estimado dos Soberanos Pontifices Adriano VI. Clemente VII. e Paulo III. que deixando as Espectulaçoens Mathematicas, para as quaes inclinava muito o seu animo, leguiu com todo o estudo a Rainha das Sciencias, e confutou com polidissimos escritos Luthero, Melanthaõ, Bucero, e Calvino. Outros Reinos, e Provincias no mesmo Estado secular, e na mesma faculdade Theologica tiveram Varoens eminentes. Ao Cathalogo destes vem dar novo lustre *Francisco de Pina, e de Mello*. O Pighio teve hum estilo mais Ciceroniano, que Escolastico. O *Pina* na prosa dos Prolegomenos, e Notas tem huma locução brilhante, no verso huma facundia sublime. O Pico, como querendo comprehender a todo o scivel, reconheceo o Palacio de todas as Sciencias. O *Pina* leva o seu Herôe a examinar quanto no Mundo se sabe.

Mais queria dizer; porém suspendo a penna, porque quando fui a escrever a censura, tudo o que escrevia hia sahindo Elogio, aindaque sempre inferior à qualidade do Author, e à grandesa da obra. O celebrado nome do Author sobra, paraque a estudiofidade faça a maior estimação das suas preciosas fadigas.

Com saberse na Antiguidade, que a Estatua era de Fidias ou o lenço de Apelles, bastava para aplaudir em hum os acertos do pincel, e em outro os golpes do buril. Na destreza dos Artifices se comprometia o juizo dos curiosos. Estimavaõ as suas obras pelo sobrescrito dos nomes. Tal nome tem o Author deste *Poëma*, que no juizo dos Eruditos com qualquer obra sua nasce gêmea a recommendação mais plausivel.

Peloque julgo, que sendo todo este *Poëma* dirigido a estabelecer os Dogmas Catholicos com os argumentos, ou dos Santos Padres; ou dos mais famigerados Polemicos, não pude encontrar nelle opposição alguma à Fé Catholica. Nos costumes tambem o não acho delinquente. Em fim no *Triumpho da Religião* merece o *Jó triumpho* dos Cesares, que cantaraõ claras victorias de quali todo o Mundo; pois o Author faz huma guer-

ra geral aos Sectarios, e ligado com os PP. e mais Doutores Orthodoxos, leva ao Capitolio da Igreja os despojos ganhados aos *Atheistas, Polytheistas, Deistas, Mahometanos, Hebréos, Libertinos, Lutheranos, Calvinistas,* e *Incoherentes*. Este he o meu parecer; esse rectissimo Tribunal mandará o que for servido. Coimbra no Real Collegio de S. Thomás 12. de Abril de 1754.

Doutor Fr. Bernardino de S. Rosa.

O M. R. P. M. D. Fr. Jozé Caetano de Souza, Qualificador do Santo Officio, veja este Livro de Francisco de Pina e de Mello, e informe com o seu parecer. Coimbra em Meza de Abril 22. de 1754.

Pitta. Garrido.

Juizo do M. R. P. M. Fr. Jozé Caetano de Sousa observante de N. S. do Carmo, D. na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, Lente jubilado, Qualificador do S. Officio, Examinador das Ordens Militares, Consultor da Bulla, e Definidor actual da sua Provincia.

Illustris. Rever. Senhores Inquizidores Apostolicos.

L I o *Triumpbo da Religiaõ* cantado em nove livros de hum *Poëma Epico polemico*. A doce, util, suave liçaõ deste volume me instruiu; e deixou arrebataado; elle voa e leva em si hum anathema ou maldiçaõ contra os principaes erros que perturbaõ o entendimento dos fieis; elle me trocou com importantes interesses o Character severo de Censor no respeito, ardor, e ventura de dicipulo. Concebi huã grande idea, penetreime de sentimentos sobre a grandeza desta obra, os quais naõ sey medir mais q̃ pelo nome do seu Author: e naõ achei melhor proporçaõ. *En an isco de Pina, e de Mello* illustre por nascimento, e por merecimentos, ainda mais illustre por si, sendo-o muito pela
natu-

natureza, deu à luz este parto não de monte, mas sim da eminente capacidade do seu profundo juizo. Elle deve a origem, e sangue aos *Pinas* chefes desta Família em Aragoã; Isabel a trouxe a Portugal, nelle tiverão os seus maiores as estimaçoens que lhe continua este descendente bem capaz de ser tronco de sua genealogia, de que he ramo. A Magestade Fidelissima o conta entre os familiares da sua casa no exercicio de Moço Fidalgo. A Sociedade Real das Sciencias, e Bellas lettras, da Historia Portugueza, e Latina tem a gloria da sua Companhia, e estudos. Quando o mundo não tivesse admirado athe agora que este grande homẽ não se acha facilmente hospede no Palacio de todas as Sciencias, nesta obra elle se deixaria ver, e ouvir *Theologo, Dogmatico, Escolastico Polemico, Historiador*. Elle sem declinar para o *Pirronismo* trata com hum *Septicismo* prudente todos os systemas antigos, e modernos, e conhece em qualquer delles aquella incerteza que serve de abater a vaidade do entendimento humano, o qual não tem evidencia dos admiraveis segredos da natureza. Elle vizita o *Peripato*, e nota-lhe a obscuridade dos seus effugios pelas qualidades occultas: elle examina o Cartesianismo, e descobre a difficil organizaçaõ dos atomos: elle contempla o Newtonismo, e estranha o estebalecimento da mechanica: elle ouve aos mais Philosophos sem aquelle imprudente desprezo com que o vulgo trata à quellas dos quaes não approva as doutrinas; verdadeiramente vem a ser este livro hum compendio das mais nobres fadigas, livro de ouro digno de trazer-se aos hombros dos homens sabios, e de servir-lhes de Coroa, como de outro livro dizia o Principe da Idumea no cap. lib. 31. Cõta *Francisco de Pina, e de Mello* cincoeta, e nove annos de idade occupada não só cõ a cõsonancia das Musas, das quais he mimo, mas com os estudos mais serios, e proveitozos que examinaõ aos melhores Mestres da eloquencia, e sabedoria. Com esta distracçaõ formou hum parto tão bello como este, que tarda seculos para a sua producçaõ. Nós já vimos a beneficio da luz publica o dedo deste Gigante, agora admiramos-lhe a corpulencia. Vimos os seus *Poemas*, elles serviaõ de exemplares, e impossibilitavaõ a imitaçaõ: elle ideou, e levantou hum Palacio da eloquencia, ao qual chamou *Theatro*: Que grandeza que apparatus que erudiçaõ pede esta obra promettida no titulo, e fachada, mas desempenhada no ámago, e effeito! Esta maquina athé agora occulta entre outras que esconde o seu mesmo Author, se deu à noticia do mundo pelo insigne Diogo Barbo-

za Machado, na sua Bibliotheca Lusitana: A Historia, hum dos espiritos que alentaõ a eloquencia, que não he outra cousa mais que huma arte de fallar bem, tem desta Sciencia dobrados espiritos *Francisco de Pina, e de Mello*: elle escreveu hum *Epitome da Historia Romana desde Romulo at he Carlos sexto*; aonde reduzia a compendio os successos de vinte seis seculos: Que caracter, q̄ verdade, que sinceridade, respiraõ as lembranças deste Imperio! Elle escreveu o dispotismo dos Reis, o respeito dos Consules, a dignidade dos Magistrados, e passando às fortunas da guerra faz presentes as victorias que fizeraõ formidaveis aos Romanos no mundo todo. Tinha merecido para o seu Author esta obra huma gloria immortal; elle a despreza, dá hu sepulcro glorioso na sua Biblioteca a este precioso manuscrito, no qual se continha huma, e a melhor porção da historia universal. Alguma innocente curiosidade vio o trabalho, e merecimento, e necessidade desta producção mas taõ pouco satisfeito vive das suas *Francisco de Pina, e de Mello*, que lhe nega a licença da luz publica; esta resolução he o caracter do homem sabio: só os que o são se fazem austeros censores de si mesmos; a vaidade dos estudos proprios he indole muito natural da ignorancia. Quando decia do Parnaso soltava a penna nestes bellos rasgos; athe que concebendo a difficuldade de huma obra digna do seu nome, estado, e piedade entrou nado o *Triumpho da Religião* contra os seus inimigos, e desertores. Escolhe para credito, e Patrono a hum Mecenas, que no capitolio de Roma cinge trez coroas; não tirha liberdade para escolher outro: a proporção da obra com o Mecenas he huma força, e necessidade da eleição. A Regra visível da Igreja, e da Fé, a Cabeça da Religião, o Capitão da milicia Christã estava declarando huma evidente justiça para que se lhe consagrasse o *Triumpho*: Elle, e nós somos Soldados que vencemos athe dar a vida, e o silencio da morte he a mais eloquente consiliaõ no martyrio: a quem levanta o estendarte, e declara os vencedores se devia a victoria. Offerece prostrado *Francisco de Pina, e de Mello* este *Jo triumphal* ao Santissimo Padre, e Pay universal *Benedicto Decimo quarto* nosso Senhor, e na serie dos Pontifices duzentos, e quarenta, e sete. A lembrança, e eleição dos Mecenas he huma das melhores provas da capacidade, e espirito dos escriptores: o Protector da obra deve conhecella para a saber estimar, e tem huma gloria que o faz Author quando defende a producção alheia. O Mecenas que honrou a *Virgilio*, e *Horacio*; o que mereceu que os seculos

los futuros respeitarem o seu nome, e o dessem aos protectores dos Sabios, quer Vossio que não só patrocinasse a causa dos homens doutos, mas tambem que o fosse: elle o conta entre os Poetas Latinos: muito devedoras lhe são as letras; parece que hum taõ declarado amor aos que as professavaõ não poderia estar em hum entendimento ociozo desta cultura, e que facilmente se empregaria nas applicaçoes que patrocinava nos mais. Deste caracter he o Mecenas de *Francisco de Pina, e de Mello*. Que amor, que protecção, a favor dos homens sabios não tem declarado o Santissimo Padre? Quanto os distingue nos beneficios, na affabilidade na estimaçõ! He esta inclinaçõ, poderosa no seu real animo hũa especie de innocẽte amor proprio; elle patrocina nos mais aquelle merecimento; q̃ conhece em si mesmo cõ eminente vantagem. As delicias da sua mocidade de Bolonha, e de Roma sacrificou aos mais serios, e importantes estudos dignos do seu espirito, das suas esperanças, e das q̃ fiava delie a Christandade para o governo da Igreja. No trono Pontificio entre os cuidados do seu rebanho estuda a arte de o apascentar; elle desempenha as obrigaçoes de Mestre universal, e aquellas mãos sagradas que se occupaõ com a vara, e com a bençaõ não largaõ a penna, antes a sua he vara de ouro, com que lança as medidas à edificaçõ espiritual da sua Jerusalem. Instrue aos povos, aos Bispos, e aos seus successores, e para guardar os preciosos volumes da sua cõposiçõ tem a Biblioteca Vaticana hũ erario mais amplo do que para as obras dos seus Antecessores. Quão grande Theologo Philosofo, Jurisperito, Historiador se mostra nos seus livros! Em que regiaõ, e provincia do orbe literario poderá ser hospede? Nada mais direi, porque sempre direi pouco: o mundo adora no Santissimo P. *Benedicto Decimoquarto* o espirito dos Leões dos Gregorios, Innocencios, Alexandres, Martinhos, Clementes, Urbanos, e outros. O zelo da Religiaõ, a observancia, e reformaçõ da diciplina Ecclesiastica, a providência de prevenir o remedio aos damnos, avigilancia de arrancar a Zizania que apparece entre o seu trigo; e outras qualidades de hũ SS. Vigario de Christo fazem a este amavel, e prudentes os desejos da tua dilatada conservaçõ. Ainda *Francisco de Pina, e de Mello* teve outra vantagem na eleiçõ deste Protector: elle se tem declarado na affeiçõ, e estimaçõ dos Portuguezes. Desde que o Grande Rey digno de eternas saudades o Rei Joaõ Quinto tratou com o Santissimo a aliança de huma correspondencia frequente fez inclinar

o solio Pontificio para os interesses de Portugal : faceis se fizerão entã as maiores dependencias ; ouvia Roma com respeito o nome deste Monarcha ; elle mereceu para os seus Vassallos que o Santissimo os amasse ; delles ainda agora fia os seus favores , e economia , e affabilidade. Neste fiador espera *Francisco de Pina , e de Mello* os efeitos do Soberano patrocínio para esta tua estimavel Obra. Elle os mereceu por si , e pela empreza. Eu ainda não vi tanta utilidade com tanta doçura em huma composiçãõ que me promettia huma escuridade austera. Quando eu lia as declamaçoens contra os erros , me persuadi que escutava hum Bellarmino , hum Gregorio de Valença , hum Soares , hum Natal Alexandre , hum Bossuet , hum Gotti , hum Petavio , hum Gravina , e outros que se declaraõ a favor da Christandade contra os infelices Sectarios do *Atheismo , Deismo , Paganismo , e Heresia*. Os inimigos da Fé fogem de interessar-se nestas disputas , porque a si mesmos ameaçaõ o infalivel desdouro de serem convencidos : para estabalecer os delirios do *Mahometismo* , prohibia o seu infausto Legislador aos seus professores outros argumentos mais que os da espada , estabalece na valentia o que não tinha fundamentos na razaõ : assim temem , e aborrecem a razaõ os que se declaraõ antagonistas da verdade : sabe *Francisco de Pina , e de Mello* fazer-se familiar aos inimigos , a fim de que a beneficios da astucia , e disfarce penetre o interior para abrir brecha facil , para levantar com menos resistencia o estendarte da Religiaõ à vista de todas as Settas. Os desgraçados Coriféos dos erros que inficionaraõ as quatro partes do mundo teriaõ talvez por alivio na sua infelicidade ouvir o canto deste *Triumpho* ; porque ainda com proveito seu veriaõ preparados os meios para a evidencia dos seus delirios. He este *Poëma* hum *Cathecismo* facil , suave , forte , capaz de conduzir à verdade athe os animos mais obstinados na infidelidade. Tanta efficacia , tanto poder lhe reconheço como em outro que compoz em cincoenta razoens o Serenissimo Antonio Ulrich Duque de Brunswic Elle q̄ fora creado no *Lutheranismo* concebeu escrupulos desta profissãõ , quis contemplar as outras , lançou os olhos para o *Calvinismo , Arrianismo , Analaptistas* , e quantas reformaçoens fizeraõ destes erros em outros peiores os *Filippes , Melanthoens , os Carlottadios , Oecolampadios Bucceros* ; este ultimo peor que os primeiros fundou o estabalecimento do seu erro nas esperanças de tirar da Igreja a hum só homem o Angelico Thomaz , tanto o respeitava e temia , ainda quando des-

preza-

prezava as suas doutrinas. Mons. de Vallemont conta de Buccero aquella temeridade e louca expressão *tolle Thomam & dissipabo Ecclesiam*. Pro nãtia-se aquelle infeliz huma fácil invasão neste Paraizo da Igreja, se Thomaz como Anjo q̄ a guarda naõ defêdesse a entrada. Este desertor de duãs profissoens sabia o esforço com que Thomaz esgrimia a espada; e aqui veraõ muito se as doutrinas escolasticas se fazem formidaveis à heresia. Deste exame que fez o Duque de Brunswic ainda entaõ professor do *Lutheranismo* tirou elle huma consequencia firmada com evidencias da razaõ, e da Fé que só a Religiaõ Catholica Romana era digna de hum homem que via com attençaõ as importancias do espirito. Eu as li no primeiro tomo da Theologia do Padre Bento Schmier Mestre desta faculdade, e de hum, e outro direito na Universidade Benedicã salisburgense: Contra todos estes fortes armados que defendem o partido contrario ao Christianismo, sahe a campo *Francisco de Pina, e de Melle*; do Parnaço toca o clarim para o desafio; elle naõ teme a multidaõ dos inimigos, porque vai fiado na valentia da verdade, e na justia da causa: O Eminentissimo Polignac tambem cantou em suave metro o seu triumpho contra o *Atheismo*; ouvio este na victoria o seu desdouro, mas a consonancia da lyra fez doces athe as vozes do vencedor ao vencido. Aquelle Principe foi o Homero da França, e desagravou a sua Patria do erro commum que lhe disputava o bom gosto para o *Poema*; erro commum parece negar aos Francezes a cultura, e capacidade da Poesia, quando o mundo se está aproveitando com respeito das suas bellas letras, critica, eloquencia, e estudos. Naõ he alheia do *Poema* a matéria que neste se trata. O Grande Thomaz, Anjo da sua escolla, e das mais, quer que os Poetas antigos fossem Theologos, entre elles conta a Orpheo Museu, e Lino, e diz que Theologos se chamavaõ os Poetas entre os Hebreos quando eraõ governados pelos Juizes. S. Agostinho nos ensina que nos principios desta divina arte da Poesia mereciaõ, e gozavaõ os seus proffesores das honras de Theologos; entaõ cantavaõ os louvores de Deos. Setecentos annos antes que houvesse na gentildade Philosophos todas as materias da Religiaõ se liaõ, e guardavaõ nos *Poemas*, assim se communicavaõ de Pays a Filhos estas sagradas tradiçoens; os versos se cantavaõ particularmente nas casas, e publicamente nas praças. Melhorou *Francisco de Pina* neste *Poema* os antigos; fez ainda mais sagrado o seu plectro. Para a efluencia singular bebeu enchentes naquelle rio que

que nasce da face do Senhor do qual correm incendios de furoz divino arrebatado: neste fogo pronuncia novos estragos às infames frias cinzas dos *Atheos, Polytheistas, Deistas*, e outros q̄ pagão nestas chamas huma pena pòstuma dos seus erros. O Prolegomeno desta obra devia ser hum corpo separado: não necessita o *Poëma* desta prefacção; por si se declara, e leva aquella luz, e distribuição que lhe daria o Prologo que serve para bom entendimento da materia que se trata. Este he a melhor arte Poetica, Critica, Apologetica, rara, e precioza: ensina a poetizar com facilidade, e ella faz muito dificultozo hum *Poëma* perfeito; a theorica nunca se ensinou melhor, a imitação nunca foi mais ardua, porque não ha no *Poëma* maior embaraço que a observancia de tantas leis q̄ propoem *Francisco de Pina, e de Mello* as quaes elle enche cõ os poucos dos que athe agora foraõ mimo, e delicias das Musas. O que notarão todos he a facilidade, e propriedade com que cabem sem violencia os termos proprios das Philosophias e da Theologia, e ainda aquellas palavras q̄ pedio à lingua latina a necessidade, e penuria de vocabulos. He qual devia ser esta obra, qual se devia à materia, ao artificio ao Author. No ultimo livro prepara a pompa, e Magestade do *Triumpho*; falta neste apparato que *Francisco de Pina, e de Mello*, vença a sua modestia para ouvir o merecimento do applauso. Elle deve levado nos braços dos mais valerosos, e vencedores Capitaes do *Christianismo* athe o Capitolio de Roma, aonde escute por *vivas* a suave harmonia deste seu canto; devefe-lhe a coroa civica porque salva em huma guerra da Religião aos Cidadãos da Igreja militante contra os seus mais arrogantes inimigos: O seu nome será eternamente celebre na memoria dos homens, no *Christianismo*, e na Fama: esta obra he o monumento mais perenne que o bronze, he a estatua e questre; elle a delineou e lavrou com a penna; a pezar do seu desinteresse nobre debuxou assim huma imagem do seu engenho, e gloria, à qual adorará a posteridade. Não sey que haja em Portugal quem dispute a *Francisco de Pina, e de Mello* a vaidade de primeiro nesta nova producção, elle he o Author, e inventor: poderão conceber estímulos poderozos, e fecúdos os espiritos Portuguezes para a imitação, este será o eterno louvor deste exemplar. Na Bibliotheca do Vaticano terá distincto lugar entre os veneraveis defensores do *Christianismo* este: aquelles venerandos Próceres haõde respeitar a hum homem que ajunta em si o preciczo cabedal de muitos sabios. Este

he,

he, Illustrissimo Santo Tribunal da Fé, o conceito, e idea que
concebi mais como final da minha licção, e respeito, do que de
minha censura: He pura a obra como a Fé que trata: ascetica na
regra dos costumes Sanctos, os quais persuade no ultimo livro:
he obra digna do Cedro, da luz publica, e da immortalida da.
Coimbra, no Real Collegio da Senhora da Conceição da Ordem
do Carmo da obfervancia aos 28. de Mayo de 1754.

Doutor Fr. Joseph Caietano de Souza.

PO'de-se imprimir o Livro, de que se trata, e não correrá
sem nova licença, para o que torne conferido. Coimbra
em Meza 1. de Julho de 1754.

Garrido. Pitta.

DO ORDINARIO.

O M. R. P. M. D. Fr. Jozé da Trindade , Agostinho descalço, do seu Collegio de Santa Rita desta Cidade, reveja o Livro de que o supplicante faz menção, e informe com o seu parecer. Coimbra de Junho 18. de 1754. *Gama.*

Juizo, e approvação do R.P.M.Fr. Jozé da Trindade, Lente duas vezes Jubilado em Theologia, e Doutor pela Universidade de Coimbra, Oppozitor às suas Cadeiras, Qualificador do S. Officio, Examinador Synodal do Bispado de Lamego, Ex-Discreto do Capitulo Geral pelo seu Convento de Porto de Móz, Pre-lado, q̄ foy das suas Cazas de Coimbra. e Malhada Sorda, Ex-Commiffario Geral da Provincia da Beira da Real Congregação dos Eremitas Descalços de S. Agostinho, &c.

Reverendissimo Senhor Doutor Provizor.

V I o Livro intitulado *Triumpho da Religião: Poema Epico Polemico*, q̄ à Santidade do Papa *Benedicto XIV.* dedica *Francisco de Pina e de Mello*, Moço Fidalgo da Casa de S. M. e Academico da Academia Real, e por informar com o meu parecer sobre a Licença para a sua publicação, digo que não sómente se lhe deve conceder esta por não contêr couza alguma contra o deposito da Fé, Bondade da Disciplina, e Immunidades da Igreja, assim universal, como particularmente Lusitana; mas que esta, e mais particularmente a nossa Conimbricense se deve gloriar com este illustre Filho, e com este Divino esforço do seu sempre admiravel Talento, de que ainda persevera no seu campo aquella fertilidade primitiva para as producçoens sagradas, que lhe deixou com a sua Benção Apostolica, o gloriosissimo S. Mancio Fundador da nossa Igreja. Este grande Espirito, taõ

* 4

distin-

distinção entre os primeiros 72. Discipulos de Christo, desde o Sagrado Siao, onde administrou a agua no ultimo, e mysteriosissimo Banquete do Mestre Sacrosanto, até os *Castellos de Manlio*, hoje *Monte-Mór o Velho*, e Monte tambem sagrado por muitos Titulos, onde colhia os abundantes fructos do seu Luzitano Apostolado, quando o Céu no lo arrebatou para lhe dar em Evora a gloriosa Coroa do Martyrio, ficando os nossos Collimbrienses innocentes do sangue de seu Pastor, primeiro espalhou juntamente com as Luzes da Fé, hum Espirito de Piedade, e verdadeira Religião, que em todas as idades não só se tem deixado perceber florente, mas com desculpavel inveja de outras Igrejas menos distantes, tem offerecido à Sacrosanta de Roma, universal Mãe, e particularmente sua, preciosissimos, e fazoadissimos fructos da sementeira Evangelica, com que a Casa do Senhor, e a sua Familia na Terra não só se nutre, mas se fortalece, vence, e triumphava com estes esforços de todos os seus inimigos os Espiritos das trevas. Não individuo esta abundancia, porque a digressão não converta a informação em Historia, e porque quando faltassem tantos argumentos da solida, e antiga Religião da nossa Igreja; bastava este heroico desempenho com que hum tão illustre Manliano faz servir as Musas tão felizmente, e tão novamente nos ministerios da Christandade, para que o Vaticano saiba, o Reino conheça, e admirem as mais Naçoens Catholicas em os seus mais celebres, e estudiosos theatros da Theologia, que a Providencia de Deos sempre extraordinaria, e benevola com Portugal concedeo à Igreja de Coimbra, e isto em o Estado Laical, hum Engenho tambem empregado, e hum Espirito tão superior a todos os empregos do coração humano, e ao mesmo tempo tão rendido, tão unido, e tão penetrado dos Divinos Oraculos, que sobre serem sempre innocentes os seus Escritos, como confessaõ obrigados da evidencia os seus mesmos emulos, que só se lhe arrojaraõ disfarçados, agora faz ver a todos os incredulos o quanto são vastos, continuos, proprios, maduros, sagrados, e bẽ logrados os seus estudos, a fim de fazer patente, e dar a razão da sua Fé, e radicalla forte, e suavemente em todos os Espiritos, e Coraçõens: Novo genero não só de Poësia, que sendo tanto, he no meu conceito o menos que resplandece nesta obra; mas de *Catecismo*, de *Missaõ*, e ainda, se he Licito explicarme assim, de Martyrio in-cruento, qual aquelle com que os SS. DD. da Igreja nos deixa-

raõ da verdadeira Fé tantos publicos Testemunhos, como li-
vros, unicamente trabalhados para conversão, instrucção, e con-
servação dos vindouros. Tal he o fructo que se pôde esperar
deste Livro taõ delicado como o gosto do presente seculo,
cujo genio conhecendo bem o Author, elegeo, entre tantas ou-
tras para publicar, esta singularissima producção, em que logra
todo o seu influxo naõ só o enthusiasmo natural, q̃ todos lhe re-
conhecem excellentissimo, mas a especial assistência daquelle Es-
pirito cujos auxilios se ordenaõ à verdadeira gloria, que he a da
salvação dos Authores, dos Leitores, e dos Lidos em estes tra-
tados: Dous grandes Francezes, os meus Santos Paulino, e Prós-
pero escreveraõ antigamente *Poëmas* contra Sectarios: Moder-
namente outros dous Francezes Polignac, e Racine escreveraõ
Poëmas de argumento semelhante; porém este Portuguez sem
encarecimento os excedê nesta obra tanto, que naõ lhe impede
a excellencia de Author original a antecedencia de todos os
quatro. Glorê-se pois a nossa Igreja de que ainda fóra da sua
Athenas he fecunda em taõ preciosos frutos da saudavel sãbe-
doria, e naõ só conceda, mas exhorte ao Author a fazer publica
esta, e as mais suas dignissimas applicaçoes. Assim o sinto.
Coimbra, e Collegio Real dos Agostinhos Descalços 26. de
Junho de 1754.

O D. Fr. José da Trindade.

P O'de-se imprimir o Livro intitulado *Triumpho da Religião*,
e depois de impresso, torne conferido, sem o qual naõ
correrá. Coimbra, e de Julho 2. de 1754.

Teixeira.

D O P A C, O.

L Uis Francisco Pimentel Cosmografo mór do
Reyno, e Academico da Real Academia veja
este papel, e interpondo o seu parecer o remetta à
Mesa. Lisboa 8. de Agosto de 1754.

Com tres rubricas.

S E.

SENHOR

O Livro que V. Magestade me manda vêr, intitulado: *Trumpho da Religião*, que para fazer imprimir pede licença seu Author *Francisco de Pina, e de Mello*, vem dignamente approvado por seus insignes, e doutissimos Revisores com as mais eruditas, elegantes, e encomiasticas censuras; e para eu os igualar na exposição dos louvores, de que se mostra, e sempre reconheci benemerito este tão illustre Escriitor, entendendo que basta proferir o seu nome, que transcende a todos os elogios.

Consta esta obra de utilissimos Prolegomenos, e instrucçoens sobre a Arte Poetica, judiciosas reflexoens, e criterios sobre as obras de muitos Authores, em que estabelece regras, e preceytos conducentes para a perfeçãõ da mesma Arte, que consequentemente exemplifica em hum elegante Poêma de Versos elevados, dirigido a convencer, e refutar os delirios de todas as seytas hetherodoxas.

Assim me parece este livro huma riquissima torrente de doutrinas Sagradas, e profanas, e hum dos que mais satisfaz o preceyto de ajuntar o util com o deleytavel; em que seu Author não só ratifica, mas excede todas as aclamaçoens, com que he applaudido por hum dos mais doutos Escriitores que illustraõ o presente seculo.

E por não conter couza alguma contra o serviço de V. Magestade, entendendo serã muito conducente ao bem publico a brevidade com que, dando-se ao prélo, satisfaça os alvoroços com que todos os eruditos, que tem noticia desta obra, estaõ dezejando a sua ediçãõ. Isto me parece. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa 15. de Agosto de 1754.

Luis Francisco Pimentel.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa 2. de Setembro de 1754.

Com duas rubricas.

Erratas. Emendas.

Erratas. Emendas.

Pag. reg.

Pag. reg.

81	V. 9	queriria	quereria
84	R. 3	e adoraçãõ	e adoraraõ
85	V. 4	õ	õda
87	V. 8	Nhum	N'hum
88	R. ult.	religioao	religioãõ
94	V. 23	grefleiro	grofseiro
98	V. 9	joelhos	geolhos
104	V. 16	obedecido	obedecido?
105	V. 4	adeo	a deo
114	V. 23	virao	Viraõ
116	V. 17	e homem	e que he homem
119	R. 16	Perico fem caõ	Perico fem caõ
122	V. 2	a terra	aterra
122	R. 2	Aiay	Ajax
123	V. 8	ropera	rompera
145	V. 10	juntamente	e juntamente
148	V. 7	Aquelle	A' quelle
151	R. 3	das fuas	das duas
152	R. 12	defiliis	de filiis
152	R. 20	quis enim ad-	quis enim cum ad-
		ducer	ducer
157	R. 7.	notricio	nutricio
163	R. 7	de meure	demeute
163	R. 8	jugens	jugeons
		ibidem rompent	rompant
163	R. 9	roucs	roues
		ibidem n'ya	n'y a
		ibidem destruite	detruite
163	R. 12	Chap. 2r	Chap. 2
163	R. 13	la foi bbeste	la foibleffe
163	R. 14	me tablit	on etablit]
164	R. 1	l'onles	l'on les
		ibid. desformes	des formes
		ibid. font en nen	foutiennen
164	R. 4	convain quantes	convainquantes
		ibid. somprifes	sont prises
164	R. 5	qu'ilya	qu'ily a

164	R. 7	se fournit	on fournit
164	R. 10	pour quoi	pourquoi
169	R. 1	etendui	etenduie
169	R. 6	quel que fois	quelque fois
169	R. 11 p. 1. tom. 2. lib.	p. 1. tom. 2. lib. 3. 0	5. art. 3.
		2. art. 3.	
169	R. 13	l'ila	S'ila
		ibid. del' etendui	del' etenduie
169	R. 13	si' nen	& si' n'en
169	R. 14	quel sprit	que l' sprit
173	R. 15	entreprand	entreprend
173	V. 2	clara	chara
192	R. 1	anon	Oenone
192	R. 3	anon.	Oenon.
192	R. 5	y las penas	y las peñas
203	V. 4	apontallo	apartallo
205	V. 6	fem fadiga	fem fadiga
235	V. 17	offensa	offensa
239	V. 8	e dificios	e edificios
240	V. 3	Libidia	Libidia
241	V. 5	Amstardam	Amsterdam
141	V. 8	podeis	podies
252	V. 21	e Hebdomada	e a Hebdomada
269	V. 15	que	que
287	V. 13	lhes pedimos	lhes pedimos
287	V. 17	reconpeusa	recompensa
287	V. 21	Confiaõ	Confissãõ
288	R. 11	orentes	orantes
291	R. 5	Bafluet	Boffuet
293	V. 2	se quereis	se quereis que
		tifice	Pontifice
299	V. 15	occidente	accidente
309	V. 5	impaciente	impaciente
317	V. 14	estimolo	estimulo
323	V. 17	elequente	eloquente
331	V. 14	esplendidos	pe-esplendidos, perce-
		rcnes	ncs

B R E V E,

Que o Santissimo Papa reinante concedeu ao Author
deste Poema :

BENEDICTUS P. P. XIV.

Dilecte fili, Salutem, & Apostolicam Benedictionem. Litterarum scientia, vitæ, ac morum honestas, aliaque laudabilia probitatis, & virtutum merita, super quibus apud Nôs fide digno commendaris testimonio Nôs inducunt, ut tibi reddamur ad gratiam liberales. Eapropter, ut magis, magisque & in studiis, & in pietate proficias - Apostolica auctoritate tenore præsentium tibi, ut in tua Bibliotheca, sub clavi tamen, quorumvis Hæreticorum, & Hæresiarcharum, & aliorum quorumcumque reprobatorum Auctorum quacumque auctoritate prohibitos, & prohibendos libros, manuscripta, & opera tam hætenus in lucem edita, quam impofterum edenda, seu scribenda quæcumque habere, legere, & tenereliberè, & licitè, & absque ullo conscientiaæ scrupulo possis & valeas, concedimus, & indulgemus. In contrarium facientibus non obstantibus quibuscumque. Et Apostolicam Benedictionem tibi, dilecte fili, peramanter imperitur. Datum Romæ apud Sanctam Mariam Maiorem sub annullo Piscatoris die XI. Septembris MDCCLIII.

Pontificatus nostri anno Decimo quarto.

Cajetanus Amatus.

E nas costas do Breve

Dilecto filio Francisco de Pina, & Mello,
nobili Conimbricensi.

PRO-

PROLEGOMENO ^{I.}

PARA

A BOA INTELLIGENCIA,

E

CONHECIMENTO

DO POEMA.

PRIMEIRA PARTE.

§. I.

SE Adam (como querem alguns escriptores) compôz o Psalmo 92, que anda entre os de David, hê a Poesia taõ *Anti-
guidade
da Poe-
sia.* antiga como o Mundo; e quando começou a nascer logo principiou a poetizar. Ao menos Santo Isidoro nos diz que os Versos se conhecerãõ primeiro, que a Prosa. A' Poesia se deve a sociedade humana, porque Lino, Orpheo, e Museo forãõ os primeiros, que com a suavidade dos numeros poeticos civilizarãõ os homens, e os arrancaraõ da barbaridade das selvas para a cultura das Povoaçoes. Apuleo, Florid. lib. 2. observa que Pherecides fora o primeiro que introduzio a Prosa. Strabaõ no lib. 1. ajunta a Pherecides, Cadmo, e Hecateo; o que nos faz considerar que teriaõ bastante exercicio antes do Deluvio; e apenas a Terra se levantou sobre as agoas, fez harmonicos os seus Vaticinios a Sibylla Chaldea, Neta, ou Nora de Noê; o que prova que o conhecimento do Verso vinha dos Antedeluvianos.

Tubal trouxe a Poesia ás Hespanhas 150 annos depois do Deluvio; e foraõ em Verso as Leis, que deu aos Hespanhões. Passados seis Seculos appareceu Job, Principe, ou Regulo da Idomea com os seus livros poeticos, como affirma S. Jeronymo. O Oraculo divino nos assegura que Moyfes, com o Povo de Israel na sahida do Egypto, dera graças ao Senhor em verso, pelos livrar da quelle captiveiro. Ao depois David fez cadentes os seus Psalmos como continua Cassiodoro. Imitou-o seu filho Salomãõ no suavissimo Poe-

II.

Prolegomeno.

ma dos Canticos. De cinco mil versos compostos por este filho de David faz menção o livro 3 dos Reis, cap. 4. v. 32. *Loquutus est quoque Salomon tria millia parabolas: Et fuerunt carmina ejus quinque & mille.* E aqui temos desde o principio do Mundo, os homens maiores do Testamento velho, os mais sabios, e os mais illustres, estimando, e exercitando a Poesia.

*Poetas
gentili-
cos.*

Dos Poetas gentilicos, o primeiro, que se descobre entre a escuridade da Hiltoria antiga, hé o famoso Orpheo, que a Thracia, donde era natural, pretendeu inculcarlo taõ divino, que o fez filho de Apollo, e da Musa Caliope: Floreceu 950 annos depois do Deluvio: seguiu-se-lhe seu discipulo Museo, quasi coetaneo de Lino.

*Poetas
Gregos.*

Tres Seculos adiante se conhecerãõ os Poetas Gregos, assim heroicos, como lyricos, elegiacos, e pigrammatographos, comicos, e tragicos. Distinguirãõse Antimacho, Apollonio Rhodio, Aritthenes, Parthenio, Hesiodo, Alceo, Anacreonte, Philoxeno, Alexis, Hermippo, Aristophanes, Diodoro, Eutyches, Menandro, Alcimenes, Cleophon, Euripides, Sophocles, Architas, Callimacho, Phocilides, Theocrito, Symonedes, Titeo, Xenophanes, e Hyponnas: Até que passados 1332 depois do Deluvio veio ao Mundo Homero, para deixar de repente, como o Sol todas estas estrellas escurcidas.

*Poetas
Latin-
cos.*

Mais de 300 annos depois de Homero, passou a Poesia, dos Gregos para os Latinos; e os primeiros versos, que se ouviraõ no Lacio foraõ os que se cantaraõ nos sacrificios de Numa Pompilio; mas deve-se entender que estes Versos eraõ estrangeiros, porque o primeiro Poeta, que se conheceo entre os Romanos, foi Livio Andronico, que floreceu quasi aos vinte annos da segunda guerra Punica.

Nãõ tardou Ennio a fazerse attendivel, e logo Plauto inimitavel no theatro. Dahi a cem annos se conheceu Terencio; e a outros cem, Virgilio, que fez no Lacio o que Homero tinha feito na Grecia. Nascia em Mantua, quando M. Tullio accusava a Verres; succedeu ao magisterio da Prosa o da Poesia; ou para que Roma perdesse as saudades de Cicero, ou para que à vista da Prosa se percebesse melhor a ventagem do Verso.

A Virgilio se seguiu Ovidio: a sua desgraça o fez mais moderavel, e talvez que maior o seu grande engenho; porque me parece que as elegias do Ponto he o melhor das suas obras, ainda que elle fizesse dos Metamorpheseos toda a sua jaçtancia.

Foi Horacio quasi seu Coetaneo, e repartira Virgilio com elle a sua gloria, se soubesse conhecer o seu sublime espirito. A preguiça, ou as delicias de Roma o fizeraõ inclinar para o Lyrico, sendo o seu genio todo heroico.

No tempo de Nero veio o Seneca tragico, se acaso este he

; tam-

tambem o philosopho; e Lucano seu sobrinho, sacrificados ambos à enveja, ou à crueldade deste abominavel discipulo.

Forã succedendo Perseo, Sylo Italico, Stacio, Marcial, Juvenal, os dois Catulos, Tibulo, Ausenio, Lucrecio, Propercio, e Claudiano.

Depois da ruina do Imperio, o mais antigo Poeta da Italia, he Dante: chamaraõ-lhe Divino, porque pareceu huma coiza muito rara sair esta Poesia de entre a barbaridade dos Godos, de que ainda senãõ tinha polido aquella Provincia.

A fama de Petrarca foi igual à de Dante. Ariosto pretendeu *Poetas* escurecellas; e não sei se Trifino teve o mesmo intento com a sua *Italia-* Tragedia de Sophonisbe, a primeira, que se escreveu em Lingua *nos.* vulgar; e com a sua Epica da Restauraçãõ de Italia, livrada da oppressãõ dos Godos pelas armas de Belizario.

Mas aqui fizeraõ outro ensaio as Estrellas para produzirem sobre estes modellos a Torquato Tasso. Na mesma Italia saõ tambem famosos Ludovico Dolce, os Cavalheros Marino, e Guarino, Preti, Sannazaro, o Cardeal Bembo, Mario de Leo, Tansilo, Joã Bocacio, Serafino Aquilano, Pamphilo Saffo, Bernardino Rota, Ludovico Paterno, o Conde de S. Martinho; e outros, que não podem numerarse, porque não há campo Apollineo mais regado com as agoas da Hypocrene. No prezente Seculo houve Bernardino Perfetti, que foi laureado no Capitolio, segundo a noticia, que deraõ as Gazetas: e Pedro Metafastio que com as suas *Operas* tem adquirido huma grande estimaçãõ entre os Poetas Dramaticos.

Em toda a Hespanha, o primeiro, que conheceu a Poesia foi o noõto Rei Dom Diniz: Hoje existe na livraria do Escurial hum livro de Versos seus, que elle mandou a seu Avô Dom Affonso X. de Castella, a quem chamaraõ o sabio. Seu filho o Infante Dom Pedro Conde de Barcellos, a quem deve tanto a Nobreza de Portugal pelas suas geneologias, deixou em Testamento outro livro tambem de Versos a seu sobrinho D. Affonso XI. Seu neto o Rei D. Pedro I. foi tambem Poeta. Do Infante Dom Pedro, filho do Rei Dom Joã I. se achaõ alguns Versos em louvor da Cidade de Lisboa.

Os Poetas mais antigos de Castella saõ Fernando de Pulgar, *Poetas* e Joã de Mena, que viveo no Reinado de Fernando, e Izabel. *Castel-* No de Carlos V. floreceu Boscan: no de Philippe II. seu filho, *hanos.* Jeronymo Cortereal; e hé do mesmo tempo meu patricio Jorge de Montemaior, que pertence aos Castelhanos por escrever neste idioma. A sua Fabula de Piramo, e Tisbe tem todo o esforço poetico, que podia dar de si aquella idade; e talvez que nesta, não chegue a ser excedida de toda a delicadeza dos Modernos.

Entre todos se distinguio Garcillasso de laVega: Não sei se diga que Castella não tem Poeta de maior estimaçãõ. Luiz de

IV. *Prolegomeno.*

Gongora, e Francisco de Quevedo tratarão a Poesia com grande pulso, engenho, e agudeza: Na fertilidade, nenhum se compara com Lope de Vega: De cómicos há tanto numero, que não cabem no algarismo, quanto mais na memoria: He muito digno della Eugenio Gerardo Lobo: Entre os tambores, e clarins, se ouvia o seu plectro na campanha.

*Poetas
Portu-
guezes.* Os que precederão ao tempo do nosso Rei Dom Joã III. forão tambem outros typos, que formaraõ os astros para se ensaiarem na producção de Luiz de Camoens: Este grande Espirito levantou a Poesia ao auge, que entre a incultura Portugueza se podia esperar de hum impulso humano: Deunos a mesma felicidade, que teve a Grecia com Homero, e o Lacio com Virgilio, a Italia com Tasso.

Arrebatados desta gloria emprenderão tambem as suas Epicas Diogo de Paiva nos seus Chauleidos, Miguel da Silveira no seu Machabeo, Vasco Mouzinho na sua Arzila, Gabriel Pereira de Castro, e Antonio de Sousa de Macedo, hum na sua Ulysssea, outro na sua Ulyssippo: Francisco de Sá de Menezes na sua Malaca conquistada, e o Conde da Ericeira Dom Francisco Xavier de Menezes na sua Henriqueida.

Os outros Poetas de Portugal, que não aspirão a tanto, forão Bernardino Ribeiro, Simão Machado, Antonio, e Jorge Ferreira, Diogo Bernardes, Paulo Gonsalves de Andrade, e outros muitos, que se podem ver na Bibliotheca do eruditissimo Diogo Barboza Machado, Abbade de Cever.

De entre todos me não devo esquecer de Francisco Rodriguez Lobo, tão infeliz no seu Poema do Condestavel, como admiravel nas suas Eglogas, e em outras Poetias pastoris, em que não foi menos venturozo Dom Francisco Manoel.

No prezente Seculo encherão de resplandores o Pindo o Conde de Tarouca Joã Gomes da Silva, o Marquez de Fronteira Dom Fernando Mascarenhas, o Conde de Valladares Dom Carlos de Noronha, o Visconde da Alfeca, o Abbade de Sambade Manoel de Sousa Moreira, e Gaspar Leitaõ da Fonseca.

Merece hum lugar muito distinto o Conde de Villar-maior Manoel Telles da Silva; não só por cultivar com felicissimo genio a affluencia hereditaria da sua casa; mas pelo egregio patrocínio, que tem dado à poesia com a Academia dos Occultos de que se fez Mecenas, e Secretario aonde se ouvem todos os mezes as obras dos melhores engenhos da Corte, de que produzo o Cathalogo da mesma sorte, que me foi communicado.

*Alexandre Antonio de Lima.
Dom Antão de Almada.
Antonio de Brito de Oliveira.*

Prolegomeno.

V.

- Antonio Carlos da Oliveira.
Antonio José de Mello.
- O P. Doutor Antonio de Santa Marta Lobo. Loio.
O Principal Antonio de Saldanha de Albuquerque.
Antonio de Saldanha da Gama.
- O Doutor Braz José Rebello Leite.
O Dezembarg. Carlos José de Mello.
O Monsenhor Fernando Xavier Botelho.
Dom Francisco de Almada.
Francisco de Pina e de Mello.
- O Monsenhor Francisco de Saldanha da Gama.
Gastão José da Camara Coutinho.
- O Doutor Jacinto da Silva.
Jayme da Silva Telles.
João de Alpoem de Brito.
- O Doutor João Manoel da Costa.
João Manoel de Mello.
Dom Joaquim Bernardes.
Joaquim Simpliciano do Canto.
- O Monsenhor Dom José de Almeida.
O P. Fr. Joseph de Lemos. Graciano.
José Mascaranhas Pacheco.
- Dom José Miguel de Portugal, Marquez de Valença.
- O Doutor José Teixeira de Magalhens.
O P. Doutor Manoel Joaquim de Santa Martha Teixeira. Loio.
Manoel Telles da Silva Conde de Villar-maior.
Marcos José Monteiro.
Martinho Correia de Sá, Visconde de Afega.
Martinho de Mello de Castro.
- O Monsenhor Dom Miguel Lucio Portugal de Castro.
Paulo Nogueira de Andrade.
Aedro José da Silva Botelho.
- O P. Fr. Salvador Correia de Sá. Jeronymo.
Verissimo Manoel de Almeida.
- O Doutor Vicente da Silva.
O P. Fr. Victorino de Almeida. Graciano.
Dom Urbano José de Mello.

Falecidos:

- O Doutor Diogo João de Serpa.
Francisco Antonio da Silva.
Dom Francisco de Portugal, Marques de Valença.
- O P. Fr. Manoel da Silveira. Dominico.
José Manoel Penalvo deixou de hir à Academia.

VI.

Prolegomeno.

Poetas
Fran-
cezes.

A França, ainda que reconheceu tarde os primores da Poesia tem alcançado para o gosto poetico da sua Nação engenhos muito distintos: Entre os Francezes hé mui estimavel o seu Ronfardo, Corneille, Moliere, Ryer Malherbe, Montfuron, Habert, Chapelain, Guinaut Balzac, e outros: Eu não tenho visto mais que alguns modernos: o Abbade Genest no Poema da Philoſophia, Racini no da Religiaõ, e da Graça, Voltaire no da Henriade, nas Tragedias, e em outras Poesias: Porem Despreaux me parece melhor que os outros. O Cardeal de Polignac no seu Anti-Lucrecio ensinou á sua Patria o modo com que devia usar da Poesia; pois desprezando a frauta Franceza, pegou da trombeta Latina, e inspiroulhe tanto impuſo, que fez menor o estrondo, com que no Lacio tinha retumbado a Æneida.

Poetas
Ingle-
zes.

Em Inglaterra não conheço mais, que Milton, e Pope: ouço gabar muito ao Inglezes o seu Poeta tragico Shakespear: Voltaire, sendo muito apaixonado pela Graõ Bretanha, o condemna sem piedade: Os maiores homens estaõ fogeitos a estes desastres. O pade-cellos he a melhor prova de serem grandes.

Temos visto que as Provincias mais cultivadas sempre fizeraõ da Poesia hum sublime conceito; e julgaraõ pela primeira, e mais estimavel de todas as artes: Se recorremos outra vez á Antiguidade, achamos que o mundo no berço foi embalado com Versos: Que com elles se agradeciaõ a Deos os maiores beneficios: Que nelles se compunhaõ as Leis, e se escreviaõ os mais altos myſterios do Santuario: Que entre as glorias, e triumphos da Asia chorava Alexandre o não ter outro Poeta como teve Achilles: Que o Povo Romano se levantava quando apparecia Virgilio no theatro para recitar os seus Versos, e que lhe fazia o mesmo obsequio, que a Augusto: E se pomos diante dos olhos o nosso Seculo, reconhecemos tambem a estimaçãõ que tem a Poesia na Italia, França, Alemanha, Polonia, Prussia, Dinamarca, Graõ Bretanha, Olanda, Suecia, e Moscovia.

Jorge I. de Inglaterra mandou dar há bem poucos annos cem mil cruzados a Pope pela traducãõ de Homero, e fez todas as instancias para o passar da Religiaõ Romana para a Protestante a fim de o occupar no ministerio da Corte: He fama que a Voltaire lhe tem produzido mais de meio milhaõ de cruzados as reimpressoens das suas Poesias; e no consumo dellas se prova o gosto, que tem desta arte huma Nação taõ polida, e sabia como a Franceza: Pelos seus Versos o elevou o grande Genio do Rei da Prussia reinante ás maiores honras da sua Corte, e ao mais distinto agrado do seu Gabinete. A incõparavel magnificencia, e profunda capacidade do sêpre Augusto Dom Joaõ V. da gloriosa memoria, se fez Mecenas da Academia poetica dos Arcades de Roma; e edificou naquella scientifica Cidade hum novo Helicon para fazer mais deliciozo, e illustre o congresso dos Academicos.

§. II.

M As para que exporei todos estes exemplos á vista do nosso Portugal, senão para lhe mostrar que elle despreza aquelle mesmo Ornamento, de que homens tão grandes, e Reinos tão civilizados tem feito a sua maior lisonja?

Que mais triste testemunho de tão inculta influencia, que o pouco caso que fazemos do nosso Camoens! Sempre pobre, perseguido, desterrado, até vir a morrer no mesmo hospício do desamparo, e da miséria. Este foi o conceito, que formaraõ os Portuguezes daquelle tempo deste sublime espirito; elle nos louva muito nas Lusíadas, mas igualmente nos condemna nesta estancia.

*Em fim não houve forte Capitão,
Que não fosse também douto, e Sciante:
Da Lacia, Grega, ou barbara Nação,
Senão da Portugueza tão semente:
Não, sem vergonha, o digo; que a razaõ
De alguém não ser por versos excellente
He não se ver prezado o Verso, e rima;
Que quem não sabe a arte, não a estima.*

Mas não foraõ só os Portuguezes os que se infamaraõ com o tratamento, que deraõ ao maior Poeta da sua Nação: Tambem os Italianos praticaraõ a mesma insolencia com outro homem igual ao nosso Camoens.

Bernardo Tasso natural de Surrento, e sua molher Porcia de Rossi, nobilissima Veneziana, tiveraõ a felicidade de serem illustres Genitores de Torquato Tasso. Sendo o Principe de Salerno despojado dos seus dominios por Carlos V. ficou comprehendido Bernardo Tasso na mesma desgraça, por ser muito familiar deste Principe; porem ainda ficou com alguns meios de sustentar o filho nos Estudos de Padua. Distinguiu-se muito nesta Academia; mas com a morte do Pai, deixou a applicação civil para seguir a poetica, para onde o chamava o natural impulso do seu grande genio. As grandes honras, que recebeo em França de Carlos IX. pelo patrocínio do Cardeal de Este, lhe não detiveraõ o desejo de voltar á Italia, aonde se fêz seu Mecenas o Duque de Ferrara; mas não bastou este patrocínio para não padecer varios desgostos nesta Corte; e dizem que pelos amores, que teve com huma Irman do mesmo Principe: Cahio por esta causa em huma hypochondria, que o perseguio vinte annos, em que foi reputado por louco; e este infortunio o reduzio a huma grande calamidade, tanto pela falta de bens, como pela perseguição dos seus inimigos, até ser prezo por ordem do mesmo

Infelicidade do Tasso.

Duque; e depois de muitos tempos, sahio do Carcere na mais deploravel miseria. Apé, e quasi despido foi procurar huma sua Irman, que ainda vivia em Surrento; mas naõ achando aqui o socorro que esperava, voltou para Ferrara, e nella foi prezo segunda vez: Estas continuas vexações desconcertaraõ a sua boa constituição, e depois de tantos damnos, perdeu tambem a saude, e a reputação dos seus grandes talentos.

Estando sem alguma esperança de surgir deste naufragio, o chamou a Roma o Pontifice Clemente VII. para o laurear no Capitolio, cerimonia de grande estimação, e applauso, na Curia. Fora de Roma foi recebido. por dois Cardeaes, e por hum grande numero de Prelados, que o conduziraõ a audiencia do Papa: *Eu quero.* (lhe disse Clemente.) *que vós honreis a Coroa de Louro, que tem honrado ate agora a todos, que a conseguiraõ.* Adoeceu o Tasso neste tempo, e morreu no mesmo dia, em que se esperava este triumpho: Este ultimo periodo da sua vida deve parecer mais infelice, que os outros; pois o assaltou a morte entre as suas maiores esperanças.

Naõ sei se a Camoens, e a o Tasso lhe trouxeraõ os seus costumes bastante parte desta infelicidade; porem muito se deve perdoar aos espiritos de taõ alto caracter, como fizeraõ os Gregos, e Romanos aos seus mais distintos engenhos.

Eu estou certo que nada me perdoariaõ os Portuguezes, e muito menos concorrendo, e conspirando para a condemnação do conceito de semelhante estudo: Entre nós o nome de Poeta, he como ode Visionario em França. Com tudo eu ainda tenho alguma esperança de que mudemos de opinião, quando vejo que temos começado a desterrar as sombras que tem feito mais escuro o nosso occidente. Eis aqui o que diz, o P. Rapin nas suas Reflexoens sobre a Poetica.

Conceito
que se
deve fazer da
Poetica.

O pouco conhecimento, que vulgarmente se tem do verdadeiro preço da Poesia, faz com que senaõ forme della aquelle conceito, que ella merece. Sónos espiritos sublimes hé que se consegue a sua verdadeira estimação. E sabendo-se que Alexandre, Scipião, Julio Cezar, Augusto, e todos os grandes homens da Antiguidade, se arrebataraõ tanto com esta arte, hé preciso que se conceba della huma grande idea. Hé de todas as artes a mais perfeita: as outras são limitadas; esta naõ tem limite, porque todas abrange, e abrange todas as sciencias. Mas o seu valor naõ se pode bem alcançar, senaõ pelas qualidades necessarias, que deve ter hum Poeta: Necessita-se de hum genio extraordinario, de hum grande natural, de hum espirito ajustado, fertil, pene-

trante, sólido, e transcendente: de huma intelligencia pura, e regulada; de huma imaginaçãõ limpa, e agradável: Esta elevaçãõ de genio, que não depende da arte, nem do estudo, e que he hum dom puramente Celestial, deve ser sólida de huma grande intellecçãõ, e igual vivacidade: intellecçãõ para cogitar sabiamente das coizas: vivacidade para exprimil-las com aquella graça, e abundancia, em que consiste a formosura.

Porque o juizo, sem genio; será frio, e languido: O genio, sem juizo; extravagante, e cego: Em fim para se fazer hum Poeta perfeito, he preciso hum temperamento de espirito, e de imaginaçãõ: de força, e doçura: de penetraçãõ, e delicadeza: e sobre tudo, huma soberana eloquencia, e huma profunda capacidade: Estas são as qualidades, que simultaneamente devem concorrer para se formar hum Poeta; e para poder sustentar-se neste carácter.

Aqui tem o nosso Portugal em breves palavras tudo o que inclue o nome de Poeta, que tão mal são nos seus ouvidos, e que lhe parece tão desapravizel na sua imaginaçãõ.

Agora quizera perguntar: se quem lograsse todas estas prerogativas, ou a maior parte dellas, seria digno de admiraçãõ, ou de desprezo? Será por ventura necessario tanto para se conseguir o Carácter de Philosopho, Theologo, Jurisperito, ou Medico, que são as Faculdades, que se attendem só no nosso Reino.

Bem advirto que nem todos os que fazem versos se podem chamar Poetas: mas eu louvara a nossa Naçãõ se estimasse os Poetas, e desprezasse os Versificadores; porem que se me pode dizer em ser mais estimado Gabriel Pereira de Castro, e Antonio de Souza Macedo pelas suas Decisõens Juridicas, que pelos seus Poemas Epicos?

Aristoteles, que foi, segundo querem os Peripateticos, o maior de todos os Philosophos; e que foi Theologo, Jurisperito, Medico, Astrologo, Ethico, Politico, e Rhetorico, foi tambem o maior Mestre da Poesia: Sobre os Poemas de Homero hé que fundou esta doutrina; e que dirião os Professores das nossas Sciencias, se eu affirmasse agora que todas as regras scientificas, que hoje conhece o Mundo se originaraõ destes Poemas? Esta he huma propozicãõ, que senão pode trazer a publico, sem hum grande Patrono: O mesmo P. Rapin a authoriza com as palavras seguintes, fallando de Homero.

*Poesia,
origem
das ar-
tes e sci-
encias.*

Nos seus Poemas hé que se tem formalizado as grandes Personagens da Antiquidade: Delles tomaraõ os

Legisladores a planta das Leis que deiraõ aos homens: Delles fahiraõ os modellos, com que se fundaraõ as Monarchias, e Republicas: Nelles acharaõ os Philosophos os elementos da Ethica: Nelles estudaraõ os Medicos os remedios para as doencas: Nelles descobri-raõ os Astrologos a Sciencia do Ceo; e os Geographos, a da Terra: Os Reis, e os Principes acharaõ nos mesmos Poemas a arte do governo civil; e os Generaes a do militar: Com este grande Original he que Socrates, Plataõ, e Aristoteles se fizeraõ philosophos: Com que Apelles, e Polygnotes encheraõ de admiraçaõ a pintura: com que Alexandre se fez invencivel.

*util, e
deleitoso
da Poe-
sia.*

Daqui se conhece tambem que a Poesia, como alguns erradamente presumem, naõ se derige só ao deleite; mas tem outro objecto mais sublime, que he o da instrucçaõ dos homens. Naõ há arte alguma, que naõ deva attender á utilidade publica; e a Poesia como arte mais eminente, deve tambem constituirse neste necessario, e proveitozo intento. Mas com huma grande differença, que as outras artes intruem com fadiga; esta com suavidade: Pelõ voto de Aristoteles e de Horacio, consiste a Poesia no *util*, e no *suave*: este he o seu maior Elogio. A maior parte dos homens aborrecem as instrucçoens pelo trabalho, que experimentaõ no ensino: A Poesia insensivelmente os leva arecebello com a doçura da consonancia, de que naõ há espirito humano, que senaõ agrade; e só os espiritos malevolos he que defesperaõ com a harmonia.

Para se alcançar este admiravel effeito, he muito mais proporcionada a Poesia, do que a Prosa: Nenhum Historiador faria taõ animaveis as façanhas de Achilles, nem taõ odiosos os desalentos de Therites, como Homero na Italia: Quem naõ amarã em muitas aççoens a clemencia de Eneas no Poema de Virgilio, e quem naõ aborreçerã a Crueldade de Mezencio! Talvez que naõ pudesse produzir taõ vivamente estes contrarios affectos toda a elegancia de Tito Livio. Quando leio em Joaõ de Barros a historia da India, confesso que heo ensinado: mas quando recito o seu descobrimento nas Lusíadas naõ só fico ensinado mas commovido.

*Para a
instruc-
çaõ, he
melhor
a Poesia
do que
a Prosa.*

Com os olhos neste impulso pathetico he que Sophocles representa com tanta vivacidade o castigo de Egisto depois de haver gozado tantos annos das suas maldades: E assim nos pertuade que o delicto sempre tem sobre si Justiça divina, e que quanto mais se dissimula, mais gravemente se castiga; compensandose a tardança do supplicio com a gravidade da pena.

Para curar a vaidade das mulheres de Athenas he q̃ Aristophanes debuxou com todas as cores poeticas, a louca jaçtancia de Praxagoras: Para mostrar aos Valentoens de Roma a verdadeira fortaleza, he que

que Plauto descreveu as bravuras de hum Capitão arrogante no seu *Soldado glorioso*. Com estes, e semelhantes intentos se compozerão as Epicas, as Tragedias, e as comedias, que são os Poemas maiores: Não fallo nas Eglogas, nas Satyras, Elegias, Odes, e outros Poemas menores, em que os Poetas sezudos seguirão sempre a ideia de accuzar o vicio, e louvar a virtude: E hirei só aos preceitos da Epopea, tirados da arte de Aristoteles, que he o que me pertence no presente assumpto.

§. III.

D Eve o Poema epico constar de *Fabula*, e *Episodios*: chama-se *Poema epico* *Fabula* a acção principal, ou seja verdadeira ou fingida: Chama-se *Episodios* a todos os acontecimentos, que acompanhaõ a *Fabula*; e que finge o Poeta para a exornar, e introduzir a ficção, e o arteficio no mesmo Poema; porque sem artificio, e ficção não ha Poesia; e por ella he que se distingue formalmente da Historia.

A *Fabula* deve ser perfeita, e acabada; e que faça com os *Episodios* huma proporcionada grandeza; pois muitas coizas ha que são *Fabula* acabadas, e perfeitas, e tem o defeito de não serem grandes: Tambem deve ser unica, exemplar, e digna de ser imitada; pois na dignidade do exemplo, e da imitação he que consiste o *util* do Poema.

Não sei se a colera de Achilles, e a destruição de Troia, que he a *Fabula* da Iliada, he muito digna de imitação.

Nos Ethnicos se contava a vingança, e a ferocidade entre as virtudes do Heroismo: Homero, se merece desculpa, he porque poetizou debaixo deste conceito.

Mais imitavel, e exemplar he a *Fabula* da Eneida pela fundação do Imperio Romano: aindaque o modo de o fundar não foi muito virtuoso. Eneas não tinha alguma justiça para succeder em hum Reino efranho, e muito menos com violencia da guerra, e com a morte de Turno, a quem se devia o Cazamento de Lavinia, herdeira da Coroa.

O descobrimento da India para a introdução do Evangelho na Asia, que he a *Fabula* das Luziadas; e a restauração dos lugares Sagrados, que he a de Jerusalem conquistada, são acções muito exemplares, e mui dignas de imitação.

A *Fabula* da *Thebaida* não tem nada de exemplar pelo odio dos dois Irmaos Etheocles, e Polynices. A do famoso Milton no *Paraizo perdido*, mais servia para Tragedia, que para Epopea.

Na escolha das acções não deixa de parecer tambem viciosa a ideia de Virgilio, e a do Tasso: Todo o intento do primeiro foi lisonjear a Ascendencia de Augusto: a do segundo a do seu Mecenas, o Marques de Ferrara, fazendo a Rinaldo, seu ascendente, ainda maior.

XII.

Prolegomeno.

maior, que o Heróe do seu Poema.

De Homero não sabemos o intento, com que celebrou a Achilles, e a Hylfes: Ifocrates no Panegyrico de Helena nos diz que ella lhe apparecera em huma visã nocturna; e o persuadira a que cantasse os Varoens, que morrerã no cerco de Troia porem esta noticia teria melhor lugar nos Epifodios da Iliada, do que na austeridade da Oratoria.

A escolha mais pura, e innocente foi a do nosso Camoens: A mesma ingraticidã, com que o trataraõ os Portuguezes purificou o heroico pensamento da sua Epica: Faz lastima ouvilo sobre esta materia.

*E ainda Nymphas minhas não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus Versos me tornassem:
A troco dos descansos, que esperava
Das Capellas de Louro, que me honrassem,
Trabalhos, nunca usados, me inventaraõ,
Com que em tão duro estado meditaraõ.*

Na escolha da *Fabula*, se he verdadeira, se deve attender ao tempo, em que foi succedida: Pertendese que não seja muito proximo, nem muito remoto; por não cahir o Poeta no perigo de lisonja, ou da escuridade do successo. Aquelles, que contaõ menos tempo, desde a destruiçã de Troia até o nascimento de Homero, fazem este intervallo de 250 annos; ainda que Voltaire lhe dá pouco mais de hum Seculo: Em dois Seculos, e meio já parece a ação bastante remota: A açãõ da Eneida foi remotissima; pois desde a destruiçã daquella Cidade até o nascimento de Virgilio se contaõ mais de 1500 annos. Desde a conquista de Jerusalem ao nascimento do Tasso vaõ 450 annos. O nosso Camoens a escolheu modernissima; pois desde a partida de Vasco da Gama para o Oriente até que viesse ao Mundo este Poeta, não se passaraõ mais, que vinte annos. Com que este parece de pouco momento porque nenhum destes grandes homens cuidou muito em lhe dar satisfacão.

§. IV.

Heróe.

A ssm como a *Fabula* ha de ser unica, tambem o *Heróe* não deve ser mais do que hum. Bem se vê que não ha mais do que hũ *Heróe* na Iliada, na Odyssca, e na Eneida: Na Jerusalem, ainda que se poeem sómente hum; Rinaldo, e Godofredo parecem dois. O nosso Camoens claramente disse que cantava *as armas*, e os *Varoens*, e he bastante mente accusado por não obliar aquelle preceito.

Deve tambem o *Herôe* ser illustre, e o que mova a parte maior da *Fabula*: Virgilio, e Camoens pontualmente o cumpriraõ: Homero, aindaque pretenda que o seu *Herôe* obre tudo o que ha de grande na Iliada, lá se esquece delle por muito tempo; e deixa passar alguns livros, sem que haja memoria de Achilles: excedeu-o o Tasso neste defeito com a introduçaõ do seu Rinaldo; pois naõ só o faz maior, que Godofredo; mas elle he o que executa as mais arduas acçoens do Poema, em quanto o *Herôe* descança e o faz parecer inutil na conquista: Rinaldo he que vence, e mata a Adrasto, a Tyfpherne, a Solimaõ; e aos principaes Capitaens dos inimigos: elle he o que desfata os prestigios da Floresta encantada: elle he o que agita os *Episodios* mais importantes: A elle he que só saõ reservadas as maiores emprezas.

As virtudes, do *Herôe* as deve representar de sorte o Poeta, que o faça amavel aos Leitores; e que lhe commova o desejo delle ser feliz em todas as suas acçoens: Que se alegrem com as suas victorias, e se entristeçaõ com os seus infortunios.

Nem Homero, nem Virgilio me parece que figuraraõ os seus *Herôes* por este modo. Achilles na Iliada, he bastantemente ferôz, injusto, desarrezoadado, e cruel: Ulysses na Odysea, muito astuto, e intencionado: Eneas na Eneida, muito ingrato, iniquo, e vingativo: O nosso Camoens tratou melhor o Carácter de Vasco da Gama: elle o fêz magnanimo no arrojo de aceitar a empreza do descobrimento da India: terrivel nas traiçoens de Moçambique: afavel nos agasalhos de Melinde: acautellado nos perigos de Calicut; religioso nos sustos da tempestade; impavido nos ameaços do gigante: erunito na discipçaõ da Europa: modesto nas delicias da Ilha.

Preceitua-se tambem que o *Herôe* alcance novas honras com o triumpho da empreza: Achilles se fêz famoso com a expugnaçaõ de Troia; porém Ulysses conseguiu mais gloria nesta guerra, que na volta, que fez para a sua Patria: Na Eneida, na Jerusalem, e nas Lusíadas, subiraõ os dois primeiros *Herôes*, de pessoas particulares a Principes soberanos; o terceiro de gentilhomem, a grande do Reino.

§. V.

O *S Episodios* he que daõ a devida grandeza ao Poema; porque a *Fabula* em si he communmente limitada. Por esta cautela se estranha em Homero que fosse a *Fabula* da sua Iliada a expugnaçaõ do Ilião; durando dez annos o cerco, q̄ lhe pozeraõ os Gregos, havia de oferecer taõ dilatado tempo muitos successos, que naõ podiaõ caber na devida proporçaõ da *Epoepa*.

Devem os *Episodios* ser taõ dependentes da *Fabula*, que se configure neste composto huma unidade perfeita: Homero, e Virgilio para os fazerem admiraveis, lhes introduziraõ as suas Deidades

Genti-

Gentilicas: Pertenderão que as acçoens humanas, manejasdas pelos Deoses, se fizessem mais illustres, e attendiveis. E porisso parece prodigioso tudo o que obra Telemaco na Odyssæa pela inspiraço de Minerva, disfarçada na figura de Mentor: tudo o que executa Achilles na Iliada pelos influxos de Thetis: o que intenta Eneas pelo patrocínio de Venus.

Porém Homero para divinizar os seus Herões, humanizou demasiadamente os seus Deoses: Longino não pode tolerar que este Poeta desacredite as suas Deidades com tantos odios, e adulterios; e outras semelhantes fraquezas, que se fazem ainda abominaveis entre os homens. Emfim na Odyssæa, e na Iliada, vendo-se que os Numes obraõ tantas indignidadès, e os homens tantas proezas parece que saõ Deoses os homens, e que os homens se fazem Deoses.

O nosso Camoens he justamente arguido pelos Francezes em imitar a Homero, e Virgilio na introduçaõ destas supersticiosas personagens. O Poeta Grego, e Latino fallaraõ comõ Pagaons; e Camoens, sendo Poeta Christaõ, fallou como gentio. De pouco lhe vale a defeza do seu commentador Manoel de Faria; pois a subtiliza com que o defen se prova melhor a razaõ com que se accusa.

Huns dos lugares mais reprehensiveis nas Lusitãas he chamar claramente Vasco da Gama pelo Deos verdadeiro no aperto da tormenta; e ser Venus a que viesse serenar a tempestade: He huma incongruencia, que com nenhuma allegoria pôde ficar disculpavel.

Entendia-se naquella idade, que sem se imitarem taõ servilmente os Poetas, e Oradores Gentilicos, não haveria Poesia, nem Prosa, que merecesse applauso: Com esta preoccupaçãõ hé que disse o Cardeal Bembo na eleiçaõ de hum Pontifice que elle fora elegido. *Deorum immortalium beneficiis*: expressãõ indignissima na elegancia Catholica; e sem mais fundamento, que imitar os termos de que usava Cicero.

Taõ arreigado estava este costume entre os Poetas Christaõs, que até nos Poemas mais Sagrados se introduziraõ estes indecorosos adornos. Sannazaro na sua Epica de *Partu Virginis*, tendo-lhe levado vinte annos de consideraçaõ, confiou das vozes de Protheo os mysterios mais sublimes da nossa Fé: Quando descereve a Christo S. N. sobre as agoas, o acompanhã de hum Choro de Nymphas: Fáz com que Nepruno lhe renda o seu Tridente; e introdúz ao rio Jordãõ a fallar do mesmo Senhor com as suas Nereidas; e ainda assim lhe fez o Papa Leam X. este Elogio: *Divina factum Providentia, ut Divina sponso tot impiis oppugnatoribus, laceratoribusque lacescitta, talem, tantumque nacta sit propugnatorem.*

O Tasso reconheceu a indecencia, e o abuso destas introduçoens; e por fugir de hum extremo, cahio em outro, não menos censuravel; que foi o de fazer que os Espiritos do Emyreo movessem as acçoens dos seus *Episodios*. Se Homero, e Virgilio misturaraõ

os Deoses com os homens he porque talvez não fazião dos seus Idolos aquelle Soberano conceito, que nós fazemos dos Santos. Não devemos pertender que as nossas *Epoetas* sejaõ taõ admiraveis, que com este intento profanemos o sacro com o profano; e que para as fazer mais divinas, as façamos menos religiosas. O P. Bougeant he de opiniaõ que a verdadeira effencia do Poema epico consiste na introduçãõ das Deidades do Paganifino, pois tãõ assim he que se pôde lograr o maravilhoso que se pertende nas *Epoetas*. Mas isto he hum conceito extravagante, e totalmente solitario entre todos os Poetas; especialmente nos da Provincia deste P. que todos seguem hum pentamento contrario; coiza inaudita ou bem estranha feria que dependesse a bondade da Poetica da supersticiãõ gentilica; e que senãõ podesse trasladar huma arte taõ divina para a Religiaõ Catholica, aonde se podesse melhorar o seu maravilhoso exercicio. O P. Bougeant era do humor daquelle Poeta Alemaõ, a quem reprehendeu Francisco Pico della Mirandola por haver introduzido em hum Poema Catholico Apollo, Diana, Mercurio com o Papa, e com os Eleitores do Imperio, a que elle respondeu que os verios de Heliodo, de Homero, e de Virgilio estavaõ cheios das Fabulas destes Deoses; e q̄ se tambem assim o não fizesse, não poderia conteguir o nome de Poeta. Taes são as preoccupaçoes do juizo humano.

§. VI.

A Connexaõ, e a distribuicaõ, ou o *Desenho* do Poema, he huma *Defe-*
das fadigas mais arriscadas, que se offerece ac Poeta: Algumas *nho.*
vezes se cogita felizmente, e quasi sempre se executa com infelicidade pela grande distancia que vai do que se concebe ao que se pratica. O *Desenho* nas obras pequenas, deve ser pequeno; nas grandes deve haver *Desenho* grande. O da Epica não só deve ter grande, mas admiravel, judicioso, e perfeito, qual foi o da Eucida: Aqui tudo he proporcionado à instituiçãõ do Imperio Romano, e à gloria de Augusto: Em todas as partes do Poema se observa a proporçãõ, o juizo, e a grandeza: O Poema do Tasso se concubea com o mesmo esforço, mas teve muitos defeitos na execuçãõ. Pertence ao *Desenho* a repartiçãõ da Fabula entre os Epifodios.

§. VII.

A *Epoeta* deve principiar pelo meio da *Fabula*: assim o executou *Aberta-*
Homero, Virgilio, Tasso, e Camoens: Manoel de Gallegos *ra do*
intentou provar que estes quatro Poetas deraõ principio aos seus *Poemas.*
Poemas pela origem, e não pelo meio da açãõ: Foi huma *espre-*
za infelice; pois claramente se conhece que sendo a expugnaçãõ do *lha,*
determinada na Grecia; que Homero dá principio á Iliada
com

com a colera de Achilles em Troia. A *Fabula* da Odyſſea teve o ſeu principio na volta que fêz Ulyſſes deſta Cidade para Ithaca; e Homero principia eſte Poema cõ o *Herôe* na Ilha de Calypſo. A *Fabula* da Eneida teve o principio em Creta, quando os Deoſes determinaraõ a Eneas que foſſe fundar o Imperio Romano na Italia; e Virgilio principia com o ſeu *Herôe* á viſta de Carthago. A *Fabula* da Jeruſalem teve principio no armamento, que fizeram os Principes Catholicos em França; e o Taſſo dá principio à ſua *Epica* com Godofredo na Aſia, e depois da expugnaçãõ de Nicea, e Antiochia. A *Fabula* das Luſiadas teve principio na eleiçãõ, que fez o noſſo Rei D. Manoel, de Vaſco da Gama para o deſcubrimento da India; e Camoens principia o ſeu *Poema* com eſte *Herôe* na coſta de Moçambique.

Mas devendo-ſe abrir o *Poema* pelo meio da *Fabula*, he preciso que em algum *Epifodio* ſe faça mençãõ da ſua origem; e ao *Herôe* he que pertence eſta narraçãõ: Ulyſſes fez na Odyſſea ao Rei Alcinoõ; Na Eneida afez Eneas a Dido: Nas Luſiadas, a fez Vaſco da Gama ao Rei de Melinde: Torquato Taſſo ficou em ſilencio com eſta noticia, de que o accuſou a Academia da Cruſca,

§. VIII.

Compoſiçãõ, e ſimpliſidade da *Fabula*.

A *Fabula* ainda deve ter outra repartiçãõ: pois ha *Fabula ſimples*, e *Fabula compoſta*; ſegundo a doutrina de Ariſtoteles: A *Fabula ſimples* he como a da Iliada; porque naõ tem mudançã de fortuna: A *Fabula compoſta* he a mudançã de huma infelicidade para huma ventura, que ſe executa na *Epica* como o fez Homero na *Odyſſea*; ou a de huma ventura para huma infelicidade, que ſe pratica na *Tragedia*, como a de Prometheu, de Eſchylo, e a de Hercules de Seneca. A eſta mudançã, ou *Tragedia*, ou *heroica*, chama o meſmo Ariſtoteles;

Peripeſcia.

Peripeſcia.

§. IX.

Artificio, e deſfecho da *Fabula*.

S ubdivideſe tambem a *Fabula* em outras duas partes; A primeira ſe chama *artificio*: a ſeguuda *deſfecho*: O *artificio* he que enreda os acontecimentos: O *deſfecho* he que os deſata. He *artificio* tudo o que precede à mudançã da fortuna: he *deſfecho* tudo o que acontece depois della.

A Princeza Andromache no Poema de Euripides, depois de perder a Hectõr ſeu marido: depois de ver matar a ſeu Pai Priamo: depois de prezenciar aexpugnaçãõ, o incendio, e a ruina da ſua Patria, veio finalmente a ſer eſcrava de Neoptolemo: A qui a pretende matar Hermione molher deſte Principe, inſtada de hum ciueme, que lhe tinha inſtuido a formoſura da eſcrava: Menelão, Pai de Hermione a faz conduzir ao patibulo com hum filho, que teve de Pyrrho, chamado Moloffo: Eis aqui o *artificio*: Neſte grande aper-

to a livra Thetis, e Peleo, que destinã o filho a ser Rei dos Molossos; e a Mai a ser Rainha com o casamento de Heleno: eis aqui o *desfecho*.

Na *Odysea* se conhece o *artificio* em todos aquelles trabalho, que padeceu Ulysses desde Troia até Ithaca; e lograse o *desfecho* na chegada da Patria, e na vingança, que tomou dos amantes de Penelope.

Eneas desterrado do seu domicilio, despojado de todos os seus bens, combatido das tempestades, desamparado dos Deoses, e dos homens; no fim de tantas desgraças veio a ser o fundador da maior Monarquia do Mundo: este he o admiravel *artificio*, e *desfecho* da *Fabula* da *Eneida*. Da mesma forte se vê logrado nas *Lusiadas*: os horrores do Tormentorio, as traiçoens de Moçambique, os perigos das tempestades, os empenhos de Baccho, e Neptuno, as deconfianças de Calecut, parece que fariã desgraçada a empresa, mas a reduçã à Patria, com o descobrimento de tantos mares incoguitos, encheu de gloria, e felicidade ao *Heróe* do *Poema*.

§. X.

Ficarã a *Epica* mais illustre se a *Peripecia* concorrer com a *Epignosis*, que he hum novo, e estranho acontecimento de tudo aquilo, que se ignorava. Estas novidades inesperadas, naõ só produzem o admiravel nos successos, mas conseguem tambem as commoçoens do animo; principaes, e proveitosos effectos da *Epopoia*.

Nenhuma *Epignosis* dos antigos, e modernos deu maior commoçã aos Espectadores, que a do Oedipo de Sophocles: Era Oedipo, Rei de Thebas, aonde a peste tinha feito hum horrroso estrago: consultou o Rei ao Oraculo; e respondeulhe, que a peste cessaria, se elle vingasse a morte do Rei Laõ seu antecessor: Procurou Oedipo com as maiores diligencias descobrir o homicida do Rei: Com os depoimentos de Creonte, Tyresias, Jocaste, e do Enviado de Corintho, veio Oedipo a conhecer que elle fora o matador, o que atéli ignorava.

Naõ pára aqui a *Epignosis*: Conheceuse tambem que Laõ era Pai de Oedipo, e que Jocaste, com quem este se achava casado, era sua Mai. Estas extemporaneas novidades enchiaõ, humas vezes os ouvintes de ira, outras de piedade, aborrecendo, e lastimando-se aomesmo tempo do mesmo author do delicto, e da calamidade; e sendo esta Tragedia muitas vezes repetida no theatro de Athenas, nunca deixou de produzir os mesmos effectos: Tal foi a dexteridade comque Sophocles produzio esta admiravel *Epignosis*!

He muito boa a da *Eneida* quando o *Heróe*, chegando à Costa da Thracia, e querendo arrancar humas murtas para cobrir os altares,

tares, reparou que as suas raizes destilavaõ fangue; e ouviu logo a vóz de Polydoro, que lhe dizia; que o não deípedaçaſſe, porque aquelles arbuſtos estavaõ pegados ao ſeu Cadaver.

Porém a *Epignofis* mais admiravel em todas as *Epopéias* hê a do Cabo de Boaefperança nas *Lufadas*. Pareceulhe a Vasco da Gama que encontraria huma dilatada ferrania, que naquella flutuante ſoledade affombraffe o aſpecto do Antartico, e moveſſe no combate, comque as ondas aſfaltavaõ os rochedos, toda a horribilidade, e indignaçãõ das tormentas: E achouſe com a formidavel carranca do gigante Adamantor, que vaticinou aos Portuguezes todos os naufragios, que alli ſe haviaõ de padecer nas viagens da India.

§. XI.

Admiravel, e verofiſimil.

O Admiravel, que ſe procura nas *Peripecias*, nas *Epignofis*, e em outros ſucceſſos do *Poema*, nunca deve exceder o *Verofiſimil*. Eſte he hum preceito bem pouco observado dos melhores *Epicos*; porque arrebatados com a tentaçãõ de livrarem as ſuas *Epopéias* da vulgaridade, cahiraõ, ſem advertencia, no extremo contrario de fazerem os *Epifodios* improporcionados. O Poeta não tem obrigaçãõ de contar as coizas como foraõ, pois iſſo pertence aos *Historiadores*; mas ſim como devem ſer; e no que deve ſer, aindaque tenha lugar o extraordinario, o não póde ter o incrível: Bem que o extraordinario commova mais, que o commum, perde totalmente eſte effeito, ſe excede os limites da probabilidade; e em vêz de ſe fazer *admiravel*, ſe fãz *ridiculo*.

Naõ advertio Homero nesta reflexãõ, quando fêz a vóz de Stentor mais forte, e encorpada, que a de cincoenta homens: nem quando pintou taõ deſmedido o penhaſco, que Poliphemo arrojou a Ulyſſes, que hiaõ sobre elle os rebanhos, que paſtavaõ na Tinacria. Virgilio tambem cahio nesta extravagancia, quando nos diz que o meſmo Poliphemo era de eſtatura taõ deſmeſurada, que no meio do Mar Tyrrheno lhe não chegavaõ as ondas à cintura; e quando deſcreve o ramo de ouro, que Eneas arrancou do boſque para facilitar a entrada do Averno.

O *Poema* de Arioſto eſtá fundado neſtes delirios poeticos. O Hippogripho, ou Cavallo de Rugero: os gigantes, e os monſtros. O anel de Angelica, que a fazia inviſivel: os combates de Marfiſa, Bradamante, e Olypia: as viſoens, os encantamentos, e outros ſucceſſos deſte caracter, ſãõ como os ſonhos de hum enfermo, aonde não ha representaçãõ, que não ſeja monſtruofidade.

§. XII.

TEndo definido Aristoteles que a *Epopeia* he: *Imitação de huma* *Imitação illustre*: devemos advertir, pela doutrina do mesmo *philosopho*, que nesta *Imitação* se devem considerar três pontos principaes: a saber: o *Instrumento*, *comque se imita*: o *modo*, *comque se hé de imitar*: a *coiza*, *que deve ser imitada*.

A coiza que se imita hé a *Fabula* do Poema; e os *costumes*, e *perturbaçoens*, que se produzem dos successos tristes, horridos, e tragicos: O *instrumento*, *comque se imita*, hé a *locução*: e neste *instrumento* differe tambem a *Epopeia* da *Tragedia*, e da *Comedia*; porque estas imitaõ com a musica, e com os adornos dos véltidos, e perspectivas das *Scenas*: O *modo*, *com que se imita* hé a *Narração*; outra differença da *Epopeia* com os *Poemas dramaticos*; pois a *Epopeia* imita narrando, e os outros representando. Estes não fallaõ em nome, ou pessoa do Poeta; mas na dos *Interlocutores*; e na *Epopeia* falla o Poeta em seu nome, e pessoa, ainda que deve introduzir outras *Personagens*, que fallein para se conteguir a *Imitação*; porque raras vezes se logra quando o Poeta hé o que falla no Poema.

A *Imitação* não se deve apartar da regra, e modo, com que procede a *Natureza*; e lhe compete propor as *açoens*, que imita, tão *naturaes*, e tão *vivas*, como se estivessem diante dos olhos. As *açoens*, e não os *costumes*, hé que principalmente se devem imitar; porque ainda que se imitem os *costumes*, hé só por amor das *açoens*; A *felicidade*, ou *infelecidade* da *Fabula* depende da *ação*; e a *maldade*, ou a *bondade*, hé que depende do *costume*: O principal intento da *Epopeia*, não attende a que seja bom, ou máo o *costume*, mas a que seja a *ação* ou *desgraçada*, ou *venturosa*. Com que temos na *Imitação* a *Fabula*, os *costumes*, as *Perturbaçoens*, as *Locuçoens*, a *Narração*, e as *Dramas*: Da *Fabula* temos dito o que basta: Vamos ás outras partes, que se devem imitar.

§. XIII

COm os *costumes* se representa o caracter das *Personagens*, que se intruduzem na *Epopeia*, conformando as *palavras*, e os *penfamentos* com o estado, com as *profissoens*, com os *genios*. Quando falla o *Rei* deve se initar tão propriamente o *Caracter* da *Magestade*, que ninguém possa duvidar de ser *Rei* aquelle, que falla. E assim deve o *Principe* fallar com *soberania*, e *magnimidade*: O *general* com *esforço*, e *arrojo*: o *sabio* com *erudição*: o *servo* com *submissão*: o *avaro* com *cubiça*: o *pulsilanime* com *receio*: o *velho* com *desconfiança*. Muitos pertendem que *Homero* não possa

fer vencido nesta admiravel propriedade: Porém eu a não descubro em alguns lugares dos seus Poemas. Nem em Ulysses, nem em Achilles estão bem configuradas as prendas, comque se representa hum *Herô*: Já fiz esta ponderação na minha *Balança intellectual*.

Monsieur de S. Evremond nos diz, que Virgilio nos propoem a Eneas mais, como hum fundador de huma religião, que de hum Imperio: Se Homero, e Virgilio cahiraõ nestes defeitos, não hê muito, que Ariosto, e Tasso se achem incluídos na mesma accusação. O *Herô* do Ariosto hê muito afeminado, e a sua Angelica muito immodesta: O Rinaldo do Tasso hê muito terno, e a sua Armida muito desenvolta.

§. XIV.

Perturbaçoens.

As *Perturbaçoens* nascem daquelles successos, comque o animo se commove, a que chamamos *imagens patheticas*: São admiraveis as que produzio Homero no sacrificio de Ephigenia: Na *Eneida*, as dos amores, e desgraça de Dido, as da infelicidade de Niso, e Eurialo, e as das exequias de Pallante; e nas *Lusiadas* as da morte de D. Ignês de Castro: Não se achaõ taõ felices no Poema do Tasso: Esperavaõ-se na morte de Clorinda, e nas exclamaçoens do seu amante Trancredo; mas o Poeta pertenceo fundar estas imagens na descripção, e na agudeza, que raras vezes desempenhaõ as expressoens do sentimento: São excellentes aquelles versos:

O Saffo amato, ed onorato tanto,

Che dentro hai le mie fiamme, & fuori il pianto:

Porém está mui discreto para figurar a magoa de Trancredo na morte de Clorinda.

§. XV.

Locução

A *Locução*, ou *Dicção*, como lhe chama Aristoteles, pertence ao *estyllo*: Todos os Rhetoricos o dividem em *sublime*, *infimo*, *mediocre*: O *infimo*, ou *humilde* hê para as Cartas, e Dialogos: O *mediocre*, ou *moderado*, para os Oradores, e Historiadores: O *sublime* para os Poetas. Porém em que consiste a *sublimidade* do *estyllo*, hê questaõ das mais ventildas entre as Naçoens eruditas.

Dionyzio Longino, que floreceu no terceiro seculo da era christan, fêz hum Tractado de *sublime*; e podera ferver de texto, e decisãõ na contenda, se elle não fallara mais da *sublimidade* dos pensamentos, que dos Periodos.

Aristoteles, que se deve reputar nesta materia pelo mais seguro magisterio, preceitua com toda a evidencia, que o *estyllo sublime* se deve fundar nas vozes mais sonoras, nos periodos mais

numerosos, e nos adornos da Rhetorica, que produzem as diversas figuras, de que se compoem a eloquencia.

Os Francezes, que tem formado hum gosto particular na singularidade da sua explicaçõ não se pôdem accommodar ao uso das metaphoras, hyperboles, synedoches, antitheses, nem de outros tropos rhetoricos; e desconhecem os verbos, os nomes, e os adverbios reflexivos, que enchem de resplandor, e de energia a Oraçãõ; sem que admittaõ mais, que aquelles que sãõ puramente naturaes, e proprios do significado, e os que (como elles dizem) *não necessitam de desculpa*; sendo que nesta *desculpa* hê em que muitas vezes consiste toda a força da elegancia.

L'exaltitude Française n'admet rien, qui ait besoin d'excuse diz Voltaire no seu ensaio sobre a *Epica*. Pela confissãõ deste mesmo author he totalmente diverso o estylo de França, de Hespanha, Italia, e Inglaterra.

Não embaraça este conceito a que os mais doutos Francezes confessem que o estylo da *Epica* deve ter cinco propriedades: eisaqui as que lhe assigna o referido P. Rapin: *Congruo, claro, natural, brilhante, numerofo.*

Pela propriedade de *congruo* (acrescenta o mesmo P.) não deve ter nada de impuro, ou de barba-ro: Pela *clareza* deve ser perceptivel; por ser a escuridade hum dos grandes defeitos do discurso..... Pela naturalidade deve ser sem alguma affectaçãõ..... As phrases muito estudadas, o estylo muito flôrido, os modos muito compaçados, as palavras formosas, os termos muito procurados; e todas as expressoens extraordinarias, sãõ inoportaveis na verdadeira Poesia. Pelo *brilhante* se deve usar daquellas vozes que não sejaõ humildes, nem vulgares; mas que produzaõ as expressoens fortes, de cores vivas, e impulsos ardentés. Pelo *numero* deve foster aquella magestade, de que se serve a Poesia para exprimir toda a força, e dignidade dos grandes objectos, de que ella falla.

Esta ultima qualidade do estylo tambem pede que sejaõ os Versos *Harmonicos, constantes, cheios, e encorpados*. Mas eu não sei na verdade, como regeritando-se o estudo, e o cuidado das *phrases*: o flôrido dos *termos*: a regularidade dos *modos*: a formosura das *palavras*: a pompa das *expressoens*, se possa fazer huma Poesia elegante, com *dicçõens nobres, e magnificas*, que se distingua da *pratica commua*, e que tenha *expressoens fortes, cores vivas, e impulsos ardentés*.

Esta, que parece contradicção, não se pôde salvar senão com o gosto, que o uso tem produzido na elegancia Franceza. Os mesmos Francezes conhecem que este gosto não transcende ao das outras Nações. Eis aqui o que diz Voltaire no seu referido Ensaio.

A suavidade, e a brandura da lingua Italiana, se tem introduzido nos genios Italianos: a pompa das palavras, e das metaphoras; e o estylo mageltofo, me parece, geralmente fallando, que he o caracter dos Escriptores Hespanhòes: a força, a energia, o atrevimento he muito peculiar aos Inglezes; e sobre tudo são mui inclinados às allegorias, e comparações: . . . De todas estas differenças nasce o desgosto, e o desprezo, que humas Nações fazem das outras.

E se cada huma provincia tem hum certo gosto de elegancia, que senão percebe na outra, parece que não deviaõ contender as Nações sobre este ponto; e deixar que cada qual dissesse, ou poetizasse, conforme a regra, que estabeleceu o seu costume.

§. XVI.

Narra-
baõ

A Narracão, que he a q̄ dá o caracter à *Epopeia*, pois com ella, como já dissemos, se distingue da *Tragedia*, e da *Comedia*, deve ser, por esta causa, hum dos objectos mais attendidos do Poeta. Pertendem os Mestres que ella seja *Sucinta*, por se evitar a superfluidade, e o descachimento; e que tambem seja *animada, viva, agradável, simples, e natural*. A maior parte dos *Epicos* se desviaraõ destas tão precisas qualidades: Virgilio está bastantemente diffuso, froxo, e atrevo-me a dizer que impertinente, na descripção dos jogos, que fez Eneas nas Exequias de seu Pai Anchises: São muito dilatadas, e pueris as *narracões*, q̄ faz Ariosto do palacio de Alcino; e o Tasso no de Armida: Alguma coiza peccou o nosso Camoens na da Ilha de Venus: Homero, ainda que foi hum grande fallador, não gastou o tempo, como diz Luciano, em descrever os tormentos dos Manes, quando Ulysses desceu ao Averno, tendo tão boa occasião para aproveitar este impulso narrativo; tentação, a que não reuittio Virgilio, quando lá levou o seu Eneas.

As *narracões* não devem ter mais, que o preciso para a intelligencia da *Fabula*, ou do *Episodio*, ou para a commoção do animo. E he melhor que tenhaõ o defeito de breves, que de froxas, e importunas: A que fez Homero da morte de Patrocolo, he mui gabada de Quintiliano.

§. XVII.

AS *Ficções*, que se introduzem nos *Episodios*, são das melhores partes da *Narração*: ellas hê que dão todo o esplendor *Ficções* à *Poesia*, e constituem o seu verdadeiro carácter. Mas para isso, torno adizer, que não devem apartar-se do *Verosimil*. O que se finge deve-se fingir com as feições da verdade: Muitas verdades hã, que parecem fingimento; mas não deve haver fingimento, que não pareça verdade: As *ficções* deste caracter fazem com que na *Poesia* ainda as coizas bem pequenas, se configurem grandes, de que resulta muita parte do *admiravel*, que se procura na *Epopeia*.

O pouco agrado, com que Agameinnon tratava a Achilles parecia negocio de pouca importancia no cerco de Troia; e fez-se de grande consideração, e tomou hum semblante novo, quando Homero fez subir Thetis ao Olympo para se queixar a Jupiter da incivilidade deste General: queixa, que convocou os Deoses em hum Consistorio, e os dividio em dois partidos, disputando a deliberação, que se devia tomar nesta materia.

A *Ficção* de apontar Eneas em Carthago, podera ser das mais admiraveis da *Eneida*; porque a ingratação com que se houve o Herôe com a sua Bemfeytora dava fundamento ao odio, que sempre tiverão os Carthaginezes aos Romanos, defafogado em huma, e outra guerra Punica: Porém desfigura-se muito no erro da Chronologia, na indecencia dos amores de Dido, na infamia desta famosa Rainha, e na crueldade de hum *Herôe* aquem se tinha formado o caracter de *piadoso*.

O Tasso ainda foi mais defectuoso nas suas *ficções*: Basta a Floresta encantada, e todas as partes, de que ella se compoem, para se fazer conceito das outras.

A do Gigante Adamastor nas *Luziadas*, hê a mais portentosa, e feliz, que se tem visto em alguma *Epopeia*. Os mesmos Francezes o confessão: Voltaire, fallando desta *ficção*, diz assim:

Doit reussir dans tous les tems, Et chez toutes les Nations.

E depois de traduzilla acrescenta: *Cela est grand en tout Pays, sans doute.*

Não se pode negar tambem que he em muita parte prodigiosa a da Ilha de Venus, que servio de exemplar ao Tasso para a Ilha da sua Armida. A do Concilio Celeste, e maritimo, hê igualmente brilhante: As personagens de Jupiter, Venus, Marte, Neptuno, e Baccho, desempenhã todos os primores da *Poesia*.

A França aceita com grande violencia estas *ficções*: Parece-me que vejo inclinado Voltaire a condemnallas, tendo bastantes na sua *Henriade*; e huma tão irreligiosa, como a de levar S. Luiz Rei França a Henrique IV. ao Ceo, ainda no tempo, em que era

Hugo-

Hugonete, e se achava excommungado pela Sé Apostolica. Porém se Voltaire hê inimigo das *ficções* Poeticas, parece que o naõ hê das *ficções* Historicas; pois nos diz no seu referido *Ensaio da Epica*, que o nosso Camoens nascera em Hespanha debaixo do Reinado dos Reis Catholicos Fernando, e Isabel, e quando reinava em Portugal Joaõ II.; e que depois da sua morte viera a Lisboa no primeiro anno do Rei Manoel: Que o mesmo Camoens fora grande amigo de Vasco da Gama: Que esta amizade apesar dos seus parentes, o fizera acompanhar no descobrimento da India: e que na volta desta viagem se perdera a naõ, em que vinha na Costa do Malabar; e que sahira do naufragio nadando com hum braço, e salvando com o outro o seu Poema. Saõ infelices as nossas Historias entre os impulsos das pennas estrangeiras: eu naõ conheço alguma, que as naõ perverta.

Monfr. Adisson nas *Reflexoens*, que fez ao Poema de Milton nos mostra que tem seus intentos de desterrar as *ficções* da Poesia; e gabando tanto a *Epopoia* deste Poeta Inglêz, naõ se dignou de reparar, que toda esta obra estã fundada em huma ideia, quasi arbitraria: pelo que inutilmente se cansa em provar, que Virgilio fundara as suas *ficções* na tradiçãõ, trazendo por exemplo a das naõs convertidas em Nymphas: He verdade que o mesmo Virgilio diz neste lugar:

Prisca fides facti, sed fama perennis.

Mas ainda que se conceda que os Romanos reputavaõ esta transformaçãõ por successo hystorico; que tradiçãõ nos offerece Monsieur Adisson para a descida de Eneas ao Averno, que hê huma pura imitaçãõ da Odyssêa? Que tradiçãõ nos dá para o desembarque dos Troianos em Carthago, e para a historia de Dido, que nunca foi imaginada dos Romanos, antes do Poema de Virgilio?

§. XVIII.

Dramas **N** As *Dramas* hê que se lograõ os *Costumes*. Quem houver de fallar no theatro da Epica deve fallar, como quem hê, observando nas vozes, nos pensamentos, e nas acçoens o caracter, que representa

Agamemnon naõ tem na Iliada pensamento, ou palavra, que naõ seja de Rei: Achilles, de hum Capitaõ arrojado, impavido, e forte, ainda que ferõz, cruel, e indomito. Na *Eneida* estã melhor representada a crueldade de Mezencio, que a piedade de Eneas; mas tambem senaõ pôde figurar melhor a traiçãõ de Sinon, nem a desesperaçãõ de Dido. Metastasio naõ fica devendo nada a Virgilio, quando descreve a auzencia daquelle Troiano em hum dos seus Poemas *Dramaticos*. Hê dos lugares mais illustres, que tem as suas *Operas*.

Todo-

Godofredo na Jerusaleem não incúlca muito o carácter de Conquistador. Vasco da Gama nas Lufiadas pôde ser o modello da propriedade heroica.

§. XIX.

Consiste em fim toda a perfeição de hum Poema epico, segundo a doutrina de Aristoteles, na regular, e justa proporção de todas estas partes, que tenho proposto; mas ainda atéqui não houve engenho, que as foubesse unir em huma composição perfeita.

As *Epopéias* de Homero, Virgilio, Tasso, e Camoens devem ser os exemplares, que sigamos; porque não temos outros Originacs, com menos defeitos. Devemos seguillos no que acertarão, e desviarnos, quanto for possível dos defeitos, em que cahiraõ.

As outras *Epicas* ão servem de encarecer a difficuldade desta grande empreza; pois sendo tantos os que a emprenderão, são tão poucos os que conseguiraõ a reputação de *Poetas heroicos*.

Entre os Gregos só se louva em Hesiodo huma elegancia agradável: em Colutho no *Roubo de Helena* se observa hum limitado desenho, e hum estylo froxo, e desanimado: Tryphyodoro na *expugnação de Troia*, he muito baixo, e grosseiro: Apollonio Rhodio, na *expedição dos Argonautas*, muito simplex, & singelo: Nicandro he duro: Oppiano he secco: Nonno na *Appotheose de Baccho*, hê mais historiador, que Poeta.

Entre os Latinos cahio Petronio no seu pequeno Poema da *Corrupção de Roma* em todas as culpas, que tinha condemnado: Stacio, ainda que pomposo, he muito desproporcionado: se acabara a *Achilleida*, sahiria melhor Poema, que o da *Thebaidea*; porque está principiado com mais juizo: Silio Italico no seu *Annibal* tem mais artificio, que genio: Valerio Flacco nos *Argonautas*, hê de hum carácter muito mediocre.

Entre os Italianos, Dante (que Castelvetro introduz entre os Poetas epicos) hê muito sombrio, e melancolico: Petrarca, muito basto: Boccacio muito fallador: Ariosto de muita extravagancia: Boiardo, e Pulci, de pouca consideração: Sannazaro, e Jeronymo Vida, não tem adquirido mais louvor, que a grandeza do espirito, e a pureza do latim: Pontano, Policiano, os Cardezes Bembo, e Sadolet, Paleoti, e Strozzi, tiverão o mesmo carácter, mas com genio muito inferior: Trissino alcançou a gloria de ser o primeiro, que com alguma justiça podesse aspirar ao conceito de Poeta heroico entre os Italianos; porém o seculo, em que viveu, que foi no Pontificado de Leão X, não tinhã a cultura necessaria para felicitar esta empreza.

Entre os Hespanhóes, Dom Alonso de Ercilla na sua *Araucana* tem algum lugar, em que excede a Homero; porém a maior parte

do Poema hê monſtruoſo, e irregular: Loppo de Vega na ſua *Jerusalem* tem muita fertilidade, e pouca obſervancia. Eſta *Epica* ſe fêz em deſpique de que o Taſſo não fizeſſe caſo dos Heſpanhões no ſeu *Poema*; porê m Loppo não tinha partido para entrar em combate com o Taſſo. Francisco Loppes de Zarate no ſeu Poema da *Cruz* hê mais polido, que Loppo; me nos fertil, e igualmente deſcuidado. O Principe de Eſquilache no ſeu *Napoles conquistado* deu hũa grande expectaçã a Caſtella, que conſpirava para applauſo com o merecimento deſte Cavalhero; mas ao depois ſe conheceu que a trombeta de Calliope não melhorou nada a froxidaõ do eſtylo, que ſe acha nas ſuas Rimas.

Entre os Portuguezes, tem Miguel da Silveira no ſeu *Machabeo* toda a pompa, de que ſe agrada a elegancia Heſpanhola: Vaſco Mouſinho de Quebedo na ſua *Arzilla* tem alguns votos de que ſatisfizera aos preceitos da *Epica*: Francisco de Sá de Menezes na *Malaca conquistada* tem alguns defenſores: Antonio de Souſa de Macedo na ſua *Ulyſſippo* não hê dos mais culpados: Gabriel Pereira de Caſtro, na ſua *Ulyſſea* abaixo de Camoens, hê o melhor *Epico* de Portugal; ainda que o não conſtita Mauoel de Faria de Souſa: Francisco Botelho de Vaſconcellos no ſeu *Alfonſo* ſe conformou baſtantemente com as leis da *Epopoia*: Dizia que não conhecia outros Poetas, ſenaõ Virgilio, e Taſſo; e ainda aſſim ſe obſerva que o ſeu eſtylo hê arrancado com hum picaõ dos rochedos do Pindo. Eganado com a fallidade de huma cultura eſtranha, affectou eſta eſcabroſidade confôrme me aſſegurou o Conde da Ericreira D. Francisco Xavier de Menezes. Tem o *Alfonſo* muita eſcuridade de termos, e daquelles, que os Francezes chamaõ *Galimatias*: Entre eſtes horrores, ſaiem às vezes de repente algumas labaredas, que enchem de luzes o *Poema*, ainda que fazem, como os relampagos no meio da tormenta, ou mais corpulentas, ou mais viſiveis as ſombras: Gaſpar Leitaõ da Fonceca tem compoſto hum Poema do martyrio de Santa Iria, heroína da ſua patria, a que deu o titulo de *Irenidos*; eu o vi na minha primeira idade; e pela pouca lembrança, que tenho delle, não poſſo fazer juizo do ſeu merecimento: ſei que o meſmo Conde da Ericreira o eſtimava muito.

Eſtava França, ſem *Poema Epico*; e ella meſma tem confeſſado muitas vezes pela boca dos ſeus maiores homens, que nem o ſeu idioma; nem o ſeu Eſpirito era baſtantemente habil para eſta empreza: Pertendeu Francisco Voltaire no prezente ſeculo deſmentir eſta ſincera confiſſaõ, e ſuperar a difficuldade com a ſua *Hênriade* de que elle meſmo diz na ideia deſte Poema que he o ſogeyto o *Cerco de Paris principiado por Henrique de Valois, e por Henrique de Bourbon*; e acabou por eſte ſó; e acrescenta que o lugar da *Scena* ſe eſtende deſde Paris até Iovi, aonde ſe dá a ſamoſa batalha,

que decida a fortuna de França, e da Casa de Bourbon.

Mas não sei se com este Poema confirmou mais Voltaire a grande difficuldade, que os seus mesmos patricianos considerão no desempenho da *Epopèia*. Não fallo nas espinhas, que tem a *Henriade* pelo que respeita ao decoro Catholico, como as do Epifódio de S. Luiz, de que já fiz menção: as da criminosa opiniaõ, que faz do Governo de Roma, do Tribunal do Santo Officio, e da memoria do Papa Sixto V. as que se descobrem na *Casa do Destino*, e as do conceito que faz do *Inferno*; porque são materias, que pertencem mais à Religião, que à Poèzia; e notarei só o que se cinge aos preceitos da *Epica*.

Se o fogeito da *Henriade* he o cerco de Paris, executado por Henrique de Valois, e Henrique de Bourbon, temos dois Heroês no Poema: Dizer que este cerco foi acabado por este só, he misturar o fingimento com a historia; porque Henrique de Bourbon não acabou o cerco; pois o levantou logo depois da morte, que deu a Henrique de Valois, Jacome Clemente, e por este lado temos tambem a hum dos *Heroês*, *tragico*, e não *Epico*; e com esta Tragedia ficou a *Fabula* imperfeita, e por acabar, pois por este cerco senão conseguiu o rendimento da Cidade.

A batalha de Ivri, que venceu ao depois Henrique de Bourbon, não tem alguma connexão com o cerco de Paris; porque o motivo deste combate foi querer o Duque de Mayene, Lugar Tenente da Liga, instado dos Senhores Colligados, que Henrique de Bourbon levantasse o sitio de Dreux; e parece huma desproporção enorme da *Fabula* o querer que o cerco de Paris dependa da batalha de Ivri, extendendo até esta Campanha o curso da scena. Nem a batalha de Ivri, como pertende Voltaire decidiu a fortuna de França, e da Casa de Bourbon, pois a historia destas guerras civis está cheia de innumeraveis acontecimentos, desde este combate até a conversão de Henrique IV. que foi a que verdadeiramente o collocou no throno.

A grande fome do cerco de Paris tambem não succedeu no primeiro cerco de Henrique de Valois, senão depois da batalha de Ivri, quando a cercou Henrique de Bourbon: e este segundo cerco he outra acção muito alheia da que Voltaire propoem; e nem ainda com esta se daria fim à *Fabula*; porque Paris foi soccorrida pelas armas de Philippe II. de Castella, sendo seu General Alexandre Farnese; e Henrique de Bourbon vendo virtualhada Paris, com a expugnação de Lagni, desamparou o sitio desta Cidade. E não deixa de parecer hum intento bem pouco sincêro o dissimular o Poeta esta acção, talvez por não dar a merecida gloria à sabia conducta do Principe de Parma, em que ficou vencida toda a fama militar de Henrique de Bourbon.

A entrada, que o mesmo Henrique fez em Paris, que he
aonde

aonde Voltaire dá fim à *Fabula*, e acaba o *Poema*; não tem alguma analogia com o fôgeito, que elle propoem na *Henriade*, que he o primeiro sitio de Paris, nem taõ pouco com a batalha de Ivri; pois todas são acçoens differentes; nem desta ultima pôde resultar a Henrique algum applauso digno da *Epopoia*; porque Paris não foi entrada com as armas do *Herôe*, mas pela negociaçãõ, que se fez com o Conde de Brissac seu Governador.

E assim se nos representa toda a *Fabula* da *Henriade* como hum corpo monstruoso de diversas cabeças, e membros heterogeneos, aonde se offende, e perverte a verdade dos successos. E aindaque Voltaire pretende sahir desta accusaçãõ com a desculpa, de que não compoz *Historia*, mas *Poema*, poderase lembrar que quanto à *Fabula*, sendo verdadeira, não tem o Poeta jurisdicçãõ, authoridade, ou licenca para desfiguralla; e as *ficçoens* só se concedem nos *Episodios*. E hum Escripitor, que não *admitte desculpas palavas*; tambem podera esperar dos Poetas que lha não admittissem nos *Poemas*.

Não só falta à exacçãõ da *Fabula*, mas tambem em varios incidentes, que accommodou ao seu intento. No 4. canto da *Henriade*, antes da morte de Henrique de Valois, introduz a procissão, que fizeraõ os Frades armados dentro de Paris, sendo este successo depois da morte do mesmo Henrique, e no segundo cerco, que lhe pôz Henrique de Bourbon. Logo tambem depois daquella desgraça faz o ajuntamento dos eitados do Reino, sendo estes convocados quatro annos adiante da morte de Henrique. He outro erro da historia o sahir ferido o Duque de Biron na batalha de Ivri, o que acontece no combate de Fontaine Française, donde o livrou o valor de Henrique IV. O combate do Marechal de Turene com o Cavalheiro de Aumale, he outro *singimento* bem alheio da verdade. Se Voltaire se agradava de meter algum Duelo neste Poema, tinha bem a mão o desafio, que teve no primeiro cerco de Paris o Senhor de Marivaux da parte dos Realistas com Claudio Mareles da parte dos Colligados à vista da Cidade, e do exercito; em que Mareles sahio victorioso, sendo hum moço de bem poucos annos, e battantemente delicado, e Marivaux, o guerreiro mais intrepido, e de maiores forças, que havia nas tropas dos sitiadores: Eu não sei se tambem aqui pertendeu Voltaire encobrir esta desgraça do seu partido, para dar huma gloria falsa a hum Hugonote com o despojo fingido de hum Catholico. Tambem se deve reparar, em que faça mais heroico, e virtuoso que o seu *Herôe*, o seu valido Du Pleffis--Mornay. Deixo de referir outros reparos; porque estes bastarão para se julgar o merecimento da *Henriade*.

Mas a razaõ porque estes Poetas, e outros, que omitto, se infelicitaraõ com a *Epopoia*, he porque esta empreza parece que

excede

excede a todo o esforço humano: Não me atrevo a passar em silencio o que della diz o referido P. Rapin.

O Poema Epico he o que ha de mais nobre, e grande na Poesia: Esta he a obra mais sublime do espirito dos homens: Toda a nobreza, e elevação dos mais perfeitos genios, não he bastante para formar tudo o que he necessario para hum Poeta heroico. A difficuldade de se achar em hum só foyeito, hum juizo, huma imaginação, hum cálor, huma moderação, huma sabedoria, hum enthusiasmo, competente a esta grande empreza, he que difficulta a raridade deste Character, e deste feliz temperamento, que fáz a perfeição de hum Poeta. São necessarias humas grandes imagens; e hum espirito, ainda maior, para as saber formar. He necessario, em fim, hum juizo tão sólido, hum discernimento tão exquisito, hum conhecimento tão perfeito da lingua, em que se escreve, hum estudo tão constante, huma meditação tão profunda, huma extensão de capacidade tão vasta, que a penas todos os seculos podem produzir hum genio capaz de hũ Poema Epico.

Este testemunho de hum homem tão grande como o P. Rapin pode dar ao nosso Portugal hum conceito talvez bem differente daquelle, que tem concebido da Poesia, e da grandeza de hum Poema Epico; mas ao mesmo tempo accusa o atrevimento de eu emprender com hum alento tão debil hum arrojo tão desmedido. Porém eu não pertendo desculparme: Ha espiritos atrevidos, ou por genio, ou por fatalidade: Escuso de pedir perdaõ da oufadia; pois não ha clemencia no Tribunal da Critica. E por não gastar o tempo em satisfaçoens, hirei só a mostrar, se no meu Poema estaraõ desempenhados os preceitos, que tenho proposto, ainda que esta demonstração se me julgue por segunda temeridade.

PROLEGOMENO.

SEGUNDA PARTE

§. XX.

Do titulo do Poema.

Serve o *titulo* em todos os escriptos de dar huma clara, aindaque breve noticia, do argumento da obra. A maior parte dos AA. tem cahido na tentação de os fazerem pomposos para formarem hum appetite à curiosidade da Leitura. Porém a mim só me compete o *titulo* das *Epopéias*. Homero dirivou o titulo das suas, hum da acção, outro do *Herôe*: O da *Iliada* foi derivado da expugnação de Troia; porque esta Cidade tambem se chamou Ilion, nome, que lhe deu Illo, filho de Tros: A *Odysséa* foy derivada de Ulysses, que he o *Herôe* deste *Poema*. A *Encida*, de Eneas; as *Lusiadas*, da Lusitania &c.

Mas eu já adverti na minha *Balança intellectual*, que Homero, Virgilio, e Camoens, parece que não acertarão com o *titulo* das suas *Epicas*; porque o de *Iliada* inculca todas as acções, que se obrarão no cerco do Ilion, em que precisamente se haõ de envolver as de Agamemnon, Ulysses, Diomedes, Aiax, Meneião, e as dos mais Principes Gregos. O *titulo* de *Encida* tambem inculca todas as acções de Eneas, e não devia attender senão às da fundação do Imperio Romano. O *titulo* de *Lusiadas* persuade da mesma sorte todas as acções dos Portuguezes, devendo só annunciar as do descobrimento da India. E assim o Tasso acertou melhor com o *titulo* chamando à sua *Epica* *Jerusalem libertada*.

Fundado neste discurso attendi mais à propriedade, q̃ à pompa do *titulo*; e singelamente intitulei este *Poema* *Triumpbo da Religião*. Com elle se conhece o argumento da obra, em que consiste todo o desempenho do frontespicio.

Digo tambem que este *Triumpbo da Religião* he *Poema Epico* -- *polemico*. *Poema* he palavra generica, que pode accommodarse a toda a especie da Poesia: *Epico* vem do Grego *Epos* que significa *narracão*, *discurso*, ou *palavra*, que os Poetas tem applicado a huma *Fabula* illustre, exemplar, e digna de ser imitada, e annunciada por huma *narracão poetica*. *Polemico* procede do Grego *Polemos*, que he

he o mesmo que guerra, e daqui se podia inferir que este Poema se fundava em algum successo guerreiro; porém os Theologos significão, com o termo *polemico*, aquella Theologia, que combate os erros da nossa Religião; e nesta disputa he que se funda a *Fabula* deste Poema.

Paulo Benio na *Poetica de Aristoteles* partic. 124. pag. 478. não só pertende que a *Fabula* do Poema heroico seja militar, mas que o Herôe seja Capitão de hum exercito, em que se logre o exemplo de huma fortaleza guerreira, e de kuma prudencia civil.

O P. Le-Bossu, sobre o Poema Epico, lib. 1. cap. 3. diz que a *Epopoia* he hum discurso inventado com arte para formar os costumes, por meio de instruções, debaixo das allegorias de huma acção importante, referida em Verso, de modo que seja verosimil, delectavel, e maravilhosa.

D. Ignacio de Lufan na sua *Poetica*, que deu à luz em Zaragoza no anno de 1737. lib. 4. cap. 7. pag. 465. se persuadio mais da opiniaõ do Benio, que da do P. Le-Bossu, sendo esta de bastante pezo pelo grande conhecimento, que tinha este P. destes estudos; e nos diz que *todos los asuntos de las Epopeas (por lo menos de las mas perfectas) sean de guerra; y que todos sus Herôes principales sean guerreros, y militares.* E acrescenta que *tal ha sido siempre la practica de los Poetas Epicos; y el ir contra ella seria una novedad, que lograria, a mi ver, poco aplauso.*

Eu confesso que dos Autores Hespanhoes, que tem escripto neste assumpto, este he o melhor, que tenho visto; e injustamente disse o Barbadinho, ou quem quer que seja o Author do *Novo Methodo de estudar*, que não tinhamos na Hespanha huma boa arte Poetica, pois duvido que alguma dos Francezes, ou Italianos seja melhor do que esta.

Com tudo na opiniaõ de se fazer escrava a *Epopoia* das açoens militares, sem ficar com alvedrio de romper esta rigorosa prizaõ, não acho bastante fundamento paraque se estabeleça este preceito; porque sendo pela commua aceitaçaõ a *Fabula* da *Epica* huma acção heroica, he dar a entender que o *Heroismo* se limita ao espirito da guerra, quando esta, aliás, he dos maiores males, que introduzio no Mundo a miseria do peccado.

Sempre entendi que o *Heroismo* tinha outras accoens mais brilhantes, justas, e louvaveis, em que se desempenha o seu admiravel Carácter. Triste coiza seria se todas as outras virtudes, que não fossem as guerreiras, cahissem na desgraça de não serem dignas daquelle applauso, e daquelle exemplo, que se pôde conseguir entre os melhores esforços da esqouencia.

O maior Herôe, que se espera no Mundo hade ser aquelle, que reduza ao seu dominio todas as Províncias da Terra; e este he aquelle Herôe, de quem diz Esdras, lib. 4. cap. 13. v. 12.

Hominem descendentem de monte, & vocantem ad se multitudinem aliam pacificam. E no v. 26.

Ipsè est quem conservat Altissimus multis temporibus, qui per semetipsum liberavit creaturam suam :::: non tenebat frameam, neque vas bellicosum.

Pelo conceito de Benio e de Lufan, ainda entre os sagrados Herões seriaõ só dignos da *Epopèia* os espiritos militares de Moyses, Josuè, Gedeão, e de Judas Machabeo; e se regeitariaõ as altas virtudes de Joseph no Vice-reinado do Egypto, e as do Constantissimo Job, de quem disse o mesmo Deos, que não havia outro Herõe semelhante na Terra.

Eu estou no conceito de que o verdadeiro *Herõe* he o que sabe vencer as suas proprias paixoes, e não destruir os individuos da sua mesma especie. Se Homero, e Virgilio não alcançaraõ este *Heroismo*, assim como não devemos seguir a introdução das suas Deidades gentlicas, também devemos melhorar de pensamentos.

Todas as acçoens sublimes, que estaõ dentro da *Ethica Sagrada*, saõ muito mais benemeritas da *Epopèia*, que as que se cantaraõ na *Odyssèa*, na *Iliada*, e na *Eneida*. Se assim como Milton escolheo para o seu Poema a perda da innocencia, tomara po assumpto o mundo restaurado, talvez que hoje fizera menos ruido a trombeta do Lacio, e do Arcipelago.

Se as Aventuras do Telemaco, engenhosamente fabricadas pelo incõparavel Fenelon, para instrução dos Principes Reaes de França, se annunciassẽ em Verso heroico, e lhe tirassẽ algumas narreoens difusas, e preceitos economicos, aindaque o seu assumpto não he verdadeiramente guerreiro, teria emudecido a fama de Homero, e de Virgilio. Que *Fabula* mais illustre, nem mais unida? Que *Episodios* mais coherentes com a acção? Que *Herõe* mais unico, e bem caracterizado? Que *Costumes* mais proprios, que *doctrina* mais proveitosa, que *artificio* mais limpo, e engenhofo, que *narracão* mais viva, e animada, que *dramas* mais bem introduzidas, que *locução* mais eloquente? Que *imagens* mais brilhantes, que *belleza*, que *doçura*, que *deducao*, e que *esforço* de huma felicissima ideia?

Cuido que bastaõ estas reflexoens para se enfraquecer a opiniaõ do Benio, e de Lufan; e que se me não condemne o apartarme no assumpto desta Epica de huns vestigios gentlicos, a que não deve estar sojeito hum Poeta Catholico.

§. XXI.

Da Unidade da *Fabula*.

Repartindo o Poema em nove Livros, e ao parecer com diferentes combates, facilmente se pode imaginar, que cada combate produz huma acção; e que não he huma, mas que saõ muitas as *Fabulas* deste Poema.

Porém

Porém a unidade da *Fabula* julga-se pelo intento, e pelo fim da empreza. O fim, e o intento da minha he triumphar a Religião das seitas, que estaõ distribuidas pelos oito Livros; e ainda que estas sejaõ muitas, como o intento, e o fim naõ he mais, do que hum, tambem por elle se consegue que seja unica a *Fabula*. Muito differentes foraõ as acçoens, que se obraraõ no cerco de Troia, porém como todas tendiaõ à sua expugnação, porisso se julga que tem huma só *Fabula* a Iliada de Homero. Supponhamos tambem que naõ eraõ só os Vassallos de Priamo os que defendiaõ o Iliou; e que na guarnição desta Cidade havia Soldados de diversas Noçoens, bem se vê que naõ obstante concorrerem todos a sustentar a praça, que se deve reputar por huma unica acção o rendimento della. Isto he debaixo da supposição de que a fabula da Iliada, como querem alguns, seja ou deva ser o rendimento, ou a expugnação de Troia; porque outros, cingindo-se à proposição de Homero, de que cantava a ira de Achilles, reduzem a fabula do Poëma, desde o desgosto, que teve o Heroe com Agamemnon ate a morte de Hector.

Em Creta se deu principio ao intento de fundarem os Troianos huma nova Troia na Italia: De Creta passaraõ às Ilhas Strophades, a Accio, a Epiro, duas vezes a Sicilia, a Carthago, a Cumas, a Caieta, ao monte Circeo, ao Tibre, ao Campo de Laurento, que confinava com o Lacio: Em todas estas viagens se obraraõ muitas acçoens separadas, mas como todas levavaõ o fim de procurar a Italia para fundação do Imperio Romano, todas se julgaõ por huma para a *Fabula* da Eueida.

He verdade que naõ se pôde formar huma *Epopoia* dos trabalhos de Hercules, porque cada hum delles pela sua defuniaõ pôde fazer huma acção principal; porém se fingisse a Mithologia que Hercules para roubar as maçans das Hesperides lhe era necessario desempedir o caminho com o triumpho do Leão da Selva Nemea, da Serpente de Lerna, do Touro, do Cerbero &c. precisamente se haviaõ de incluir no furto dos pomos todas as victorias, que alcançou destes monstros, julgando-se por huma só acção as que lhe foraõ necessarias para executar o intento; e assim os triumphos, que conseguiu o Peregrino dos *Atheos*, *Polytheos*, *Deistas*, *Libertinos* &c. tambem se devem julgar por huma, e unica acção, pois todos tendiaõ a ficar a Religião triumphante, destas Seitas ainda que estas fossem differentes. Finjamos huma cidadella, ou Fortaleza, que se acha preocupada v. g. em hum baluarte pelos *Atheos*, em outro pelo *Polytheos* &c. e que o Heroe pertende estabelecer nesta cidadella o verdadeiro culto naõ só expugnando-a, mas obrigando os vencedores a seguir a lei do vencedor. Depois de tudo isto conseguido ainda que fossem muitos os Sectuarios, e os defensores, ninguém poderá dizer que deixe de ser huma só a acção: Por onde se vê tam-

bem que só pelo fim das emprezas he que se deve julgar a sua *unidade*. Esta he a doutrina de todos os Epicos, explicada pelo referido Lufan, lib. 3. cap. 5. pag. 308.

Logra-se esta unidade em los Poemas Epicos, u dramaticos con la unidad de la accion en ellos representada, la qual unidade consiste en ser una la Fabula, ó sea el argumento compuelto de varias partes dirigidas todas a un mismo fin, y a una misma Conclusion.

§. XXII.

Da Verdade, ou da ficção da Fabula.

A *Fabula* das quatro principaes *Epopéias* se reputa por verdadeira, e não fingida; porque está na opinão de successo historico a expugnação de Troia; e a redução, que Ulysses fez desta Cidade para Ithaca; se bem que a celtidade, e os amantes de Penelope tem suas duvidas; e nenhuma a conquista de Jerusalem por Godofredo de Bulhoens; nem o descobrimento da India por Vasco de Gama.

O exemplo destas quatro *Epopéias* podia dasatar a questaõ, se a *Fabula* deve assentar na verdade, ou no fingimento; mas não tem atéqui convindo a diversidade dos juizos humanos sobre a decisaõ deste ponto; pois por huma, e outra parte ha boas razões, e fundamentos sólidos.

Os que seguem a verdade na *Fabula*, dizem que dirigindo-se a Epica à imitação da virtude, e ao tedio do vicio, que melhor persuade hum exemplo verdadeiro, que hum modello inventado, e que melhor commoverá a heroicidade de hum Samsam, que a de hum Alcides. Os que pertendem que a *Fabula* seja fingida, argumentaõ que se a acção do Poema heroico hade ser illustre, perfeita, maravilhosa, e digna de imitação, que não se podem conseguir estas qualidades nos successos verdadeiros, e que he preciso procurallas na ficção paraque a *Fabula* se offereça, sem algum defeito.

A Academia da Cruzca avocou a causa com o desejo de que ficasse averiguada, e decidida naquelle supremo Tribunal das bellas letras; mas foraõ tais os discursos, que se fizeraõ por ambas as partes (que eu tenho na minha mão) que não se atreveraõ os Juizes a proferir a sentença, e ficou esta questaõ como a de Protagoras com o seu discipulo.

Voltaire teve a outadia de se intrometer em huma contenda, em que os maiores homens da Europa em estudos poeticos, não ousaraõ tomar resoluçãõ; pois decisivamente determina que a *Fabula* e o *Heróe* da *Epopéia* devem ser verdadeiros, e parece que tem por ridiculo o juizo, que sente o contrario: Com tudo aindaque Voltaire não deve ser attendido, estando da outra parte os votos de huma Assamblea taõ respeitada, confesso que me

vi em bastante perplexidade quando entrei no intento da minha *Epica* sobre qual das opinioens havia de seguir; e me resolvi depois de varias reflexoens, a conspirar com os votos da *Fabula* fingida; porque me fêz huma grande força o preceito de que os Poetas naõ devem cantar as coizas como foraõ, mas sim como devem ser para serem perfeitas.

§. XXIII.

Da perfeiçãõ, principio, meio, e exito da Fabula.

A *Fabula* para ser perfeita, conforme a doutrina de Aristoteles, deve ter *principio*, *meio*, e *fim*. Alguns pertendem que a *Fabula* da Iliada naõ tivera *fim*; pois fundando se na ira de Achilles, dizem que esta naõ acabara com a vingança da morte de seu amigo Patroclo, nem com a destruiçãõ de Troia. Do mesmo defeito accusaõ a Eneida, porque devendo acabar a açãõ com o casamento de Lavinia, que foi o que fêz Rei a Eneas, e lhe deu a origem do Imperio Romano, acaba este Poema com a morte de Turno.

Mas senaõ tem *fim* estes dois Poemas, tem *principio*, e *meio*. O *principio* da Iliada he a conspiraçãõ que fizeraõ os Principes Gregos para vingarem a affronta de Menelão; e o *meio* he a congruencia deste congresso na jornada, ou cerco de Troia, no caso q̄ a sua expugnaçãõ deva ser o projecto da Iliada. O *principio* da Eneida he quando os Deoses Penates por hum preceito de Apollo intimaraõ a Eneas que fosse fundar hum novo Imperio na Italia; e o *meio* he o desembarque dos Troianos em Carthago. O *principio* da Jerusalem libertada he a expediçãõ q̄ fizeraõ os Principes Catholicos para resgatarẽ os lugares Sagrados da tyrannia dos Turcos; o *meio* he a expugnaçãõ de Nicea, e de Antiochia; o *fim* he a entrada da Santa Cidade. O *principio* da Lusitana he a eleiçãõ que fez o Rei Dom Manoel de Vasco da Gama para o descobrimento da India; o *meio* he a navegaçãõ da costa Moçambique; o *fim* a chegada das Nãos a Calecut, e à volta para Lisboa.

Donde se vem a conhecer que o *principio* da *Fabula*, naõ he tudo o que precede ao *meio*, e ao *fim*, mas o que necessariamente se considera antes do *meio*, e do *exit*; e esta he a razãõ porque Horacio condemna os que vaõ procurar huma origem remota, e que naõ tem a precisa dependencia com a *Fabula* do Poema.

E por isso à *Fabula* desta *Epica* se lhe deu o seu *principio* no primeiro intento, que teve o Peregrino de que triumphasse a Religiaõ das seitas vivas do presente seculo: O *meio* he tudo, o que acontece desde o bosque dos Atheos até a segunda entrada no campo dos Deistas: O *fim* he o Triumpho da Religiaõ, que se descreve no ultimo livro. E por este modo se conhece tambem que senaõ falta ao preceito de ábrir o Poema pelo *meio*, e naõ pelo *principio* da açãõ. Sem embargo que nesta doutrina estaõ divididos os mestres da Poetica: eis aqui o que diz o referido Lufau, lib. 4. cap. 11. pag. 492.

El orden, con que se debe hazer la narracion padece tambien sus dudas. Los Autores Poeticos dividen el orden en Natural, y Artificial el orden Natural es el que naturalmente tiene la misma accion, en la qual lo primero es el principio, segundose despues el medio, y fin: el Artificial procede diferente, colocando primero el medio de la accion, y despues el principio, y fin. Los comentadores de Aristoteles, y de más Autores de la Poetica estan divididos en pareceres distintos: unos aprueban el orden Natural, otros el Artificial: unos, y otros alegan en su favor exemplos de buenos Poetas.

○ modo, con que Lusán concilia estas duas opinioens, e mostra que aindaque se principie pelo *meio* da accão sempre se logra a ordem Natural, se pôde ver no mesmo lugar acima referido, que não treslado por ser extenso. Seguindo a mesma conciliação, se pôde verificar que observe neste Poema a ordem natural, aindaque pareça que escolhi a artificial, quando digo na abertura do mesmo Poema.

No meio do caminho de huma vida.

É se imita a Dante, que assim he que principia o seu primeiro Canto:
Nel mezo del camin di nostra vita.

§. XXIV.

Da grandeza, ou da extenção da Fabula.

A *Fabula* com os *Episodios* deve fazer huma grandeza proporcionada: A esta proporção se deve reduzir a medida de que o Poema não seja tão extenso, que cause fastio, nem tão pequeno que desacredite a ideia. Aristoteles nos preceitua que a extensão do Poema tragico seja tal, que possa conservar-se o seu *principio, meio, e fim*, e todas as suas partes na memoria. Funda esta doutrina no costume da Grecia, que era julgar-se a ventagem das Tragedias a penas se acabava de representar; e assim se fazia de sorte, que os Juizes as podessem comprehender para não arriscarem a sentença. Porém a *Epica* pôde ter maior extensão, que a *Tragedia*, conforme a explicação do referido Lusán, lib. 4. cap. 4. pag. 453.

Aristoteles não determina precisamente la grandeza material de la *Fabula Epica*, pero dize lo bastante para que el prudente Poeta sepa arreglar la grandeza de la *Fabula Epica*; porque hade ser (dize) tal que se pueda facilmente comprehender, y tomar de memoria su principio, y su fin, y todo su principal contexto, el qual sin duda hade ser mayor, que el de una *Tragedia*. Y aunque en otra parte dixo tambien lo mismo de la grandeza de la *Fabula tragica*, con que parece que en esto las hazia iguales, nó obstante, es claro lo contrario, si se advierte que el contexto de la *Fabu-*

la tragica, ó comica para poder-se comprehender bien, y tomar de memoria hade ser mucho mas reducido, que el de la Epica; porque la representacion dramatica es continuada, y nó dá lugar a meditar, ni a recorrer lo representado; y al contrario en la narracion Epica, como solamente es hecha para ser leida, puede pararse el lector, y hazer todas las reflexiones, que quisiere, y recorrer en su memoria lo que há leído, y a un volverlo a leer: Por esta razon la fabula Epica, a un siendo mucho mayor, que la Tragica puede comprehender-se más facilmente, y aprender-se de memoria todo su contexto. Bien es verdad que nó hade exceder tanto, que confunda la memoria de los lectores; defecto, que algunos notan en la Jerusalem de Lope de Vega, y en el Orlando furioso del Ariosto, tanto por la multiplicidad de las acciones, como por lo dilatado dellas, y de sus Epifodios.

E eu acrescentara que tambem excede a medida a Iliada, e a Odyssæa de Homero, e a Jerusalem do Taffo. Virgilio se chegou mais à proporção da devida grandeza; e cuidou que inda mais o nosso Camoens. Parece-me fazer este Poema mais pequeno, que a Lusíada, tirando quasi a quarta parte dos 8U736. Versos, de que ella se compoem: o *Triumpho da da Religião* he de 6U846, que he bastante grandeza para o fastio, que tem Portugal a este genero de estudos;

§. XXV.

Da exemplaridade, e dignidade da Fabula.

A Maior parte dos Epicos fundaraõ a *Fabula* na heroicidade profana: eu a procurei na heroicidade Catholica, por me parecer que assim ficaria mais exemplar, e mais digna de ser imitada. He muito maior o Heroismo, que se alcança com as virtudes Christãs, que o que se consegue com as proezas militares. E daquellas são as mais dignas de exemplo, e de imitação as que se empregão na conversão dos infieis, e dos sectarios: Estas forão as mais heroicas emprezas de hum Santo Agostinho, de hum S. Jeronymo, Santo Athanasio, Santo Ambrosio, S. Joaõ Chrysostomo, e outros grandes Luminares da Igreja: Para esta heroica empreza he que Christo Senhor Nosso escolheu os seus Discipulos, e os encheu de tanta graça, de tantos dons, e de tantas luzes

Com que pôde haver Poema de muitas mais engenhosas qualidades, que a minha *Epica*, porém ao menos sempre se me deve conceder alguma vantagem na escolha do assumpto, e o ser Poema Original, o que sempre foi attendido de todos os Authores, que fallã dos exemplares.

Desde a minha Adolescencia trouxe diante dos olhos a fabrica de huma *Epopeia*: Intentei formalla no prodigio, que alguns dos nossos Escriptores poem entre os maravilhosos successos da Historia, de que dizem fora theatro a minha Patria na degolação, e resurreição dos seus moradores. Depois de estar esta obra bastantemente adiantada, a levei ao incendio, e entreguei as suas cinzas ao esquecimento. Principiei logo a *Conquista de Goa* pelo famoso Affonso de Albuquerque, acção que estabeleceu o nosso Imperio na Asia, e passados alguns annos propuz a *Jornada de hum Heróe para o templo da Fama*: Seguiu-se-lhe outro novo projecto, que foi o de *Mundo restaurado*; e todos estes enfiados vierão a prodnzir em idade mais madura este *Triumpho da Religião*.

Naõ sei se nelle estaraõ tratadas as questoes com aquella força, digestaõ, e facilidade, que eu desejava. Profeguir huma materia taõ delicada entre os apertos das clausulas, e a lei das syllabas, e dos consoantes, e sustentar nella a elegãcia na sua fluida clareza, e naturalidade, e o metro no feu canoro estrondo, e suave harmonia, se he difficuloso, e talvez insuperavel, isso só pertendo que o julgue hum poeta pratico, e naõ especulativo.

Na escolha da acção cuidoo que tambem senaõ descobre algum daquelles vicios, que deixamos notados em Virgilio, e no Tasso: ella se faz taõ pura por si mesma, que naõ necessita de inculcar-se para defender-se.

§. XXVI-

Do tempo, e do lugar da Fabula.

Querem os Mestres da *Epica* que o tempo da *Fabula* naõ seja muito proximo, nem muito remoto; como já advertimos, e tambem mostramos que os melhores Poetas naõ attenderaõ muito a este preceito; mas quando elle fosse mais essencial, só se podia lograr na *Fabula*, verdadeira, e naõ na fingida; porque o fingimento naõ está fogueito à observação das Epocas. E assim espero que se me naõ accuse a supposiçãõ, de que o Peregrino combatesse o Hebreo no anno de 1753. como se colhe dos Versos 315. e 316. do livro setimo.

O tempo, que deve durar a narraçãõ da *Fabula*, he dos preceitos mais difficeis na *Tragedia*, e na *Comedia*. Os mais observantes destas leis pertendem, que a acção corresponda pontualmente com a representaçãõ, e naõ lhe prescrevem mais, que o espaço de tres horas. Grandes incoherencias se vem nas *Comedias* Hespanholas com a pouca observancia deste dictame: Ha muitas que extendem a *Fabula*, naõ só a muitas horas, mas a muitos annos. Na primeira jornada sahe huma das personagens na figura de menino, e na segunda, ou na terceira já faz o papel de Velho.

Na *Epopeia* se dá maior extensaõ de tempo. Preceitua-se que sendo a *Fabula* militar deva extenderse a hum anno, ou a huma

Primavera, e Estio. Os que cingem a *Fabula* da Iliada à quelle espaço que houve desde o resentimento de Achilles até a morte de Heçtor lhe dão a duração de quarenta, e sete dias; e à da Odyssæa dão cinquenta e oito. A *Eneida* lhe dão hum anno; porém esta regularidade só deve ter lugar em huma empreza guerreira, e não em hum projecto Ascetico, e Theologico, e menos naquelle onde são precisas repetidas, e grandes viagens para se conseguir o triumpho.

O lugar da *Scena* nos Poemas dramaticos, tambem he bastante delicado; e tem igualmente sido bem pouco observado dos nossos Poetas; pois em muitas das suas Comedias vemos as figuras em Provincias distantes: Os menos escriptulosos querem que a Tragedia, ou a Comedia, não possa dilatar a *Scena* fora de huma Povoação: oucos não lhe concedem mais distancia, que a de hum Palacio, e quando muito até o jardim. A *Fabula* da *Epopeia* não está sujeita a esta regra; porque narra, e não representa; como se conhece pelo que praticou Homero, Virgilio, Camoens, e o Tasso; pois o lugar da *Fabula* da Iliada se pôde dizer que foi na Grecia, e dahi passou para Troia. O da Odyssæa foi em Troia, ou em Ogigia, e acabou em Ithaca. O da *Eneida* foi na mesma Troia, ou em Carthago; e feneceu no Lacio. O da *Jerusalem libertada* foi em França, e teve o seu exito na Palestina. O das *Lusiadas* foi no Occidente, e no Oriente; e o da minha facilmente se percebe que foi na Asia. Elegi esta grande parte do Mundo para o triumpho da Religião pelos muitos, que ella alcançou nestas dilatadas Provincias depois que os Portuguezes as illuminaraõ com as luzes do Evangelho. Com que ainda que a *Fabula* por huma parte pareça fingida, não se pôde negar que he por outra, verdadeira; pois estas Sagradas Victórias se estaõ ainda hoje continuando pelos Missionarios da China, do Japão; e da India.

§. XXVII.

Da Proposição, e Invocação.

Antes de entrar na abertura do Poema se manda propor o argumento, dando-se huma breve noticia da *Fabula*, e se costuma invocar hum auxilio superior para que influa o incendio poetico. Tudo está executado nesta *Epica*, desde o verso primeiro até o vigesimo primeiro. Os Poetas gentios invocaraõ as Musas: o nosso Camoens, sendo Poeta Christoã, seguiu inconsideradamente este exemplo, invocando as Nimphas do Tejo; e não sei com que motivo, porque nellas nunca suppõz o Paganismo algum commercio com o Paraíso. Eu invoquei o Numen verdadeiro, não só attendendo ao decoro da Religião, mas à gravidade do assumpto.

Depois da *Proposição*, e *Invocação* introduziraõ alguns Epicos a *Dedicatoria*, a qual senão acha nas *Epopeias* de Homero, nem na de Virgilio. Os Mecenas communmente se procuraõ por lisonja: Este

Este vicio he para mim dos mais abominaveis: Diz Santo Thomás: *Multo indignius est mente servire quam corpore.* Presumir-se que se busca estes sublimes patrocínios para se embotar a mordacidade dos Zoilos, he encobrir, com este pretexto, a indignidade da adulaçãõ. Hum homem de cabelo vermelho, boca negra, pé pequeno, e vista trocida, naõ se lhe dá de quantos respeitoõs observa o obsequio para naõ enfiar os dentes na clava de Alcides.

Crine

ruber

niger o-

ra, bre-

vis pede,

lumine

Luscus,

Rẽ pra-

stas mag-

nam,

Zoile, si

bonus

eris.

Marcial

Com tudo resolvime a dedicar o meu Poema ao Pontifice reinante: Hum *Triumpho da Religião* naõ devia escolher outro Meceuas. As altas qualidades deste Sagrado Moderador do Mundo Catholico moyeraõ õ meu animo a este, aindaque distante, preciso obsequio. Que Principe de maior caracter para banhar de resplandores o patrocínio? Que intelligencia mais penetrante para dar o seu digno valor à Poesia? Que espirito mais digno das influencias de Bolonha?

§. XXVIII.

Do Herõs.

NA *Fabula* fingida deve tambem ser fingido o *Herõs*; e as razoes; que ha para a *Fabula* ser mais illustre no fingimento saõ as mesmas com que produz a ficçaõ do *Herõs* maiores, e mais illustres qualidades.

Aindaque Cyro foi dos *Herõs* mais famo sos, e taõ benemerito, que teve a approvaçãõ, e o patrocínio do Oraculo Divino como consta do Cap. 44. de Isaias, v. 28. *Quis dico Cyro, pastor meus es, & ad omnem voluntatem meam complebis*; quando Xenephonte escreveu as accoens deste Principe, para fazer dellas hum exemplar a todos os Soberanos, naõ contou as proezas de Cyro, como ellas foraõ, mas assim como deviaõ ser. * E se com este illustre intento he que fez estimavel a sua Historia; com muito maior razaõ deve ser estimavel o mesmo intento na Poesia, pois a obrigaçãõ do Historiador he narrar o que foi; e a do Poeta o que devia ser. *La Poésie dit les choses comme elles doivent être, & L'Histoire comme elles sont.*

* Non

ad Hi-

storia fi-

dem; sed

adeffigi-

m veri-

Imperii

scriptã

esse

Cicer.

Rapin, Refl. sur l'Hist. §. 25.

Castelvetro pertende que o *Herõs* seja Principe, e chefe de huma armada: este preceito me parece impertinente, pois além de naõ estar verificado na Iliada, nem na Odysea, donde se devem tomar os exemplos, he querer que só nos Principes se confira o *Heroismo*, quando haverá muitas pessoas particulares, e sem illustre nascimento; como Fernando Cortez, que se possaõ numerar entre os Varoens mais insignes, que se devem recomendar à posteridade.

Demais que com este preceito fica cingido o *Heroismo* às accoens militares; e o caracter de *Herõs*, como já advertimos, póde alcançarse por mui differente caminho. Hum Sauto he hum *Herõs* muito mais verdadeiro, que todos os q̄ tẽ assustado a campanha com as suas proezas;

e he muito mais *heroica* a victoria, que se alcança das paixoens, que a que se consegue dos exercitos. O caracter do meu *Heróe* he o de *religioso*, muito mais illustre, que o de *piedoso* em Eneas, que o de *sagaz* em Ulysses, e o de *leve de pés* em Achilles.

Elle caracter se vê desempenhado no Zelo de estender a Religião, discorrendo por tantas Provincias da Asia para combater os inimigos, e desertores da Igreja: combates mais gloriosos, que os da expugnação de Troia, que os dos amantes de Peneiope, que os dos campos de Laurento.

A'lém do caracter de *religioso*, se vê tambem o de *sabio* nos argumentos, o de *modesto* no modo de propozições, e seguillos; o de *ardente* no activo das expressoens; o de *valeroso* na batalha dos Libertinos; o de *impavido* nos horrores do bosque da Arabia; e o de *prodigioso* na sahida da Caverna.

O Benio no seu 2. Discurso Academico, intenta persuadir q̄ seja o *Heróe* a unica Personagem, que mova todas as partes da *Fabula*, e dos *Episodios*. E podendo parecer aos menos instruidos nestes preceitos, que o Peregrino, sendo o principal motor das acçoens deste Poema; faltava à variedade com que fica mais agradavel à Poesia, se conhece por esta opiniaõ, que se fêz particular estudo de se cumprir com esta doutrina: Eu produzo as palavras originacs do mesmo Benio paraque fique este preceito mais conhecido.

Costui Poema, oltra esser heroico, é fatto anco di attentione di uno assolutamente solo. Ecio ad Effempio, non già dell'Eneide, ove con essercito opira Enea; má bien dell'Iliade, & Odyssèa dove alfin è Achille, & Ulyssè solo fá heroiche imprese: perciò conclude che il Poema di Dante sia eccellentemente maraviglioso, & illustre.

Destas palavras do Benio pôde sahír o reparo de que se admite o supposto falso de ser sómente Achilles o que executou as acçoens heroicas no cerco de Troia, havendo tantos Principes Gregos, que quasi sempre estiveraõ em acção nas emprezas daquelle attedio. Porém facilmente se mostra pela mesma Iliada, que só a Achilles se devem attribuir estas heroicas acçoens, porque a elle só se devem as victorias, que alcançaraõ os Gregos dos Troianos; e para isso finge Homero que Achilles se desgostara com Agamemnon por este lhe tirar a escrava Briseida, que elle estimava muito; e que por esta causa se retirara do campo dos Confederados, e não quizera mais pelejar com os defensores do Ilion. Apenas Achilles tomou esta resolução, se passou toda a ventagem das armas, que atéllí tinhaõ conseguido os Gregos, para a parte dos Troianos: Reconheceu-se com esta experiencia que sem a assistencia de Achilles senaõ destruiria o Reino de Priamo: Fizeraõ-se todas as instancia; para o reduzirem ao campo, e todas

todas foraõ inuteis, até que a morte, que deu Hecctor a seu grande amigo Patroclo o excitou a tomar outra vêz as armas para vingar a morte do amigo; e dali por diante se tornou a mudar a fortuna dos Troianos para os Gregos, e com as acçoens de Achilles he que se conseguiu a ruina de Troia, e a vingança da Grecia, moítrando-se por este modo que só a elle se deve attribuir este triumpho.

Naõ se pôde negar que está muito engehosa a ideia de constituir Homero a Achilles o *Herõs* do *Poema*; mas tambem senaõ pôde livrar da accusaçõ de fingir em Achilles hum carácter taõ pouco *heroico*, que se lhe deva o motivo das suas Proezas mais à paixã particular de vingar a morte de Patroclo, que ao desejo commum da Grecia de satisfazer a injuria do roubo de Helena; e que hum resentimento privado de se lhe tirar a escrava podesse mais no seu conceito, que a publica confederaçã, para desamparar a empreza. Na verdade que este procedimento naõ concorda bem com o *Heroismo* de hum triumphador de Troia.

O outro preceito de que o *Herõs* deve alcançar novas honras com a felicidade da empreza, parece-me que está desempenhado com as que conseguiu o Peregrino na Colonia dos *Deistas*. Eu o fiz tambem illustre, e Portuguez, attendendo à gloria da Patria, e a que nenhuma das outras Provincias tem moítrado maior zelo em dilatar a Religiaõ por todas as partes do Mundo, nem de outra tem sahido maior numero de Nuncios para a missã do Evangelho. Naõ ha Naçã politica, e Catholica, que pertenda negar esta gloria à Lusitania. E ainda assim se resolveu a dizer Mr. Voltaire no citado *Ensaio da Epica*, que os Portuguezes foraõ descobriõ os mares Orientaes, em primeiro lugar com o intento do commercio, e em segundo com o do augmento da Religiaõ. Naõ sei se este conceito he por falta de conhecer a nossa historia, ou por outra apprehensã, menos desculpavel. Eu me admirei de achar este pensamento nos escriptos de hum Poeta daquelle Reino, que por autonomia se chama *Christianissimo*; mas fiquei menos admirado depois que o Pontifice reinante mandou pôr as obras de Voltaire no Indice Romano.

§. XXIX.

Dos *Episodios*.

OS *Episodios* deste *Poema* saõ as descripçoens do bosque dos *Atheos*, e *Polythios*, e as dos seus templos, e oraculos; A do campo, e Cidade dos *Deistas*, assim na primeira como na segunda entrada: A da historia do Peregrino a Confucio: A do sonho do Peregrino: A do bosque da Arabia: A das Povoaçoens, que se viaõ da montanha: A do Paraizo Mohometano: A da Cidade Celeste: A batalha dos *Libertinos*, e *Deistas*: As pazes, que se

firmaraõ

firmaraõ entre estas duas Colonias; e a historia de Polyphilo.

Eltes *Episodios* naõ fazem tanta extensãõ como o corpo da *Fabula*, e nas outras *Epicas* sãõ muito mais extensos, que a *Fabula* os *Episodios*. Se isto he defeito. eu me naõ descontento d'elle, porque me parece que no assumpto deste *Poema* era preciso que os *Episodios* fossem menos extensos, que a *Fabula*.

O delicado, e difficil preceito de que os *Episodios* sejaõ taõ dependentes da *Fabula*, que nesta connexãõ se consiga huma perfeita *unidade*, se me naõ engano, cuido que nesta *Epopeia* eltarãõ bastantemente conseguido. Para se conhecer bem a *unidade*, que deve ter a *Fabula* com os *Episodios* haõde perceber-se os *Episodios* como hums modos da mesma *Fabula*, ou que esta se acha modificada na differença dos *Episodios*.

O da Narraçãõ do bosque dos *Atheos* he para mostrar, com huma profunda allegoria, a somnolencia, e a escuridade em que elles vivem com o desconhecimento de huma *Causa superior*, que está taõ patente a todo o discurso humano.

A mesma força allegorica tem a descripçãõ do campo, e Cidade dos *Deistas*, e a do bosque, e monstros *Mahometanos*. Os Edificios, Idolos, e Oraculos de Confucio, sãõ huma imagem da cegueira com que os Pagaõs frequentavaõ a Idolatria. A segunda entrada no campo dos *Deistas* representa tambem allegoricamente com a mudança de arvores, e fructos, a felicidade dos que se convertem à Religiãõ Catholica.

A narraçãõ do Peregrino a Confucio foi para se dar principio à *Fabula*, e para se ter a necessaria noticia do *Herõe*. A historia de Polyphilo foi para se acabar de conhecer o Peregrino. A batalha dos *Libertinos* foi para preparar as pazes; e constituir hum lugar decente para o *Triumpho da Religiãõ*. A descripçãõ das Povoaçõens, que se viaõ da montanha foi para se offerecer entre ellas a Colonia de *Lutheranos*, e *Calvivistas*, que deviaõ entrar no combate. A do Paraizo dos *Turcos*, e a da Cidade Celeste; foi para mostrar melhor à vista de dois contrarios o verdadeiro conceito da Bemaventurança.

Todos estes *Episodios* estaõ formados, sem Nomes Gentilicos, nem espiritos celestiaes, que nas *Epopeias* se chaãõ *maquinas*, e que sãõ os defeitos, de que se accusaõ a Camoens, e ao Tasso; e sem este concurso naõ deixa de se lograr o *admiravel*, que nelles se procura.

O sonho do Peregrino na jornada da Arabia, aindaque tenha figuras *espirituales*, sãõ daquellas que nos propoem a nossa Religiãõ; e sendo este *Episodio* bastantemente pathetico, e estranho, o faz muito *verosimil*o. Ser em sonhos; e o ser juntamente muito provavel que o Inferno fizesse todas as diligencias para desencaminhar os projectos do Peregrino.

A descripção do campo dos *Deistas* tem bastante de extraordinaria para que também o *admiravel* se configure; e a formosura exterior dos pomos das arvores, das folhas, e das flores tem muita verifemelhança com os exemplos de Pentapolis.

Tambem o *verosimil* não se perde no *admiravel* do bosque, e monstros da Arabia por allegorizarem a difficuldade do caminho, que ha para se combaterem os *Turcos* sobre a sua seita, tendo fiado toda a disputa na violencia do alfange.

Na portentosa criação do *Heróe* concorda tambem o *admiravel* com o *verosimil*, offerecendo-nos a tradicção gentilica como successo historico a criação de Romulo, e Remo. Na historia, e tragedia de Polyphilo se lograõ as imagens *patheticas*, que devem introduzir-se nos *Poemas* para commover, ou para, como diz Aristoteles, expurgar o animo.

Aindaque regeitamos nos *Episodios* as *maquinas* gentilicas, usamos (bem que poucas vezes) de algum nome, que respeita à sua superstição, como Phebo, Herebo, Stygia, Lethes, Acheronte &c. o que pôde conceder-se aos Poetas Catholicos, conforme a doutrina de Lufan na sua referida Poetica, lib. 4. Cap. 9.

Pero quanto a lo physico, y moral bien poderá, a mi entender, el Poeta Épico valer-se de todas las expresiones de los gentiles, que estan yá universalmente recebidas, y usadas, como adorno proprio de la Poesia. De modo que no hallo dificultad, ni reparo alguno en que un Poeta Catholico se hade hablar de una borrasca, diga en frase poetica que Neptuno irado commovió todo su Reyno; y con la misma libertad podrz añadir a esse Neptuno los Tritones con sus cochas, Eolo con sus vientos, y las Nymphas marinas cymodoe, Deyopeya, y otras, con sus perlas, y corales.

§. XXX.

Do Desenho.

Estaqui todo o *Desenho* do Poema. O Peregrino depois de receber o desejo de que triumphasse a Religião, se achava combatido de varios cuidados pela difficuldade da empreza: Desatou esta consideração o seu mesmo Genio, offerecendo-se-lhe a acompanhallo na jornada; com este agradavel espirito passou o Peregrino ao bosque dos *Atheos*: Representa-se neste domicilio com a descripção do mesmo bosque toda a escuridade, e somnolencia, em que vivem os que não reconhecem huma *Causa superior, e independente*. Mostra o Peregrino aos coripeos do *Atheismo* a fallidade da sua ideia com varias demonstraçoens assim philosophicas, como historicas, astronomicas &c. Desconfia de que ellas produzão effeito

efeito em hum discurso tão tenebroso. Deixa este sitio, e metese na estrada, que o levava aos templos dos *Polytheos*. Encontra aqui hum Philosopho da China, que he hoje o Imperio, em que mais se frequenta a Idolatria. Dalhe conta o Peregrino dos successos da sua vida, e da sua estranha criaçãõ: chegaõ ao bosque dos Idolos: Declama o Peregrino contra a superstiçãõ gentilica: Retira-se o Philosopho envergonhado de não poder dar resposta aos argumentos. Segue o Peregrino a sua empreza: Chega ao campo dos *Deistas*: Aqui se representaõ allegoricamente as falsidades desta Seita: Entra o Peregrino na Cidade destes Sectarios a tempo que o seu principal Ministro explicava o *Deismo* ao Povo: Pede-lhe licença para arguillo; e mostra-lhe o engano dos seus discursos: Commove-se o Ministro, e hospeda o Peregrino em sua casa, a tempo que os *Libertinos*, moradores de outra Cidade vizinha, pertendem invadir com hum exercito a Cidade dos *Deistas*, saiem-lhe estes ao encontro; e dáse a batalha, aonde o *Herôe* mostrou a sua fortaleza. Fica indecisa a victoria, e ambos os exercitos sobre as armas para a decidirem na manhan seguinte. Naquella noite persuade o *Herôe* ao Ministro dos *Deistas* que faça as pazes com os *Libertinos*, e insinua-lhe a falsa gloria dos Conquistadores com o exemplo de Alexandre Magno. Offerece-se a ser o Nuncio da proposta: Passa com este intento ao campo dos *Libertinos*: intima-lhes q̄ para viverem sem emulaçãõ he o melhor meio que ambas as Colonias concordem nos pensamentos religiosos: com este motivo combate em primeiro lugar a Seita dos *Libertinos religiosos*, e ao depoisa dos *Libertinos Cyrenaicos*. Convem huns, e outros em fazer as pazes com os *Deistas*, aceitando todos a Religiãõ Christiana. Com este intento mandaõ ao velho Polyphilo, grande amigo; e confidente do seu Ministro, na companhia do *Herôe* para se conseguir este ajuste, que foi admittido pelos *Deistas*. Naquella noite referio Polyphilo ao *Herôe* os successos da sua vida: por elles conheceu o *Herôe* que Polyphilo era seu Pai: explica-se o alvoroço desta novidade: Intenta o *Herôe* seguir a sua empreza procurando o combate das outras Seitas: O Pai a pezar da sua saudade, lhe permite que a continue, dando-lhe a palavra de voltar outra vez àquelle sitio. Recommenda-lhe o *Herôe* que na sua auzencia acabe de aperfeiçoar a ideia da conversãõ dos *Deistas*, e *Libertinos*. Daqui passa em companhia do Genio à Arabia feliz. No meio do caminho teve hum sonho, em q̄ se descreve hum Conciliabulo Infernal: para lhe embarçar o intento de hir combater na mesma Provincia a Mahumed, hum Eremita da lei Mahometana, que vivia em huma gruta, em que assistio Mafoma. Acordou espavorido com o sonho, que lhe fez perder o caminho, e sem tino da jornada, que levava, discorreu pela Persia, e Indostan; e voltando à Syria visitou os lugares Sagrados, aonde recobrou o acerto da via, que tinha premeditado. Antes de se chegar à gruta, em que assistia o Eremita Mahometano,

havia.

havia hum bosque horrivel infestado de varios espectros, que pertenderão impedir o passo ao *Herôe*: Foi necessario combater com elles, e depois de vencidos, chega o *Herôe* à Caverna do *Turco*; e este o recebe com hum grande assombro, por ter chegado àquelle sitio, vencendo a horribilidade do bosque, e a fereza dos monstros, formando por esta causa do *Herôe* hum superior conceito; e aqui se allegoriza o vencer-se a difficuldade de serem combatidos os Mahometanos na sua Seita. Não pôde responder o *Turco* as demonstraçoẽs do *Herôe*, mas antes que se desse por vencido procura que elle ouça tambem outro Eremita Hebreo, que vivia da outra parte da montanha, por se fundar a lei de Mafoma em muitos delirios de Thalmud. Passa o *Turco*, e o Peregrino à gruta do *Hebreo*: para isso foi preciso subir ao cume da serra. Della se descobrião as Povoaçõens, que estavam pela costa da Arabia: Distinguia-se entre todas huma Cidade pelos Edificios modernos: Pergunta o *Herôe* quem a habitava? Diz-lhe o *Turco* que era huma Colonia de *Lutheranos*, e *Calvinistas*: Estima o *Herôe* esta noticia pelo desejo que tinha de combatellos: Chegarão à gruta do *Rabbino*: Faz-lhe o *Herôe* patente a allucinaçãõ das tuas esperanças: Da-se o *Hebreo* por rendido, e juntamente o *Turco*. Daqui vão todos tres à Colonia heretica: Entraõ em Casa do principal *Ministro*, que pertendia em huma grande assemblea concordar a differença das Seitas. Pede venia o *Herôe* para lhe mostrar o indesculpavel erro de se apartarem da Religião Romana. Na quella noite acabou o Ministro de reconhecer o seu engano, e para se firmarem mais no pensamento da verdadeira Fé, quiz o *Ministro*, o *Rabbino*, e o *Turco* prezenciar o que tinha obrado o *Herôe* nas Colonias dos *Deistas*, e *Libertinos*; e por esta causa o acompanharaõ nesta jornada. Chegarão ao campos dos *Deistas*, e reconhece o *Herôe* nas suas diferentes produçoens quanto tinha conseguido a mudança da Religião: Entraõ na Cidade, e se adverte o muito que Polyphilo a tinha felicitado. Foi o *Herôe* recebido com grande alvoroço do Pai, e das duas Colonias: Empreendem estas representar todas estas victorias em hum magnifico triumpho: Prepara-se este protentoso apparatus, e conduzem o *Herôe* ao templo, que os *Deistas* tinhaõ edificado na sua auzencia: Antes de se dar principio à açãõ declama o *Herôe* contra os *Incoherentes* à vista daquelle grande concuiso. O Prelado, que tinha vindo de Roma para promover as funçoens Ecclesiasticas, assegura o *Herôe* da verdadeira, e sincera fé de toda aquella gente: Dase principio ao triumpho, e descreve-se toda a sua pompa.

Devo confessar que este *Desenho* não he tão magnifico, e adornado; como o da *Iliada*, *Odissea*, e *Eneida*, e o da *Jerusalem* do Tasso; nem assim o pedia o argumento, aonde se devia attender mais à substancia da *Fabula*, que ao apparatus dos *Episodios*. As outras *Epicas* se fundáraõ sómente em huma maxima moral, e a miuha se funda em todas as maximas; e demonstraçoens

da nossa Religião. A Iliada fez-se com o intento de se ensinar sómente aos Príncipes a ruína que póde resultar da defunção dos confederados: maxima muito importante naquelle tempo para mostrar às Cidades da Grecia, que a não se unirem todas na sua confederação, triumphariaõ da sua liberdade os seus inimigos. Com a Odyísea deu Homero outra maxima aos soberanos, mostrandõ as infelicidades, que lhe podia causar a auzencia dilatada dos seus estados, assim como as padeceu Ulysses dilatando-se tantos annos sem voltar ao seu Principado. Com a Eneida mostrou Virgilio que às Républicas, e Reinos se acabavaõ, e principiavaõ outros pela vontade dos Deoses como succedeo no estrago de Troia, e na instituição do Imperio Romano para que com esta maxima podesse applicar a ferocidade Romana que não podia accommodar-se ao Dominio absoluto de Augusto, lembrada ainda do governo Republicano.

Qualquer destas maximas, por serem taõ breves, e concisas, dava lugar a cingir-se a *Fabula*, e a dilatar, e ornar os *Episodios*, o que não se podia lograr em hum assumpto taõ extenso, como o mostrar no combate de taõ differentes feitas as verdadeiras luzes da Religião Christã. Por esta causa, ainda que o meu *Defenbo* hê simples, e natural, tambem me parece que se acha bastante-mente unido, e conducente para o exito da empreza, que saõ as prerogativas, que lhe prescreve Horacio para elle ser perfeito.

Denique sit quodvis simplex dantaxat, & unum.

E com tudo tem o ornato bastante; e o que se podia esperar de huma Poesia sefuda, ascetica, e religiosa.

Monsieur Racini, filho, fez hum Poema da Religião, sem algum adorno; e por isso lhe não deu a devida extensaõ; e nos diz no seu Prefacio que

A Religião hé taõ grave, que a ficção mais judiciofa tomará nella hum ár de fabula, que senaõ poderá conciliar com a verdade.

Porem as minhas *ficções* todas saõ allegoricas, e inculcaõ ainda mais a gravidade do assumpto pelas verdades, que produzem; e por esta causa taõ pouco irreconciliaveis com ella, que antes a promovem com maior efficacia. A severidade, com que procedeu Racini neste Poema: ou para melhor dizer a dureza, e a secura, fez com que *ouíl* se não lograsse no *deleitavel*, sendo este o preceito mais sabido de Horacio:

*Aut prodesse volunt, aut delectare Poeta,
Aut simul, & jucunda, & idonea dicere vita.*

§. XXXI.

Da *Peripecia*, e da *Epignosis*.

Com a *Peripecia* se pôde chamar a esta *Epopeia*, Poema composto, requisito que faltou à *Iliada*, e conseguiu a *Odysséa*, e a *Eneida*. Celebra-se muito a *Peripecia* da *Eneida* representando *Virgilio* ao seu *Horé* perseguido dos homens, deseparado dos *Deotes*, profugo, despojado, e sem esperança de saudar a sua *Patria*; e depois de tantas calamidades mudar-se a sua fortuna para vir a fundar a maior *Monarquia*, que teve o *Mundo*. Eu também represento o meu *Heróe* tão infeliz, que logo que nasceu foi levado pela ferocidade de hum bruto a hum caverna, de que era impossível o regresso: Alli foi sustentado pela mesma fera entre a companhia de outros *Imaons* de tão estranha, e incompatível especie. A penas teve o uso da razão se apoderou do seu espirito todo aquelle espanto, e afogo, que se pôde considerar em hum carcere tão horroroso, e insuperavel.

Parece que se mudava a fortuna quando por hum superior auxilio se livrou daquelle tenebroso captiveiro, e áeu com os olhos de repente em toda a maquina do *Mundo*; porém reconheceu novamente a infelicidade, de ignorar o seu nascimento, e obrigarse à peregrinação de varias *Provincias*, sem outro socorro mais que o generoso impulso de recohecer as artes, e as sciencias. Ainda parece que continuava a mesma desgraça no combate dos *Atheos*, e *Polytheos*, por entender que os não deixava convencidos. Principiou a mudar-se a fortuna, quando conheceu, que *Polyphilo* era seu *Pay*, e soube na sua historia o seu illustre nascimento. Dahi em diante foraõ felices todas as suas acçoens até fazer triumphar a *Religião* das seitas, que era o fim da sua empresa.

Os instruidos nos estudos *Poeticos* he que devem julgar se temos satisfeito ao caracter da *Peripecia*. Com ella se acompanha a *Epignosis*, verificada no repentino conhecimento, que teve o *Heróe* de toda a fabrica, e adorno do *Univerão*, e no dos seus *Progenitores*, que lhe encheu o animo de alegria, e de alvoroço. Presumo que em todos estes lugares, e nos mais, que se achão no Poema, se attendeu muito ao *verosimil*, metendo o *hyperbolico*, e extraordinario na sua devída porporção para que ficasse congruente, natural, e digno de credito.

§. XXXII.

Da Imitação, que pertence á felicidade, ou infelicidade na Fabula: dos costumes; e da Commoção pathetica.

NA Imitação deste Poema, tambem me parece que tivê por exemplar a Natureza; e está quanto basta representada a felicidade, e infelicidade da Fabula, e do Herôe, como deixamos dito no §. antecedente; e da mesma sorte os costumes, que se imitaõ por amor da mesma Fabula. Em todas as partes mostra o Peregrino o caracter de Religioso, infatigavel, intrepido, erudito, modesto, e Catholico. No combate das feitas desempenha heroicamente o zelo da Religião; e o conhecimento dos pontos mais principaes da contravertida: Nas jornadas da Azia a constancia da sua empreza: Na batalha dos Libertinos, e no ataque dos monstros, o seu valor: No modo de triumphar dos Sectarios, a sua modestia. Sempre conserva este caracter, sem haver ou acção, ou palavra, em que o desmintu, no que errou tantas vezes Virgilio com a piedade do seu Eneas.

Persuado-me que juntamente estaõ imitados com decôro os amores de Polyphilo, e a honestidade da Dama. Os costumes das Personagens, que entraõ nas disputas da Religião, cuidõ que tambem fenaõ apartaõ da propriiedade: Falla o Atheo com ignorancia: o Polytheo com cegueira: o Deista, e Libertino com descuido: o Hebreo com oblnação: o Lutherano, e Calvinista com deslumbramento.

A Commoção pathetica se logra com sufficiente impulso na discripção da caverna, em que se criou o Peregrino, e nas paixoes, que lhe incitava aquella indissolluvel escuridade: Na historia, e tragedia de Polyphilo; e na sua exclamação lastimosa: No sonho do Peregrino: Na carranca do bosque da Arabia, e no combate dos monstros.

§. XXXIII.

Da Locução.

SE o estylo da minha Epica tem todas as qualidade, que lhe assigna o P. Rapin: se he congruente, claro, natural, brilhante numerofo: e se os versos saõ constantes, cheios, canoros, encorpados, naõ devo eu decidillo, porque esta sentença pertence ao juizo dos meus Leitores. Só digo que procurei hum temperamento entre a pompa Hespanhola, e a simplicidade Franceza; estou persuadido que parecerei claro, e natural; mas naõ sei se nesta clareza, e naturalidade se conserva a constancia, o esforço, e a boa harmonia do Verso: Ninguem pôde ser Juiz em causa propria.

Algum tempo me levou a consideração em que genero de Poesia faria este Poema: os Poetas Vulgares, tanto Hespanhòes, co-

L *Prolegomeno.*

no Italianos, todos fizeram os seus em *oitava rima*, excepto Dante, que o fez em tercetos. O costume se quera converter em preceito; mas eu tinha reparado que a Poesia das oitavas pela obrigação de clausular, ao menos de quatro em quatro versos, se faria frouxa, e languida, e não permittia aquelle desafogo, que dá maior impulso ao raptu poetico. Nos Poetas Latinos, aonde não ha estas precisas estancias descobria a versificação mais livre, e impetuosa; e mais bem logradas as discipções, os pensamentos, as figuras, as imagens; e a narraçãõ mais corrente, unida, e proporcionada.

Conheci tambem que Aristoteles só preceitua nos Poemas *Epicos*, ou *Tragicos*, o verso Hexametro, que corresponde ao nosso hendecasyllabo; e não via por nenhuma parte alguma necessidade, que me obrigasse a fazer o *Poema* em Oitavas. He verdade q̄ Aristoteles não tinha na Poesia Grega esta especie de verso para poder preceitualla; mas nem os Poetas, que a elegerãõ para as suas *Epicas* tinhaõ authoridade para a introduzirem entre os preceitos da *Epopèia*.

Resolvime emfim, a eleger outra versificação, em que podesse imitar o desafogo dos Gregos, e Latinos acrescentando-lhe os consoantes; porque a Poesia vulgar, sem elles, fica insipida, e desapravivel, e porisso disse Luiz de Gongora na Fabula de Leandro.

Que yò a piè quiero ver màs
Un toro suelto en el campo,
Que en Boscañ, un verso suelto,
Aunque sea en un andamio.

Affegurei o meu intento com o voto do referido P. Rapin, que nos diz que as estancias Italianas enfraquecem muito a força, e vigor da Poesia, em que consiste huma grande parte do caracter do verso heroico. Este voto he de tanto pezo que não posso deixar de produziillo com as mesmas palavras Francezas:

Ces repos toutefois, & ces interruptions auxquelles la Poësie Italienne est sujette par ses stances, me semblent affoiblir heaucoup la force, et le Vigueur, qui fait une partie du caractère du vers heroique.

Os modernos tem introduzido varias impertinencias na Poësia vulgar, e algumas contra o preceito de Aristoteles. Não querem admittir palavra, que não esteja muito adoptada no nosso Idioma: O Philosopho diz o contrario.

Multe enim dictionis ipsius affectiones sunt, quas Poetis indulgemus.

Peregrinum voco varietatem linguarum, translationem, extensionem, tum quodcumque à proprio alienum est.

Usei com toda a moderação desta licença: raras são as vozes Latinas, ou Greco-Latinas; que se encontram neste Poema: Virgilio se aproveitou, além desta, de outras licenças, com que a Rhetorica, dando-lhe o nome de figuras, tem desculpado estasousadas. Eu a penas pratico a *syncope*; dizendo *offerece* em lugar de *offerece: exprimentos*, em lugar de *experimentos: espiritualizar* em lugar de *espiritualizar*. E alguma vez farei huma syllaba longa em lugar da breve; e a breve em lugar da longa.

Tambem não consentem os Aristharcos do nosso tempo, em que haja assoantes seguidos, ou no fim, ou no meio, ou no principio do Verso; nem que as ultimas diçõens se correspondão com os mesmos assoantes. Em hum Soneto bem se podem admittir estes escrupulos; na extençaõ de huma *Epica* desejava vellos executados, sem que perdesse a Poesia huma grande parte do seu esforço: A nossa lingua he muito pobre para a observaçaõ destes dictames. Se Quintiliano disse da Latina; *Paupertate sermonis laboramus*; que poderemos nós dizer da Portuguezza?

Com tudo ainda que neste *Poema* se achão algumas vezes, e não serão muitas, os assoantes juntos no principio, ou no meio ou no fim do verso, não haverá verso, que nas ultimas diçõens os tenha correspondentes.

Reprovaõ tambem as Cacafonias, e he certo que as rigorosas se devem evitar, como aquella do nosso Camoens *mas morra*: as outras devem-se soffrer; pois se nos melhores Profitas se perdoão, quanto mais se devem perder nos Poetas?

Muitos pertendem que na *Epica* devaõ ser frequentes as *sentenças*, os *conceitos*, as *reflexõens*, e as *agudezas*: Macrobio no cap. 16. do liv. 5. nos diz que os Poemas de Homero estaõ cheios de *Sentenças*, e que a cada huma dellas se lhe pôde dar o nome de *proverbio*. Porém o famoso critico Heinsio pertende na sua Poetica de Aristoteles, que estas *reflexõens sentenciõsas* pertencem mais ao *Poema Dramatico*, que ao *Epico*, porque o caracter mais essencial da *Epica* he a *narracão*, a qual deve ser *unida*, e *simplex*, sem affectaçãõ de figuras, e apparato de *reflexõens*, que sempre interrompem a força, e o progresso da Oraçaõ: Cicero he do mesmo voto no lib. 4. ad Heren, (ou quem quer q̄ seja o Author desta obra) onde insinua que as *Sentenças* se devem usar mui raramente na *Epica* para que senão veja que as *personagens*, que nella fallãõ, se constituem mestres dos *costumes*.

E se as *Sentenças* senão devem admittir por estas razões no *Poema Heroico*; muito menos se hãõ de permittir os *conceitos*, e as *agudezas*, porque desordenaõ mais o curso da Oraçaõ.

Por esta doutrina se conhecerá o motivo, porque nesta *Epica* attendi só ao *narrativo*, e me fiz esquecer do *figurado*, do *agudo*, e do *conceituoso*, ainda que em alguma parte senão perdeu totalmente da memoria. Em todas as *Epopéias* acho os *similes* muito frequentes, e dilatados; e não sei com que motivo pervertendo-se nelles também o progresso dos periodos: Os poucos *similes*, que eu trago são de muita concisão, e simplicidade, e sem aquelle apparatus, com que os tem adornado os melhores Poetas: Se me accusarem por me apartar nesta parte dos seus vestigios, pôde servir-me de contestação o reconhecimento da culpa.

§. XXXIV.

Da Narração da Fabula, e das Dramas.

Vendo que nas melhores *Epicas* se condemnaõ as *narraçoens* diffusas, pôz todo o cuidado, em que as minhas fossem succintas: Se ellas tem defeitos são mais pelo conciso, que pelo extenso; antes quiz deixar o meu Leitor deseioso, que enfastiado. Se além da concisão se pôde dizer que estas *narraçoens* são *animadas*, *vivas*, *simplices*, *agradaveis*, e *naturaes*, que he como as procuraõ os criticos, não está da minha parte o proferillo, e só receber com docilidade o juizo alheio.

Nas *Dramas* está fundado, e tecido todo este *Poema*: o *Herôe* he o seu principal motor, e parece-me que cada huma das personagens falla conforme a figura, que representa.

§. XXXV.

Da Allegoria.

R Eputa-se a *Allegoria* pela alma do *Poema Heroico*: A mais illustre se deve fundar em hum combate da virtude com o vicio: Debaixo desta doutrina parece que era escusada alguma *Allegoria* neste *Poema*; pois neste mesmo combate se funda a acção literal do *Triumpho da Religião*, mas por não faltar ao preceito de huma *Allegoria* occulta, digo que no *Herôe*, acompanhado do *Genio* se symboliza o *entendimento* acompanhado da *Razaõ*. Nos *Atheos Polytheos*, *Deistas*, *Libertinos*, *Mahometanos*, *Hebreos*, e *Protestantes*, se symbolizaõ os sete peccados Capitais: Nos combates, que tem o *Herôe* com estes Sectarios, e nas victorias, que delles alcança, se symbolizaõ os que tem o *Entendimento* com as paixõens viciosas, quando se acompanha da *Razaõ*, e tudo com bastante propriedade, pois assim como na *Epopéia* não ha coiza mais rara, e excellente, que o *Herôe*, assim no composto humano não ha coiza tão excellente, singular, e rara, como o entendimento; e por esta causa dei ao *Herôe* o nome de *Peregrino*; pois com este nome se explica, não só

o que

o que anda viajando pelo Mundo, mas tudo o que está cheio de *excellencia*, de singularidade, e admiração; e assim como o *Herós* he a personagem mais nobre da *Epopoia*, assim o *entendimento* he a mais illustre das potencias. Assim como o *Herós*, instado do *Genio*, reconheceo tantas Provincias, assim o entendimento com a natural propensão de saber, se dilata por todas as partes do Univerſo: Deixo de trazer outras combinaçoens entre o *Herós*, e o *entendimento* para as deixar à intelligencia, e curiosidade dos Leitores.

Da mesma forte se continúa a analogia entre a *Razaõ*, e o *Genio*. Pois assim como o Anjo Custodio nos encaminha, persuade, e acompanha em todas as acçoens virtuosas, assim a *Razaõ* he que dirige, persuade, e acompanha o entendimento a reconhecer a virtude, e a abominar o vicio.

Com a mesma congruencia está symbolizada a *Soberba* nos *Atheos*; pois assim como estes não aceitaõ *Causa superior*, que domine o universo, assim a *soberba* não pôde foygeitar se a alguma superioridade: com esta elevação he que Lucifer, que he o *Pai da soberba*, negou a foygeição ao seu mesmo Criador.

Symboliza-se nos *Polytheos* a *Avareza*; pois assim como estes fizeram taõ ambiciosa a sua superstição que não houve produção na Natureza que não pertendessem introduzillá entre as suas Divindades, adorando até as plantas, e fructos, que nascião nas hortas, e ainda as coizas mais vis, e immundas, assim a *Avareza* deseja possuir quanto lhe vem à imaginação; e este desejo, e a posse de tudo aquillo a que aspira, he o seu maior Idolo.

Symboliza-se a *Luxuria* nos *Deistas*; pois assim como estes desprezaõ todos os preceitos da Religião, assim não ha estímulo taõ vehemente como o da *Luxuria* para o desprezo de todos os dictames, civis, economicos, e Sagrados. Nos campos dos *Deistas* estão symbolizados tambem os effectos da mesma *Luxuria*: As arvores, e os pomos, sem ânago, e as espigas, sem graõ, representaõ que neste vicio não ha mais, que hum deleite exterior: As hortigas entre as fearas inculcaõ as desgraças e os remorsos, que deste incendio se originão: A instantanea cór das folhas; e das flores, e que se distinguem, a penas se tocaõ, declara que neste vicio não ha mais, que huma apparencia fugitiva. O ribeiro claro, fetido, e amargoso, iusinúa o arrependimento, que se segue à satisfação do appetite: Os Edificios, sem telhado, porta, ou janella int.mão a dissolução deste peccado, sempre patente a todos os objectos, que se lhe offerecem.

Symboliza-se a *Ira* nos *Libertinos*; porque assim como esta feita he a menos contida em todas as regras, que dicta o lume natural, assim não ha paixão mais indomita do que a *Ira*: Na irrupção que os *Libertinos* empreenderão na Cidade dos *Deistas*, e no furor com que sustentaraõ a batalha estão representados todos os impulsos de hum movimento colerico.

Symboliza-se a *Gula* nos *Mahometanos*; pois assim como na sua lei se constitue toda a felicidade do homem nos banquetes, e em outros gostos sensiveis, assim a *Gula* poem toda a felicidade no appetite dos manjares. Diziaõ os Israelitas, quando estavaõ ameaçados da inva-
saõ dos Chaldeos.

Ecce gaudium, & Letitia: Occidere vitulos; & jugulare arietes: Comedere carnes, & bibere vinum: Comedamus, & bibamus, cràs enim moriemur.

Sardanapalo mandou gravar no seu sepulcro este epitaphio.

Ede, bibe, Lude, post mortem nulla voluptas.

Symboliza-se a *Enveja* nos *Hebreos*; porque a que tiveraõ aos milagres de Christo: *Hic homo multa signa facit*, he que os fez precipitar no Deicidio do seu mesmo Mellias, e sustentarem-se na obti-
naçãõ da Synagoga.

Debebant (diz o A'lapide) ex tot Jesus signis, & miraculis convinci, & credere esse Messiam Dei Filium: sed odio, & invidia excæcati, contrarium dicunt, & agunt.

Symboliza-se a *Preguiça* nos *Protestantes*; porque aborrecendo as ceremonias sagradas, excogitaraõ huma feita preguiçosa, que os eximisse da satisfacãõ dos ritos Ecclesiasticos, e da frequencia dos Sacramentos; e o deicuido, e a laxidaõ da sua vida, he que os difficulta a voltarem para o gremio da Igreja.

No *Triumpho da Religiao* se symboliza a victoria, que destes vicios capitaes alcança o *entendimento*; e nas sete carroças, em que se representaõ rendidas as feitas, se torna a symbolizar o reudimento dos mesmos vicios triumphando delles o *Entendimento*, symbolizado no Peregrino.

Supposta a declaraçãõ, e combinaçãõ de todos estes preceitos, naõ presumaõ os meus Leitores que eu fico com o desvanecimento de ter satisfeito ao desempenho da *Epica*, que confõrme a doutrina de Aristoteles, *he hum jusso, regular, e proporcionado composto de todas estas partes*; porque ainda que eu podetse superar taõ alta difficultade, qual seria o critico, que me quizesse conceder aquella gloria, que se tem negado aos primeiros engenhos da profusaõ Poetica? He taõ arriçado, o juizo dos Censores, que sendo o P. Rapin dos mais habeis, e ingenuos, que se conhecem, se vê com bastante admiracãõ, que aquelles mesmos lugares, que louva em Homero nas suas *Reflexoens do Poema Epico*, taõ os mesmos, que condemna no *Parallelo*, que fez de Homero, e Virgilio. Tal
he

he o perigoso humor dos mais sabios Criticos, que humas vezes reprovaõ o que outras applaudem. Em Tribunal taõ inconstante, e voluntario, qual será o engenho, que aindaque configa o acerto, se possa livrar de huma iniqua censura?

Para merecer alguma desculpa nos meus erros seja-me permitido o dizer que este *Poema* he obia de dois mezes; pois se lhe deu principio a 23. de Maio, e se acabou a 23. de Julho do mesmo anno; tempo, em que estava o meu animo combatido das maiores afflicçoens, tanto do corpo, como do espirito. Se se adverte que Virgilio andou mais de doze annos com a sua *Eneida*; Tasso quasi outros tantos com a sua *Jerusalem*; Camoens perto de dezoito com as suas *Lusiadas*, e Sanzaro mais de vinte com o seu *Poema de Partu Virginis*, poderá parecer a brevidade, com que se compoz o meu *Triumpho* hum dos successos mais inverosimeis, que podia ter o *Poema*. Se todos tem errado na fabrica da *Epopeia* sem embargo de lhe levar tantos annos de consideraçã, parece-me que será mais desculpavel hum desacerto repentino, que hum erro premeditado.

ALCANTARA

Et in nomine dei amen
Catholicae religionis : carissimis
Deo nostro.

Patm. XXXIX. 2. IV.

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO I.

Contra o Atheismo.

Grande aççao me arrebatada ao alto cume
Do sempre claro, incomprehensivel Lume,
Onde em Luzes naufraga a intelligencia:
Que ardor mais digno de immortal cadecia,
Que aquelle, em que o dezejo se destina

A 2

A^o

Atheismo: Vem do Grego *Theos*, que significa *Deos*, e do seu (*a*) privativo; e he o mesmo que *Seita*, que nega a existencia de Deos. Porém os que seguem este delirio saõ huns monstros, ou abortos da Natureza. *Neque ulla tam barbara gens fuit, quam Deorum religio non imbuirit*: diz Cicer. Tuscul. 2. e no livr. 1. de Legib. *De hominibus nulla gens est tam immanis, qua non etiam, si ignoret qualem Deum habere deceat, tamen habendum sciat.* Entre os que desprezaraõ a Divindade se numera Mezenzio, Rei dos Tyrrenos: (Virgilio faz delle mençao no livr. 7. da Eneid. v. 64.)

Prinus init bellum Tyrrenis asper ab oris

Contentptor Divum Mezentius — — —

Macrobio testifica que elle fora: *Impius in homines, sine Deorum respectu.*

A' sabia comprehensãõ da Lei divina?
 Pendente fique a Lyra da vaidade,
 Com que a incauta, ligeira mocidade
 Ferio de balde as cordas do instrumento
 Em taõ ocioso, desmaiado alento:
 Emendem-se estes erros, estes danos
 No desprezo de objetos taõ profanos.
 Chamem-se as Musas a mais nobre empreza:
 Mas em que Musas fallo na grandeza
 De impulso tanto? O' Nume Onnipotente,
 Sciencia eterna, Virtude intelligente,
 Immutavel Razaõ, Ente improduto,
 Inspirai no meu peitõ o ardente fruto
 Do vossõ resplandor, da vossa ideia,
 Porque desfate a sombra, que me enleia,
 E fonder deste espanto o' golfo possa:
 Ajudai, e influi, que a causa he vossa.

E Vós, O' Vice-Deos do Santo Imperio,
 Que

Affirma Suidas, que os Athenienses destruíraõ a Ilha Melos, por terem
Atheos todos os seus moradores; sem escapar deste estrago mais que Dia-
 goras: Prothagoras Abderita, discipulo de Democrito, foi expellido de
 Athenas pelo mesmo crime: Theodoro arrogantissimo Sophista, e disci-
 pulo de Aristippo, cahio na mesma loucura. O mesmo Aristippo fundador
 da Seita Cyrenaica, e Pyrrhon da Pyrrhonica, se infamaraõ com este de-
 licto. O Egocidio de Philippe Strozza, o fez tambem mui sospeitoso do
Atheismo.

Hé verdade que alguns tiveraõ esta reputaçãõ, naõ por desconhece-
 rem alguma Divindade, mas por naõ quererem aceitar o Deos, que ou-
 tros adoravaõ: Isto succedeu a Anaxagoras, e a Evemero com os Athe-
 nienses; e talvez que por esta razaõ desterrassem a Diagoras. Alguns Au-
 thores nos querem persuadir que naõ só houve individuos errantes com

Que elevado no throno Pontificio
 Regeis da nova aliança o Magisterio:
 Do incruento, ineffavel Sacrificio
 Supremo Sacerdóte: Luz brilhante
 No pharol do Navio militante:
 Mestre da Fé: Oraculo da Igreja
 Onde de balde a colera forceja,
 Do Abismo com arrojo temerario:
 Successor, e legitimo Vigario
 De Pedro, e Christo: Interprete divino
 Da Maxima celeste: Hum Peregrino,
 Que intenta na expressão de hum novo Verso
 Espalhar vossa gloria no Universo,
 Affavel consenti que busque amparo
 Entre os raios de asylo taõ preclaro.

No vosso Nome se achaõ circunscritos
 Os dotes immortaes dos Benedictos:
 Esta feliz, sagrada heroicidade
 Impressa vinha já na claridade

A 3

Da

esta barbara opiniaõ, mas que a tiveraõ Naçoens inteiras. Entre ellas conta Jacobo Onzelio aos *Borussos*, povos da Sarinata Europea: Jozeph da Costa aos *Chichemecos* da nova Hespanha: Herberto, author Inglês, aos *Solanos*, povos da Africa. O Ministro Jurieu nos affirma que a Naçaõ dos *Cannibales* conhecia taõ pouco huma Divindade superior, que estava no conceito que o delicto mais horrivel lhe naõ gravava a consciencia. O Author desta noticia he mui sospeitoso depois de ter provado tanto o seu fanaticismo na exposiçaõ que fêz ao Apocalypse. Outros referem, que entre os Barbaros do Cabo da Boa Esperança ha a Naçaõ dos *Hottentots*, que tambem desconhece a existencia divina. Mas naõ sei se todas estas narraçoens estaõ expurgadas com a advertencia de huma boa critica.

Da casa Lambertini: * O seu progresso
 Confunde o vaticinio no successo:
 Prospero vos chamastes no Baptismo:
 Character foi o Nome, e Cathecismo.

Se alto Patrono a Epica procura,
 Onde Mecenas de maior altura
 Se póde descobrir? Se douto o emprende,
 A que parte não chega, ou não se estende
 Da vossa erudição o raptio ativo?
 Se hum favor, ou indulto successivo
 Dezeja conseguir, quem mais piedoso,
 Mais placido, benigno, e generoso?
 Descobri, Santo Padre, o pé sagrado,

Para

* A Casa *Lambertini*, de quem descende o Pontifice Reinante Benedicto XIV. he das mais illustres de Bolonha, sua Patria; e todos os seus gloriosos Ascendentes occuparão os mais relevantes empregos no tempo em que foi Republica esta Cidade: são as armas desta familia quatro palas de vermelho em campo de ouro, e são tambem as dos Reis de Aragoã, concedidas por el-Rei D. Affonso do mesmo Reino a Aldragheto *Lambertini* em remuneração dos serviços, que lhe fez na Conquista do Reino de Valença, e das Ilhas de Malhóica, e Menorca.

Aldragheto tomou o appellido *Lambertini* em memoria de Lambertto seu Genesiarcha, que era Alemão, filho do Conde Mendo, e veio á Italia em companhia, e serviço do Imperador Otton o Magno, que lhe deu bens na mesma Cidade de Bolonha, onde ficou vivendo, e a sua posteridade. Foi seu descendente Gerardo *Lambertini*, que se cruzou, e acompanhou a Gothfredo de Bulhon na guerra da Palestina pelo anno de 1096. No de 1149. foi Egano *Lambertini* o que ganhou o primeiro premio nas justas publicas, que houve na Cidade de Bolonha: No de 1300. se achava Capitaõ de Orvietto Lambertino *Lambertini*. No de 1326. Egano *Lambertini* seu filho foi Embaixador dos Bolonhezes aos Florentinos, e pelos grandes serviços, que fez á sua patria com esta negociação, lhe deu o Senado o Senhorio de Vicellino. No de 1331. foi Governador de Perugia, e depois Potestade de Citacastello de Rimini, e de Florença. No de

Para que o Herôe no throno sublimado
 Humildemente o beje , antes que intente
 Levar a pura Lei do Occaso ao Oriente ;
 Recebendo de Vós a luz Divina ,
 Que promove a Evangelica Doutrina ;
 E este esforço , que o tempo não consome ,
 Mais que ao plectro , se deva ao vosso Nome.

Não se desdenhe o excelfo Vaticano ,
 Nem da Parrhasia o espirito Romano ,
 Se entre o illustre , scientifico socego
 Ouve cantar huma Ave do Mondego :
 Se esta cadencia chega ao vosso Solio ,
 Digna será de ouvilla o Capitolio ;

A 4

E

1333. era Guilherme *Lambertini* Senhor de Poggio: este se empregou toda a sua vida no serviço da Patria: Foi Embaixador de Bolonha ao Rei de França; depois Superintendente de todas as fortalezas do estado de Bolonha, e ultimamente Potestade de Placencia, e depois de Asti. Teve a Guido *Lambertini*, que foi Senhor de Poggio; de quem foi filho Egano *Lambertini*, que no anno de 1378. foi General de grande nome em serviço da Igreja contra Bernabê Visconti, Conde, e Senhor de Milão, e depois foi General do Marquez de Ferrara; e no anno de 1379. General do socorro, que os Bolonhezes mandáraõ aos Florentinos: No de 1383. mereceu o titulo de Conservador da Patria, por haver livrado Bolonha do grande perigo de huma conjuraçãõ. Foi filho deste Joã Antonio *Lambertini*, o qual foi Pai de Egano *Lambertini*, que no anno de 1491. foi Senador de Bolonha, e de taõ grande talento, que Fernando Rei de Naples o convidou para hir viver na sua Corte; e além de outros empregos, de que o encarregou, o fez Vice-Rei de Sicilia: Succedeu-lhe no senhorio de Poggio Aldrighetto *Lambertini*, que servio no exercito do Rei D. Affonso de Aragaõ commandando hum corpo de tropas na restauraçãõ, e Conquista do Reino de Valença, e Ilhas Baleares; por cujos serviços lhe concedeu aquelle Rei as suas mesmas armas, como assima se disse. Deste foi filho o Conde Guido Antonio *Lambertini*, que teve por filho o Conde Sartorio *Lambertini*, que servio com distincãõ em Flau-

E de que o Tibre não se descontente
 De introduzir hum Cisne do Occidente
 Nas suas doces margens: Sendo aceito
 No vosso agrado o harmonico conceito;
 O Quirinal, o Celio, o Palatino,
 Viminal, e Tarpeio, e o Exquilino
 Há não só de attender ao canto novo;
 Porém se Protecção taõ alta provo,
 Hirá do Tejo ao Ganges, porque suba
 O metrico clangor da minha tuba
 Ao thalamo da Aurora; e se ennobreça,
 Desde onde a sombra baixa, e a luz começa.
 Do meu Herôe o ingenito desígnio
 Entrego ao vosso Sacro Patrocínio:

Os

dres ao Imperador Carlos V. e ao Rei Philippe II. Continua-se esta esclarecida descendencia no Sobrinho do Papa Reinante, que he D. Egano *Lambertini*, Marquez de Poggio, Cavaleiro privilegiado de Malta, Patricio Romano, Venesiano, Genovêz, e Ferrarêz. Foi eleito Gonfalonero da Justiça de Bolonha no anno de 1747.

Além destes, houve nesta familia Varoens muito doutos, como Joã Baptista *Lambertini*, filho do Senador Bartholomeu *Lambertini*, Varoã doutissimo, que renunciou as esperanças do seculo na Religião da Companhia de JESUS: Bartholomeu *Lambertini*, filho de Alberto *Lambertini*, que foi Collegial, Doutor, e Lente de Leis, e hum dos Reformadores do Estado de Bolonha no anno de 1431.

Guido *Lambertini* Doutor em Leis, e Capitão da expedição de Pistoia, e o que admittio, e socorreu os Franciscanos para fundarem a sua primeira Caza em Bolonha. Não só em armas, e letras, mas tambem em santidade, tem sido clarissima esta familia: della procede a Beata Imelia, Religiosa Dominica, que faleceu com opiniaõ de Santa em 1333. Joanna *Lambertini* Freira de Santa Clara de Bolonha, discipula de Santa Catharina de Bolonha, e sua successora no Abbadeçado: morreu com fama de santidade no anno de 1476.

Os sublimes impulſos , que o arrebatãõ ,
 No voſſo grande eſforço ſe retratãõ :
 Vós o eſpirito ſois dos ſeus alentos :
 Taõ ſantos , taõ illuſtres pensamentos
 Tomai por voſſa conta o dirigilloſ ,
 Ficarã pela minha o repetilloſ.

No meio do caminho de huma vida ,
 De encontradas ideias combatida ,
 Se achava hum Peregrino , acompanhado
 De novas impreſſoens do ſeu cuidado ,
 Quando vio ao ſeu lado hum paſſageiro
 De alegre aſpecto , roſto liſongeiro ,
 Que com doce agafalho o perſuadia
 A aceitallo na ſua companhia :
 Perguntou-lhe quem era ? * Naõ conheces
 O teu Genio ? lhe diz : Se he que appeteces

Hir

* *Genio* entre os Ethnicos era aquelle eſpirito , que preſidia na geraçãõ de todos os entes , na fundaçãõ dos Reinos , e Cidades , e no naci-mento dos homens ; tomando á ſua conta os augmentos da ſua fortuna : Entre os Chriſtaõs ſignifica o *Genio* o noſſo Anjo Cuſtodio , que he o que verdadeiramente nos aſſiſte com o ſeu patrocinio : Nem nos podem accuſar que expliquemos hum auxilio Celeſte com huma palavra , que teve eſte meſmo ſentido na ſuperſtiçãõ Gentilica ; porque Boldonio nos adverte na ſua Epigraphica , que *Genio* naõ he palavra taõ profana , que naõ poſſa ſer adoptada de huma ideia Catholica . Tambem pôde ſignificar o meſmo *Genio* aquella propenſãõ natural , com que ſe movem as noſſas acçõens ; aonde parecem faceis todas as emprezas difficultoſas . Eſte ſegundo ſentido eſtã mais conforme com o reparo deſte lugar ; e neſta figura do *Genio* natural , ſe pôde representar o *Genio* Celeſte , e fica ſendo huma imitaçãõ de Homero , quando na figura de Mentor encobrio a Deoſa Minerva para acompanhar , e dirigir a Telemaco na ſua peregrinaçãõ , quando andava buſcando a ſeu Pai Ulyſſes .

Hir ver o que ha no Mundo , que he projecta
 Dos que tem às sciencias grande affecto ,
 Em mim sempre terás hum bom amigo :
 Em todo o tempo me acharás comtigo
 Para affistirte , para acompanharte.

Tu vens : o Peregrino lhe responde :
 Em taõ boa occasiaõ , que persuadido
 De hum intrinsecos arrojio o meu sentido
 Me impelia a levar a Fé Romana
 Ainda muito àlem da Taprobana ,
 Se me fosse possivel : Tanta empreza
 Me acende o coração ! E fortaleza
 Cuido que tenho , e impulso vigoroso ;
 E naõ sei que destino portentoso
 Para fixar o Lenho Sacrosanto
 Sobre os cumes do Tauro , e do Erymanto :
 Naõ temerei da Lybia a areia ardente ,
 Nem as neves do Caucaço : patente
 Farei da redondeza o Labyrinto ,
 Pelo excelso valor , que em mim persinto :
 Se acaso neste empenho me acompanhas ,
 Sondarei as Provincias mais estranhas ,
 Até que , desde o Poente até o Levante ,
 Triumphe a Igreja na parte mais distante.

Muito me alegro que taõ heroico intento
 Conceba o teu sublime pensamento ;

Lhe diz o Genio : Vamos, que eu te affisto :
 E sem outra demora, que os detenha,
 Ambos as luzes seguem, que os empenha
 A procurar com animo devoto
 Do Universo o caminho mais remoto.

Admirado se via o Peregrino
 Do estranho companheiro : Consultava
 Se nelle algum myfterio se occultava :
 Lembrou-se cuidadoso, e resoluto

† Do espirito de Socrates, e Bruto:
 Mão Genio não suppunha na influencia
 Desta santa, e benigna Intelligencia :

Que

† São famosos na antiguidade os *Genios* de Socrates, e Bruto. Apul. de *Deo Socrat.* disse que o *Genio* de Socrates era hum Deos. Laetancio, *Instit.* lib. 2. cap. 14; e Tertul. no *Apolog.* disserão que era hum Anjo mão: Apul. tem crido que era visivel; Plat. in *Theag.* que era invisivel. Maxim. de *Tyr. Sermonib.* 26. & 27. segue que era o remorso da consciencia. Pomponac. de *Incantat.* cap. 11. & 12. vai com a opiniaõ de que era o Astro, que dominava no seu horoscopo, &c.

Segundo Just. Lips. *monit. & exempl. Polit.* lib. 1. cap. 5. foi visitado Bruto, marido de Porcia, do seu *Genio*, e perguntando-lhe quem era? lhe respondeu que se tornariaõ a ver nos campos Philippicos; e antes da batalha que nelles se deu, em que Bruto foi morto, cumprio o *Genio* a sua palavra.

Põde-se dizer que representando aqui o *Genio* a inclinaçaõ propria, que não he verosimil dar-se figura humana a huma qualidade abtracta; porém os pintores estaõ continuamente pintando estas figuras, como v.g. a Prudencia, a Justiça, &cet. e aos poetas concede o Mestre Horacio na sua Arte poetica a mesma licença que se permite aos pintores: Além de que não he novo na historia este apparecimento de qualidades abtractas em figuras humanas. Conta Plinio Junior epist. 7. ad *Suram.* que a Q. Curcio Rufo lhe apparecera huma mulher, que lhe disse que era a Africa, annunciando-lhe o futuro governo desta Provincia. O que aqui era este *Genio* se verá no ultimo livro, quando desappareceo do Lado do Herões.

Que Anjo fosse o desejo , pertendia :
Mas taõ alto favor naõ presumia.

Ao discurso lhe vem , que ser podesse
A propria inclinaçaõ ; mas que tivesse
Figura humana , todo o seu desvello
Naõ podia fingillo , ou comprehendêllo.

Nesta confusa ideia suspendido ,
Rompe as imagens do velôz sentido ,
Entregando o valor de tanto affecto
A nobre execuçaõ do seu projecto :
Desfata o susto , a duvida despreza ,
E obedece ao clamor da illustre empreza.

* Depois de hum largo , laborioso curso ,
Se offrece entre as fadigas do discurso
† Hum bosque , taõ funesto , e emmaranhado ,
Que nunca o Sol o tinha penetrado
Com seu brilhante incendio : a noite escura
Fazia aqui morada , ou sepultura.

Carregavaõ-se os ramos com o pezo
Das indigestas sombras : no desprezo
Das luzes , suspirava o tronco enorme :

* *Depois de hum largo.* Allegoriza-se a difficuldade de se acharem os *Atheos* , pela consideraçaõ de serem muito raros os que caem neste absurdo.
† Toda a descripçaõ deste bosque he huma allegoria da escuridade , e fouolencia , em que se acha o discurso dos que seguem o *Atheismo* , por ser taõ patente a evidencia que tem o entendimento humano de que ha huma Causa superior.

O vento se apalpava: adormecia
Em profunda modorra o negro dia:
Tudo taõ sonolento, taõ conforme
A feia cerraçaõ, que inda hum ribeiro,
Rebalsado n'hum circulo grosseiro,
Parecia, infestando o rudo monte,
Reproducçaõ da Estygia, ou de Acheronte,
Formando de seus halitos medonhos
Fantasmas tristes entre horriveis sonhos.

Hum phosphoro nitroso, e quasi extinto
Palpitava no infame Labyrinto:
Nos deliquios da luz se representa
A névoa inda mais torpe, e corpulenta,
Fingindo as refracçoens do opaco enredo
Mais feio o espanto, mais turbado o medo.

Nesta horrenda, exquisita soledade,
Que indigna pareceu de humano hospicio,
Vivia alguma gente, que à vontade
He que vota sómente o Sacrificio:
Da torpe habitaçaõ destes horrores,
Horriveis, e sacrilegos Cultores

* Eraõ os Hottentots; vivendo em tanta
Miseravel cegueira, e pondo a planta,
Sem nunca ver o Ceo, taõ dissolutos,

Que

* Estes barbaros já vem nos mappas modernos: Vivem da mesma sorte que os brutos.

Que em fôrma de homens, pareciaõ brutos.

Regia a turba deste povo necio,
Huma vez † Epicuro, outra †† Lucrecio;
Unia a sociedade tenebrosa,

††† Ou Liszink, ou Vanini, ou † Espinosa;
Naõ que fosse Espinosa, nem Vanini,
Ou Liszink, ou Lucrecio, ou Epicuro;
Mas outros, que aceitando o dogma impuro,
Tomaraõ neste barbaro aphorismo
Os nomes dos Autores do Atheismo.

Vinhaõ de novo alguns, que conduzia
Para a mesma insensata companhia

A

† *Epicuro*. He dos famosos philosophos da Antiguidade: Foi natural de Athenas; e está na opiniaõ de que ensuara que o summo Bem consiste nos deleites mundanos. Começou a philosophar de doze annos, e fundou a seita Epicurea. Outros dizem que Aristippo, fundador da seita Cyrenaica foi o que levou esta doutrina. Diogenes Laercio defende a *Epicuro* desta accusaçãõ: S. Jeronymo tambem o defende; e quem mais o patrocina he Pedro Gassendo. O Systema dos Atomos eternos propende muito para o pensamento de negar hum Ente Superior. Nasceu na Olympiade 79: Dizem outros que na 109. Dos livros que compoz traz o Cathalogo Diogenes Laercio no seu Livro XI.

†† *Lucrecio*. Tito Lucrecio Caro nasceu de huma illustre familia em Roma: Estudou em Athenas. Foraõ seus mestres Zeno, e Phedro, que eraõ Sectarios de *Epicuro*. Daqui bebeu *Lucrecio* a Opiniãõ da eternidade dos atomos. Sua molher Lucillia arrebatada de huma paixãõ cieosa, lhe deu a beber hum philtro, que o fez phrenetico. Nos lucidos intervallos he que compoz os seus seis Livros poeticos de Natura. Contra estes Livros escreveu hum Poema Latino o Cardeal de Polignac, que intitulou *Anti-Lucrecio*. He das obras de maior espirito, que nos tem dado a Naçaõ Franceza. Morreu *Lucrecio* de 43. annos e nos 701. da fundaçãõ de Roma, e precedeu pouco tempo a Cicero.

††† *Liszink*. Catuniro Liszink foi Polaco: e condemnado em Polonia ao incendio por seguir o *Atheismo*: Foraõ as suas cinzas metidas em hu-

A penna infauſta, o miſero deſvello
Das nefandas liçoens de Machiavello.

Suſtentava-ſe a plebe mais groſſeira
Em hum lugrebe ſono: a ribanceira
Das encharcadas agoas, tinha troncos,
Onde dos ramos àridos, e broncos
Pendiaõ varios pomos; que o ſuſtento
Aos menos rudes davaõ; ſem que o alento
Podeſſe reſtaurar no fructo amargo
A torpeza infelíz deſte Lethargo.

Pomos, e troncos tem a ſemelhança
Do fraudulentto Lotho; onde a lembrança
Da patria ſe eſcurece: a goma impura,
Que deſtilla eſta funebre eſpeſſura
He quaſi como o Opio; e fó de abono,
Ou de deſculpa ſerve a tanto ſono;

Estan-

na bombardã, e as diſpararaõ para a parte, que oliava para a Tártaria; querendo mostrar por eſte modo eſta Naçaõ, que nem a memoria queria de taõ inficionadas reliquias.

☉ *Vanini*. Julio Ceſar Vanini natural da Apulia, foi tambem queimado em Tolosa de França pelo meſmo *Atheismo* no anno de 1619. Seguiu a Philoſophia de Aristoteles, que eſtudou pelos Commentos de Averrhoes; e delles beberia o veneno; porque tambem dizem que eſte Arabe ſe apartara de toda a religiaõ; porque achiava a Catholica por impoſſivel com o Myſterio da Eucharistia: a Judaica, por impertinente pelas ſuas muitas Ceremonias: e a Moheumatana por religiaõ de brutos; porque não attendia ao deleite dos ſentidos. Contaõ de *Vanini*, que principian-do achama a apoderarſe-lhe do corpo, exclamara: *O' mon Dieu!* o Jeſuita, que lhe aſſiſtia ao ſupplicio, lhe perguntou: Como chamava por Deos, ſe não o conhecia? Reſpondeu: *Que era modo de ſallar.*

Estancia de huma Circe, em que mudados
 Noutras fórmãs os homens descuidados
 Vivem neste Embriaõ, neste jazigo
 Ignorantes do premio, e do Castigo.

Que triste, miseravel gente he esta?
 Pergunta o Peregrino; taõ molesta,
 Inda mais, do que aos olhos, à memoria?
 Gente não; diz o Genio: se o parece,
 Certoente o não he, negando a Gloria,
 O Abyímo, a Alma, e Deos: Quanto envilece
 (Pondéra o Peregrino) esse conceito
 A Natureza humana! O' gente infame,
 Que reprovando estás o altivo effeito:
 Desse teu proprio Ser, por mais que clame
 Tanto impulso interior, tanta eloquencia
 Da mesma tua singular essencia!

Negas, O' cego, a Causa Primitiva;

Don-

(†) *Espinosa*. Bento Espinosa foi Hebreo, e professor da lei de Moyses, que tambem seguirãõ seus Pais: Por cuja causa fugio de Portugal para Amstardam: Conhecendo alli a Synagoga, e vendo o pouco fundamento com que os Rabbinos explicavaõ o texto, desprezou com esta lei todas as mais religioens, e se reduzio á loucura do *Atbeismo*: Dizem que hum Alemaõ, mettre de Grammatica, lhe communicara este delirio, que ainda não tinha aos trinta annos da sua idade, como se conhece da demonstraçãõ Geometrica dos principios de Descartes. A Philosophia Cartesianã tem este não Condiscipulo; assim como em Averrhoes; e em *Vannini* os tem a Peripatetica. Com qualquer estudo se póde perverter o curso humano.

≡ *Machiavollo*. Nicolaõ Machiavollo nasceu em Florença: Teve boa reputaçãõ sendo Secretario desta República. Foi ao depois accusado em duas conspiraçõens contra a Casa de Medices. Cabio por este, e outros

Donde Ceo, Mar, e Terra se deriva?
 Essa origem teliz, de que procedes,
 Desconhecer pertendes? Quanto medes,
 Quanto julgas do Abyfmo até o Empyreo
 Nas tofcas apprehenfoens da tua idea,
 Quanto vêz nella massa produzida,
 Ou feja inanimado, ou tenha vida:
 Quanto no valle está, quanto no monte:
 Quanto germîna o Prado, e rega a Fonte,
 Refrefca o Boreas, vivifica Phebo:
 Tudo o que a brange a Luz, e efconde o Herébo,
 Tudo tem o feus Ser, impulfo, e pausa
 De huma Primeira foberana Caufa.

Não podes duvidar que ha muitas coizas,
 Que tiveraõ principio na existencia:
 A tua mefma fraca intelligencia,
 Me deve conceder que não podiaõ
 Ser caufa de fi proprias: * Se existiaõ,
 Outra as fez existir; pois bem fe alcança

B

Que

defaftres em miseria de bens, e de juizo, abraçando o Atbeifmo; de que
 daõ bastante prova os feus livros. Carlos Frederico Rei da Pruffia lhe fez
 huma excellente impugnaçãõ ao Tractado do Principe, que imprimio Fran-
 cifco Voltaire. Morreu Machiavello de huma purga, que tomou fora de
 tempo no anno de 1528. ou 29.

* *Quidquid est mutabile, & contingens, creatum est, aut increatum: Si
 creatum, ergo oportet esse conditorem omnium rerum mutabilium, & contingen-
 tium: Si increatum; ergo non contingens, sed immutabile; quoniam non potest
 esse mutationi subjectum, nisi quod esse capit à mutatione.*

Div. Joan. Damasc. lib. 1. de Fid. orthodox.

Que o que ainda não he, não tem virtude.
 Para fazer que alguma coiza seja:
 Metido nesta mesma semelhança,
 Por mais que a tua comprehensão estude,
 Fica tudo o que intentas, que se veja
 Nas mesmas producções: Nunca procedem
 De si próprias: há causa, que as produza:
 Huns a outros estimulos succedem:
 Pois se ha alto Principio, que os deduza,
 Ou há de confessar Causa Primeira,
 Donde emane esta serie verdadeira,
 Ou admittir com rustico delito
 O * processo de hum circulo infinito.

Junto da raia, que divide a Selva,
 Fazendo leito da viciosa relva,

Atten-

* *In rerum natura est primum aliquod movens omnia alia, quod ipsum à nullo movetur. Omnia enim, quæ moveri experimur moventur ab alio: Quod enim movet est actu, & quod movetur est in potentia: & nihil est simul in actu, & potentia ad idem. Omnis, autem motus ejus, quod movetur ab alio, debet necessario venire ab aliquo primo movente immobili moventis prioris: Sicut baculus non movet lapidem nisi per hoc, quod est motus à manu: neque potest in hoc esse processum in infinitum; quia tunc nullus esset motus, cum nunquam terminari queat processus in infinitum.*

Aristot. Physic. 7. & 8. & Metaphys. 9.

Res aliquas esse, quæ esse ceperint, sensu ipso, & confessione omnium constat. Eæ autem res sibi non fuerunt causa, ut essent; nam quod non est, agere non potest, nec ipsa res esse potuit antequam esset: sequitur igitur ut aliunde habeant sui originem; quod non tantum de illis rebus, quas ipsi aut conspiciamus, aut conspeximus fatendum est, sed & de his unde illæ ortum habent, donec tandem ad aliquam causam perveniamus, quæ esse nunquam ceperit.

Hug. Grotius lib. 1. de Veritat. Relig. Christian.

Attendeu Epicuro ao que dizia
O douto Peregrino; e respondia:

Todas as coizas, que se vem criadas
Se podem conceber encadeiadas
N'hum voluvel connexão, aonde
Cada futil se move, e corresponde
Mutuamente entre si: Neste concurso
Se escusa de admitir tanto o discurso
De hum Primeira Causa, como o excessso
Da extenção infinita do processo.

Naõ vês (lhe diz o sabio Peregrino)
Nesse teu enredado desatino,
Que essas partes de si naõ se produzem,
Nem que impulso reciproco as dilata?
Tudo quanto esse circulo retrata
Naõ he mais que hum ordem pertencente
A' sua connexão: Impertinente
Prova será, se tem principio occulto,
O dizer, que o naõ vês: Eu te consulto
De outro modo mais facil: Nesta areia
O circulo debuxa; e tendo a ideia
De como o traçarás mais certo, e pronto;
No principio hás de pôr semente hum ponto;
Outros riscando hirás junto ao primeiro,
Até pões o ponto derradeiro;

Dirás entãõ com boa consequencia
Que algum ponto não teve precedencia ?

Dou-te que em hum espaço indesignavel
Finjas outra cadeia interminavel;
E os seus mesmos fuzis tambem te admitto
Que possaõ dilatar-se no infinito:
Sempre sciaõ preciso que presumas
Que inda nessa fingida infinidade
Se não há onde prendaõ tantas summas
Das mesmas collecçoens, a gravidade
Mostraria, a pezar dessa distancia,
Da sua subsistencia a repugnancia.

Já sabes que eu concebo (insta Epicuro)
Hum immenso vazio; e que procuro
Que aos atomos, que o medem, sempre assista
Tendencia de baixar; e que consista
No empenho de ajuntar-se a variedade
Das muitas formas, que na immensidade
De tantas producçoens o Mundo encerra
Sejaõ no Ar, no Ceo, no Mar, na Terra:
Causa primeira aos atomos concedo;
Ao seu tendente, repartido enredo
Chamo causas segundas; donde infiro
Que essa Primeira Causa, em que o retiro

Fazes do teu difcurfo, imaginaria
 Sò pode conceberfe nesta Variação
 Collecção do Universo; e fe he precisa;
 Donde fe encontra? Donde fe divifa?

Lastima tenho (o Peregrino acode)
 Que o teu tofco difcurfo* fe accommode
 A querer penetrar, com vifta cega,
 O immenfo refplendor, em que navega
 Taõ soberano Objecto: abate o alento
 No abyfmo do teu proprio penfamento:
 E respondendo aos atomos, que inculcas;
 Se fe movem por linhas paraléllas,
 De balde em teu systema te desvélas;
 Porque hindo todos por direita Via,
 Nunca fe há de lograr a companhia
 De huns atomos com outros nelle espaço,
 Que riscas no difcurfo, nem o Laço
 Que dá o fer ás formas; pois fe observa
 Que a linha paralélla fe conferva,
 Por mais que fe dilate, fem tocarfe
 Com a linha de identica figura:
 E fe as linhas, talvês, podem curvarfe;
 He contra a tua mefma conjectura;

B 3

Pois

* Nemo ista prae unum Leucippum somniavit, à quo Democritus eruditus hereditatem stultitiae reliquit Epicuro. Laet. Firmian. lib. Divinar. Instit. III. cap. 17.

Pois aos atomos dás innato affecto
Para tenderem com impulso recto.

Lucrecio, que a Epicuro a acompanhava,
Responde ao Peregrino, que se dava
Hum enté firme, donde, em toda a idade
Se possa produzir tanta entidade.

Como nos mostra a vasta Natureza:
Que he grande confusaõ, summa fraqueza
Presumir, no que a ideia não repousa,
Que do nada se faça alguma cousa.

Sim:* do nada, he que Deos fez a materia,
O Peregrino diz: Quem o duvida,
Dirá que essa materia he Divindade,
Ou feita de si mesma, ou produzida.

Dos atomos recorro à eternidade;
Epicoro lhe torna: Aqui se funda,

Tan-

* *Stratonio Lampfaceno* disse que o Mundo fora ingenito, que pela sua propria virtude existira ab eterno. *Platao* com os *Estoicos* confessou que o Mundo fora feito por Deos, porém de materia incriada, e coeterna com o mesmo, Deos. Os antigos *Peripateticos* affirmaraõ com *Aristoteles* que Deos naõ criara o Mundo ab eterno por voluntario arbitrio, mas por precisa necessidade. Os *Epicureos* ensinaraõ que o Mundo se construiu, pela casual concorrencia dos atomos que suppunhaõ ingenitos. A *Religião Catholica* nos propoem, que do nada he que Deos fizera o Mundo, ou a materia, de que o formou: He text. expressõ no lib. 2. dos *Machab.* Cap. 7. *Peto nato, ut aspicias ad Cælum, & terram, & ad omnia, que in eis sunt, & intelligas quia ex nihilo fecit illa Deus.*

Tanto a causa effetriz, como a segunda:
 Os atomos perpetuos, e infectiveis,
 Saõ hum principio certo, e necessario,
 Que daõ ser aos periodos visiveis;
 Humas vezes constante, se outras vario,
 De que todos os entes se originaõ,
 Em que todas as fórmas se combinaõ.

Olhai; o Peregrino lhe responde:
 Que os atomos na sua propria esphera,
 Huns mais solidos saõ, outros mais fundos,
 Outros mais lentos, outros mais rotundos:
 Huns cubicos fingis, ou triangulares,
 Outros de mui diversos exemplares:
 Vede que sempre em colliçoens activas
 Se tocaõ, comtendencias successivas,
 Se talvez os não quebra, ou desfigura
 Esta sempre continua Limadura;
 E por mais infectiveis, e valentes,
 Não saõ, como os fazeis, taõ presistentes.

Dado que a solidêz seja perfeita,
 E que esta os faça origem, causa, ou fonte

B 4 De

* Les corpuscules d'Asclepiade étoient imperceptibles aux sens, & extrêmement deliés, divisibles, fragiles sujets à augmentation, & à retranchement, & à prendre de nouvelles figures par le froissement, au lieu d'être in dissolubles, & in altérables comme ceux de Démocrite, & d'Epicure. Marq. de S. Aubin, Trait. de l'Opim. p. 1; tom. 3; liv. 4; art. 115.

De tudo o que no Mundo a vista aceita
 Nas varias fórmas, que se põem defronte;
 Tambem será de vós bem entendida
 A certeza formal, que percebida
 A solidêz não he, sem que o contato
 Se conceba dos entes no apparato;
 O qual na multidaõ destes objetos,
 Só se dá com os corpos já concretos;
 Que he quando as mesmas partes se procuraõ,
 Se ajuntaõ entre si, e configuraõ:
 E se da solidêz pôde inferir-se
 Huma eterna existencia; produzir-se
 A mesma eternidade entaõ podéra
 N'algun corpo concreto, que eu soubera,
 Que era solido, e firme, se o tocara:
 E este corpo daria ideia clara,
 Ou certeza efficaz ao pensamento.
 De outro igual infectivel elemento,
 E podiamos ter a liberdade
 De pôr n'hum graõ de chumbo a eternidade.

Ao lado de Epicuro, e de Lucrecio,
 Com esta propria imagem tenebrosa
 Tambem se ouvia a instancia de Espinosa: *

Diz:

* O *Atheismo de Espinosa* consistia no fundamento de que o Mundo existia por si mesmo, e que este Mundo era Deos, aonde não havia mais, do que huma só substancia; donde se vinha a seguir que todas as particulas da materia eraõ porçoens da Divindade; se não ha mais que huma.

Diz: que em todo o concurso das Escholas,
 Italianas, Francezas, Hespanholas,
 Se definê a *Substancia* por hum ente,
 Que só por si subsiste: Contingente,
 Ou producto não he desta maneira:
 Logo ideia infelîz, noção grosseira
 Se ha de julgar aquella, que pretende,
 Existindo por si esta substancia,
 Tiralla desta natural constancia,
 Para que huma ficção incomprehendida
 A faça contingente, ou produzida.

O experto Peregrino lhe concede
 Esta definição; e então lhe pede
 A advertência tambem de que se aceita
 No dialectico estylo; e se regeita
 Na seria comprehensão de hum ser errante,

Que

fô substancia, e esta substancia he Deos, ella se deve conceber grosseira,
 e material, livre, e forçada, activa, e passiva, venturosa, e infelice, e
 fogueita às mais diferentes, e repugnantes modificaçoens, reunindo em si,
 o bem, e o mal, o vicio, e a virtude, o conhecimento, e a ignorancia, a
 restricção, e a infinidade, o dominio, ea servidaõ, e todas as incompati-
 bilidades mais desproporcionadas, e contradictorias. Este absurdo ainda
 he mais monstruoso, que o do Paganismo; pois se este fez combater en-
 tre si a potencia dos seus Deoses, os suppunha de substancias diferentes,
 e aqui combate a mesma substancia consigo mesma, conciliando as maio-
 res opposiçoens, contrariedade, e discordias.

*Mais nous aurions beau parcourir tous les pàis, toutes les sectes, tous les
 auteurs, nous ne trouverons rien de plus insensé que le Spinozisme; diz o Marq-
 de S. Aubin, Trait. de Popin. p. 1; tom. 2; lib. 3; art. 8.*

Que se muda, ou se perde a cada instante.

Accidente se chama ao que não póde Subsistir, sem fogeito, que o accommode:

Substancia, à que subsiste, sem que seja Preciso outro fogeito, em que ella esteja:

Esta he só a razaõ porque nas Aulas

Esta phrase, este estylo se consente,

Distinguindo a *substancia* do *accidente*.

Finge na tua essencia essa *Substancia*

Subsistente por si: Mas que constancia

Presumes que terá? A Parca dura,

Reduzindo-te a pó na sepultura,

Te mostrará o engano: Se a tiveste:

Foi,

Muitos seculos antes que apparecesse *Espinosa* no Mundo tinha *Lactancio* combatido este delirio: Se tudo aquillo que nós vemos (diz elle no lib. 7.) he Deos, a divindade he hum composto de partes corruptiveis, e caducas: os membros de Deos saõ expostos a huma cruel violencia; pois quando abrimos as montanhas, ou quando nos metemos pelas entranhas da terra, ou quando a rasgamos com a lavoura, tudo isto faria que fizessemos em pedaços os membros de Deos S. Agostinho proseguiu o mesmo combate, de *Civit. Dei* lib. 4. cap. 12. & 13.

Espinosa tomou este barbaro conceito de alguns Philosophos antigos: *Cicer.* lib. 1. de *natur. Deor.* nos diz que tambem *Cleantes* o propuzera. *Plinio* nós deixou escripto; *Per qua haud dubie declaratur natura potentiam id quicquid esse quid Deum vocamus;* e no lib. 2. cap. 1. *Mundum Numem esse credi par est: eternum, inmensum, neque genitum, neque interiturum unquam.* *Senec.* na *Epist.* 92. foi da mesma opiniaõ. *Totum hoc quo continemur, & unum est, & Deus; & socii ejus sumus, & membra.* Aceitou este mesmo absurdo a intelligencia de *Lucano*, liv. 9. da *Parfala*:

Juppiter est, quodcunque videt, quocunque moveris.

Foi, porque de teu Pai a recebeste,
 Teu Pai, de teu Avô : Chega comigo,
 Dos teus, ao ascendente mais antigo :
 Figuremos Adam : De quem procede
 Esta rãiz ? Tem Pai aquem succede ?
 Se o teve, estás no circulo infinito :
 Se o não teve, confessa o sacro escrito,
 Para ver que este authentico treslado
 Desta Primeira causa foi tirado.

Passa ao tronco, ao penhasco, ao bruto a ave,
 E tudo ao mais que houver, ou leve, ou grave ;
 Acharás esta mesma excelsa origem :
 Este foy o argumento com que todos
 Tem conhecido, emfim, por varios modos
 A Causa Superior, que nos governa
 Com huma regra, e discripção eterna.

Os Assyrios, os Gregos, os Romanos,
 Os Chaldeos, os Egypcios, os Germanos,
 Francezes, Hespanhoês, Indios, e Persas,
 Ethyopes, Hebreos, Sarmatas, Turcos,
 Tapuias, Schytas, Tartaros, e Chinas,
 E a mais remota gente a que imaginas
 Que chega a luz do Sol ; * todos conhecem
 Hum

Hum altar , ou hum culto , em que agradecem
A' Deidade , em devotos Sacrificios,
A continua extensaõ dos beneficios.

Nem me digas que ha povo , que inda ignora
O verdadeiro Nume neste culto ,
Pois aqui fallo só de quem adora ;
Que dessa idolatria o feio insulto ,
Reconhecendo a Deos , esse respeito ,
Seja qualquer for , nos prova † este conceito.

No que todos convém , ninguém disputa
Que seja verdadeiro : * huma conduta ,
Que influe a Natureza , naõ engana :
E naõ faz contra ella essa profana ,
Extravagante ideia dos que insistem
Em negar que há hum Deos : elles resistem
Ao seu mesmo discurso ; e saõ taõ poucos , †
Que se podem chamar nesta Vileza
Abortos da corrupta Natureza.

Naõ

† *Ab orbe condito semper Deum in thesi omnes gentes coluerunt :::: Verum errarunt plerique in hypòthesi.* Beyerlink, magnum theatr. Vit. Human. tom. 1. verb. Athei.

* *Quod universis videtur, verum est.* Aristot. lib. x. Ethicor.

† *Exceptis paucis, in quibus Natura nimium depravata est, universum genus humanum-Deum hujus Mundi fatetur Auctorem.* D. Aug. in Joan. Tract. 106. *Eo ipso quod homo rationalis est conditus, debet ex ratione colligere, eum, qui se condidit, Deum esse.* Greg. magn. lib. 17. Moral. cap. 3. *Nemo negat, quia nemo ignorat quod ultrò natura suggerit, Deum esse univ. rñstatis conditorem.* Tertull. lib. de Spectac., cap. 2.

Naõ trabalhes em vaõ contra a existencia
 De huma suprema causa: a intelligencia
 Te basta para veres os absurdos,
 Que desta negaçãõ se precipitaõ:
 Todos os teus cuidados se achaõ furdos
 Se naõ ouves as vozes com que gritaõ
 Lá dentro de ti mesmo elles alentos,
 Que combatem teus proprios pensamentos.

Confessa hum Deos perfeito, hum Deos amavel,
 Simplicissimo, Eterno, inexplicavel,
 Verdadeiro, infinito, summo, immenso;
 Que premeia, e castiga, e sempre assiste
 A tudo o que se faz, se ordena, e existe:
 Se em todos naõ houvera este conceito,
 Quem podera estar nunca satisfeito
 Do seu bom Coraçãõ? como o Tyrano
 No seu procedimento deshumano
 Verdugo occulto de si mesmo fora? †
 Em que maldades a paixãõ traidora
 Da inquinada semente naõ cahira? *

Que

† *Sua quemque fraus, & suus terror maximè vexat. Suum quemque scelus agitat, amentiaque afficit: sue male cogitationes, conscientiaque animi terrent. Ha sunt impia assidue, dom. sicaque jurie. Cicer. pro Resc. Amarino.*

* *Nam quis justitie locus, aut que regula morum
 Est potest, dum nil praerit quod legibus aequis
 Contineat mortale genus?*

Polign. Anti-Luciet, lib. 1. c. vers. 126.

Que homem houvera , que domasse a ira ,
 A soberba , a luxuria , a gula , a enveja ?
 Tudo seria horror , tudo pelega :
 Não haveria mais , que força injusta :
 Venceria a violencia mais robusta :
 A páz , e a mansidaõ , na furia brava ,
 Gemeria entre ferros como escrava.

Tira os olhos da terra , * olha que ês homiem ;
 Dos brutos te distingue , onde a figura
 Só ao pasto os destina : ergue o semblante ,
 Repara nessa excelsa architectura : †
 Prescinde dos systemas : †† se he constante
 Estè globo terraqueo , ou vagabundo :
 Se com seu giro o sol rodeia o Mundo ,
 Se a Terra hê que nos faz a noite , e o dia
 Com o seu movimento : A'fantesia

De

*Pronaque cum spectent animalia cetera terram,
 Os homini sublimè dedit, Cælumque tueri
 Jussit, Et erectos ad sidera tollere vultus.*
 Ovid. lib. 1. Metam. è vers. 84.

† *Quid enim esse potest tam apertum, tam perspicuum, cum Cælum suspeximus,
 Cælestiaque contemplati sumus, quam esse aliquod Numen præstantissimæ mentis, quæ
 hæc regatur?* Cicer. lib. 2. de Natur. Deor.

†† São três os Systemas Astronomicos. O que poem a Terra estavel, e dá o curso ao Sol entre os Planetas hé o systema antigo que se attribue a Ptolomeu, não porque eile o inventasse, pois hé ideia dos Egypcios, e Chaldos, mas porque o adiantou e melhorou. Admite onze esferas, pois alem das sete em que reparte os Planetas, conta o Firmamento, o Ceo cristalino o primeiro, e segundo Movei, e o Empyreo. Viveu Pto-

De que são onze, ou tres os orbes puros :

Dos Planetas o impulso, a côr, o estado

Aos Astrologos deixa esse cuidado:

Os circulos Polares, os Coluros,

As zonas, parallaxe, aspectos, clymas,

Refracçoens, Equinocios, e Solticios,

Naõ to quero explicar, bem que se conte

Esta indelevel ordem nos indicios

De hum Supremo Motor; e naõ se attenda

Mais que a toda essa fabrica estupenda:

Vês sempre o Sol nascer no seu oriente,

E

Ptolemeu no principio do 2. seculo: Antes d'elle tinha *Hipparco* trabalhado muito neste systema, e depois d'elle *Affonso* decimo Rei de Castella, chamado o sabio, e author das *Taboas Affonsinas*.

O segundo Systema hé opposto ao do *Ptolemeu*, porque poein o Sol immovel no Centro do Mundo, e movel a Terra. Attribuefe a *Pythagoras*, mas hoje conserva o nome de *Copernico*, porque o renovou, e illustrou *Nicolao Copernico*, natural de *Thorn*, e Conego de *Warmia*, que floreceu no principio do sexto seculo.

O terceiro Systema hé huma conciliação destes dois: o seu author foi *Ticobrahe* gentil homem *Dinamarqués*, muito estimado de *Christião IV.* viveu no seculo decimo sexto. Pofese dar o nome de 4. systema ao de *Renato Descartes*; que admite tres elementos. 1. de materia subtilissima. 2. de materia globulosa. 3. de materia estriada. Suppoem em cada Planeta hum redemoinho, a que chama *turbilhão*, com que pretende explicar todos os Phenomenos da Natureza. Porem este systema de que o seu author pretendeu fazerse original, se vé com bastante clareza em *Diogenes Laercio*, que fora concebido por *Leucippo*, e antes de *Descartes* já tinhaõ proposto a doutrina dos turbilhoens *Jordão Bruna*, philosopho Napolitano, e *João Keplero*, famoso matematico de *Alemanha*. Morreu *Descartes* na *Suecia*, anno de 1650. para onde o tinha convocado a Rainha *Christina*.

O mesmo *Diog. Laert.* in *Epicur.* traz huma carta deste Philosopho a *Pytoles*, em que se concebe com bastante clareza o conceito dos turbilhoens *Cartezianos*. *Archelau* referido pelo mesmo *Laercio* conspi-

E no Mar encobrir a aurea face? †††
 Que contra as sombras outra véz renace,
 E torna a sepultar-se no Occidente,
 Alternando na regra sempre inteira
 Com dia, e noite a esplendida carreira,
 Sem haver hum momento, em que desminta
 A lei precisa da dourada Cinta?

Vês a Lua, já cheia, já mingoante,
 Quatro vezes mudando o seu semblante
 Em regulado tempo; sem que altere
 Esta regra immortal, ☾ ou se acelere,
 Ou se detenha na diuturna empreza?

Vês

rou com este pensamento; e este foi tambem o de *Platão* referido por *Marcello Palinganio*, o qual renovou esta physica no seu *Zodiaco*:

Stella autem fixa (veluti Plato maximus inquit)

Quæque suum circa centrum volvuntur ibidem.

Segundo o Illustriſſimo *Huet*, q. *Alnet* lib. 2. cap. 5. pag. 141. a opiniaõ de *Renato* de que a materia, e a extensaõ eraõ identicas, foi tirada de *Timæo de Locres*. por cuja causa diz o *Marquês de S. Aubin*, que *Descartes* quando appareceu com a sua *Philosophia* lhe chamaraõ *Novator*, e agora que lhe chamaõ *Plagiario*.

†††

----- *Quo se globus ordine noster*
Luminis ad fontem vertat, noctesque, diesque
Afferat ipse sibi. -----

Polign. Anti-Luc. lib. 9. è v. 232.

Deus est, qui non mutatur in æva.
Nunquam transversas sol. m. decurrere ad Arctos,
Nec mutare vias, & mortuum vertere cursus.
Auroramque novis nascentem ostendere terris,
 ☾ *Nec Lunam certos excedere Luminis orbes.*
Manil. lib. 1.

Vês essa immensa, díafana grandeza
 De scintilantes formas, ornamento,
 Sem medida do Vasto Firmamento,
 Em que mostra que pode inda a estrutura
 Lograr na multidaõ a formosura?
 Naõ imaginas que era necessario
 Na excelsa instituiçaõ, que os Ceos governa,
 Divino impulso de huma mente eterna? (†)
 Concedes que no estimulo ordinario
 De humas cegas porçoens, se lograria
 O acerto de taõ provida harmonia?

A portento maior já te convido:
 Se hê que tens por ventura comprehendido
 Que muitas vezes mais excede a estrella
 Todo o globo terraqueo; em que distancia
 Se nos mostra esta firme centinella
 Dessa celeste, desmedida estancia
 Quando parece hum ponto á nossa vista?
 Assombrate; e venera, O' Atheista,
 Artifice taõ sabio, e portentoso;
 E em quanto nesse objecto luminoso
 Admiras tanto, singular desenho
 Inda te chamo a mais sublime empenho.

C

Adver-

(†) *Est enim aliquod ens perfectissimum, & sapientissimum, á quo res omnes naturales in fines suos diriguntur. Videmus enim creaturas omnes ordinatè tendere in finem suum: á se autem, ipsis moveri non possunt cum ratione careant.*

Thom. Le Blanc, *Analyf. Psalm.* tom. 1. Psal. 3. art. 1.

Adverte nas especies produzidas
 Da mesma estrella aos olhos: há minuto
 Em que as vejas aqui interrompidas?
 Não vês a estrella sempre? Que estatuto
 Seria necessario para encher-se
 A cada instante a altura desse espaço
 De imagens tantas, que podesse ver-se
 Continuamente a luz, sem embarço?
 Se conheces acaço este concurso,
 Pafme, e mude de intento o teu discurso.

Passa a notar a lei inalteravel,
 Que se observa na Maquina aspectavel:
 Olha a calma de Junho, Julho, e Agosto; *
 A sazaõ com que o Oitono está disposto;

* ----- *Ut bruma post tedia mutet
 Veris delicias, aſtivos deinde calores,
 Ac demum Autumni poma expectata feracis.*

Polign. Anti-L. lib. 9. c v. 234.

Si essent, qui sub terrâ semper habitavissent bonis, & illustribus domiciliis, quæ essent ornata signis, atque picturis, instructaque rebussis omnibus, quibus abundantii, qui beati putantur, nec tamen exissent unquam supra terram; accipissent autem famã, & auditione esse quoddam Numen, & vim Deorum; unde aliquo tempore patefactis terræ faucibus, ex illis abditis sedibus evadere in hæc loca, quæ nos incolimus, atque exire potuissent; cum repente terram, & maria, Cælumque viderent, nubium magnitudinem, ventorumque vim cognovissent, aspexissentque solem, ejusque tum magnitudinem, pulchritudinemque tum etiam efficientiam cognovissent, quod is diem efficeret toto cælo luce diffusa; cum autem terras nox opacasset, tum cælum totum cernerent astris distinctum, & ornatum lunæque luminum varietatem, tum crescentis, tum senescentis, eorumque omnium ortus & occasus, atque in omni aternitate ratos immutabilesque cursus; hæc cum viderent, profecto & esse Deos, & hæc tanta opera Deorum esse arbitrarentur.

Cicer. de nat. Deor. lib. 2.

O humido frio do escarnado Inverno;
 Da Primavera a doce suavidade:
 Considera em taõ provido governo;
 Pois d'hum a outro extremo naõ se passa:
 Temperandose vai na propria esphera
 Do estio, Oitono, Inverno, e Primavera.

A terra com a chuva se humedece,
 Na humidade, e quentura a planta crece:
 Vem o Sol ao depois, que a fructifica;
 O vento a alimpa, outro estimulo a fazona;
 E tudo se dispoem, se communica
 Por huma regra occulta, que se abona
 Na continua experiencia: Quem a nega
 Tem o juizo corrupto, e a vista cega.

Na semente, * que á seára se destina
 Nos teus mesmos discursos imagina
 Que está toda essa especie, que se aguarda:
 Inda no grão mais fino da mostarda
 O microscopio prova o que naõ cria

C 2

A

*Semine quin etiam, sobolis spem inpyvide clausam,
 Immatura quidem, sed tota atque integra servat;
 Amplificante vitro que si perspexeris, ingens
 Nec prius auditum subito mirabere monstrum:
 Scilicet arboreos artus in acumine grani
 Exiguo totos, distinctamque ordine pulchro
 Radicem á ramis: Tum grana secunda videres
 Protinus in primis, aliudque in germine germen.*

Polign. Anti-L. lib. 7. é v. 1382.

A inculta, irregular Philoſophia :
 O graõ fica na terra, ſem concerto
 Na poſição do corpo vegetante ;
 Mas vem nascendo a planta taõ direita ,
 Que parece que estava vigilante
 Para eſcolher a proporção perfeita :
 Caia de qualquer modo , ella ſe anîma ;
 E a creſcença tráz ſempre para cima.
 Quem fez eſte prodigio ? O torpe acaſo
 Com que os atomos tendem para as fórmas ?
 Se com eſte conceito te confórmas ,
 Naõ pódes dar mais liquida evidencia
 Da tua material intelligencia.

Reconhece eſſa planta já creſcida
 Eſtendendo os ſeus braços pelo vento :
 Adverte bem na copa preſumida
 Com que intenta occupar outro elemento :
 Florente eſtá , e logo carregada
 Dos mais viſtoſos pomos : fazonada
 Em breve tempo a vês : aquelle ſuco
 Que a alimenta , que a alegra , e reverdece ,
 Quem ſuppoens , que lho inspira ? O ſer caduco
 De hum movimento fragil , que acontece ?
 Pode a combinaçãõ de atomos vagos ,
 Sem lei , ſem ordem , ſem vigor occulto ,

Sem ser movida de supremo indulto,
Fertilizar em hum, e em outro estio
Taõ verde pompa, taõ frondoso brio?

Mas que intento com tantas maravilhas,
Quando tens em ti mesmo hum Macrocosmo,
Que excede a todo o assombro, que te exclamo?
Eu te exhorto, eu te incito, eu te inflamo
A que vejas em ti todo o dispendio
De hum alto influxo, de hum feliz compendio: *
Confidéra primeiro no aphorismo
Desse teu encoberto mechanismo,
Dessa hydraulica mole do teu corpo:
Olha como em opposto movimento
O recto, natural temperamento
Conserva a connexaõ dos quatro humores
No encontro mais vehementes dos liquores!
Como circula o sangue, como pulsa
O inquieto coração! Como repulsa,
Na ignea dyastole os impetos purpureos!
Como outra vêz na systole os reclama!
Como se abraza na continua chama!
Como o refresca o ar, em que respira!
Como a todo esse mundo o alento inspira!

C 3

Atten-

* *Habet Deus testimonium totum id quod sumus, & in quo sumus. Tertull. in Marcion, lib. 1. cap. 10.*

Attende à traveção dos seccos offos ,
 Em que os sólidos firmaõ todo o empenho
 Da sua contextura : Olha o desenho ,
 Com que os nervos , os musculos , e entranhas ,
 Tendoens , arterias , veias , nas estranhas ,
 Firmes elastes do interior Combate ,
 Daõ impulsos aos liquidos , que sobem ,
 Descem , circundaõ por canaes diversos ;
 E já progredientes , já reversos.
 Entraõ por outros vasos de taõ fina ,
 Taõ delicada , intrinseca officina ,
 Que se o ferro anatomico os procura ,
 A penas os percebe a conjectura.

Nota agora essa externa symmetria
 Com que foste formado : desafia
 Os entes do Universo , a ver se o espanto
 Aqui terminas em prodigio tanto :
 Aqui vêz vegetar os teus cabellos ,
 Brilhar os olhos dilatar-se o riso :
 O narîz n'hum parenthesis conciso
 Proporcionar a Lamina vivente :
 A face rubicunda , e transparente
 Fingir a luz do matutino raio.
 Ou dessa flôr , que solemniza Maio.

PESCOÇO , barba , orelhas , taõ composto ,

Que

Que he jubilo , alegria , encanto , e gosto
 Da admiração humana : attende aos braços ,
 A's pernas , maons , e pés , coxas , e peito ,
 Que mais sublime , singular fogeito ?
 Deves taõ luminosa prehemencia ,
 A' cega direcção da contingencia ? *

Sobe a mais alto objecto ; naõ entendes ?
 Naõ cogitas tambem , e naõ pretendes
 Quanto vês agradavel ? naõ separas
 O bom do máo ? naõ julgas ? naõ reparas ?
 A os atomos naõ negas o discurso ?
 Pois como ha de fazer o seu concurso ,
 Que elle te possaõ dar o que naõ gozaõ ?
 Essas vagas porçoens da estancia aerea ,
 Bem que corpos subtis , naõ saõ materia ?
 Como pódem formar a faculdade
 Na sua contingente escuridade
 De hum ente , que discorre , que cogita ;
 Que decêde , que entende , que medita ?
 Estas operaçoens naõ saõ da alma ?

C 4

Que

* *Ingrederere tu quisque es , etiam Athèe : Ingrederere , quæso , sacram Palladis artem :::: An non etiam invitus exclamabis , O' Architectum admirabilem ! O' opificem inimitabilem.*

And. Laurent. Histor. Anatom. lib. i. cap. 6.

Stulte , ex operibus corporis agnoscis viventem ; ex operibus creature non potes agnoscere creatorem ? D. Aug. in Psalm. 73.

Que ella possa acabar, ha quem o argua?
 Quem? não tendo agente que a destrua?
 Procedeu de si mesma? he impossivel:
 He logo conclusaõ sempre infalivel
 Que procede de hum ser mais admiravel,
 Improducto, certissimo, immutavel.

Se hum atomo percebes, que não sente
 Percebe agora hum atomo vivente,*
 Huma pulga, hum mosquito: nelle observa
 A mesma fymmetria, que conserva
 A vasta corpulencia do elephante:
 Olhos, testa, naríz, lingua, pescoço,
 Ventre, pernas, e coxas, e outros membros,
 Que tem as fórmãs de huma especie bruta:
 Pela fabrica minima reputa
 Dos nervos, e tendoens a subtileza:
 Que fina natural delicadeza
 Presumirás nos musculos, e entranhas,
 Arterias, veias, e nos outros vasos,

Que

* Malèzieu observou com o *microscopio* alguns animaes viventes, que eraõ mais pequenos vinte e sete milhoens de vezes, que aquelles bichinhos, que roem a cera, e a farinha; e pela transparencia da sua pelle reconheceu que tinhaõ entranhas, ovos, fetos, e huma especie de sangue, que circulava dentro do Corpo. Nesta inconceptivel pequenêz se descobriaõ tambem os olhos, as veias, as arterias, hum coração, e hum cerebro, donde se distribuiaõ todos os espiritos animaes, que lhe sustentavaõ a vida. *Histoir. del'Academ. des. Scienc.* ann. 1718. pag. 2.

Que imperceptiveis são nos corpos grandes? *
 Também te peço que ao discurso mandes
 As corporeas funçoens deste treslado
 Da Sabia Omnipotencia, onde o cuidado
 Taõ perfeitas as poem como as encerra
 Inda o bruto maior, que tem a Terra.

No microcosmo * admira como o fangue
 Do mais pequeno insecto vivefica
 Com a circulaçãõ todo o composto!
 Como o manda, o divide, o communica!
 Como no centro o coraçãõ exposto,
 Recolhe, e impelle sempre o movimento!

Nesse

* *Natura nusquam magis, quam in minimis tota::: in arctum coarctata natura majestas, nullã sui parte mirabilior.*

Plin. lib. 11. cap. 2.

Descendons sur la terre, ou jusque dans la fange

L'insecte nous appelle, Et certain de son prix

O se nous demander raison de nos mēpris:

De Secrettes beautès quel amas innombrable!

Plus l'Auteur s'est cachè, plus il est admirable.

Racine. Poem. la Religion. Cant. 1. é v. 139.

* *Microscopio*: instrumento optico, que multiplica as superficies dos objectos: com elle se engrandecem de sorte os membros da pulga, ou do piolho, que se lhe percebem com muita distincãõ as mais minimas partes de que he composto, e até se lhe alcança a circulaçãõ, que faz o seu fangue. Naõ he do meu assumpto descrever os portentos da Natureza, que se tem observado com este prodigioso invento. Foi o seu Author *Zacharias Jansen*, ou *Joaquides*, natural de Zelanda. *Francisco Fontana* Napolitano, adiantou muito a sua perfeicãõ: Hoje os melhores nos vem de Inglaterra pela direcçãõ de *Newton*, de que usãõ os mais habeis artifices da quella Ilha.

Nesses mesmo engyscopico † instrumento
 Vê tantos girafões reproduzidos
 Da parte mais subtíl de huma só folha;
 A onde na semente comprehendidos,
 Bem que no affombro o credito se encolha,
 Julgarás que haõ de estar todos os entes
 Daquella mesma especie: tem presentes
 Desta forte essas poucas, que hoje alcanças:
 Se a vista deitas, se o discurso lanças
 Porelle mappa, que sinzel facundo
 Figurou nesta maquina do Mundo,
 Olha que variedade de prodigios,
 Com doces expresssoens, sonoras claves,
 A' mais alta harmonia te convoca!
 Que multidaõ de peixes, brutos, aves
 Enche o Ceo, Mar, e Terra! taõ distintos
 Nas fórmãs, nos semblantes, nos instintos,
 Que em taõ diversa, uniffona abundancia
 Hê que se logra mais a consonancia.

Quem suspende esse monstro procelloso
 A que dentro em si mesmo se contenha?

Quem

† *Engyscopia* chama Borello aos Vidros, de que se compoem o *Microscopio*.
 Une tache demi sifure de la grandeur deun grain de sable, parõit dans le microscopie,
 comme un amas de plusieurs plantes très-distinctes, dont les unes ont de
 fructs, d'aut res des boutons à demi ouverts. De quelle enorme petitesse doivent
 être les racines, & les filtres qui separent les aliments deces petites plantes?
 Marq. de S. Aubin. *Trait. de l'opin.* p. 1. tom. 3. livr. 4. art. 70. in fin.

Quem lhe enfreia esse estímulo furioso,
 Com que na verde colera se empenha
 A forver as montanhas? Quem a raia
 Lhe põem no leve circulo da praia? *
 Taõ prudentes os atomos procedem,
 Que contra o seu impulso retrocedem
 Para não inundar outro elemento?
 A onde tens, ò necio, * o pensamento?
 Surdo estás a taõ providos clamores,
 Que em vozes de cristaes, e resplandores
 Te revocaõ do espirito profano.
 A' confissãõ de hum Ente mais que humano.

Mas já não quero, para convencerte,
 A enorme applicaçãõ de hum juizo inerte;
 Bastaõ-me os teus ouvidos, e os teus olhos:
 Fingite na aspreza, ou nos abrolhos
 De hum monte solitario; e nesse instante
 Vé que o ar se escurece, e o vento errante
 Volta a furia indignada contra os troncos:
 Que ao longe ronca o Mar, e as negras nuvens
 Giraõ pela athmosphera tenebrosa;
 Que no horror da carranca procellosa
 Se rasga o Ceo com funebres chuveiros:

Que

* *Usque huc venies, & non procedes amplius.* Job. 38.

* *Stulti, ... & tardi corde ad credendum!* Luc. cap. 24. v. 25.

Que o fogo aerio em horridos luzeiros
 Faz mais triste , e medonha a tempestade :
 Que o vapor da indigesta densidade ,
 Pretendendo romper a prizaõ dura
 Forceja com a valida clausura ,
 Até que , dando à esphera hum grande abalo,
 Defata a nuvem com ruidoso estalo ,
 Vibrando da montanha contra o cume
 O fulminante ardor do ethereo lume.

Repete o impulso da porçaõ bastarda
 Com mais violento estrondo , que a bombardas:
 Gemem os Polos ao fragor tremendo ,
 Estremece-se a maquina rotunda ,
 Caiem as iras do tumulto horrendo ,
 Vês sobre ti a instancia furibunda ,
 Da colera celeste ; o Euro inchado
 A embravecer-se torna com as penhas ,
 Arriçadas estaõ as tolças grenhas ,
 Lucta a tormenta em impetos ferozes ,
 Clama outra vez a esphera com as vozes
 Dos horriveis trovoens : E tu não sentes ,
 Por ventura , signaes taõ evidentes
 De hum supremo Motor ? o medo , o espanto ,
 O abalo , o assombro , a confusaõ interna ,
 Não grita ? não te diz no teu quebranto

Que ha causa superior, que os Ceos governa, *
 E que esse teu temor he claro indicio
 De lhe estares votando o sacrificio?
 Eu tenho para mim que assim o entendes,
 Pois Horacio * sectario de Epicuro,
 Com a mesma expressaõ, que te figuro,
 Desprezou esses necios exemplares,
 E fez arder o incenso nos altares.

TRIUM-

* *Ipsa veritas cogente naturæ etiam ab iuvenis pectoribus erumpit: Et si bellæ tremor infremuerit, si morborum pestifera vis, si serva tempestas, si grando increbuerint, si alimenta frugibus siccitas denegaverit, ad Deum consurgunt, Dei petitur auxilium, Deus, ut subveniat, oratur.* Lact. Firmian. lib. 2. cap. 1.

* *Parcus Deorum cultor, & infrequens
 Insanientis dum Sipientia
 Consultus erro: nunc retorsum
 Vela dare, atque iterare cursus.
 Cogor relictos, namque Diespiter
 Igni corusco nubila dividens
 Plurumque per purum tenantes*

*Egit equos, volucrumque currum;
 Quo bruta tellus, & vaga flumina
 Quo flux, & invisæ horrida Tenaræ
 Sedes, Atlantæque finis
 Concutitur, valet imæ summis
 Mutare; & insignem attenuat Deus
 Obscura promens,*

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO II.

*Contra o Polytheismo.**

D Estes vehementes brados varios eccos
Formou a refracção nos troncos seccos:
Do Mar, que ao longe ronca, ou do granizo
O antecipado estrondo, representa
O murmureo do bosque: outra tormenta
Pa-

* *Polytheismo*: Vem do Grego *Poly*, que significa *muito*, e de *Theos*, que significa *Deos*: e he o mesmo que huma ceita, que admite muitos Deos. Seria necessario hum volume para indagar a Origem, o Author, e os progressos da Idolatria. Os Escriptores naõ concordão na sua epoca. Os Orientaes discorrem, que ella tivera uso antes do Deluvio, fundados no Texto. *Omnis, caro corruperat viam suam*: Outros, depois d'elle, attribuirão a invenção desta maldade, a Chaõ filho de Noé, cuja descendencia encheo o Mundo deste barbaro, e sacrilego delicto. Esta he a opiniaõ de Cassiano, Collat. 8. Cap. 21. e de Laétancio, lib. 21. de falsa religion; bem que naõ he fundada em documento historico. S. Epiphanio, de Hæresib; peitende que Sarug, Avô de Tharê, Pai de Abraham fosse o primeiro cultor dos Idolos. Porém Josué no Cap. 24. v. 24. só chama idolatras a Tharê, e a seu filho Nachor, Irmaõ do mesmo Abraham: *Transfluvium habitaverunt Patres vestri ab initio, Tharê, pater Abraham, & Nachor, servi-*

Parece que nas vozes se formava :
 O Genio , e o Peregrino duvidoso ,
 Não sabem se este alento pavoroso
 De taõ rudo , funefto domicilio
 Seria fedicão , em vèz de auxilio !

Julgando fofpeitofa hum clyma , aonde
 A lei com a razaõ não correponde ,
 Se apartaraõ de hum fitio , em que podia
 Ser virtude a traiçãõ , e a aleivofia :
 Huma estrada procuraõ , que nas plantas ,
 Com que fe adorna o provido terreno
 Se fazia o caminho mais ameno :
 Antigo parecia pelo eftrago ,
 Com que a imagem de Roma , e de Carthago
 Palpitava na pyra , ou nos refquicios
 De tantos arruinados edificios ;

Pois

vieruntque Diis alienis. Outros querem que Nemrod , fofse o inventor da Idolatria. O Livro da Sapiencia Cap. 14 v. 15. ainda que não declara o A. nos infnuia a origem : Diz que hum Pai , fentindo viviffimamente a morte de hum filho , o mandara efculpir , e ordenara à fua familia , que lhe votaffe facrificios. Daqui procedeo que de tudo o que fô movia ou por affecto , ou lifouja , ou pordependencia , ou em agradecimento de algum beneficio , fe hia convertendo em culto , e daqui nasceu a adoraçãõ que fe deu a Jupiter , a Saturno , a Marte , &c. Continuando efte culto , depois da fua morte nos feus Simulacros. *Siquis tamen* (diz o P. Calmet no feu fupplem. do Difcion. Biblic.) *genuinum idolatrie fontem inveftigare voluerit , non aliunde querat , quam in depravatione humani cordis in ignorantia rerum , in faftu , audaciã , mala cupiditate , ac ftudio in res fenfiles , in licentia , brutalibusque paffionibus.*

Pois das reliquias  no fatal refumo
Se achava inda o pavor, se erguia o fumo.

N'algun vestigio humano mostra a areia
Naõ ser a estrada inhospita: a distancia
Menos gostosa a fáz na tolerancia
Da cançada vareda; e já vencido
Muita parte de hum curso taõ comprido,
Advertem lá ao longe hum passageiro,
Que a elles se encaminha; e mais chegado
Conheceraõ tambem que era estrangeiro
No semblante, e no traje defusado:
Saudaraõ-se cortezes: e huma fonte,
Que alli nascia da raíz do monte,
E toldava huma arvore florída,
A reparar as forças os convida.

Suspenso (diz o novo caminhante)
Me tem a vossa vista: Quem cuidara
Que a qui neste lugar vos encontrara!
Quem vos traz a hum clyma taõ distante;
Se he que sois Europeos? a huma Provincia
Mais Oriental da Asia? que desejo

Vos

 *Pois das reliquias &c.* Esta estrada levava o Peregrino aos templos dos *Idolos*, que adoraõ os *Chins*; e esta *Idolatria* se funda nos vestigios da que practicavaõ os *Romanos*; e porisso ainda que finjamos estes edificios ar-ruinados, porque já senaõ adora *Jupiter*, *Marte*, *Apollo* &c. parece que se acha o fumo desta superstiçaõ no culto, que a *China* dá aos seus simulacros.

Vos move, que ambição, ou que destino?
 Ver * o Mundo (responde o Peregrino)
 He todo o meu intento: toda a empreza,
 Que me leva a medir a redondeza
 De tão varios, incognitos districtos;
 He saber os costumes, leis, e ritos
 Desta Civil, humana sociedade:
 A pé, e quasi só! grande vontade
 (Pondera o estranho companheiro) tendes
 De entregar a tão prodigos trabalhos
 O miseravel Corpo! Nos atalhos
 Nas varedas mais asparas (lhe adverte
 O sabião Peregrino) que de balde
 Intentarão dos passos a fadiga
 Que a laxidão dos membros se confira,
 Este amigo fiel, que me acompanha,
 Em tão subtíl materia se conserva,
 Que muita parte della me reserva
 Para extenuar a maquina corporea;
 E tão * agil me poem para este intento,
 Que converte a substancia em pensamento:

D

Ten-

* *Ver o Mundo &c.* Não pareceu ao *Herôe* ser conveniente o descobrir ao estrangeiro, sem o conhecer, o principal intento da sua empreza. Cautella que devem observar todos os homens prudentes.

* *E tão agil &c.* Ou pelo superior auxilio do *Genio*: ou porque senão experimenta alguma fadiga, e tudo se facilita nas mais arduas emprezas, quando se movem por huma natural inclinação.

Tende de mim por hora esta noticia ;
 E já que me tem sido taõ propicia
 Hoje a minha fortuna , pretendera
 Se licença me dereis , que soubera
 Quem sois , para que possa respeitarvos
 Neste felîz successo de encontrarvos.

Confucio * sou (lhe diz) tomando o nome
 Deste antigo Philosopho da china ,
 Ou deste Imperio Oraculo eloquente ,
 De quem a illustre ; singular doutrina
 Deu que fazer ao solio prehemimente
 Da vossa mesma Roma : ✠ Nesta estrada
 Ando sempre em sollicita jornada
 Por conduzir aos Deoses , que venero ,
 Algum viador de espirito sincero :
 Se quereis que vos leve áquella estancia
 Cheia de excelsa , esplendida fragrancia ,
 De tanta Divindade , aberta via
 Tendes na minha ingenua companhia. A

* *Confucio*. Hé hum antiquissimo philosopho da China , que este Imperio respeita como Oraculo da sua Religião , e das suas Sciencias.

✠ Consta da Epist. ad Galat. cap. 2. q̄ vindo *S. Pedro a Antiochia* comia com os *Gentios* , que se tinhaõ feito *Christãos* , de todas as viandas , que estavaõ prohibidas aos *Judeos* no cap. xi. do *Levitico* ; e depois que vieraõ à mesma Cidade os *Judeos* , que se tinhaõ feito *Christãos* , se abstinha de comer com os outros por naõ escandalizar os circuncisõs. Consta do mesmo cap. da Epist. V. 14; que *S. Paulo* naõ aprovara este procedimento , e que reprehendera delle a *Pedro* com as seguintes pal'avras : *Si tu , cum Judæus , sis , gentiliter vivis , & non judaice , quomodo gentes cogis judaizare.*

A tudo o que hé notavel se provoca
 (Lhe diz o Peregrino) o meu desejo ;
 Sigamos pois a estrada : Aqui vos toca
 (Diz Confúcio) o naõ terme por sobejo ,
 Se vos peço huma historia resumida
 Da vossa patria , acçoens , emprego , e vida .

Bem que posso affligirme na memoria
 (Responde o Peregrino) dessa historia ;
 A direi , sem usar de algum alinho ,
 Em quanto nos detemos no caminho .

A noticia de antigos Genitores ,
 Com que as aras se incensaõ da nobreza ,
 Naõ vos posso allegar : entre os horrores

D 2

De

Daqui se originou o combate , que durou tantos annos entre *Santo Agostinho*, e *S. Jeronymo*, em que ventilaraõ se era digna de reprehensaõ a acçaõ de *S. Pedro*, e se verdadeiramente o reprehendera *S. Paulo*. Fundados nos pareceres, em que ao depois se dividiraõ por huma, e outra parte os *Theologos*, se originou outra questãõ entre os *Missionarios* da *China*: os *Jesuitas*, com os *Franciscanos*, e *Dominicos*: Como os Chins admittem entre os pontos da sua religiaõ a *Metempsycofe*, ou transnigraçaõ das almas de huns para outros corpos, como dos humanos para os dos brutos, se abstem de comerem algumas carnes, de que usamos na Europa; e parece que deviaõ disputar os *Missionarios*, à imitaçaõ de *Pedro*, e *Paulo*, se devia ser permittida esta abstinencia: Porem toda a contenda versou se as ceremonias, que os chins faziaõ aos seus *Primogenitores*, e a *Confucio*, eraõ religiosas, ou politicas. Esta questãõ se levou muitas vezes a *Roma*, aonde se ventitou com o maior esforço diante dos Papas *Clemente XI*; *Benedicto XIII*; *Clemente XII*; e do Pontifice Reinante, *Benedicto XIV*; que a decidiraõ com varios Breves. Quem desejar esta materia com mais extençaõ, veja a nossa *Resposta Compulsoria*, que há pouco tempo sahio a luz em defenõa dos *Jesuitas*.

De huma funda Caverna , a natureza
 Ao Mundo me deitou ; sem que alcançasse
 Quem nesta horrenda estancia me gerasse.
 No centro infausto da funesta alcoba
 A admiravel Clemencia de huma Loba
 Só conheci por Mai : * estes socorros
 Logrei na criação dos seus cachorros ,
 Que a pezar de huma especie tão distante
 Os tive por Irmaons n'algum instante.

Depois que a clara luz da intelligencia
 A razaõ me illustrou , tive a evidencia
 Que de origem mais alta procedia :
 Mas de que forte fora , não sabia ;
 E esta nevoa infelíz d'hum ancia interna
 Se augmentava nas sombras da caverna.

Banhouse de outro raio o entendimento ,
 Forniose mais o corpo ; hum novo alento
 Acendia os impulsos da vontade
 Para vencer a enorme escuridade :
 Chego á entrada da Cova , que na penha
 Se abria só capâz de penetralla
 A destreza do bruto : aqui se empenha
 Toda a minha afflicção ; mas não se aballa

Aos

* A historia Romana dá tambem esta ama a Romulo, e Remo, e com este exemplo, ainda que bastantemente disputado, se conforma o admiravel com o verosimil.

Aos meus ais o penhasco endurecido :
 Infiste, e lucsta o esforço entre o gemido,
 Entre o pranto, entre a raiva, entre o desvello :
 Vou huma, e outra vez reconhecello ;
 Procuro as fendas, as feiçoens lhe inquirro,
 Já me incita o valor, já me retiro ;
 E quasi de repente, e quando alcança
 Menos alento a misera esperança,
 O carcere fatal se poem convulso :
 Contra a dureza bate hum novo impulso ;
 Até que deixa, com portento ignoto,
 Patente a gruta no penedo roto.

Ao prodigio, * que inda hoje desconheço
 Devi a Liberdade: Sepultado
 Ficara neste abyssmo o triste estado
 De huma vida infelîz, senão houvera
 Algum supremo auxilio, que rompera
 Tanta violencia, com que a sorte brava
 O indissoluvell vinculo apertava.

Da caverna na idade mais florente
 Saio, em fim, para o Mundo: de repente
 Dou com os torpes olhos na estrutura

D. 3

Da

* *Ao prodigio.* Tendo disposto a Providencia que o Heroê triumphasse das feitas, o devemos considerar auxiliado de superior impulso: Por esta causa se logra o verosimil no admiravel, sahindo da caverna por hum modo milagroso.

Da maquina celeste : Sem destino ,
 Sem vista , sem ardor , sem rumo , ou tino ,
 Me achava submergido em outra escura
 Concavidade ; e a luz que me recreia
 Varias fômbros produz na minha ideia :
 Qual a ave nocturna , que desfmaia
 Nos raios , em que a aguia o filho ensaia ,
 Assim o horror , que dos fulgores dista ,
 Foi a primeira acção da minha vista.

Cheio de affombro de ignorancia , e medo ,
 Bem que livre do misero concurso ,
 Que insultava os reflexos do discurso ,
 Dizia : Quem sou eu ? * Donde procedo ?
 Quem me fez ? onde estou ? concebo , alcanço ,
 Julgo , discorro , entendo , obro , decido ,
 Sinto , e vejo ? Que Nume esclarecido
 Se move dentro em mim , que ao meu alento ,
 Que

* Estas mesmas perguntas fizera cada hum de nós a si mesmo se deramos de repente com os olhos nesta portentosa maquina do Mundo, e se não tivera tirado o costume aquelle affombro, a que nos devia convidar hum objecto tão admiravel. Não só o costume, a falta de reflexão nos livra da quelle espanto, em que deviamos estar sempre Sepultados entre as Sombras do nosso discurso.

O *Abbate Genest* no seu Poema dos Principios da *Philosophia*, traz figurada no frontispicio deste Livro a imagem de hum mancebo naquelle mesmo estado, em que o *Peregrino* sahio da caverna com a letra seguinte.

Qui suis je ? Où suis je ? & d'où suis je venu ? este mesmo verso repetio no livro 1. d'este Poema no tit. *Des'esprit, & du corps*; pelo modo seguinte.

Que ao meu impulso, a minha intelligencia
Assiste com tal alta preheminencia?

Olhava para os pés, coxas, e braços,
Para as pernas, e maons, dedos, e ventre
Tudo julgava por assombros; e entre
Taõ grande confusaõ, me parecia
Que em nova escuridade a dormecia.

Quando mais elevado neste abyssmo
De taõ profunda ideia, amente inflammo,
Vejo nascer o Sol: O' quanto exclamo
Com taõ brilhante objecto! Que exquisita
Admiraçaõ o espirito me excita
A beber tantos raios com os olhos!
Naõ podia apartarme do portento
O meu extemporaneo movimento:
Fui a adorallo como a Divindade
Da fabrica sublime: * a claridade
Naõ só a tanto empenho me arreбата,

D 4

Mas

*J' ignore tout, & rien ne m' est connu!
Attentif, & onnè, je regarde, j' è coute,
Qui suis-je? Où suis-je? & d' où suis je venu?
Qu' arrive-t-il en moi? Je balance, je doute.
D'une chose pourtant je ne Sçaurois douter;
Je crois voir, je crois è couter.*

* Fui a adorallo &c. Primeiro impulso da novidade, e formosura do Sol.
Se tanto persuade a excellencia da Criatura, que fará a do Criador?

Mas notar que já sobe, e se dilata
 Por esse immenso campo de zaphira;
 Onde affecta que alenta, e que respira,
 Que tem alma, e que vive em mais grandeza,
 Que a minha desmaiada natureza.

Naõ tive neste dia outro recurso
 Mais que estarlhe observando o ethereo curso
 No circulo luzente: Naõ te explico
 As imagens funestas com que fico
 Depois de o ver no Occaso: Quem se atreve
 A mostrar tanta pompa luminosa
 (Dizia) n'humã vida que hé taõ breve?
 Outra vista naõ menos portentosa
 Tive ao depois na Lua, e nas estrellas: *
 Em tanta multidaõ de centinellas:
 Com que o Ceo se guarnece, e a noite brilha
 Encontrei huma nova maravilha.
 Tornou a vir o Sol ao aureo berço
 Para illustrar o adorno do Universo,
 Mas ao depois o Curso repetido
 Já me deixava menos suspenso. †

Fui

* *Outra vista naõ menos portentosa.* Naõ nos causaria menos assombro, do que a vista do Sol, a da Lua, e a das Estrellas, se tambem de improviso se offerecesse aos nossos olhos. A nossa desatençaõ, e o nosso descuido hé q̃ nos priva de estarmos sempre embebidos na contemplaçaõ destes, e de outros portentos.

† *O Curso repetido.* O que muitas vezes se vê, ou se communica, por mais admiravel que seja, se faz logo commum, e desprezavel no nosso Conccito.

Fui a notar a planta, a ave, o bruto, ††
 Vi-me pasmado, e estive irresoluto
 Em cada estranho objecto, que notava:
 A garganta do monte, que rasgava,
 Na fralda a gruta atróz, em que nascera,
 O meu desejo ardente se accelera:
 Batia o Mar nos barbaros rochedos
 Do terraqueo gigante: de continuo
 Se embravecia o monstro cristalino;
 E em outra parte a praia não receia
 De rebaterlhe a furia com a areia.

Com novo espanto na regiaõ sublime
 Estive muito tempo arrebatado,
 Até que me levou todo o cuidado
 Outro prodigio, que no inchado pego
 Alterou inda mais o meu socego.

Hum monstro, cheio de tecidas plumas,
 Vinha abrindo as colericas escumas:
 Impellido do vento, mais ligeira

Pu-

†† Fui a notar a planta. Como tudo era novo para o Peregrino, tudo lhe parecia prodigioso; sendo que a excellencia das coizas, não deve consistir na novidade, mas no seu intrinseco valor; porem o nosso entendimento dá menos preço ao que conhece, que ao que ignora.

Sed assiduitate quotidianã, & consuetudine oculorum assuescunt animi, neque admirantur, neque requirunt rationes earum rerum, quas semper vident: perinde quasi novitas nos magis, quam magnitudo rerum debeat ad exquirendas causas excitare. Cicero. de natur. Deor. lib. 2.

Punha no affopro a rapida carreira,
 E se talvez o Boreas lhe faltava,
 Humas vezes se unia, outras parava:
 Chegou junto da praia, onde vomita *
 Da minha propria especie varios entes,
 Quasi do mesmo traje, e diferentes
 Nas feiçoens, na estatura nos semblantes:
 Logo os busquei, e os fiz participantes
 Por acenos da minha desventura:
 Agazalharme cada qual procura:
 Não sei se a tanta lastima os persuade
 A primeira impressao da novidade,
 Ou a magoa, que excita o seu cuidado
 De verme em tao funesto, e triste estado:
 Todos me cercao: todos me perguntao
 Pela minha fortuna: absorto fico,
 E só com gestos, e attençoens me explico:
 Para o navio, em fim, me recolherao;
 E depois que agoa doce receberao
 De hum chorro, que se finge hum novo ethonte,
 Despenhado entre os circulos do monte,

A

* Julgou o *Peregrino* o navio por hum monstro marinho: a ignorancia da *Nautica* lhe produziu este conceito: o desembarque dos marinheiros lhe pareceu hum horroroso vomito, que fazia o monstro na praia. Eis aqui as erradas ideias, que formamos de tudo o que não conhecemos. Bom exemplo para não reputarmos por demonstraçoens physicas as nossas conjecturas: Que de absurdos, de erros, e de enganos seguimos, e defendemos nas Sciencias, quando não temos nelas outra guia mais, que a nossa falsa apprehensao!

A ancora levaraõ: N'hum momento
Vellas, e pretensoens se daõ ao vento.

Pude lavar na sua companhia:
Muita parte da minha grosseria:
Fallei em pouco tempo: algum principio
Me deu o Capitaõ do que era o Mundo:
Vencendo, pois o golfo furibundo
Tomamos terra, e entrei neste comercio
Da humana sociedade: O meu destino
Me levava aos estudos: peregrino
Andei por varias clymas, varias partes
Seguindo as Sciencias, aprendendo as artes,

Tropeçando já n'hum, e outro perigo,
Toda a Europa vaguei, quasi mendigo,
Renovando das viagens entre as penas
O intento dos Philosophos de Athenas,
Que buscaraõ das Sciencias as façanhas
Nas aulas das Provincias mais estranhas:
Conheci a doutrina das Escholas
Italianas, Francezas, Hespanholas:
Passo ás de Inglaterra, Olanda, e Prussia,
A's de Suecia, Dinamarca, e Ruffia.

A's de Alemanha, de Polonia, e Hungria:

O agrado, o modo, o alento me fazia
 Alguma vêz aceito, outra enfadonho;
 O genio illustre, o espirito bizonho
 Da quelles a que á pratica me expunha,
 Com o gosto, e tristeza me alternava
 O Socorro, e a noticia, que buscava:
 A custa de hum virtuoso sofrimento
 Mais se acendia a lûz do entendimento,
 Sem condemnar a lei, que me destina
 A tirar dos trabalhos a doutrina:
 Logrei neste exercicio vagabundo
 A grande sciencia de julgar o Mundo,
 E conhecer os homens; sciencia rara,
 E bem pouco advertida; e taõ preclara,
 Que ella só bastará n'hum genio ardente.
 A fazello erudito, e intelligente:
 Desenganese o sabio de mais pompa,
 Que sem que a sua dita se interrompa
 Na lição dos trabalhos, não alcança
 Das sciencias a gloriosa legurança:
 Mestre a sorte, na barbara cegueira,
 Hé da sabidoria verdadeira.

As artes, que tentei no errante impulso,
 Escolhi por mais nobre, e de mais pulso

Metro, pincel, e Canto: * estes objectos
Me arrebataraõ sempre os meus affectos:
Na Poesia me instava aquelle activo
Resplandecente raptõ, com que a alma
Se poem na doce, cogitante calma,
Proferindo no metrico dispendio
Tanto canoro, destilado incendio.

Na Pintura admirei que em hũa taboa
Taõ lisa, como rasa, o claro, e escuro
Desse à vista de hum seculo futuro
Taõ vivas as feiçoens, que arrebatado
O assombro na elegancia do treslado
Parecesse que, em tantos resplandores,
Refuscitava o espirito nas cores.

Na Musica applicava o arrojõ estranho
Das rebeldes paixoens: taõ venturoso
Me suppunha no encanto numerozo,
Que cuidava que em tanta consonancia
Uniaõ Terra, e Ceo toda a distancia,
Julgando, nas suavissimas cadencias,
Mais nobres os sentidos, que as potencias.

Passei a comprehender em outro estudo
Grammatica, e Rhetorica, que ajudo

Com

* *Metro, pincel, e Canto. Poesia, Pintura, e Musica* são as artes, com que
mais se arrebataraõ os espiritos sublimes, e porisso se attribuem ao *Heros*.

Com o genio mais prompto a este emprego:
 Andará na elegancia sempre cego
 Quem só na arte a funda; que hé preciso
 Lograr a propensaõ, e haver juizo;
 Pois da palavra a força, e a gentileza,
 Não vem da regra, vem da natureza. *

Debaixo dos preceitos de Longino †
 Vi tomar ás Naçoens diverso tino:
 Os Francezes poetizaõ como fallaõ
 Na pratica commua: Não regallaõ
 Com aquelles harmonicos debuxos,
 Que a Castalia propoem nos seus influxos:
 Não distinguem da Historia os Elogios:

Fa-

* *Sic sentio naturam primam ad descendum vim afferre maximam. Cicer. lib. 1. de Orator. Nihil præcepta, atque artes valere, nisi adjuvante natura. Quintil. lib. 1. cap. 1.*

Et comme l'art de chanter ne réussit pas à celui qui n'a pas de voix, l'art de parler ne peut réussir à celui qui n'a pas de genie pour la parole. Rapin, Reflex. sur l'éloquence, n. 4; in fine.

† *Longino: Dionyzio Longino* floreceu no 3. seculo da era Christan: compoz em Grego hum Tractado de sublime que os Francezes julgaõ por text. da verdadeira eloquencia, e o antecedem à *Aristoteles*. Hé certo que nesta materia hé mestre consumado; porem os Francezes estimaõ mais, do que seguem, os seus preceitos. *Boileau* fez huma bella traducão Franceza desta obra. Outros chamaõ a *Longino*, *Cassio*, e naõ *Dionyzio*: Dizem que fora herdeiro de *Fronton Emiseno*, e *Mestre de Porphyro*; e que ao depois fora Ministro, ou Conselheiro de estado de *Zenobia Rainha dos Palmyrenos*: Que fora morto por ordem do Imperador *Aureliano* em 273. da era christan pelo imaginar author de huma carta atrevida, que esta Rainha lhe tinha escripto na lingua *Syriaca*. *Zozimo* louva muito a erudição de *Longino*, os seus escritos, e a constancia, com que soffreo o suplicio, que lhe fez dar *Aureliano*. *Eunapio* diz que elle era hũa viva *Bibliotheca*.

Fazem nos seus papeis estes desvios
 Dos Mestres da eloquencia, e sempre ostentaõ
 Que das leis da elegancia naõ se auzentaõ:
 Por costume, ou por genio tem disposto
 Na explicaçaõ vulgar todo o seu gosto.

Na Italia reina a pompa delicada
 De hum flórido concerto: sublimada
 Foi sempre neste ardor do Lacio a gente:
 De Aristoteles segue inteiramente
 Na ligada Oraçaõ, e na soluta
 A mestria, que Apollo lhe tributa.

Em huma, e outra Victoriosa Hespanha
 Se encarece a agudeza: Naõ se estranha
 Subtilizar do verso o doce alento
 No mais agudo, e fino pensamento:
 Na Panegyri ao Rithmo a Prosa segue,
 Cuidando que a eloquencia assim consegue:
 Mas de França as ingenitas porfias
 Lhe pertendem chamar galimatias: *
 Seja amor da clareza, ou seja asylo,
 Que busca a froxidaõ do seu estylo.

Metri-

* *Galimatias* chamaõ os *Francezes* a todo o pensamento, ou discurso que lhe parece escuro: Porem o seu *Despreaux* nos diz que com esta capa de escuridade querem muitos encobrir a sua ignorancia; pertendendo que o defeito esteja na irregular explicaçaõ do escriptor, estando alias na fraca intelligencia do que lê.

Meti-me em philosophicos enfaios:

Hum mappa procurei cheio de raios,
 Onde entendi que achava em cristal terço
 Illuminada a pompa do Universo:
 Depois de muito tempo, em que não sinto
 A mais pequena luz; n'hum labyrintho
 De systemas, e duvidas me engolfo:
 Pilotos eraõ deste escuro golfo
 O famoso Aristoteles, Descartes,
 Gassendo, e Newton, * tendo em varias partes
 Movido tanto o Mar no empenho antigo,
 Que não havia rumo, sem perigo.

De

* Os quatro Coripheos das Seitas philosophicas, que hoje permanecem nas Aulas. Poderia ser agradavel aos Leitores dar huma noticia de quem elles foraõ, e da differença dos seus *Systemas*; naõ cabe tanto na brevidade de humas notas, e o que pode permittir a Concisaõ de hum Poema vai exposto neste lugar.

Desde o Verso 312. até 364. Com tudo sempre daremos alguma breve noticia de cada hum destes Philolophos. *Aristoteles* nasceo em *Stagira* pequena Villa de *Macedonia* 384. antes de *Christo*: Depois da morte de seu Pai *Nicomaco*, medico de *Philippe*, ficou entregue á tutella de *Proxenes*, em que viveu licenciosamente. Gastando nesta Vida o seu patrimonio, servio ao depois nas tropas de *Athenas*. Daqui buscou a eschola de *Platam*, aonde aprendeu a *Philosophia*. Por algumas queistoens, que teve com o Mestre se retirou para *Atarne*, aonde reinava *Hermias*, que lhe deu por mulher a sua Irman *Pythias*. Sendo desolado este Principado por *Ammam* General dos *Persas*, fugio *Aristoteles* para *Mytilene*, donde o chamou *Philippe* para Mestre de seu filho *Alexandre*. Depois de gastar 8. annos na educaçãõ deste Principe, passou outra vez à *Athenas*, aonde instituiu a seita *Peripatetica*! Aqui foi accusado por impio, accusaçãõ que lhe fez *Eurymedon*, Sacerdote de *Ceres*. Por esta causa se refugiou em *Chalcis*! Morreu de 63. annos, huns dizem que de huma colica, outros que a fogado no *Euripo* de pena por não entender o segredo das marés. Pelo que toca às suas obras se veja *Launoi de varia Aristotelis fortuna*, e *Patrio* no seu livro intitulado: *Peripatetica discussiones*.

De scyllas, e carybdes se compunha
 A cansada derrota: Quanto expunha
 A' minha intellecção este Orizote
 Eraõ corpos mentaes de vaga fronte;
 Como aquelles fingidos exemplares,
 Que as nuvens formaõ na regiaõ dos ares,
 Que ao tempo, em que as imagens se procuraõ;
 Nesse instante os aspectos desfiguraõ;

As partes infinitas do Continuo
 Hum monstro me ordenavaõ: grande absurdo
 Me pareceu o enredo da materia,
 Que a Eschola chama *prima*: instancia aerial
 A dos Universaes: Neste tumulto
 Vi dormir de Aristoteles o vulto, *
 Soltando as principaes difficuldades
 Com as suas distintas qualidades.

Naõ arde o fogo, naõ borbulha a agoa,
 Naõ brilha a luz, o corpo naõ aquece,
 Naõ se cõra, se esfria, ou se humedece:
 Naõ desce o grave; naõ atraie o ferro
 O poderoso imân; sem que atraido,
 Sem que precipitado, humedecido,

E Conge-

* *Vi dormir de Aristoteles o vulto.* Porque as principaes difficuldades da *Physica* soltaõ os seus sectários com esta grosseira, e descansada soluçãõ das tuas novas qualidades.

Congelado, côrado, ou quente seja
 Por qualidade nova, que se reja:
 Sem que brilhe, borbulhe, ou arda logo
 Da mesma forte a luz, a agoa, o fogo,
 Senão por outra forma bem distinta,
 Que na falsa apprehensão a ideia pinta:
 O' bella descansada subtileza
 De inquirir, de explicar a Natureza!
 Quem n'uma hora, adoptando este conceito
 Senão fará hum physico perfeito?

Em Descartes * achei outras espinhas:
 Faz o vacuo impossivel: dos seus brutos
 As maquinas automatas offendem

Os

* Renato Descartes nasceu na Haya de Turena de huma familia nobre, e antiga: tomou as primeiras letras em Flecha, e depois de varias distrações, seu grande amigo o P. Mersenno o persuade á applicação dos estudos. Huma viagem, que fez a Holanda em 1616. o tentou a servir nas tropas da República; e estando de guarnição em Bredá dissolveu o famoso problema de Mathematica de Isaac Beeman; e a qui compoz hum *Tratado de Musica*. Tendo assistido a differentes sitios voltou a Pariz, aonde se deu ao estudo da *Ethica*, e da *Physica*. Foi à Italia, e assistio ao sitio da Rochella em 1628; e tornando a Pariz o Nuncio do Papa o fez publicar o seu *Systema da Philosophia*. Para seguir com mais tranquillidade os estudos se retirou a Egmont, e viveu em Holanda neste retiro mais de 25 annos. De balde o convidaraõ para a assistencia da Corte Luiz XIII, e o Cardeal de Richelieu, elle publicou neste tempo as suas *Meditações* sobre a existencia de Deos, e sobre a *immortalidade da alma*. Resolveuse em fahir á Corte aonde recebeu hũa pensãõ de tres mil livras. Passou à Suecia convidado pela Rainha Christina, que o recebeu, e tratou com a maior estimaçãõ: aonde morreu em 1650. de 54. annos. Adriano Baillet tem escripto a sua vida. As suas obras principaes saõ: *Os seus Principios*, *as suas Meditações*, *o seu Methodo*, *o seu Tratado de paixões*, *o da Geometria*, *o do Hamem*, e muitos volumes de *Cartas*.

Os objectos formais, e os estatutos
 Por onde os entes mais se comprehendem:
 São as demonstraçoens muito fallazes,
 Os experimentos perfidos: Vorazes
 Os vagos turbilhoens: com pouco fundo
 A fabrica inconnexa do seu Mundo.

De Gassendo * nos atomos concebo
 Igual difficuldade: Não percebo,
 Sendo hum atomo simples, como pode
 Ser physico, e real, sem que accomode
 Na figura a extensaõ: E todo o extenso,
 Seja grande, ou subtil, ou raro, ou denso,
 Não pode estar sem partes: Se as conserva,

E 2

Sim-

* Pedro Gassendo nasceu na Provença na Villa de Chanterrier do Bispado de Digna, no anno de 1592. Depois de ter feito hum grande progresso nos estudos reforma, ou christianiza o systema de Epicuro, e se fez hum novo corripheo desta *Philosophia*, a que ajuntou hum grande conhecimento das *Mathematicas*, e das linguas, com huma exquisita, e profunda erudiçaõ. Foi Conego, e Prevooste da Cathedral de Digna. Foi amado de Mr. de Peirese, de Mr. du Vair, do Cardeal de Richelieu, e de todos os Sabios da quella idade. O Cardeal de Lyon, Irmaõ do Cardeal de Richelieu, lhe procurou huma Cadeira de *Mathematica* no Collegio Real em 1645. Morreu em Pariz em 1655. a 24. de Outubro, de 64. annos, na execuçaõ de huma sangria, que lhe mandaraõ dar os Medicos, instando elle muitas vezes que morreria na acçaõ deste remedio, e no meio delle he, que espirou. Sendo hum homem taõ grande, causa huma grande admiraçaõ, o fogueitar-se com tanta obediencia a hum capricho estranho.

Temos de Gassendo tres volumes da *Philosophia* de Epicuro; e seis que contem a sua *Philosophia*; Dois de *Astronomia*. Tres das vidas de Nicoláo Peirese, de Epicuro, de Copernico, de Tycko Brahe, de Peurbachio, e de Regiomontano. Quatro de *Cartas*, e Outras obras. Sorbierre, e o P. Bougerel da Congregaçaõ do Oratorio escreveraõ a sua vida.

Simples não pode ser: Se as não observa,
 Bem que existente á ideia se treslada,
 Outra ideia dirá, que não hê nada.

Tenho advertido em Newton, † que procura
 Fundar o movimento na estrutura
 Da virtude magnetica, explicando
 Todas as operaçoens, que tem o mando
 Da natureza incognita, no impulso
 Da geral atracção: Parece infulso
 Tambem este conceito, em que se imita
 Do Peripato a ideia já profcrita
 Das novas qualidades: Tudo enredos
 De confusas noçoens, falsos segredos.

Alem

† Isaac Newton nasceu em *Wollstope* na Provincia de *Lincoln* em *Inglaterra* o dia de Natal de 1642. elle descendia por Varonia do Barão *Joaõ Newton*, e foi educado na grande Escola de *Grantham*: Daqui continuou os seus estudos no Collegio da *Trindade* de *Cambridge*, e fez a maior applicação nas *Mathematicas*, em que sahio eminente. O primeiro tomo, que elle deu à luz destes estudos, foi em 1687. com o titulo *Principios Mathematicos da Philosophia natural*; acnde elle estabeleceu o seu sylte-ma da *Atracção*. Foi guarda, e ao depois *Direktor da moeda*, emprego de grande renda. Foi eleito em 1703. *Presidente da Sociedade Real de Londres*, e no anno seguinte imprimio a sua *Optica*, huma das maiores obras do seu grande espirito. A *Rainha Anna* o fez *Cavaleiro* em 1708. Morreu em *Londres* a 20. de Março de 1727. de 85 annos; e foi sepultado na *Abadia de Westminster*; Foi exposto o Cadaver na *Camera de Jerusalem*, donde se levaõ ao sepulcro as pessoas da mais alta dignidade. Levaraõ o *Caixaõ Milord*, grande *Chancellor*, os *Duques de Montrose e Rosbugh*, e os *Condes de Pembroke, de Suffes*, e de *Masclesfield*; todos *Pares de Inglaterra*: officiou as exequias o *Bispo de Rochester*, acompanhado de todo o Clero da quella Igreja; e o corpo foi sepultado á entrada do Coro. Raros feraõ os exemplos na historia de que algum conseguiu tanta honra pela sua sciencia só por esta acção se devia immortalizar a *Nação Inglesa*.

Alem disto notei que toda a ancia
 Do mais douto sectario, era a jactancia
 De entregar deste objecto à ideia escura
 Todo o engano da indocil conjectura,
 Sem que attenda que a imagem paradoxoza
 Se encontre com a Maxima orthodoxa;
 Querendo fogeitar a Fé Divina
 A's leis da Philosophica doutrina
 Serve a Philosophia de instrumento
 Para dar mais algum conhecimento
 Da excelsa Religiaõ: Philosophamos
 Da Grandeza de Deos, quando notamos
 A perfeiçaõ da fabrica do Mundo; *
 E a Ménte de hum Artifice profundo
 Na firme successaõ de noite, e dia,
 No concurso dos tempos, na harmonia
 De tanto impulso, é estimulo diverso,
 Como compoem a face do Universo:
 Com a Philosophia distinguimos,
 Do falso o verdadeiro: descobrimos
 A distancia, que vai do honesto ao torpe;
 Separamos os vicios das virtudes
 E alcançamos hum bem taõ desejado
 Se entre os vagos incendios do cuidado

E 3

Como

* *Cæli enarrant gloriam Dei.* Psalm. 18.*Intueret Cælum, & philosophare.*

As nossas conjecturas focorremos,
 Mas se as precipitamos; nos extremos
 Cahimos mais infieis de hum dogma impuro,
 Como Lucrecio, Pyrrhon, e Epicuro.

A Religião não deve algum conceito
 Provar de hum philosophico delirio,
 Deve o discurso, cheio de respeito
 Prezar menos a feita, do que o Empyrio:
 A palavra de Deos só se interpreta
 Se acaso está confuzo, o que decreta:
 Quem nella subtiliza hé taõ distante
 Do acerto, que ainda hé menos, que o ignorante
 Não há erro maior, que pelo estudo
 Querer examinar com genio agudo
 Dos entes naturaes todo o prodigio;
 E sem mais, do que hum frivolo vestigio,
 Entrar nesta atrevida, e louca empreza *
 Desconhecendo o Author da Natureza:
 E se hê demencia, d'hum objecto humano
 Pretender alcançar o umbroso arcano,
 Que será desse objecto, em que naufraga
 Da triste fantasia a ideia vaga,
 E que inda está mais longe á negligencia

Da

* Desconhecendo o Author da Natureza: Ils se attacherent à etudier la nature, sans respecter l'Autheur. Rapin sur l'usage de la Philosophie.

Da nossa limitada intelligencia?
 Não será huma misera loucura
 O querer penetrar a conjectura
 Hum Ente superior; e a escuridade,
 Ou dos futuros, ou da eternidade? ✠
 Presumia encontrar na Medicina
 Alguma utilidade: Nada sulca
 O meu cansado estudo; e pouco inculca
 Quem só á contingencia se destina:
 Nos Livros de Galeno, e de Avicena,
 E nos desta farinha, * he grande pena
 Ver fundada inda a arte duvidosa
 Dos systemas na imagem caprichosa.
 Em regras menos futeis fêz mais grave
 Baglivio, Sydenham, e Boerhaave †
 O intento de Esculapio, pondo a sciencia

E 4

Jã

✠ *Evanuerunt in cogitationibus suis, & obscuratum est cor incipiens eorum.*
 Div. Paul. ad Roman. cap. 1.

* *Galeno, e Avicena; Promotores da Medicina peripatetica, e textos do Curativo arbitrario.*

† *Baglivio, Sydenham, foraõ os que arrancarã a Medicina do perigo, e falsidade dos Systemas; e a reduzirã à observaçã, e experienciã; methodo de que hoje usaõ os melhores medicos da Europa, excepto o nosso Portugal, que ainda geme no captivo, e capricho das conjecturas. Boerhaave foi o que levantou esta Medicina á maior perfeiçã: Van Switten, que foi seu discipulo, e commentou a sua melhor obra que saõ os Aphorismos de Cognosc. nd. & Curand. morb; hê hoje primeiro Medico da Augustissima Imperatriz, e Rainha de Bohemia, e de Hungria: Maria Thereza. Galeno nasceu em Pergamo aos 131. da era christã, foi filho de Nicon, famoso arquitecto: Depois de aprender a Philosophia se applicou totalmen-*

Jã na demonstraçoõ, ja na expriencia:
 Abrio largo caminho a Anatomia
 Para esta grande empreza: na sangria,
 Na purga houve eleiçaõ: Novo aphorismo
 Produzio toda a luz do Mechanismo.

Hospede quasi com as Leis me ponho:
 Naõ tendo Patria, ou domicilio certo,
 E já na Povoação, já no deserto,
 Por inuteis julguei estes Volumes;

Pois

te á *Medicina*, e foi discipulo de *Satyrion*, e de *Pelops*, os dois maiores medicos da quelle tempo: Passou à *Alexandria*, aonde floresciaõ as sciencias: Da hi a *Roma* no anno de 169. Foi obrigado a sahir desta Cidade pelo odio, e enveja que conceberaõ os *Medicos* das suas prodigiosas curas. Ao depois foi outra vèz chamado a ella por *Marco Aurelio*: Huns dizem que depois da morte deste Imperador sahira *Galeno de Roma*, outros que nunca mais deixara esta Cidade: Se *Galeno* naõ se quizera apartar do Methodo de *Hypocrates* igualara com elle na *Medicina*. *Avicena* foi *Arabe*, nasceu em *Bochar* a 980. da era christan: Foi doutissimo, e teve huma memoria prodigiosa. Applicouse á *Medicina*, e foi *Visir do Soltam Cabous*; com os desmanchos de hũa vida licenciosa abreviou a sua vida, e morreu de 58. annos. *Forge Baglivio* nasceu em *Raguna* Cidade da *Dalmacia* de huma familia nobre a 5. de Novembro de 1666. Passou da *Dalmacia* para a *Apulia* na companhia de seus Pais, que lhe deraõ por Mestre das primeiras letras ao *P. Mondegado Jesuita*. Estudou na eschola de *Salerno* a *Philosophia*, e *Medicina*, e seguiu esta sciencia nas Academias de *Patavia*, e *Bolomba*, da qual teve por mestre a *Malpighio*. Ao depois fez o domicilio em *Roma*, aonde teve huma grande opiniãõ, e aonde leu a Cadeira da *Anatomia*; morreu a 5. de Março de 1707. *Thomas Sydenham* nasceu no Condado de *Dorset* em *Inglaterra* em 1624. estudou em *Oxford*; e se fez Doutor em *Medicina* na Universidade de *Cambridge*: morreu em 1689. *Hermano Boerhaave* nasceu em *Voorhout* perto de *Lerde* em 1668. Foi o maior medico depois de *Hippocrates*, grande *chimico*, *Bodanico*, e *Anatomico*; ajuntou com estas facultades riquezas immensas. Morreu a 23. de Setembro de 1730.

Pois para regular os meus costumes
 Entendi que bastava aquelle alento,
 Que infundio, ou gravou no entendimento
 Huma Lei natural: Este discurso
 Me fêz buscar a Ethica: * recurso
 Maravilhofo foi: ella me ordena
 Tudo quanto o desejo meditava:
 Neste illustre elemento se engolfava
 A minha propensaõ: Alli diviso
 A verdadeira Sciencia: sem disputas
 De cansadas questoes, o meu aviso
 Descobre neste mappa resolutas
 As instancias da misera vontade:
 O simulacro encontro da verdade;
 Vejo o puro esplendor da continencia,
 A rectidaõ, o merito, a prudencia,
 Mansidaõ, fortaleza: da outra parte,
 Vejo o fero semblante da injustiça,
 A macilenta face da cubiça,
 O luxurioso ardor da intemperança
 O gesto formidavel da vingança:
 Na distancia do bem, e mal encontro

Hum

* A Ethica, que incluye os preceitos da *Philosophia moral*, hê a que dá mais proveito a os estudos; pois nos ensina a reconhecer a virtude, e o vicio. Nesta *Philosophia* se deviaõ exercitar todas as nossas applicaçoens. Não se deve estudar com outro intento que para moderar os nossos impulsos, e vencer os nossos appetites. Esta foi a *Philosophia* de *Socrates*, e que o constituiu o mais sabio, e virtuoso que teve a Antiquidade.

Hum deleite mais alto, e mais fezudo,
Ignorado talvez do antigo estudo.

Muito devê á Ethica: confesso
A sua utilidade: o meu ingresso

Nesta sciencia mais util me encaminha
A conhecer o engano, que provinha
De hum desejo curioso; e que a ignorancia
Hé da sciencia advertida circumstancia.*

Pois he certo que o sabio deve absterse
De tudo o que não pode comprehenderse. ✠

Com tudo noutra eschola, inda mais alta,
Me aproveitei das regras, que me ensina
Mais poderosa, mais feliz doutrina:

A dilatada ferie dos trabalhos,
Por incultos, por asperos atalhos
Me conduz n'humã vida, quasi errante,
A sapiencia mais firme, e mais brilhante,

Que

* *Nescire quedam magna pars Sapientie.*

✠ *Le plus grand abrégement que l'on puisse trouver dans l'étude des sciences, est de ne s'appliquer jamais à la recherche de tout ce qui est au-dessus de nous, & que nous ne pouvons esperer raisonnablement de pouvoir comprendre. De ce genre son toutes les questions qui regardent la puissance de Dieu..... C'est une solution très-commode, & très-courte pour se tirer d'un grand nombre de questions, dont on disputera toujours tant que l'on en voudra disputer, parceque l'on n'arrivera jamais à une connoissance assez claire pour fixer, & arrêter nos esprits: Est-il possible qu'une créature ait été créé dans l'éternité? Dieu peut-il faire un corps infini en grandeur, un mouvement infini en vitesse, une multitude infinie en nombre, un nombre infini est-il pair, ou impair?*

Que no espirito imprime aquelle alento,
 Que vence das paixoens o movimento:
 Outra véz digo ao homem, que sem este
 Custoso resplandor, estudo agreste
 Nunca pode ser sabio; pois a sciencia
 Que se confirma só na intelligencia,
 Sem dõmar os impulsos da vontade
 Hê jaçtancia, hê quimera, hê necedade.

Da lûz exprimental, e intellectiva,
 Pouco a pouco renasce, e se deriva
 Mais nobre applicaçãõ, que me arrebatã.
 A hum excellõ ardor; pois me retrata
 Hum Ente Summo, em fim, onde eminentes
 Haõ de estar tantos indices Luzentes.

A' Polemica passa o meu designio,
 Para ver as razoens, que a mente deve
 A' Suprema Deidade, e em tempo breve
 Notei a confusãõ da Idolatria,
 Do Mahometismo, Hebreismo, e da Heresia;

E

T'a-t-il un infini plus grand que l'autre? Celui qui dira tout d'un coup. Je n'en sai rien, sera aussi avancé en un moment, que celui qui s'appliquera à raisonner vingtaus sur ces sorts de sujets. Et la seule difference qu'il peut y avoir entre eux est, que celui s'efforcera de pénétrer ces questions, est en danger de tomber en un degré plus bas que la simple ignorance, qui est de croire savoir ce qu'il ne sait pas.

E nada me confunde, ou me embarça
Para logo aceitar a Lei da Graça. *

Que Lei mais doce, placida, conforme;
Mais santa, mais feliz, mais uniforme?
Mais viva na distancia dos Imperios?
Mais divina no affombro dos myfterios?
Gravada, pois, na minha intelligencia,
Da sagrada doutrina a preheminiencia,
Desejei hum espirito facundo
Para illustrar com ella todo o Mundo: ✠
A alma se acendeu d'hum igneo arrojô
Com esta heroica empreza: este luzeiro
Me banha o coraçãõ: meu companheiro
Nesse tempo me excita esta jornada:
Esta a causa de acharnos nesta estrada,
Narrando * em parte taõ desconhecida
Meu nascimento, emprego, acçoens e vida.

Vejo

* *ALei da Graça.* Pela luz natural, e pelos estudos alcançou o *Peregrino* a verdade da Lei Christã. Muitos entendẽ q̃ a eleição da Lei depẽde da Criação: Quem teve o Pai *Calvinista*, ou *Lutherano*, serã *Lutherano* ou *Calvinista* &c.

Para condemnar esta apprehensãõ hẽ q̃ propuzemos o *Peregrino* em hũa *Caverna*, sem mais criaçãõ, q̃ a dos brutos; e q̃ depois de averiguar todas as Religiõens, de q̃ se compoem o Universo, naõ podia eleger outra Lei, senãõ a Lei da Graça. Ella hẽ taõ conforme à razãõ innata do mesimo homem, que naõ deve algum regeitalla, sem condemnar a sua propria intelligencia.

✠ Da que teve o *Peregrino* da mesina Lei, se produzio o desejo de a commu- nicar a todo o Mundo; e neste intento hẽ q̃ tem principio a *Fabula deste Poema.*

* *Narrando.* Aqui pareceu ao *Peregrino* naõ encobrir a *Confucio* a sua empreza; pois tinha obrigaçãõ de lhe dizer a verdade, resolvendose satisfazer à sua pergunta; e era já tempo de a descobrir para o combater.

Vejo que a vossa Crença he mui distante
 Da quella, que me fez participante
 O clyma em que nasci, lhe diz Confucio:
 Esse Polytheismo, esse Prepucio, †
 Com que a Circuncisaõ fêz injurioso
 O culto das Deidades, me separa
 Da vossa Religiaõ; †† e me prepara
 O desgosto de veres os exemplos
 Dos Idolos, das aras, e dos templos.
 Naõ vos mortifiqueis com me lewares
 A ver effes magnificos altares,
 Responde o Peregrino: ahi presumo
 Que vos possa mostrar que tudo he fumo
 De hum Cego, falso, misero conceito:
 A palavra vos tomo, a offerta aceito,
 O Philosopho diz: e a estrada seguem
 Com mais expediçaõ, para que cheguem
 A examinar o assento promettido
 De tanto Nume, e Oraculo fingido.

Desco-

† Prepucio era o nome, que entre os Hebreos se dava ao Genticismo, assim como o de Circuncisaõ á Synagoga.

†† A parte da Asia mais cheia de idolatras he a China; por isso poze-mos o Peregrino nesta Provincia a combater o Polytheismo. Entre os Chins ha tres seitas principaes: a que chamaõ dos Letrados naõ tem Idolos, nem altar, nem Templo, nem Ceremonias ou Sacrificios. O Author desta Seita foi Confucio o seu famoso, e venerado philosopho; porem este Confucio que aqui falla com o Peregrino, ainda que tomou o nome deste seu Oraculo, supponmos que tinha aceitado o Polytheismo; seguindo huma das outras duas seitas deste Imperio para se lograr o combate contra os Idolatras.

Descubrem finalmente huma Colina ,
 Que em partes separadas se illumina
 De varios edificios magestosos :
 Em proporçaõ os troncos mais frondosos
 Os espaços occupaõ , * que a distancia
 Formaõ de hum templo a outro : na elegancia
 Da arte , e natureza a luz explica
 O affombro , em que este objecto se edifica.

Corôa o monte com dourado folio
 Huma imagem do antigo Capitolio :
 Do Pantheaõ inda a maquina rotunda ,
 Parece que mais nobre aqui se funda :
 Jupiter , Juno , Venus , e Minerva ,
 Saturno , Marte , e Baccho , aqui conserva
 Toda a sua memoria : ¶ de infinitos
 Menores templos , se enchem os distritos
 Da povoada montanha : de Pomona ,
 De Vallonia , Rurina , de Vertuno ,
 De Flora , de Montino , inda se a bona
 O Gentilico rito : está Neptuno

Profer-

* Em proporçaõ os troncos. Os Gregos, e Romanos edificaraõ todos os seus templos separados; e os mais famofos entre os bosques.

¶ Introduzemse aqui os templos, e Oraculos Gentilicos da antiguidade, naõ porque se adorem entre os Chins os Deuses dos Gregos, e Romanos, mas porque fazem huma grande parte da Idolatria, e servem de exemplares à superstiçaõ da Asia.

Proserpina , e Plutaõ : de outras Deidades ,
 Que excedem o algarismo , as falsidades
 Existem no sinzel : no mais sombrio
 Da emmaranhada selva , o Senhorio
 Affectaõ os Oraculos de Delphos , *
 Da Pamphilia , da Phrygia , da Béocia :
 Parece que inda alli , sem força , ou dolo
 Thriphonio , Daphne , Jupiter , Apollo
 Nas ambiguas respostas se desvella ,
 A pezar de Vandalle , ✠ e Fontanella.

Naõ cuideis que estes Numes , que se offrecem
 A' nossa vista , saõ os que conhecem
 (Diz agora Confucio) os sacrificios
 Da nossa submissaõ : só para indicios
 De que os tiveraõ Gregos , e Romanos ,

A

* *Delphos* , Cidade da *Grecia* , aonde respondia o simulacro de *Apollo* , o Oraculo da *Pamphilia* se chamava *Patereo* : *Dindymeo* o da *Phrygia* : Na *Beocia* era o de *Trophonio* : o de *Deplane* em *Thalama* , Cidade da *Laconia* : o de *Jupiter Dodoneo* no *Epiro* : o de *Ammon* na *Africa* : Alem destes , houve muitos Oraculos , de que hé escutado fazer mençaõ.

✠ *Van-Dale* , medico *Olandêz* imprimio hum Livro Latino em *Olanda* , em que mostrou que tudo o que se tinha dito das respostas dos Oraculos era impostura dos Sacerdotes Gentilicos : Agradou muito esta opiniaõ a *Fontenelle* , Secretario da *Academia Franceza das Sciencias* , e sabio com hum pequeno *Traetado da mesma materia* . Julgouse por sospeitoso este conceito , e muito mais sendo produzido por hum *Anabaptista* , qual era *Van-Dale* ; pois muitos PP. da Igreja provarã o silencio , que hiaõ tomando os Oraculos , ao passo que se hia publicando o *Evangelho* . Entre outros successos inegaveis , he mui evidente o da nova *Hespanha* ; pois emmudeceraõ todos os *Idolos* quando entraraõ os *Hespanhoes* na quellas Vastas Provincias .

A gente mais polida entre os humanos,
 Aqui se representaõ: Sacros vultos
 Dos meus devotos, religiosos cultos
 Nestas aras vereis da mão direita.

Tudo no meu espirito se aceita
 Como Superstiçaõ; o Peregrino
 Responde: Tudo julgo desatino
 Tudo Cegueira, e alento desgraçado
 De hum discurso nas sombras suffocado:
 Naõ tomeis o exmplar de Roma, e Grecia
 Em seguir huma maxima taõ necia;
 Inda as Naçoens, que mais se cultivaraõ
 Da Religiãõ nos pontos deliraraõ:
 Que loucura maior, que formar ritos
 Aos mesmos directores dos delitos? *

Que ideia do mais alto dos seus Deuses
 Fariéis Vós, se oviffeis na figura
 De Amphytriaõ, de Cisne, cuco, e touro,
 E mudado tambem em chuva de ouro;
 Quando a sua lascivia lhe procura, ¶
 Com a torpe mudança da figura,

Corrom-

* *Auctores enim doctoresque peccatorum esse adsolent, non ultores.* Div. Aug. *de Civit. Dei*, lib. 3. cap. 3.

Quid est aliud vitia nostra incendere, quàm auctores illis adscribere Deos. Senec. *de brevit. vit.* cap. 16.

¶ *Sed super omnem impudentiam adulteria inter ipsos fingi, mox iurgia, & odia, atque etiam furtorum esse & scelorum nomina.*

Plin. lib. 2. cap. 7.

Corromper nesse ardor, que o vicio hospeda,
 Alcmena, Danae, Juno, Europa, e Leda,
 Proseguindo no infame vituperio
 Com Protogenia, Antiope, Jodama
 Com Niobe Seméle Laodamíã,
 Sem que de tanto incendio a indigna chama
 Desfigurar podesse a Idolatria?
 Como pode convir com huma excelsa
 Divina perfeição, toda a luxuria
 De Venus, e de Juno a causa odiosa,
 De Vulcano o rancor de Marte a furia?
 Da Castidade a fama luminosa,
 Que a Diana se concede, a desordena
 Do Astrologo Pastor a doce pena,
 Com que a noite esperava: Nos empenhos
 De socorrer a Troia, ou destruilla
 O Conceito dos Deoses se aniquilla:
 De hum lado Venus, Juno da outra e parte,
 Huns patrocina Apollo, outros Vulcano,
 Thetis accusa a Troia, absolve-a Marte:
 Que impulso mais indigno, ou mais profano?

F

A

*Mulciber in Trojam, pro Troja stabat Apollo:
 Æqua Venus Teucris, Pallas iniqua fuit;
 Oderat Ænean propior Saturnia Juno,
 Ille tamen Veneris numine tutus erat.
 Sæpe ferox cautum petiit Neptunus Ulfem:
 Eripuit patruo sæpe Minerva suo.*

A discordia, em que o espirito fluctua,
He crível que as Deidades constitua? *

Sempre me persuadi que esta cegueira,
Entre os mesmos Pagaons, de outra maneira
Se achava nos varoens mais advertidos:

O vulgo, que obra só pelos sentidos,
Hê que honrava estes Deoses: Há lembrança
(Diz Confucio) que a Socrates ¶ alcança
Este culto tambem: nelle registo

A Platam, e a Mercurio Trismegisto:

Inda a Seneca, e a Cicero contemplo
Dos escriptos nas paginas preclaras
Honrado os Numes, frequentando as aras.

O mesmo Marco Tullio vos intima
(Lhe torna o Peregrino) que o conceito
De tanta Divindade, está fogeito,
Somente ás leis Civís, * dando recurso
Desta sorte aos reflexos do discurso

Para

* *Si inter se dissentiant, non profectò te vera sunt Dii.* Plutarco. *In Diſſer. Laconic.*

¶ *Que a Socrates.* Accuſaſe ao noſſo Camoens de que exponha a diſcripção da Europa a hum barbaro, como o Rei de Medinde; e que lhe falle em *Ulyſſes, Eneas, Trajano, Alexandre,* peſſoas totalmente desconhecidas da ſua incultura: Preſumo que não ſe me pode fazer a meſma accuſação, quando introduzo a fallar *Confucio de Socrates, Platao, Trismegisto, Seneca, e Cicero;* porque a hum *Philopho da China* pode não ſer incongruente eſta erudição.

* *Colenda nempe eſſe Simulachra ob metum legum politicarum.* Cicer. lib. 1. de *natura Dior.*

Para que possaõ ver a dissonancia
De taõ supersticiosa exorbitancia. †

Mas essas Divindades criminosas
(Confucio acode) naõ aceita a China:
Mais superior objecto a predomina.

Se aceitais pluridade de outros Deoses,
(Lhe adverte o Peregrino) sepultados
Na mesma confusaõ vos considero:

Se me fallais com animo sincero
Haveis de confessarme que encontrados
Os Numes haõ de estar na grande empreza
De produzir as leis da Natureza:

Que huma vontade certa, e independente
Ha de ter qualquer delles, hê patente;
(Pois bem vedes que implica Divindade

F 2

Com

† Segundo a Conta de *Varro* passava o numero dos *Deoses dos Romanos*, de trinta mil, e a estas Divindades se ajuntaraõ as das Naçoens sobjugadas como diz *Prudent. in Symmach. lib. 2.*

*Roma triumphantis quoties Ducis inclyta currum
Plausibus excepit toties altaria Divum
Addidit, & spoliis sibimet nova Numina fecit.*

E por esta causa dizia *Plinio lib. 2. cap. 7.* que se podia considerar que eraõ mais os Deoses que os homens: o que tambem fez dizer a *Petronio in fragm.*

Utique regio nostra tam presentibus plena est Numinibus, ut facilius possis Deum, quam hominem invenire.

Os *Caunienos*, enfadados da multidaõ dos Deoses, que se adoravaõ na sua patria, fizeraõ huma moutaria bem extraordinaria, pois batendo o ar com os seus dardos, os perseguiraõ até a fronteira da sua Provincia, presumindo que por este modo os obrigavaõ a sahir do seu Paiz. Assim o refere *Herodot. no Livr. intitulado, Clio.*

Com limêtes de explicita vontade :)
 Ou esta a tem hum só , ou todos juntos :
 Se hê que hum só a sustenta , os mais adjunctos ,
 De que servem , se na immortal substancia
 Naõ se admite nenhuma redundancia ?
 E se todos a tem , como a porfia
 Nas varias intensoens se evitaria ?
 Hum moveria chuva , o outro calma :
 Hum queriria Estio , o outro Inverno :
 Hum regeria peste , outro saude :
 Hum julgaria a vida , outro o ataude ;
 Transtornado este harmonico governo ,
 Com que procede o Mundo ; o Ceo , e a Terra
 Sempre estariaõ em continua guerra
 De oppostas Colliçoens : Irresoluto
 O orbe no dictame , ou no estatuto ,
 Viria , sem as normas , que o dirigem ,
 A' ruda indigestaõ da sua Origem .

Os mortaes , que fariaõ nos seus rogos ?
 Em que tristes , e miseros a fogos
 Se haviaõ de achar sempre , duvidando
 Que Nume invocariaõ ? Onde o mando
 Podiaõ presumir ? que Deos mais forte
 Venceria o mais fraco ? A felîz sorte
 Em que parte se achava ? A desventura
 Em que lugar se abria ? Em sombra escura

Naufra-

Naufragaria sempre o humano enredo :
Tudo seria espanto, horror, e medo.

Hê taõ claro este ingenito dilema
Do Lume natural, que Grecia, e Roma
Na sua instituiçãõ tambem o toma;
Pois conheceu Deidade mais suprema
No seu maximo Jupiter, que attende
A quanto a Terra abrange, e o Ceo se estende.

Aristoteles diz que o Nume excelso
Hé como o picador na picaria, *
O piloto no Mar, na melodia
O Guiaõ, o decreto na Cidade,
O General no exercito: e se intentas
(Profegue) o penetrarlhe a faculdade,
Verás o mais valente: se te alentas

F 3. A

* *Quod in navi, gubernator: quod in curru, agitator: quod in choro praecentor: quod, denique, lex in civitate; & dux in exercitu, hoc Deus est in Mundo.* Aristotel. lib. de Mund. cap. 6.

Deus, quidem, si vim spectes, valentissimus: si decorem, formosissimus: si vitam, immortalis: denique, si virtutem praesantissimus. Ibid.

Est verè illum Optim. Maxim. Deus ipse, qui secundum cogitationem existit: Vivens Caelèste, incorruptibilis, principium, & causa dispensationis omnium rerum.

Callicrad. Pythagor. apud Stob. Serm. 73.

Totum hoc quo continemur, & unum est, & Deus, & socii ejus sumus, & membra: Senec. Epist. 92. Este lugar de Seneca condemna a pluridade dos Deoses, mas vese nelle outro maior absurdo que he o da apprehensãõ de huma só subttancia estendida por tosta a variedade do universo, cujo delirio renovou Espinosa no passado seculo, como fica dito na nota do Vers. 372. do 1. Livr.

A notarlhe tambem a formosura,
 Verás o mais formoso: se procura
 Alguem o mensurarlhe a sua vida,
 Ha de achallo immortal: se se convida
 De altas virtudes aos excelsos modos,
 Hé elle o prestantissimo entre todos:
 O que existe no seu entendimento:
 Celeste, e incorruptivel: Movimento,
 Principio, Causa, e ser, que constitue
 Tudo quanto se forma, e distribue.

E se esta a ideia foi do Paganismo,
 Que proposito teve esse algarismo,
 Quasi infinito de Deidades tantas,
 Sem que os astros, os brutos, e inda as plantas
 Si livrassem d'hum culto, que movia,
 Menos á devoção, que à Zombaria? *

De-

* *Porrum & cape nefas violare, & frangere morsu
 O' Sanctas gentes, quibus hæc nascuntur in hortis
 Numina! ----- Juven. Satyr. 15.*

Os *Lacedemónios* levantaraõ altares á morte, e ao medo, os *Athenienses* ao desaforo, ás tempestades, e á prostituição, os *Romanos* á febre, e á desventura, os *Egyptios* aos repolhos, e ás cebollas; e adoração os crocodilos, os gatos, e os monos. Vejase *Clement. Alexand. in admonit. ad gentes. Alexand. ab Alex. Genial. diæ. lib. 1. cap. 13. Plin. lib. 2. cap. 7.* Os habitadores da *Ilha Formosa* davaõ mais culto ao demonio, que ao mesmo Deos, porque o Bom (deziaõ elles) não pode fazer mal a alguém, e só quem fazia mal, he que se devia applicar com sacrificios. A taõ grandes delirios pode chegar a corrupção dos homens. *Gentes verò quedam animalia, & aliqua etiam obscena pro Diis habent, ac multa dictu magis pudenda per fetidos cibos, & alia similia jurantes.*

Plin. lib. 2. cap. 7.

Demais que a alta soberana essencia
De hum Nume superior, igual a tinhaõ
Os mais Deoses, ou não? se elles convinhaõ
Na mesma incomparavel prehemencia,
Em nenhum já podia sospeitar-se,
Que a summa perfeição não pode dar-se
Em muitos individuos; pois o summo
Implica com o igual: e se o resumo
De immensas perfeições as tem fomento
O que he maior que os outros; claramente
Se vê que os outros Deoses, não são Deoses:
Por mais que a mente idolatra os exalta,
Se esta summa excellencia aqui lhes falta,
Ella mesma os destroe, ella os despenha;
Pois não pode ser Deus quem não a tenha.

Inda que este impossivel se permita
De se dar igualdade na ventagem,
Sempre esta ideia outro absurdo excita;
Pois concedida a repugnante imagem
Do summo com o igual, será forçoso
Conceder-se hum espirito orgulhoso
Na diversa igualdade; e se acharia
Aquella natural antipathia,
Que observa a emulação: O claro aspecto,
Com que se move a luz em tanto objecto,

Somente hum sol o faz: O corpo humano
 Huma alma só governa: Hum soberano
 Só he que reje o estado: Se acendera
 Mais que hum sol todo a maquina da esphera:
 Se mais que huma alma a fabrica animara
 Do nosso microcosmo: Se inspirara
 Alei mais que hum só Principe; não fora
 A estrutura Celeste brilhadora;
 Nem o corpo vivente; nem fundado
 Na acorde duraçã o Principado.

Fingî de qualquer modo que elle seja
 Nesses Deoses, do Mundo a lei precisa;
 Conceber sempre haveis aquella enveja,
 Que entre as grandes Potencias se divisa:
 Envejoso, e feliz, contraditorio
 Vos há de parecer: Se o consistorio
 Dos Numes neste estimulo se ordena,
 Não se pode chamar regiaõ serena
 A'quella venturosa claridade,
 Onde habita huma, e outra Divindade.

E se entendeis, talvez, que nessa Curia
 Se tolera a paixãõ, se sofre a injuria
 De hum poderoso igual, ou que a não sente,
 Ou que grata se fáz a hum peito ardente,

Direi que nesses miseros recatos
Julgais os vossos Deoses insensatos,
Querendo que no seu maior afogo
Viva sem pulso a luz, sem chama o fogo.

A' mesma pluridade desses Numes
Acrecentai, em fim, outro defeito:
Multidão não prodúz algum conceito
De huma summa substancia: N hum supposto
Singular, simplicissimo, absoluto,
Hê que este Grande objecto está disposto:
Só na Unidade se acha este attributo:
Quanto mais esses Deoses numerares,
Os fazeis mais indignos dos altares.

TRIUMPHO DA RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO III.

*Contra o Deismo.**

D Epois de ouvir Confucio estes clamores,
Com q̃ insiste a verdade; entre os horrores
Do bosque se meteu: Alli conspira
Com o espanto a vergonha: o affombro, a ira,
O enredo, a Confusaõ, no mesmo estado,
Tal-

* *Deismo.* Querem alguns que a feita dos *Deistas* sahira do *Lutheranismo de Alemanha*, e que fosse *A.* do *Deismo* hum *Jorge Pauli*, Ministro, e Predicante de *Cracovia*. A primeira vêz que se couheceu foi em *Polonia* no anno de 1564. Dahi inficionou muita parte da *Alemanha*, e da *Hungria* até se fazer quasi Geral em outras Provincias infestadas dos *Lutheranos*, e *Calvinistas*. Os homens do *Norte*, e do *Levante*, que se prezaõ de mais sabios tem cahido neste delirio, seguindo que *Deos* naõ deve ser invocado se naõ com o entendimento, e tendo por indignas da Divindade as ceremonias exteriores. Alem deste erro, saõ muitos os que tem abraçado esta feita, e taõ enormes que se envergonha a penna de produzillos. O *Abbate Fureti re* no seu *Diccionario* nos diz que os *Francezes* usao da palavra *Deiste* para significarem hum homem sem alguma religião.

Talvêz, que o deixaria sepultado.

Notando o Peregrino que a detensa
Lhe não daria outra recompensa,
Que auzentarse daquella estancia inculta,
Passar a diante o genio lhe consulta,
E entre as sombras deixando a Idolatria,
Seguem a estrada por contraria via

Vencendo huma escabrosa soledade,
Que durou muito tempo, huma Cidade
Ao longe appareceu n'hum Campina,*
Cercada de jardins, bosques, e frutos,
Que hum ribeiro em espelhos dissolutos
Retratava, seguindo o campo ameno,
Humas vezes turbado, outras sereno.

Toda aquella affluencia lhes parece
Que vegeta, que brota, e reverdece;
Sem beneficio algum de industria humana;
Mas he taõ oco o Cedro, como a cana:
Os pomos, que se offrecem taõ formosos
Não tem mais, do que a casca: mui vistosos
Os arbustos estaõ: mas as espigas

Naõ

* N'hum Campina. Discripção allegorica do Campo dos Deistas, que deixamos explicada no Prolegomeno.

Naõ tem succo , ou semente : entre as hortigas,
 E entre varios espinhos , se repara
 Que cresce toda a pompa da seára:
 As flores dos jardins , quando se tocaõ
 Mudaõ logo de cõr; e se as provocaõ
 Com maior expressiaõ , todo o resumo
 De seu falso esplendor , se exhala em fumo.

Das arvores as folhas se distinguem
 Por mais que as luzes da esmeralda fingem ,
 Se acafo vem ás maons; e do ribeiro
 A corrente taõ clara , e cristalina ,
 Alem de ser amarga , tem hum cheiro ,
 Com que o olfato se afflige , ou se amotina :
 Tudo o que adorna a emphatica campanha,
 Quanto mais se analyza , mais se estranha.

Quando á Cidade attendem de mais perto
 Os edificios vem , que a ceo aberto
 Todos se construiroã : nem telhado ,
 Nem porta , nem janella , que embarace
 Do sol o resplendor , do Ceo a face
 Se encontra neste novo Principado :
 Naõ há muro , ou reparo , que o defenda ;
 He livre a Povoação ; e esta vivenda
 Naõ receia embaraço , que a reprima :

Ao que nella se attende, ou mais se estima
 Hé huma comprehensãõ; hé hum conceito.
 Da humana liberdade; sem foyeito,
 Que a possa constringer; pois se reputa
 Sem dominio, sem regra; sem disputa.

Entraraõ pelas ruas, onde viraõ
 Que todos nesta maxima deliraõ:
 Havia alli Polacos, Olandezes,
 Hungaros, Alemaens, Dinamarquezes;
 Mas a parte maior, que ás mais alcança,
 Inglaterra a formou, e a deu a França.

Naõ tem este refugio algum exemplo
 De sacerdote, ou rito, altar, ou templo:
 Reconhecem que há Deos; e que a Substancia
 Ineffavel, eterna, incomprehensivel,
 He espirito immenso, que a distancia
 Abrange do existente, e do possivel:
 Julgaõ por sacrilegio, ou por insulto
 Que este objecto immortal tenha outro culto,
 Que aquelle, que na mente se prepara:
 Tenha outra adoraçãõ, tenha outra ara,
 Outro obsequio, ou mais honra, ou rendimento,
 Que aquelle, que lhe vota o entendimento:
 Outra victima, ou outro sacrificio.

Mais que hum culto mental: Q'otem propicio
 Presume o seu delirio em qualquer hora,
 Que o vicio, ou que a maldade ao Nume adora
 Com impullo interior, que a alma esculpa,
 Sem dar a emenda, sem expiar a culpa.

Tendo alcançado o Peregrino a ideia
 Em que este domicilio se recreia,
 Disse ao Genio; já certo pelo informe,
 Que tinha deste pensamento enorme:
 Sabei, que pelo aspecto destas vistas
 Temos chegado à estancia dos Deistas.

Pedio a hum da quellas moradores
 Lhe dissesse se havia alguns senhores
 Na quella Povoação, onde se achasse
 O dictame Civil: Quem nos governa.
 He hum Principe só de excelsa classe,
 O habitante responde: elle a moderna
 Doutrina nos influe: elle a defende,
 Elle a intima, a declara, e a comprehende:
 Jorge Pauli se chama, nome illustre,
 Com que imita o Ministro de Cracovia,
 Coriphêo do *Deismo*: se vontade
 Tendes de o ver; na praça da Cidade,
 Hoje, conforme o uso, ao Povo explica

A lei, que esta Republica pratica.

Neste tempo o concurso encaminhava
O Peregrino ao sitio, que buscava;
A' praça chega, que a figura toma
Dos vastos collisfeos, da antiga Roma,
Onde hum grande tumulto enche os lugares,
Que giraõ nos assentos circulares:

Na frente outro mais nobre o corpo funda
De toda aquella maquina rotunda,
Que já estava occupado do Ministro:

Nas agoas da Hypocrenne, ou do Caystro
Pretendeu a confusa intelligencia
Purificar a imagem da eloquencia:

A palavra tomou: della pendente
Fica o concurso; e hum vulgo taõ copioso
Cahio em hum silencio pavoroso:

O *Deismo* lhe explica, delirando
Tanto nas instrucçoens, que se horroriza
A ideia, quanto mais a lingua, quando
As concebe, as distingue, as vulgariza.

Confiado o Peregrino nos indultos,
Que tem a liberdade do congresso,
E tomando lugar junto ao ingresso
Da cadeira infelîz, que Pauli infama,

Impellido de occulta, excelsa chama,
Licença lhe pedio para notarlhe
As duvidas, que tinha na doutrina:
Que as exponha o Ministro determina;
E elle, medindo a misera cegueira,
Ao concurso fallou desta maneira.

Dizeis que sendo em Deos toda a substancia
Hum espirito immenso, que não pode
Haver alguma ideia, alguma instancia,
Que religiosamente lhe accomode
O culto material: Que este respeito
Não he mais: que hum sacrilego conceito
Da nossa fantasia, que pretende
Confundir o que adora no que offende:
Dizeis que toda a cerimonia, e rito
São invençoens humanas, que exquisito
Pensamento ordenou para que o Povo
Entre os encantos de hum impulso novo
Se contivesse mais com a figura
De huma lei superior; e a conjectura
Confeguisse a disforme liberdade
De inventar oblaçoens á Divindade.

Dizeis que deste engano taõ gresseiro
Entre os Pagaons foi Romulo o primeiro,

Unindo a ara ao Regio Senhorio :
 Que este supersticioso desvario
 Adoptaraõ outros Principes, julgando
 Que para sustentar o excelso mando,
 Mais firme regra naõ achava o ocio,
 Que ajuntar ao Imperio o sacerdocio.

Porem este discurso hé repugnante
 Ao lume natural; que o documento
 De se adorar hum Deos, he taõ constante,
 Como o innato influido mandamento
 De se honrarem os Pais; e naõ fazeres
 Com outro o que com vosco naõ quizeres: *
 Estes saõ os preceitos, que se imprimem
 No humano coração, a penas nasce:
 Bem que os cegos mortaes se desanimem,
 Ou a sombra no espirito se enlace,
 Nunca podem riscar estes preceitos
 No indelevel rumor dos seus conceitos.
 O amor, a adoração, o culto, a gloria,
 Que a Deos se deve dar, a fâz notoria.
 A mesma natureza ao mais inculto:
 E a gloria, a adoração, o amor, o culto,
 Religiaõ entre nós hê que se chama:

G

Com

* Honrar, e reconhecer a *Deos*, venerar os *Pais*, e naõ fazer a outro o que ninguem deseja em si saõ principios inegaveis, e influidos pela mesma Natureza.

Com este ardor intrinseco se inflama
 O Sarmata ignorante, o Indio cego,
 O Perfa, o Schyta, o Thrace, o Turco, o Grego.

Esta Religiaõ, que a Natureza
 Dentro n'alma nos poem; tendo a firmeza
 De hum ingenito incendio, se appellida
 Religiaõ natural: Nessa se funda
 (Acodê Pauli) a ancia agradecida
 Côm que honramos a Deos, sem que confunda
 Hum culto menos nobre o voto ardente;
 Que se eleva à Deidade prehemimente:
 Para adorar a Deos me basta a ideia
 Com que attendo á immortal Sabidoria,
 E com que o meu discurso se confia
 Em taõ summa Bondade, e reconheço
 Dentro em mim proprio o pouco, que mereço:
 Com esta reflexaõ o voto explico;
 Com ella o busco, o louvo, o glorifico;
 E este culto me basta para amalho,
 Distinguillo, entendello, venerallo.

Naõ basta; O Peregrino lhe responde:
 Precisa de outras maximas, aonde
 A adoraçaõ esteja descoberta,
 O holocausto patente, exposto o indicio

Do obsequio, da oblação, do sacrificio.

Com hum conceito errante, hum culto vago,
Que dou à Divindade, lhe não pago

O beneficio excelso de criarme,
De escolherme, assistirme, e conservarme

Se me deu as potencias, e os sentidos,
Devem todos mostrar-se agradecidos

Tambem á singular munificencia:

Que injustiça, indecoro, ou que indecencia,
Que indiscipção ferá, que o gosto, e o tato,

O ouvido, a vista, o cheiro, seja ingrato
A quem lhe deu a forma, e o movimento,

Depois de verem que o sublime alento
Da vontade, do juizo, da memoria,

Reconhecem no culto tanta gloria?

Se imagem não encontro na lembrança,

Chama na intellecção luz no desejo:

Se tudo quanto toco, quanto vejo,

Quanto cheiro, ouço, e gosto, quanto alcança

O braço, o pé, e a mão, quanto palpita

Dentro em meu peito, dentro em mim circûla,

Com esta Divindade se exercita,

Se alenta, se governa, se estimûla,

Com todas estas partes de hum composto

Taõ raro, quem naõ deve estar disposto
 Em tanta gratidaõ, em tanto extremo
 A' honra deste Artifice Supremo?

Reconheça a razaõ esta Deidade:
 A hum taõ alto bem corra a vontade:
 Aos beneficios a memoria attenda:
 Movaõse os pés ao Templo: as maõs preparem
 As sacrosantas victimas: declarem
 Tambem, genuflexandose os joelhos
 A sua adoraçaõ: fitemse os olhos
 Na Imagem respectiva: e finta o peito
 Nos impulsos da Fé tanto respeito.

Estas demonstraçoens taõ necessarias
 De hum Ente summo aos ritos, arbitrarias
 Naõ podem conceberse; porque o rudo,
 Ignorante vigor do humano estudo
 Naõ alcança o dictame delicado
 Com que Deos entre nós seja adorado:
 Elle hê só o que pode produzillo,
 Elle só conhecello, e instituillo.

Nessa errante, mental, inculta empreza
 Da vossa adoraçaõ, tendes certeza
 De que o Nume se agrade d'algum voto,

Que

Que fazeis em hum culto taõ remoto?
Naõ poede acontecer que esse destino
Da vossa expoziçaõ, sem regra, ou tino,
Mallogrando a sublime recompensa,
Em lugar de oblervancia, seja offensa?
Logo será preciso se persuada
A vossa comprehensão que revellada
A nossa Religiaõ deve entenderse,
Porque são desta forte conhecerse
A cerimonia, o rito, e o culto pode,
Que ao agrado Divino se accommode.

Este foi o conceito, em que se uniraõ
Todas as gentes, que no Mundo giraõ,
Na Grecia, na Alemanha, na Polonia,
Na Turquia, na Italia, na Saxonia,
Na Prussia na Pamphilia, na Dalmacia,
Na India, Persia, Schytia, Ponto, e Thracia,
E em todas as Provincias, que rodeia
O resplendor do Sol, do Mar a areia,
Sempre houve a indisputavel segurança
Que esta Divina Lei, nunca se alcança
De algum arbitrio humano; pois se anima
Na quelle Author Supremo, que a sublima
Para por ella ser sempre adorado,
Servido, distinguido, contemplado.

Numa dava a entender que a Nympha Egeria
 Os cultos lhe dictava: a nossa Iberia
 Conheceu esta maxima em Sertorio:
 Mafoma no concurso do auditorio
 Fingio que a Divindade lhe influa
 O nefando Alcoram: nunca ousadia *
 Teve alguém de inventar sacro costume,
 Sem mostrar-se inspirado d'algum Nume,
 Que neste fingimento authorizava
 Tudo quanto dispunha, e regulava. *

Não deveis, pois, negar no que concordão
 Igualmente as Naçoens, desconhecendo
 Taõ geral sentimento, e pretendendo
 Desprezar huma lêi, que se revella,
 Com soberba, e jaçtancia d'outro influxo;
 E muito menos quando se desvella
 Vosso empenho a mostrar novo debuxo
 De occulta adoraçãõ, desordenando

Com

* Com a pomba, que se tinha costumado a buscar o sustento no ouvido de *Mafoma*, que a rusticidade dos *Arabes* julgava ser o *Espirito Santo*, que lhe vinha dictar o *Alcoram*.

* *Minos* fingio que communicava com *Jupiter*, *Zamolxis* com *Vesta*, *Charondas* com *Saturno*, *Lycurgo* com *Apollo*, *Solon* com *Minerva*, *Zoroastro* com *Orcmasa*, *Trismegisto* com *Osiris*, e *Garcilazo de la Vega* na Historia do *Perú*, nos diz que o primeiro *Rei*, ou *Ynca* desta Provincia chamado *MangoCapac*, que foi o que deu as leis, e os ritos aos *Peruvianos*, se fizera filho do *Sol*.

Com a ideia de hum rito miserando ;
Sem ordem, sem principio, sem exemplo,
O sacerdote, a ara, a offerta, o Templo.

Nessas tres lêis, que a Natureza ensina
Se funda a minha singular doutrina ;
Insta Pauli: Não dar a outro o dano
Que para mim não quero, o impulso humano
Me regêla esta intrinseca advertencia :
O amor, e juntamente a reverencia
Com que devo tratar meos genitores,
Hé movimento innato, que os clamores
Da propensaõ infundem: sem dictame,
Sem nova direcçaõ, o mesmo exame
De hum interno luzeiro me encaminha
As devidas noçoens: se outras houvéra
Na adoraçaõ Divina, o mesmo lume
Na intellecçaõ patentes as pozera :
Logo todas as lêis, todo o costume
Desse culto exterior no Turco, e Thrace ;
No China, no Germano, no Saxonio,
No Sarmata, no Geta, no Eslavonio,
No Indio, Persa, Grego, Arabe, Assyrio,
Não foi mais que invençaõ, mais que delirio
Da ideia depravada, absurdo, e erro,
Como o de Araõ na estatua do bezerro.

Naõ vos trago as Naçoens para seguillas
Dos cultos na diversa extravagancia;
Lhe diz o Peregrino: o produzillas
Foi só para notar a concordancia
Com que todas as gentes entenderaõ
Que os ritos de alta origem procederaõ,
E que a naõ serem todos revellados,
Naõ poderiaõ ser exercitados:
Nem deveis presumir que todo o Mundo
Errou neste conceito; e que o profundo
Da vossa intellecção hê que acertara
Em arruinar o Templo, a offerta, a ara.

Se a Natureza só o alento influe
De amar a vossa especie, e distribue
As regras deste amor; e as do respeito
Com que aos Pais se obedece; este conceito
Levado para mais suprema causa,
Aborto fica alli; fazendo pausa
Em huma direcção, que a alma anella,
Sem que possa dictalla, ou comprehendella.

No objecto natural mui facilmente
Se conhece a bondade, com que a mente
Procede nos dictames; pois confronta
Com a regra a razaõ: naõ se remonta

Fora da Natureza a intelligencia;
Tudo he da mesma côr, da mesma essencia:
Porem quando o discurso se arrebatava
A mais sublime aspecto, e se dilata
Por esse immenso golfo de portentos,
Sem esforços, sem brios, sem alentos
Ficara em hum perpetuo parocismo,
Se Deos o não tirara deste abyfmo.

Como pode acertar com tanta empreza
A nossa inerte, natural fraqueza?
Como pode sondar o excelfo modo
De se amar, e adorar hum Ente Summo,
Onde eminente está todo o refumo
Do existente, e possivel; onde todo
O supremo, o infinito, o immenso, o eterno?
Por mais que acuda ao movimento interno,
Quem pode conceber como há de amarle,
Distinguirle, entenderle, venerarle,
Sem que à sua Clemencia o voto appelle
Para que a luz respire, e a Lêi revele?

Se entendeis que o dictame, que procura
O lume natural nessa ternura
De se honrarem os Pais, será bastante
Para adorar a Deos; mui semelhante

Aos homens o fazeis, dandelhe o culto,
Que tem nas honras o paterno vulto.

Sendo, pois, taõ distintas deste obsequio,
Como naõ consentis que eu lhe prepare
Outro culto maior, em que declare
Aquella adoraçaõ, que tanto excede
Todo o obsequio, que aos homens se concede?

Sabeis se dando a Deos só esta gloria
Lhe há de ser agradavel? Se hum delito
Formareis nesse empenho, ou nesse rito?
Pois porque duvidais, sendo forçoso
Adorar este Deos taõ mysterioso,
Que elle nos diga o modo, com que intenta,
Na quella mesma luz, que em nós augmenta,
Ser adorado, ser reconhecido,
Amado, contemplado, obedecido.

Donde entendeis que naõ padece engano
Essa ideia, que tendes no discurso?
Se vos levais do barbaro recurso
De que errar naõ podeis, que mais infano
O dioso pensamento? Naõ delira
Quem ignora que hê filho da mentira?
Ou esta ideia he vossa, ou foi producta

De outro mais superior : se o derradeiro
Me dizeis ; a ser homem , se reputa
Mentiroso tambem : se algum luzeiro
De Nume excelso adeo ; daime hum vestigio
Que possa authenticarme esse prodigio.

Esse mesmo vos peço (Pauli acode)
Para que fique a mente descansada
Nessa lêi , que suppondes revellada.

Naõ só muitos vestigios quero darvos
(O Peregrino diz) para arrancárvos
Essa triste oppressão da intelligencia ;
Mas tambem vos darei toda a evidencia
De que há lêi ; e que há culto , regra , e modo ,
Revellado por Deos ao Mundo todo.

Entre o horror dos clarins no monte Sina
Imprime Deos nas Taboas a doutrina ,
Que ao Judaico Povo tinha escrito
Da sua propria maõ : Por onde provo ,
Me perguntais agora , que este rito
Fora dado por Deos áquelle Povo ?
Respondo que esta historia se conserva
Do tempo mais antigo , que se observa
Entre a noticia humana : sem que nunca

Hum taõ grande intervallo, ou a mudança
 Dos Imperios; dos tempos a vingança
 Podesse sepultarlhe aquelle alento,
 Com que sempre triumphou do esquecimento.

Que livro, e historia há, que se promete
 Vencer as ondas do profundo Lethe?

Alli estaõ em descuidos soporosos

Tantas acçoens, e fastos portentosos,

Que aspiraõ á eterna melodia:

Alli perde a lembrança a fantasia

Da firme duração: só esta historia

Ficou sempre no estrondo da memoria:

Se acaso o naõ julgais por hum desinio

De excelsa prevenção, contra o dominio

Do estrago temporal, entaõ presumo

Que a vossa ideia condensada em fumo,

Se revolve na torpe escuridade

Contra a mais evidente claridade,

Traçando no phrenetico aphorismo,

O delirante horror do Scepticismo.

O espanto com que a lêi sahio da Esphera

Foi gerál á Nação, que alli se achava:

Todos viraõ a Lei, que Deos lhes dava:

Sempre de Pais a filhos se prospêra

A historia, e a traducção do excelso culto:
Mais de trinta, e tres seculos decorrem,
Sem que os estragos, sem que os annos borrem
A indelevel visãõ da quelle indulto.

Quatorze vezes cento, e oitenta e sete
Girado tinha o sol na etherea Via,
Que a mesma lei durava na Anarchia,
Nos Juizes, nos Reis da quella gente,
Até que outro Prodigio mais Luzente
Veio illustrar da Palestina os montes:
Abriraõse da Syria os Orizontes,
E inflammouse entre as sombras ignorantes
Outro Sol de reflexos mais brilhantes.

Encarnou nas Entranhas d'hũa Virgem
A Palavra immortal: vence ao tyranno
No combate da Cruz: abremse as portas
Da morada Celeste: estaõ absortas
As cavernas do Abyssmo: O ser humano
Se livra com a gloria do Luzeiro.
Do seu funesto, antigo Captiveiro.

Aqui tendes hum Deos, que veio à Terra
Dictar a Lêi da Graça: aqui se encerra
O portento maior da Divindade:

Aqui

Aqui nos manda crer huma Trindade
 Com tres Pessoas n'huma só substancia;
 Aqui se encontra a immensa consonancia
 De Pai, e Filho, e Espirito Sagrado.
 Em hum unico Deos: sem que se altere
 Na distincão do assombro Triplicado
 A igualdade, e o poder; pois não prefere
 O Filho ao Pai; e o Espirito Divino
 A ambos: Neste Deos, que hê hum, e Trino,
 O Filho iguala ao Pai, e o Procedente
 Os iguala tambem; sem que se augmente
 Na geraçãõ, e processãõ interna.
 A precedencia da Substancia Eterna.

O Filho homem se fêz para immolar-se
 Ao mesmo Pai em alto sacrificio
 Da redempçãõ do Mundo; e para dar-se
 A si mesmo no excelso beneficio
 De hum fundo Sacramento: entre as especies
 De vinho, e paõ, affavel nos convida
 A' verdadeira Celestial comêda
 De seu Corpo, e seu Sangue: Se no Empyreo
 Poderse haver enveja, este sustento *
 A faria em taõ alto Ajuntamento.

Para

* *Si quid est in rebus humanis planè divinum quod nobis superni Civis (si in eos invidia caderet) invidere possent, id certè est Sacrosanctum Misse Sacrificium.*
 Urb. VIII. em hum dos Breves, que vem no Missal.

Para esta grande, singular empreza
 Hê que tomou a humana Natureza,
 Onde tanto no empenho o Nume brilha,
 Que pasma adevogaõ na maravilha:
 Fêz de duas substancias hum Composto,
 Distintas as unio n'hum só Supposto,
 Pondo da mesma Uniaõ a subsistencia
 Na Pessoa do Verbo: A preheminencia
 De estar suppositada a humanidade
 Em hum complecto Ser da Divindade,
 Hê tal, que em resplendor taõ soberano
 Se a foga o alento do discurso humano. *

Por isso (Pauli diz) eu naõ admito
 Ceremonia, mysterio, culto, ou rito,
 Em que o meu pensamento se confunda:
 Effas contemplaçoens, em que se funda
 A vossa Religiaõ, á crença excedem:
 O ser Deos hum, e trino, hé implicancia
 Da especie numeral: e sem distancia,
 A Pessoa do Pai, e Filho, he erro
 Na lêi da geraçaõ: Vir ao desterro
 Do miseravel Mundo hum Deos glorioso

A

* *Humanitas, enim, in Christo, non habet suam subsistentiam humanam, sed subsistit in eadem subsistentia divina, in qua subsistit Verbum: que magna est humanitatis Christi exaltatio, sublimitas, & gloria.*

Cornel. A' Lapid. in Comment. Div. Joan. cap. 3. col. 1. lit. D.

A fazerse mortal, hé tenebroso,
 Sacrilego discurso: Na Divina
 Pessoa subsistir hum ser mudavel,
 Hé igualmente ideia intoleravel.
 E se toda esta crença predomina
 Ao que excede a razaõ, julgai agora
 Se hé bem feito que eu hoje me persuada
 Ao que á mesma razaõ lhe não agrada?

Ou he que me negais que Deos podesse
 Formar estes mysterios (lhe responde
 O sabio Peregrino) ou que os não desse?
 Se o primeiro dizeis; não corresponde
 Ao conceito de hum braço Omnipotente:
 Se o segundo: Pretende a vossa mente,
 Por ventura, sondar aquelle abyfmo
 Da vontade Divina? Que aphorismo
 A não creres vos leva ao que se ordena
 No immenso resplandor, com a desculpa
 De que o não alcançais? Votai a pena
 De o não saberes na expiação da culpa
 De intentallo negar: Que imagem tendes
 De implicancia notoria, que fundando
 Deos huma Lêi taõ sua, fosse obrando
 Nos sublimes, sagrados ministerios
 Os prodigios mais altos dos mysterios?

Estes mesmos portentos a renovaõ,
 Sem alguma mudança, e tambem provaõ
 Ser dada a Lêi por Deos: Elle podera
 Somente commover a sacra esphera
 Com tanta maravilha: e se podia,
 Hé delirio dizer que o naõ faria,
 Sem outro fundamento mais que a audacia
 De huma cega, infelice contumacia.

Duvidais de que Christo a Lêi nos desse?
 Da sua mesma boca a conseguiraõ
 Os Sagrados Apostolos: Ouviraõ
 Os brados Evangelicos, do Mundo
 Todas as quatro partes: ao mais fundo
 Dos sertoes, ao theatro das Cidades,
 A's barbaras, incultas soledades,
 Chegou o seu rumor: * Do Evangelista
 Passou a Polycarpo a voz canora;
 Deste a Santo Ireneo, que a fêz sonora
 Na lingua, e nos escriptos: a Clemente,
 De Ireneo se difunde, que patente
 A pôz nos Padres da terceira Vida:
 Da mesma forte se acha produzida,

H

Com

* *In omnem terram exivit sonus eorum.* Div. Paul. *ad Roman.* cap. 10. v. 18.

Vide Stapleton. in vita Div. Thom. Apostol; & P. Nicol. Trigaut. in expedition. Sinensium; lib. 1. in fine.

Com huma successiva concurrencia,
 Em todas as Igrejas, que fundaraõ,
 Os Nuncios Apostolicos: clamaraõ
 Com a Lêi, sem alguma intermitencia
 De outros ecos, depois, a illustre tropa
 Muito alem dos confins da nossa Europa.

Para que a Lêi se espalhe no Universo
 Pôz primeiro hum decreto Soberano
 Em páz a Terra: do bifronte Jano
 A inchada Roma, com alegres olhos,
 Vio correr os belligeros ferrolhos:
 Aberto estando o Mundo aos Missionarios
 Leveraõ o Evangelho a clymas varios:
 Pedro illustra a Galacia, a Capadocia
 Asia, Bithynia, e Roma: André a Achaia:
 Resplandece Thadeo na Idumea,
 Samaria, Arabia, Syria, e Galilea:
 Santiago maior na invicta Hespanha:
 A Ethyopia conseguiu a gloria estranha
 Nas vozes de Matheos: Philippe a Scythia
 Enche dos mesmos raios: Joaõ a Epheso:
 Thomáz evangeliza na Germania,
 Depois na Parthia, Bactria, Media, Hyrcania:
 Raia Bartholomeu na Licaonia,
 Na Armenia, e Indias, e Simaõ na Persia:

Santiago menor na Palestina ;
E Paulo a quasi todas illumina :
Vaso escolhido de impressoens ardentes ,
Para luz ; para Oraculo das gentes.

Que poder estes Nuncios receberão
Mais que o alto poder , quando aceitaraõ
Este grande projecto ? Apareceraõ
Com armas ; ou riquezas ? Naõ entraraõ
Por essas vastidoens , quasi despídos ,
Descalços , e em miserias consumidos ?
Naõ derribaraõ os Idolos de Pallas ,
De Mavorte , de Jupiter , de Venus ?
Naõ arrancaraõ das soberbas salas
A Vaidade , a Lascivia , o Luxo , a Gula ?
Tudo quanto nos vicios se estimula ,
De repente naõ foi para a innocencia
Da humildade , razaõ , e continencia ?
O Principe , a donzella , o mestre , o rude ,
Sem mais força , que o espirito lhe ajude ,
Que os divinos clamores do Evangelho ,
Naõ mudaraõ de impulso , e de conselho ?
Naõ julgais que hum esforço mais que humano
Houve nestas moçoens ? No ardor profano
Cabem tantos prodigios ? O' loucura
De fatal apprehensaõ , que sepultada

Na infame escuridade do seu nada,
 Quanto mais nestas duvidas se emprega,
 Fica mais infelíz; fica mais cega.

Se duvidais tambem destes successos,
 Que miseria maior, se os seus progressos
 Gritando estão na Serie successiva
 Das voluveis idades? E taõ viva
 Nos insta sempre a luz desta memoria,
 Que inda he mais prõpta a imagem, do q̃ a historia;
 E parece no objecto, que se alcança,
 Que mais na vista está, que na lembrança.

Com esta mesina singular presença
 Vemos o Author da Lêi na Palestina
 Confirmar a Catholica Doutrina
 Nos mais raros portentos: Que prodigio
 Maior, que os seus costumes? Sem vestigio
 Do mais leve defeito; ardente, affavel,
 Magestoso, apprazivel, veneravel?

Na Metròpoli vasta da Provincia,
 E em todas as Cidades da Judea,
 Naõ com incerta, fabulosa ideia,
 Mas com seus proprios olhos virao todos
 Em tantas Povoações por tantos modos

O admiravel concurso, com que os cegos
 Procuravaõ a vista: os aleijados,
 As maõs, e os pés: os fardos, os ouvidos:
 Os corpos dos demonios insultados,
 A sua instauraçaõ: Os submergidõs
 No pó da sepultura, os seus alentos:
 Todos aqui logravaõ seus intentos,
 Todos tinhaõ vigor, todos saude:
 Convertia-se em jubilo o ataudê,
 Em applauso a miseria, a enfermidade
 Em esforço, a prizaõ em liberdade.

Quero vos permittir por breve tempo
 Que Christo foi fomite hum homem puro:
 Agora seriamente vos procuro
 Me digais se este Christo ao menos era
 Assistido por Deos? * Se reverbera
 Nelle hum summo poder? Sendo infallivel
 Que se fâz nos milagres tão visivel
 A Maõ Omnipotente; e sendo certo
 Que Elle estabeleceu todo o concerto
 Da nova Religiaõ: Que he revellada
 Naõ podeis duvidar: Que a Deos agrada;

HP3: Me-

* Scimus quia à Deo venisti, Magister: nemo enim potest hæc signa facere, que tu facis, nisi fuerit Deus cum eo.

Joan. cap. 3. v. 2.

Quomodo potest homo peccator hæc signa facere? Idem, cap. 9. v. 16.

Menos duvida tem; pois deduzida
Foi de huma chama tão esclarecida.

Se quereis entender que este Propheta
(Dailhe só este nome) há de enganaros;
Presumo que deveis envergonharvos

De hum absurdo tão grande: Q' mentira,
Que engano, ou falsidade convir pode
Com o dom de prodigios tão imensos?

Parece-me que tanto não delira
O vosso pensamento; nem que acode
Com este effugio a condemnar incensos.

Para hum homem tão Santo: Attento vede
A inegavel instancia, que procede

Destas demonstraçoens; e então confio
Que regeitando o vosso deivario

Reconheçais em Christo a Lêi brilhante;
E que he Deos; e homem juntamente:

Que não he na Eucharistia semelhante,
Mas real, verdadeiro, omnipotente:

Que tem a humanidade a subsistencia
Na pessoa do Verbo: Que hũa essencia

He só a de hum Deos Trino, e que distintas
As tres Pessoas são: Pois concebendo

Que he revellada a Lêi, logo entendendo
Ficareis que a razaõ mal pode acharse

No arcão, que não pode penetrar-se:
Que a Fé he que nos guia; e que sogeito
A palavra Divina o meu discurso
Deve estar: Que não há outro recurso
Mais que a luz, que illumina o meu conceito
Para ver quem o diz: Se Deos o explana,
Eu certamente fei que não me engana.

Suspenso destas vozes tinha Pauli
Todo o seu pensamento: parecia
Huma estatua de pedra: agora erguia
O rosto taõ pasmado, que podera
Dizer que de hum lethargo se movera:
Não vos posso negar que estou perplexo:
Ao Peregrino diz: Vinde comigo,
Que a casa vos darei de hum bom amigo;
Este gosto me dai: Quero informarme
De tudo o que quereis participarme;
E deixando o lugar, em hum momento
Se desfêz todo aquelle ajuntamento.

TRIUMPHO DA RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO IV.

*Contra o Libertinismo religioso-
nario.**

A Penas roga Pauli ao Peregrino
Lhe dê mais instrucção do que dissera,
Eis que ao longe hum estrondo repentino
De clarins, e tambores, os altera:
O vulgo armado concorreu gritando
Que os Libertinos vinhaõ caminhando
A invadir a Cidade: De repente
Pauli ás armas se lança; anima a gente,
Convo-

* *Libertinismo religioso* hê a feita da quelles, que admittem todo o genero de religiaõ, e querem defender que em qualquer dellas, que se reconheça a Deos, há salvaçaõ eterna, ao menos pela ignorancia inventivel.

Convoca os esquadroens; poeme constante
Na frente, e sem receio do perigo
Se avança para a parte do inimigo.

Quasi ao seu lado vai com hum montante
O Ousado Peregrino, conhecendo
A illustre obrigação, que o está movendo;
E unindo em breve tempo o impulso vario,
Deraõ vista do exercito contrario.

Pasmouse o Peregrino das figuras,
Que algumas tropas trazem, desmentindo
Na ferrea prevençaõ das armaduras
O semblante das feras: * Profeguindo
Se oppoem á novidade na certeza
De que há menos valor onde há braveza.

Naõ

* O semblante das feras. Estes eraõ os Libertinos Cyrenaicos, que negaõ a immortalidade da alma; transformandose, com este conceito, de homens em brutos.

Poderaõ parecer inverosimil que convertamos em feras os Libertinos Cyrenaicos: respondo com o cap. 4. de Dan. v. 22. *Ejicient te ab hominibus, & cum bestiis, ferisque erit habitatio tua, & fenum, ut bõs comedes.* E ainda que alguns expositores digaõ que naõ foi verdadeira a transformaçãõ de Nabuco, há outros que a affirmaõ. *Dorotheo in Synopsi*, e *Epiphano in vita Danielis* dizem que mudara a forma exterior, ainda que conservara a interna: *Miguel Medina* segue que a mudança fora phantastica, porém *Bodini* na sua *Dæmonolog.* lib. 2. cap. 6. hé de opiniaõ que Nabuco tomara verdadeira forma de touro. *Santo Agost. de Civit.* lib. 18. cap. 18. *Refere a transformaçãõ de huns homens em cavalos. Cluver. in Apend. ad Epist. Hist.* lib. 10. conta a transformaçãõ de *Alberto Pericofem caõ: Herodot.* lib. 4. cap. 105. a dos Povos chamados *Neuros* em *Labos*. Naõ hé necessario mais para defeza deste lugar; especialmente sendo a transformaçãõ allegoricã.

Não determina a colera de Marte
 Neste primeiro ardor mais que a vingança:
 O exordio foi a acção: em toda a parte
 Se vibra o estoque, se fulmina a lança:
 Despedaça-se hum peito n'outro peito:
 Hum escudo se rompe n'outro escudo:
 Hum dardo em outro dardo; e o golpe rudo
 Prodüz o incendio, a raiva, a ira, a chama,
 Que o despenho enfurece, o arrojo inflamma.

Retumba ao mesmo tempo o ruido acorde
 Do vasado metal; segue-o concorde
 Ferido o couro de vehemente impulso:
 Hum na respiração, outro no pulso
 Acende mais a empreza bellicosa:
 Parece em tanta furia pavorosa,
 Das espheras formando hum novo ensaio,
 Que hé trovaõ o tambor, a espada raio.

Os que se tinhaõ desmentido em brutos,
 Mais ferozes, * e menos resolutos,
 Sofrem maior estrago: o Campo cheio
 Se via do espectaculo disforme:

Inda

* *Mais ferozes, e menos resolutos.* A ferocidade não hê effeito do valor: os animos mais ferozes saõ muitas vezes os mais pusilanimos, a verdadeira fortaleza fundase no socego, e constancia do espirito.

Inda o cadaver na carranca enorme
Mais horrivel ficava ; ¶ e na fealdade
Novo espanto fingia a novidade.

Em toda a força bruta todo o estrago
Fazia o Peregrino ; ardente , e vago
Em huma , e outra tropa se metia ;
Onde o impulso do braço difundia
Em successivos , bellicos arrojos
Golpes , tragedias , Victimas , despojos :
Muito menos a fouce , que se emprega
Na seára madura , espigas cega ,
Do que o montante vidas na campanha ;
E convertido na fatal gadanha
Da inexoravel Cloto , o damno a pura :
Tudo aniquilla , tudo desfigura . *

Mas nem da furia o espanto , o horror da morte
Os impetos suspendem de Mavorte : †
Sempre insiste o despenho da batalha :
Bem

¶ Mais horrivel. Os Libertinos que morrem com o conceito de que a alma não he immortal , se lhe deve considerar mais horrivel a sua morte , representada na horribilidade dos seus cadaveres , pois suppoem que não se differença dos cadaveres dos brutos ; em que o maior horror he ser hum pô que não refuscita.

* Tudo aniquilla. Moltrase a fortaleza do Peregrino , por darmos tambem hum espirito militar ao Herde , e satisfazermos de alguma sorte o conceito de Lusan , de que deve ser guerreiro.

† Os impetos suspendem de Mavorte. Representação dos effeitos da Ira , attendendo a allegoria do Poema , que deixamos notada no Prolegomeno , pag. ciii.

Bem que o incendio fulmina , o ferro talha ,
 A mesma Alecto , que a campanha a terra ,
 Mais excita a paixãõ , e acende a guerra.

Já em todos se imprime o irado alento:
 Não há outro designio , ou movimento,
 Que vencer, ou morrer: o ardor não cede:
 He geral da vingança a cruenta sede:
 Os punhaes, os estoques, os alfanges
 Rasgaõ , mas não dividem as Phalanges.

Do Herebo o manto , que assombrou a noite,
 Hê que fêz suspender o infaulto açoite
 Da terrivel Belona; e se os divide,
 Só interrompe, não acaba a lide: *
 Embaraçando a sombra ira tamanha,
 Sobre as armas ficaraõ na campanha

Para tornarem na seguinte aurora

A os impulsos da chama vingadora:

O Peregrino, e Pauli se recolhe

Junto a hum grande arvoredõ , que se tolhe

Os incendios ao Sol , tambem suspende

O orvalho , que da noite se desprende:

Aqui

* Não acaba a Lide. Ficar esta batalha por decidir, separando a noite a furia militar, he imitação do combate, que teve Aias com Hector na Iliada de Homero; pois sem se conhecer a victoria, tambem os separou a noite.

Aqui o informa Pauli dos motivos
Desta estranha irrupção, dando-lhe conta
Que detráz de hum outeiro, que confronta
Com os confins do campo, huma Cidade
Edificara há tempo aquella gente :
Que a soberba, ou talvez a inimizade,
Que entre os visinhos se acha permanente,
Emula a fêz da outra, e que ropera
A gora nesta acção, porque soubera
De algum infiel patricio, que os Deistas :
Levados da vangloria das Conquistas
Andavaõ trabalhando no designio
De estenderem com ella o seu dominio :
Que era certo este estimulo aceitara
Fundado na doutrina, que os separa ;
Pois não podia haver boa harmonia
A onde a Religiaõ se dividia.

Esses, que vinhaõ com feiçoens humanas
(Diz Pauli) nas doutrinas mais profanas
Que há salvaçaõ pretendem : os que as brutas
Fórmaz traziaõ, fogem das disputas,
Porque affirmaõ que a alma só tem vida
Em quanto está no corpo produzida,
Perdendo com o corpo o triste alento
Na sombra funeral do monumento :

Fatal miseria, o Peregrino exclama!
 Gente funesta, e bruta, que huma chama,
 Que arde taõ claramente desconhece!
 Porém daimé licença que vos diga
 Quaõ ignorante, hydropica fadiga
 Queríeis emprender! Que nobre instancia
 A de occupar o alheio? * Que jactancia
 A de romper a humana sociedade?
 Que sublime, que illustre heroicidade
 Forçar a sua especie? Que alta empreza,
 Que valor, que constancia, que grandeza
 Opprimir o mais debil! e que gloria
 Que triumpho, fortaleza, ou que victoria,
 Declararse contrario do visinho?
 Criminosa ambição! Torpe caminho
 De se fazer eterno na Lembrança!
 Dizei-me que louvor, que nome alcança;
 Assoprando-lhe sempre alto Favonio,
 Nestas grandes acçoens o Macedonio?
 Sem receio do espirito iracundo,
 Que era Ladraõ do Mar, e elle do Mundo;
 Lhe disse aquelle intrepido Pyrata,
 Entre o remo infelîz de huma fragata.

Para que tudo vença, e tudo mande,

Vem

* *A de occupar o alheio?* Declamase contra a falsa gloria dos Conquistadores com o exemplo de *Alexandre*.

Vem à Ásia, com título de grande,
Não sei com que justiça, destruindo
Quem nunca lhe fez damno: demolindo
Povoações, e Cidades numerosas,
Sem mais causa, que as iras criminosas
Do seu voráz incendio: entregue aos vícios
Mais torpes, e Cruéis: os beneficios
Na ingratitude tecendo: dilatando,
Não o dominiò, a furia; e exercitando
A força, e a atrocidade nos Imperios,
Deu espanto geral a os hemispherios,
Sem outra utilidade, intento, ou modo
Mais do que pôr em guerra o Mundo todo.

Que bem se segue deste amor da guerra,*
Que nos indocéis animos se encerra?
Converte-se a Provincia em Labyrinto,
Passa o nosso discurso a ser instinto,
Arrojo a mansidão, fraude a justiça,
Virtude o crime, maxima a cubiça
A crueldade valor, culpa a clemencia
Honra o despenho, fama a resistencia!
Se acaso este discurso vos imprime
Ou conceito, ou imagem mais sublime

Da

* Deste amor da guerra! Invektiva contra a guerra pelos seus terribes
efeitos,

Da verdadeira gloria; outro recurso
 Escolha desde aqui vosso discurso:
 Mudai de inclinação: talvez que possa
 A fingileza, e a pâz da parte vossa
 Alcançar o que a guerra não consiga:

E que Nuncio escolheis para que siga
 Esse intento, sabendo (Pauli adverte)
 A furia indocil desta gente inerte?

Eu quero ser o Nuncio; o Peregrino
 Responde: Vinha o raio matutino
 Já, neste tempo abrindo os orizontes;
 Logo começã a dourarse os montes
 Com a vinda do Sol: De huma oliveira*
 Toma hum ramo; e a pacifica bandeira
 Nas tropas bellicosas antepunha
 As ideias, que o Nuncio lhe propunha.

Foi no campo contrario recebido
 Com grande admiração, pondo o sentido
 N'hum Herôe, que com tanta fortaleza
 Se fez Glorioso na passada empreza:
 E bem que esta ventagem não lhe agrada,
 Sempre foi do inimigo respeitada:

En-

* De huma Oliveira: Sinal com que os antigos annunciavaõ a paz.

Entre as armas o levaõ sem detença
Ao seu Cabo supremo; e na prezença
Do convocado exercito, procura
Fazer ostentaçaõ da Nunciatura
Mas antes que a formasse o Commandante
Quiz pôr junto de si a Polyphilo.
Seu maior confidente, estando o asylo
Da República em hum, e outro Athlante;
Pois reflectida em duplicado espelho,
Hum produzia a acçaõ, outro o conselho.

Calavaõ todos já, quando media
Com os olhos o Nuncio a companhia,
Que em rotundas fileiras o cercava:
Airoso traça hum manto, que levava;
E expondo os braços ao concurso todo,
Falla, encorpando o alento, deste modo.

Vejo que nestes bellicos horrores,
Inda que pareçais os aggressores,
Culpa * não tendes da irrupçaõ violenta;
Pois só nella este exercito se alenta
A prevenir o intento das Conquistas,
Que estava consultado entre os Deistas:

I

Mas

* Culpa não tendes. O melhor modo de persuadir hê não condemnar demasiadamente os erros: Convem muitas vezes desculpallos, para poder melhor dissuadillos.

Mas em tudo o que pode não ter parte
 De Bellona a paixã, o horror de Marte,
 Hè justo que se livre da discordia:
 O alegre simulacro da concordia
 Primeiro está, que o gesto carrancudo
 Da fera emulação: não se acha estudo
 Nos homens mas feliz, nem melhor ancia,
 Que amar da sua especie a consonancia.

Já o vosso inimigo não consulta
 A ideia, que em seu peito teve occulta
 Para vos opprimir: todo o desígnio
 He sómente cingirse ao seu dominio
 Vós deveis aceitar o mesmo intento
 Para ser justo o vosso pensamento.

Reconheço que a páz não fica certa
 Na diversa doutrina, e sempre aberta
 A porta tendes às hostilidades:
 No opposto sentimento das Cidades:
 Com tudo eu não entrara no projecto
 De promover a páz, sem outro objecto
 De mais seguro, superior auspicio:
 Arbitrio quero darvos taõ propicio,
 Que elle sô possa enchervos da ventura,
 Que no commercio humano se procura.

Se as Religioens unís, tendes achado
O modo de vencer o inquieto fado,
Das vossas dissenções: os Libertinos
Naõ devem concordar nos defatinos
Dos Deistas; nem estes nas condutas
Dessas vossas ideias dissolutas:
Hum terceiro recurso vos proponho:
Deme, para fundar tanto regresso
Mais sublime attençaõ este congresso.

Hum dos vossos partidos segue o dogma,
Que em qualquer Religiaõ, que o homem toma;
Tem a saude eterna: outro, que a alma
Se vê do corpo a penas defunida
Perde o seu resplendor, e acaba a vida:
Direi agora deste horror primeiro; *
Ao depois de hum discurso taõ grosseiro

Se entendeis nestes miseros enganõs.
Que prodûz salvaçaõ qualquer doutrina,
Deveis contar a lei dos Mahometanos:
Lei, que muitas torpezas lhes ensina,
E tanto disparate a desordena,
Que ella mesma a si propria se condena.

I 2

Que

* Seguindo o nosso Camoens no 3. Canto das *Lusiadas* estanc. 5.

Primeiro tratarei da Larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

Que coiza mais ridicula que o Mundo
Sustentarse em hum Boi, que tem no Oriente
A testa, e tem a cauda no Occidente,
Servindolhe huma pedra ao novo Athlante
De firmar tanto pezo exorbitante?

Que haver hum Paraizo, onde as pevides
Se convertem em candidas donzellas
Mais formosas, e ardentes, que as estrellas?
Que guardas do jardim faõ Anjos puros
Com cabeças de vacca, e com huns cornos
De quarenta mil nós, cujos adornos
Se apartaõ tanto do rugoso alinho,
Que tem quarenta dias de caminho?

Que setenta mil bocas tem os genios
Com outras tantas linguas; e setenta
Mil idiomas, que a Deos toda a harmonia
Daõ setenta mil vezes cada dia? *

Que

* He quasi semelhante tudo o que diz *Masoma* no *Alcorão*, quando descreve a jornada que fez ao throno de *Deos*. Refere que subira ao primeiro Ceo com o Anjo *S. Gabriel* por huma escada de luz: que aqui se encontrara com *Adam*, acompanhado de muitos Anjos, e que este primeiro Ceo era de prata; aonde vio hum gallo, taõ branco como a neve, e taõ grande, que tendo os pés no primeiro Ceo chegava com a cabeça ao segundo, supposto haver de hum Ceo a outro huma jornada de quinhentos annos. Que todas as manhans canta *Deos*, hum hymno, que este gallo acompanha com a sua vóz, e que daqui vem que cantãõ á mesma hora todos os gallos da terra. Deste primeiro Ceo de prata, diz, que passara ao segundo, que era todo de ouro; aonde estava *Noé* com dobrados

Que coiza mais opposta ao raciocinio,
Que fingir a virtude no desinio
Das immundas paixoens, e a tal deleite
Imaginar que a alma se fogueite
Depois de separada, pondo a gloria
Em huma suavidade transitoria!
Se a Religiaõ caminha ao culto excelso
Da suprema Deidade; e só pretende
Agradallo, e servillo; como entende
A vossa louca ideia, que em hum culto
Taõ disforme, que mais parece insulto,
Que adoraçaõ, offerta, ou sacrificio,
Se póde descobrir algum indicio
De que se agrade a Perfeizaõ immensa,
Vendo no mesmo obsequio a sua offensa?

E se entendeis que o Altissimo se agrada
De qualquer lêi, que o Mundo lhe cultiva;
Haveis tambem de crer que revellada

I 3

Foi

Anjos dos que havia no primeiro. Que o terceiro Ceo era de pedras preciosas, e nelle estava *Abraham*, ainda com maior numero de Anjos. Hum destes era taõ grande, que a distancia, que havia entre os seus dois olhos feria huma jornada de setenta mil dias; e comparando pela distancia dos olhos a porporcaõ do corpo teria este a altura de huma jornada de 14. mil annos, que he quatro vezes maior que a extensaõ que *Mafoma* dá a todos os sete Ceos; e ainda para mentir, e se naõ contradizer, hé necessario mais habilidade da que tinha este impostor. Este Anjo se chamava o Anjo da morte, e o que escrevia os nomes de todos aquelles, que nascem, e lhe calcula os seus dias, e quando estes se acabaõ, elle riscas os nomes de todos os que morrem. Passou *Mafoma* ao 4. Ceo, que era

Foi da Lûz, donde o acerto se deriva:
 E se Leis taõ diversas Deos revella,
 Como nellas ha lêi, que se desvella
 Em se oppor á razãõ á mente, ao lume,
 Ao culto, e resplendor do mesmo Nume?
 Hé crível que se Deos as lêis dilata,
 Hum rito em outro rito se combata
 Que approve dos obsequios, a contenda?
 Que se este dogma acerta, o outro offenda?
 E que ponha em alento taõ contrario
 A excelsa inspiraçaõ do Santuario?

O Turco na brutal sensualidadê
 Poem a sua observancia: por maldadê
 O Judeo, e o Catholico a reputa:
 Da a trôz vingança toda a chama bruta

O
 de esmeraldas, em que estava *Joseph* filho de *Jacob*, com huma innumera-
 vel quantidade de Anjos, e hum delles chorava continuamente os peccados
 dos homens. Entrou no quinto Ceo, que era de diamantes, em que
 assistia *Moyfes* com maior numero de Anjos: Daqui foi ao sexto, que era
 de carbunclos, aonde residia *S. Joã Baptista*, com maior numero de An-
 jos, que os precedentes: No septimo Ceo, que era todo de huma clari-
 dade divina achou a *Jesu Christo*; e aqui lhe diz o Anjo *Gabriel* que lhe
 não era permittido acompanhalo mais adiante; porem *Mafoma* se presu-
 mio, ou mais atrevido, ou mais digno que o Anjo de se elevar ao thro-
 no de *Deos*: elle se chegou á face divina na distancia de dois tiros de fle-
 cha, e alli recebeu instrucçoens do mesmo *Deos*, e *Gabriel* o conduz outra
 vez á terra pelo mesmo caminho. Pouco tiuha que fazer este famoso Pro-
 pheta, quando estava inventando, e escrevendo estes delirios, aproveitando-se
 da rudeza dos *Arabes* para estabelecer taõ desordenadas mentiras, e sendo taõ
 manifestas se estabelece nellas toda a crença dos *Mabometanos*.

O Mouro não separa da innocencia:
Da vil pyrataria a cruel violencia
No barbaro Alcorão he permittida;
Huma, e outra entre nós hê prohibida:

O Christão cré em Christo, o Hebreo o nega:
Disputalhe o Agareno o ser divino:

Nas aras com horrivel desatino

O Pagaõ ao seu Idolo se immôla:

Do nosso Christianismo a sacra estôla

Sacrifica entre especies circulares

A victima incruenta nos altares:

Crede que Deos consinta ser louvado

Por modo taõ opposto, e embaraçado?

Se a lascivia he virtude, se a vingança,

E o furto por bondade se avalia;

Será peccado a minha temperança,

E d'outros, innocencia a tyrannia:

E a Deos agradarão nos varios ritos

Tanto as adoraçoens, como os delitos:

Será tanto o Christão, que a Christo adora

Como o Turco, e o Pagaõ, que a Christo ignora,

Como a Hebraica gente, que o aborrece:

Se esta ideia levais; logo se offrece

A de que Deos a todos nos engana

Nesta lei, que nos dá: seja a Romana,

Turca, Hebreia, ou Pagan; pois duvidosos
De fermos, ou leais, ou criminosos,
Fâz que nos feus influxos mais sublimes
Confundamos os cultos entre os crimes.

Se hê que fazeis de hum Ente taõ perfeito;
Taõ bom taõ verdadeiro, este conceito,
Naõ conheceis a Deos: De balde o busca
Quem de tal forte o entendimento offusca,
Que acha contradicçoens; e dissonancias
Em hum Mar de infondaveis consonancias.

Mas naõ hê necessario que se eleve
Tanto o discurso ao Nume Soberano:
Nas mesmas regras do composto humano
Se vê que nessas lêis, que o Mundo alterna,
Naõ se pode alcançar faude eterna:
Se a salvaçaõ he premio da virtude;
Como se pode achar esta faude
Violando nas acçoens huma doutrina,
Que a mesma Natureza nos ensina?

Naõ será contra a lêi da Natureza
Moveres contra o outro aquella empreza,
Que naõ quereis em vós, este desinio
A vingança naõ tem, e o Latrocinio,

Que ao Turco a lêi permite? E entre a gente,
Que procede de Hebêr, não he' decente
Perseguir aos Christãos de toda a sorte;
Matar o rico ao pobre, ao fraco o forte
Como sacro estatuto? Pois que alento
Poderá conceber o pensamento,
Que o mesmo, que a razaõ tem por maldade,
Possa agradavel ser á Divindade?

Que lume natural pode influirme
A que taõ nesciamente me confirme
Nos disparates, que o Thalmud descreve
Na summa perfeiçãõ de hum Ente Summo?
Naõ nos diz que primeiro Deos esteve
Fazendo de outros Mundos o resumo
Para acertar com este, em que vivemos?
Naõ diz que nesses páramos supremos,
No dia dá tres horas á leitura
Desta Hebraica lei? Q' mais loucura
Que o dizer (treme a lingua de exprimillo!)
Que tem Deos varios ritos ordenados
Em que há de expiar tambem os seus peccados?
Que menos insensatos sacrilegios
Se encontraõ no Alcoram? Os frontispicios
Das suas quatro partes são indicios

Das torpes illusoens, em que se ordena:
 A mesma divisaõ se fâz obscena
 No titulo da Vacca, onde profeguem,
 Tambem as outras divisoens estranhas
 Das formigas, das moscas, das aranhas.

Destes horriveis bárathros saiamos,
 Passemos á outra parte: Se encontramos
 Lutheranos, talvêz, ou Calvinistas;
 Huns dizem que na Hostia Consagrada
 Não há mais que huma sombra figurada
 Do nosso Redemptor: Outros affirmão
 Que existe alli realmente o Corpo, e o Sangue
 Na substancia do paõ: Nós defendemos
 Que verdadeiramente recebemos
 De Christo o Corpo, e Sangue entre as especies
 Do mesmo paõ, e vinho: O Lutherano
 Finge que basta a fé, ao ser humano
 Para alcançar o Ceo; que as Indulgencias
 São humas inventadas providencias
 Da ambiçaõ Pontificia: o Purgatório
 Que hê quimera, ou estimulo illusorio
 Que tende ao mesmo fim: Q'os Sacramentos
 São tambem huns fantasticos inventos
 Da Romana politica: Que os Santos
 Nas imagens Sagradas; outros tantos

Idolos materiaes da fantasia,
A. onde se renova a Idolatria.

O Calvinista fãz pouca distancia
Deste mefmo discurso; e a dissonancia
De huma, e outra expressãõ trãz o conceito
De que algum há de errar; porque o respeito,
O obsequio, a honra, o culto, o rito, a gloria,
Que a Deos se dá, não hê contradictoria.
Se huma dellas errou, não podê o erro;
Por mais que se trabalhe no desterro,
Asssegurar o fim da humana vida
Nos indultos da Patria promettida.

Se em qualquer Seita, ou lãi haver podesse
Culto, ou rito, que a Gloria merecesse,
Ou quem guardasse a feita a merecia,
Ou quem não a guardasse: Se o primeiro:
Deve permanecer constante, e inteiro
Na observancia da Seita, em que se salva;
Se o segundo: Não pode ter resalva;
Pois se hê bom esse dogma, que o fogeita,
Será culpa a mudança dessa Seita:
Podendo na primeira haver embuste,
Na segunda, peccado; bẽm se alcança
Em ambas o perigo da mudança,

E tambem da existencia: em que se a pura
 Que essa vossa apprehensão não he segura;
 Pois a mesma eleição na liberdade
 Trazer pode inconstancia, ou falsidade:
 Porque senão haveis mudar de rito
 Preso vos achareis entre o delito
 Do Pagaõ, do Judeo, do Mahometano:
 Se hê que o deveis mudar, em outro engano
 Iguamente cahis; pois concebendo
 Que vos podê salvar hum culto horrendo,
 Se nelle vos achais, será peccado
 O tirarvos tambem do mesmo estado.

N^o hum ponto vos firmais taõ infecundo;
 Que tendes contra vós a todo o Mundo:
 Do Universo deitai ás partes quatro
 A vossa comprehensão: nesse theatro
 De taõ diversas Scenas, os furores,
 As guerras, as batalhas, os clamores,
 Que nos annaes parece que se escutaõ,
 Aquem a fama os leva? aquem se imputaõ?
 Por defender a patria, a lei, e os Lares
 Offrece a historia tantos exemplares.

Muita parte do estrago se abstinera,
 Se qualquer destas gentes concebera

Que eraõ firmes , e bons todos os cultos :
Nem combates houvera , nem insultos ,
Se entendesse a Naçaõ , ou mansa ou brava ,
Que em todo o rito a salvaçaõ se achava .

Com hum zelo anelante , ou pretextado
Do nefando Alcoram , tem infestado
O Turco a maior parte da Esclavonia ,
A Albania , a Grecia , a Candia , a Macedonia ,
O Negroponto , a Bosnia a Hungria , a Thracia ,
A Natolia , o Diaberck , Servia , e Croacia .

A emulaçaõ da Persia com a Porta
Se embravece , se funda , se conforta
Na opposiçaõ da barbara doutrina
Ou de Aly , ou de Omar : Tartaro , e China
Sempre se combateu no mesmo impulso :
O ardor da Religiaõ deu maior pulso
As Conquistas de Roma : O Elyfio Imperio
Passou da outra banda do Hemispherio
Com esta instagaçaõ : a ousada quilha ,
Com espanto cuidado , e maravilha
De toda a redondeza , pôz notorio
O encuberto rumor do Tormentorio .

Vencendo estorvos do Ceruleo espelho

As cores descobrio do mar vermélho:
 Contra os gumes de indomitos alfanges
 Reconheceu o Hydaspe, o Nilo, o Ganges:
 Chegou do Sol ao berço, descobrindo
 As aureas margens do soberbo Indo:
 Depois que muito alem da Trapobana
 Extendeu pelo Oriente a Fé Romana;
 No aromatico thalamo da Aurora
 Arvorou a bandeira vencedora:
 Pasmouse Calicût, Chaül, Maldiva,
 Sofala, Cañanôr, Tete, Angidiva:
 Malaca vendo o Escudo Sacrosanto
 Ficou cheia de horror, de medo, e espanto:
 Ormûz, Coulaõ, Columbo, de receio:
 Do mesmo horror, do mesmo espanto cheio
 Maluco, Mangalôr, Barêm Mombaça:
 Sofreraõ os impulsos da ameaça
 Pacêm, Socotorâ, Adêl, Quilôa;
 Até que finalmente a illustre Gôa,
 Reduzidos à Fé o Casimino,
 Tanôr, Tutucory, Pamilarano,
 Temate, Travancôr, e o Butuano,
 Firmou na Asia a Lêi; tendo inda as popas
 Das victoriosas Nãos, e as duras tropas
 Forçado, com os ecos da trombeta,
 O Sêpulcro do Arabico Propheta:

Tanto ardor, tanto arrojo se destina
A sustentar a fé de huma doutrina!

E se para que hum Idolo se extenda
No Mundo se acendeu tanta contenda,
Com maiores estímulos devia

Pugnar contra a soberba Idolatria
Toda a Elysia Potencia, sendo hum Reino,

Em que Deos, com excelso patrocínio,
Tinham constituido o seu domínio,

Como o mesmo Senhor ao Santo Affonso
Fundador da invencivel Lusitania,

Quando as forças venceu da Mauritania
Expressamente o disse; e que este alento,

Dos Portuguezes nas acçoens brilhantes,
Se levaria ás partes mais distantes:

Promessa Conseguida no Evangelho, *
Desde o mar Gaditano, ao mar Vermelho.

Quasi que estou vencido (diz o cabo
Da quella multidão) mas inda ânimo

Algumas impressoens, que não reprimo,
Que intentaõ que eu persista: este socorro

Vereis muito melhor no que discorro. He

* Qui mittit in mare legatos, & in vasis papyri super aqua. Ite angeli
veloces ad gentem convulsam, & dilaceratam: ad populum terribilem, postquam
non est alius: ad gentem expectantem, & concucatam, cujus diripuerunt flu-
mina terram ejus. Mai. cap. 18. v. 2.

Veja-se como expõem este lugar o grande Vieira no Prolegomeno á histo-
ria do futuro, que he dos esforços maiores da sua profunda, e felice con-
sideração.

He certo que o Judeo, e o Mahometano,
 O Sectario, e o Pagaõ, não sabe o engano,
 Que trabalha na lêi, que elle professa:
 Tanto nella se firma, e se interessa,
 Que entende que com ella há de salvarse:
 Não me direis que pode condemnarse
 Na ignorancia invencivel, que exercita;
 Pois onde há ignorancia, não milita,
 Nem culpa, nem malicia; e sem peccado
 Não pode ser o homem condemnado.

Concedo (o Peregrino lhe responde)
 Que se dá invencivel ignorancia,
 Que livra do delicto; mas aonde
 A quereis descobrir? Na dissonancia,
 Talvêz do Paganismo, e Mahometismo?
 Não pugna a sua lêi com o aphorismo
 Do lume natural? Mas concedendo
 Que haja ignorancia neste voto horrendo,
 Digo que pela lêi não se condemna,
 Mas ferà condemnado à eterna pena
 Por outras culpas, de que o não livrava
 Esse dogma, em que tanto se fundava.
 Rêprobo ficará no Latrocinio,
 Na vingança, e perjurio; e outras maldades,
 Que lhe permite a lêi: nas impiedades
 Ignorancias não há; pois a fereza
 Hé contra a mesma lêi da Natureza. Mas

Mas inda que finjamos nos delictos
Suspensa sempre a lúz do lume interno,
Naõ hirá a ignorancia ao fogo eterno;
Mas tambem naõ voará pelos districtos
Da Bemaventurança: Ha quem entenda
Que hirá do Limbo á concava vivenda:
Este arbitrio na ideia me naõ cabe:
O que della será só Deos o sabe.

Eu estou persuadido que se houvesse
Ignorancia invencivel; e vivesse
Quem nella trabalhasse com a norma
Com que a razão se anima, e se conforma,
Que a summa Providencia lhe daria
Quanto fosse preciso para guia
Dessa felice, luminosa estrada;
Que nos conduz á Patria desejada.

Ja fico nessa parte satisfeito;
Mas inda se me offrece outro conceito
(Acode o Commandante) que me intima
Maior difficuldade: O Rei sublîma
Muitas vezes o throno em varios modos
Do obsequio, que recebe: Quasi todos
Os homens, que pretendem venerallo,
Procuraõ muitos ritos de agradallo:
O seu Reino tambem pode extenderse

A Provincias diversas, onde brilhem
 Diversos cultos com que ao Rei se humilhem:
 Cobrir-nos ante o Rei hê grande offensa:
 Na Asia o descobrirse: Entrar no Paço,
 Sem grande encolhimento, ou em baraçõ
 Há Naçaõ, que o reputa por excesso:
 Julgou outra por digno de processo
 Subir á regia camera luzido:
 No delicto se achava comprehendido,
 Bem que ao Rei o não vissem assentado,
 Quem ante o throno estava levantado.
 Supponhamos que hum Principe governa
 Em todas estas lêis: a Magestade,
 Das novas submisloens na variedade,
 Cuido que não havia de offenderse:
 E assim da mesma sorte há de entenderse
 Para o Culto Divino: pois o intento
 Mais que a acçaõ, he que explica o rendimento.

Respondo; o Peregrino lhe retorna:
 O Rei na vassallagem reconhece
 O resplendor da purpura brilhante:
 Seja aquella diversa, ou semelhante,
 Sempre o fim se consegue da obediencia,
 Q' hê, em que funda o solio a prehemincia:
 Em Deos há outra regra mais sublime

Para haver hum só culto, em que se anime
A sua adoração; porque se funda
Em toda aquella fabrica profunda
Dos sagrados mysterios, produzidos
Só para a fé, e não para os sentidos.

Manda-nos crer a Encarnação do Verbo:
Que Deos homem se fêz: que o escabelo acerbo
Da Cruz soffreu por nós: que a nossa vida
Hê de feu Corpo a Celestial comida:
Que Deos he Hum; juntamente hé Trino:
Que tudo se elevou, e fêz divino
Nos sete Sacramentos: E se o Turco,
O Judeu, e o Pagaõ nega a Trindade:
Se julga por quimera a realidade
Do Prodigio Eucharístico: Se entende
Que Christo não he Deos; como pretende
A vossa confusão achar o erario
Da fé divina, em culto taõ contrario?

Se concedeis que Deos revella o culto;
He crível que aos Catholicos ordene
Dos mysterios a crença, e que condene
No Hebreo, Pagaõ, e Mouro o mesmo indulto?
O que hé merito em nós, nelles he crime?
Concebeis n^ohum espirito sublime

Tanta contradicção? Não he forçoso,
 Com esta temeraria, louca ideia,
 Fazer a Deos, ou falso, ou mentiroso?
 Há quem o facilite? Há quem o creia?

Aqui tendes o absurdo em que delira
 O vosso pensamento, quando aspira
 A sustentar o engano de encontrares
 A salvação em todos os altares.
 Mas se affirmais que em todos; concedido
 Me tendes que a achareis no meu partido;
 E nelle duas testemunhas tenho
 Para mais segurar o meu empenho,
 Que sou eu, e sois vós; e a penas huma
 Da vossa parte tendes: Eu declaro
 Que não há salvação em quem presume
 Apartar-se de hum culto tão preclaro:
 Vós tambem proferis que ella se alcança
 Deste culto na fiel perseverança:
 Causa tenho melhor; * pois a verdade
 Só se pode encontrar na pluridade
 Da attestaçõ; e nunca se percebe

Com

* *Dupleix Mornay*, grande valido de *Henrique IV. de França*, e o seu Director do *Calvinismo*, lhe disse muitas vezes que na *Religião Catholica* tambem havia salvação; e dizendo os *Catholicos* que a não havia na *Sci-ta de Calvino*, reflectindo na força, e segurança do argumento proposto se reduzio só com esta demonstração á *Igreja Romana* este grande Monarca, illustrando com esta heroica acção toda a gloria das suas proezas militares.

Com hum voto fomite : se o concebe
A vossa persuasão, muito confio
Em que attendais ao vosso desvario,
Vencido das razoens, e do rascunho,
Naõ só do meu, do vosso testemunho.

Deitai o pensamento aos dogmas varios,
Que se encontraõ no Mundo : huns voluntarios,
Outros immundos, outros horrorosos,
Cruéis, incompativeis, perniciosos,
Achareis nessas Seitas inconstantes :
Na minha Religião, todos brilhantes,
Puros, doces, benevolos, me excitaõ
A' sociedade humana, e facilitaõ
O impulso natural no raptto ardente
De procurar hum Deos Omnipotente.

Na Catholica Lei naõ hã preceito,
Em que possa apartarse o meu conceito
Da justa inclinação, que se deriva
De hum lume innato, de hũa regra viva,
Que a mesma Natureza nos influe :
Nos mysterios, que a Graça constitue,
Se empenhou a Divina Immensidade
Para encher de infondavel claridade
A sua mesma Lêi ; authorizando,

Com taõ novos portentos, a eminencia
 Da sua singular munificencia:
 Tudo ao nosso proveito se destina:
 A regra, o culto, o obsequio, a disciplina
 Para o Cêo altamente nos convoca:
 Tudo nos estimûla, e nos provoca
 Aquelle Summo Bem; aonde a alma,
 Entre golfos de lûz, recebe a palma,
 Depois que muda a vida transitoria
 Nas doces auras de huma eterna gloria.

Confesso (diz o cabo, que modera
 O militar congresso) que estivera
 Por tudo o que dizeis, se nesta junta
 Outro novo partido não se achara;
 Que com diversa ideia nos separa:
 Aqui se encontraõ muitos Libertinos;
 Que affirmão que do espirito os destinos
 Se extinguem com a vida; e que consultaõ
 Que as almas com os corpos se sepultaõ.

Esses pretendo combater agora:
 O Peregrino diz: A este intento,
 Me dê nova attençaõ o Ajuntamento.

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO V.

Contra o Libertinismo Cyrenaico. *

A Alma racional na intelligencia;
Inda da mais confusa negligencia;
Se julga huma substancia vigilante;
Immortal, concipiente, cogitante,
Immutavel, anciosa, incorruptivel,
Harmonica, incorporea, indivisivel:
Sendo espirito puro, se acha unida
A hum ente material, aonde a vida

K 4

Inspi-

* *Libertinismo Cyrenaico.* Hê a feita dos que negaõ a immortalidade da alma; tomando este conceito da *Eschola Cyrenaica*, da qual foi fundador *Arisippo*, que punha nos deleites sensiveis toda a felicidade do homem. E por isso se diz que *Socrates* convertera os brutos em homens, e *Arisippo* os homens em brutos.

Inspira formalmente ao ser humano :
 Os prodigios de hum Nume Soberano
 Aqui se reconhecem , produzindo
 Hum composto de partes taõ contrarias ,
 Como materia , e espirito ; e infundindo
 Em taõ diversas fontes , em taõ varias
 Disposiçoens a uniaõ , que facilita ,
 N^o hum Ente que obra , e em outro , que medita ;
 Admiravel portentoso ! pois em toda
 A maquina visivel se accomoda
 Deste inspirante incendio a subtileza ,
 Sem alterar do corpo a natureza ;
 Antes quando o penetra , o fortifica ,
 O estende , o move , o illustra , o vivifica. *

Para

* *Modus , quo corporibus adherent spiritus , omninò mirum est , nec comprehendì ab homine potest ; Et hoc ipse homo est.* Div. August. *de Civit. Dei* , lib. 21. cap. 10.

Tem sido muito diversos os discursos , que se tem feito sobre o modo com que obraõ entre si estas duas substancias taõ differentes. *Guilhelmo Godofredo Baraõ de Leibnitz* , hum dos mais famosos , e eruditos Escriptores do presente Seculo , pertende que naõ haja alguma influencia sobre cada huma destas substancias , e só admite hum encontro momentaneo dos dois mecanismos , corporal , e espiritual , aonde Deos tem combinado de sorte estas mesmas substancias , que a qualquer modificaçã da alma , corresponde da sua parte o corpo com aquella que se lhe assemelha. Porem este discurso que naõ admite a communicaçã destas duas substancias , he huma contradicãõ formal do vivo , e perpetuo sentimento ; que cada hum experimenta dentro de si mesmo.

Descartes , e o *P. Mallebranche* discorrem , que Deos he o vinculo com que se aperta a uniaõ da alma com o corpo , fazendo que a alma produza as suas affecçoens com os movimentos do corpo , e que este execute os seus movimentos com as affecçoens da alma. Porem tudo o que se opina sobre esta materia he muito alem da nossa intelligencia , e este feria hum dos estudos ,

Para taõ grande empenho se dilata
No errante impulso, com que os membros ata;
Pois no sangue, fluxivel apparece:
Copulado na carne, se entumece:
Na pelle, o percebemos estendido:
Firme nos ossos: nos tendoens tecido:
Curvo nos intestinos: destilado
Nos humores: nas veias, circulado:
Inquieto nas arterias: luminoso
Nos olhos: e nas maons, industrioso:
Agil, nos pés: nas vozes, eloquente
Livre, no coração: no peito, ardente. Quem

que se deviaõ regeitar, pois quanto mais se empenha nelles a applicaçãõ menos se sabe: nós experimentamos os efeitos desta mutua correspondência das suas substancias; mas como se consegue a sua maravilhosa communicaçãõ e em que consiste a uniaõ do espirito com o corpo nunca ja mais poderemos averigualo; e torno a dizer com Santo Agostinho: *Mirum est, nec comprehendit ab homine potest.*

A mesma diversidade de opinioens tem havido sobre a determinada residencia da alma dentro do corpo. *Herophilo* a collocou no cerebro, *Hypocrates* no ventriculo esquerdo do coração, *Democrito*, e *Aristoteles* em todo o corpo, *Epicuro* no estomago, os *Estoicos* no coração: *Erasistrato* na membrana, que cobre o cerebro, *Empedocles* no sangue, *Galeno* diz que cada parte do corpo tem sua alma: *Straton* a poem entre as duas sobrançellas, *Plataõ* a divide em tres partes; a que pertence à razaõ no cerebro, à colera no peito, ao appetite nas entranhas. A opiniaõ de *Descartes* tem sido a mais famosa no Seculo precedente, collocando o throno da alma na glandula pineal; e sem embargo de ser muito engenhosa esta conjectura, e parecer bastantemente provavel pelas razoens, com que a estebelece este *Philosopho*, com tudo o celebre *Stenon* tem mostrado que a glandula pineal naõ he capaz dos movimentos, que *Descartes* lhe attribue.

Nicolao Stenon foi dos mais illustres engenhos do Seculo passado, e grande anatomico, e huma das suas melhores obras he o discurso anatomico sobre a anatomia do cerebro: e ainda se fez mais illustre na abjuraçãõ do *Lutheranismo* em que foi educado. Depois desta abjuraçãõ o fez *Innocencio XI. Bispo de Ticioptes, e Vigario Apostolica do Norte.*

Quem presumira, quem imaginara
 Que offrecendo-se á vista taõ preclara,
 Taõ sensível, gloriosa maravilha,
 Que taõ visivelmente pulla, e brilha
 Em todo o racional conhecimento,
 Houvesse quem formasse o pensamento,
 Com barbara, notoria repugnancia,
 Que era enferma, e caduca esta substancia! ¶

Em quanto o Peregrino assim dizia,
 Da quelle grande conclave sahia
 Hum dos vultos, que em fera desordena
 Toda a figura humana: altivo, e forte,

Se

¶ Muitos homens doutos infamaraõ o seu juizo, e os seus estudos com a negaçãõ da immortalidade da alma. *Simonides, Homero, Hippocrates, Galeno, Alexandre de Aphrosidea, Plinio, os dois Senecas, os Epicureos, os Saduceos* a tiveraõ por mortal. Pelo contrario *Pherecydes, Thales, Pythagoras, Anaxagoras, Diogenes, Plataõ, Cicero* a julgaraõ eterna. Este meimo privilegio attribuiu *Xenocrates, e Speusippo* às almas sensitivas. *Numenio, e Plotino* extenderaõ a immortalidade às almas vegetativas.

Os *Epicureos*, ou *Cirenaicos* modernos para negarem a immortalidade das almas racionais nos recouvem com o cap. 3. v. 17. & seqq. do Ecclesiastes.

Et dixi in corde meo: Iustum, & impium judicabit Deus, & tempus omnis rei tunc erit. Dixi in corde meo de filiis hominum, ut probaret eos Deus, & ostenderet similes esse bestiis: Idcirco unus interitus est hominis, & jumentorum, & aqua utriusque conditio: Sicut moritur homo, sic & illa moriuntur: Similiter spirant omnia, & nihil habet homo jumento amplius: Cuncta subjacent vanitati, & omnia pergunt ad unum locum: de terra facta sunt, & in terra pariter revertantur: Quis noverit si spiritus filiorum Adam ascendat sursum, & si spiritus jumentorum decendat dorsum? Et deprehendi nihil esse melius quàm letari hominem in opere suo, & hanc esse partem illius. Quis enim adducet, ut possit se futura cognoscat.

Porem Salamaõ naõ quiz dar a entender neste lugar mais do que a difficuldade que concebe o homem pelo seu raciocinio sobre a immortalidade da alma; e o quanto difficil he, como deixamos dito com *Santo Agostinho*,

Se chega ao Nuncio; e falla desta sorte.

No coração, no peito, pés, e vozes,
Nos olhos, e nas maons, arterias, veias,
Nos tendoens, nos humores, e intestinos
Se acha nos brutos mansos, e ferozes,
Essa alma dividida, sem que ideias
Tenhamos de huns impulsos tão divinos
Como darlhe quereis: Na pelle, e carne,
Nos ossos, e no sangue, a alma alenta;
E mais sempre se offrece, e representa
Em qualquer instrucção que nos educa,
Mortal, enferma, fragil, e caduca: Se

o poder ser comprehendido do discurso humano este admiravel portento da omnipotencia divina. A maior parte dos expoiztores concordaõ que neste lugar pertendeo o senhor explorar a fé, e a esperança dos homens sobre a vida futura; o que está expresso naquellas palavras: *Ut probaret eos Deus*. E no principio deste texto: está provada a mesma immortalidade, dizendo Salomaõ: *Iustum, & impium judicabit Deus, & tempus omnis rei tunc erit*; porque não pode haver este juizo, sem a alma passar com a immortalidade para o outro Mundo. Coincide com este texto o de Joel: *Ascendent gentes in vallem Josaphat, quia ibi sedebo, ut judicem omnes gentes*, o do 2. livr. dos Machabeos: *Pia, & salubris cogitatio orare pro defunctis*; e mais expressamente o de Job: *Credo quod Redemptor meus vivit, & in novissimo die de terra surrecturus sum*. Prova a nova vida da alma igualmente o cap. 12. v. 32. de S. Matheus. *Qui dixerit verbum contra Spiritum Sanctum non remittetur ei nequa in hoc seculo, neque in futuro*: O cap. 2. v. 24. dos Act. dos Apostolos: *Quem Deus suscitabit ex mortuis, solutis doloribus Inferni*. O do cap. 2. v. 10. ad Philipp. *Ut in Nomine Jesu omne genu flectatur Cælestium, terrestrium, & infernorum*. O do cap. 3. v. 15. da 1. ad Corinth. *Ipse tamen salvus eris, sic tamen quasi per ignem*. Santo Agostinho, na Epist. 100. ad Evod. nos refere que duvidando o medico Gennadio da immortalidade da alma, lhe apparecera hum Anjo em sonhos, e lhe perguntara se se persuadia com toda a certeza que estava dormindo, que lhe respondera Gennadio que sim: Pois se tens os olhos da carne fechados, he certo que só me podés ver com os do espiri-

Se respondeis que esta alma hê sensitiva,
E a do homem racional; deveis dizerme
De que fonte essa ideia se deriva?

Somente podereis satisfazer-me

Que o bruto sente, e raciocina o homem:

Porem vós bem sabeis que se apurarmos,

Muitas coizas dos brutos, que diremos,

Confundindo os discursos, e os extremos,

Pela mesma razaõ, que nos inclina,

Que o homem sente, e o bruto raciocina:

Que sente o homem mais, do que discorre,

Basta que na lembrança senaõ borre

Tanta bruta paixãõ, q̃ nelle observeo:

Que

rito: emmudeceu Gennadio a esta demonstraçaõ; e o Anjo antes de se desvanecer lhe deixou impressas estas vozes no coraçãõ. *Cave jam deinceps ne dubites vitam manere, post mortem.* Refere tambem Baronio tom. 1. ad ann. Christi. 411. que Marsilio Fecino disputara muitas vezes com o famoso philosopho Miguel Mercato sobre a immortalidade da alma; e por fim ajustaraõ que o primeiro que morresse apparecesse ao outro para lhe dar a soluçaõ da disputa. Morreo Fecino primeiro em Florença; estando Mercato auzente, e no mesmo instante da sua morte appareceo a Mercato; e lhe disse: *O Michael; o Michaël: vera sunt illo, quæ de immortalitate anime differuimus.* O Cyrenaico zombará destes successos, mas se lhe inquirirmos o coraçãõ *risus dolore miscebitur.* De se crer que a alma he immortal, nada se perde; e pode se perder tudo, vivendose como se ella fosse caduca. He huma loucura indesculpavel em huma materia de tanta importancia não se eleger o mais seguro. Entre os Philosophos antigos, que negaraõ a immortalidade da alma não me resolvi a meter *Aristoteles*, pelos grandes debates, que tem havido sobre esta materia. Este portentoso Coripheo do Peripato, seguindo a doutrina de seu mestre Plataõ, divide a alma em vegetativa, sensitiva, e intellectual, e affirma que esta ultima não tem nada de corporea, e que por esta causa se deve reputar eterna. No duodecimo livr. da *Metaphys.* torna a assegurar se nella mesma proposiçaõ. No 1. livr. da *sua Philosoph. mor.* a *Nicomacho* excita a quesiãõ se os defunctos podem ter alguma pena, ou alegria da boa, ou má fortuna dos seus amigos, que ex-

Que o bruto raciocina, inda que sente,
Basta ter as especies, que confervo
No affombro muito mais, do que na mente;
De como, desta ideia em claro abonô,
Obra a raposa, o gato, o caõ, e o mono:
E sendo esta alma, que julgais nos brutos,
Huma alma material; e taõ astutos
Com ella os conhecemos nos definios,
Que mal podeis negar-lhe os raciocinios;
Raciocinando o homem, que implicancia
Pode haver de que seja esta substancia,
Divisivel; corporea, enferma, instavel,
E naõ incorruptivel, e immutavel? Po

istem no seculo; e resolve, que elles se commovem taõ ligeiramente destas apprehensoens, que lhes naõ podem alterar a sua felicidade, de cuja opiniaõ se segue necessariamente a da immortalidade da alma. Porem *Alexandre de Amphrodisea*, que he o que melhor tem entendido o texto de *Aristoteles*, nos assegura com muitos Peripateticos, que elle levava a opiniaõ de que a alma era mortal, e que nestes lugares fallara da alma geral do Mundo, e que elle pertendeu diffinular o seu conceito, temendo outra tal accusaçã, como a que tirou a vida a Socrates.

Pomponacia no seu Tratado da *Immortalidade da alma* depois de inquirir as razoens de *Arist.* e de *Averroes*, seguiu a opiniaõ de *Alexandre*, o que fez commover contra elle todo o concurso das Escholas aonde naquelle tempo naõ se conhecia outro Mestre, que o Stagyrita. Sobre as accuçoens, que lhe fez o Peripato, compoz huma Apologia, dividida em tres livros, em que o ardor da disputa o empenhou a provar que a immortalidade he contra os principios naturaes, e que era profanar a fé o misturar estes principios com huma crença sobre natural; e indigno de hum Christãõ o querer provar as coizas divinas com os argumentos da natureza. O Patriarca, e o Senado de Veneza prohibiraõ a leitura destes escriptos; e eis aqui o que quasi sempre resulta do calor demasiado das disputas; e como os maiores philosophos, e os homens mais advertidos, por quere rem triumphar dos outros, saõ os que commummente com as suas proprias armas ficaõ vencidos, e infamados na contenda. Quasi todos os heresias tem procedido desta fogosa origem.

Podera responder vos com Cartesio *
 (Lhe diz o Peregrino) asseverando
 Que sensação nos brutos não admito,
 Quanto mais raciocínio; e que os limito
 A moles globulosas, ordenadas
 De elastês, e tendencias combinadas
 Para imitarem nas porçoens tendiveis
 Impulsos racionais, formas sensiveis:
 Pois inda que pareça que elles comem,
 Que bebem, que digerem, que perentem,
 Que advertem, gritaõ, sonhaõ, dormem, sentem;
 Nada vem de hum sensivel aphorismo:
 Tudo hê nelles hum puro mechanismo.

Nem cuideis que o conceito hê insensato,
 Como o intenta fazer o Peripato;
 Pois inda que esse bruto coma, ou beba,
 Ou finta, ou grite, ou durma, ou que perceba,
 Conforme a acção nos dîz: toda a verdade,
 Que em tantas apparencias se persuade,
 O fundamento tem na semelhança,
 Com que imita a razao, que em nós se alcança,
 E a sensação, que em nós se qualifica;
 E tanta semelhança (bem que indica
 Alguim conceito de que o bruto sente,

Ou

* Systema de Cartesio sobre a insensibilidade dos brutos, e fundamentos desta doutrina.

Ou discorre talvez) tão evidente
Não hê, que possa só este recurso
Provarlhe a sensação, darlhe o discurso.

Do nosso sentimento, e intelligencia
Temos toda a expressãõ, toda a evidencia
Dentro de nós, mas este defengano
Só se pode encontrar no ser humano;
Pois ategora o bruto inda não disse,
Ou que raciocinasse, ou que sentisse.

N'outra incognita origem, mui diversa
Daquella, que há em nós, podem fundarse
Dos brutos as funçoens: Verificarse
Podem só n'hum mechanico progresso:
Talvêz que possa a instancia d'hum congresso
De partes materiaes, reproduzida,
Affectar a razaõ, fingir a vida.

Cuido que a sensação não dais ás plantas;
E nellas vendo estamos outras tantas.

Admiraveis funçoens (se as não excedem)
Dessas mesmas, que aos brutos se concedem:

Empedocles, * Pythagoras disserão, Mo-

* Alem de Empedocles, e Pythagoras, levou tambem Plataõ o concei-
to da sensação das Plantas, següdo nos diz seu discipulo Aristotel. lib. 1.
de plantis. No seculo passado renovou Campanha esta mesma opiniãõ; e
no prezente seculo a seguiu Rudigero no seu livr. de Physic. Divin. E o
famoso Anatomico Konig mostrou como nas plantas se achão veias, vasos,
nervos; e instrúmentos destinados para a respiraçaõ, para a coeçaõ e
digestãõ dos alimentos; para a circulaçaõ do jugo nutricao, para a ex-
pellaõ do excrementicio, e para a geraçaõ &cet.

Movidos das acçoens, que conheceraõ
 No vegetante ardor, que era sensível:
 Mas deste allucinado, incompativel,
 Enganoso discurso, vos separo:
 Naõ negareis com tudo, que bem claro
 Tem essa planta o provido arremedo
 Que fâz da sensaçãõ: Este segredo
 No tronco achais, que o corpo lhe organiza:
 Nos ramos forma os braços: authoriza
 Alguma chama, ou movimento occulto
 Nas flores, e nos pomos: este indulto
 Finge na casca a pelle: affecta o sangue
 Nesse humor circular, em que se anima:
 Parece que retrata, ou legitîma
 No âmago o coração: formaõse as juntas
 Dos seus nós, e nas fibrias mais conjuntas,
 Da lingua nos propoem aquelle intento,
 Com que busca na terra o nutrimento.

Reparai nos aneis, com que as videiras
 Se enlaçaõ nos espeques das parreiras:
 Na quella forte liga, com que ao muro
 Se prende, e se une a hera: no destino,
 Com que o frondoso impulso segue o tino
 De achar sempre do Sol o incendio puro.

Porem a mais affombro nos convoca

Aquelle

Aquelle raro arbuſto, que ſe o toca
Indiſcreta imprefſão, tanto ſe offende,
Que ſe opprime em ſi meſmo; e logo extende
A alegre pompa de ſeu verde ornato,
A penas ſe acha livre do contato:
Pretigioſo julgou eſte decoro *
O diſcurſo de Plinio, e Apollodoro.

Maior prodigio nos propoem a Ruffia
Com o ſeu Bonaret, ¶ herva taõ rara,
Que em todos os ſeus muſculos declara
A forma de hum cordeiro: ella ſe veſte
Da meſma lan; no meſmo corpo agreſte,
Com nova admiração, ſe acha diſpoſto
Do innocente animal todo o compoſto:
Ella ſe encolhe, e geme, ſe a maltrataõ:
Nos ſeus frondosos gomos ſe retrataõ

L

As

* Chamaõ os Botanicos a eſta planta *vergonhoza*, ou *puſtica*, outros *ſenſitiva* Apollodoro, e Plinio a numerãõ entre as plantas magicascõ o nome *Æſchinomenen*. Querem alguus que eſta planta ſeja o Suluc dos Turcos. Affirmaõ muitos AA. que na Ilha de S. Chriſtovaõ ha muitas, ou da meſma eſpecie, ou ſemelhantes. O referido Konig nos diz que de outra planta pouco differente ha noticia em alguñas partes da Italia chamada *Seta marinha*. Da que propriamente ſe chama *ſenſitiva* affirma Roberto Boyle, que ha hum boſque dilatado no Iſtmo, que divide a America ſetemptrional da Meridional. Aquella flor fungoſa, que ſe vio em Caen junto da praia, de que fazem menção as *Memorias de Trevoux*, he das maiores maravilhas, que ha neſta materia.

¶ *Bonaret*: he frequente eſta planta nos Reinos de *Aſtracan*, e *Casan*.

As sensiveis funçoens: Tudo taõ vivo,
Que o vegetante affirma o sensitivo.

E ainda assim naõ direis que a planta observa
A lêi da sensaçãõ: Logo bem pode,
Por mais que a semelhança se accommode,
Do bruto para o homem, ter reserva
Da mesma sorte, em fim, que este estatuto
Reserva tem da planta para o bruto.

Porem naõ quero, agora aproveitarme
Desta demonstraçãõ; pois naõ approvo
Este discurso, que fazia novo
A ideia de Descartes, tendo sido
Antecipadamente produzido
De outro orgulhoso, extravagante Engenho: *
Mais fezudo há de ser o meu empenho.

O homem totalmente se distingue
De outra qualquer especie: da figura
Naõ fallo aqui: mais alta lûz procura
A minha observaçãõ: fallo da forma;

Desta

* *Antonio Gomes Pereira* Medico de Medina del campo foi o primeiro que sahio com a opiniaõ que os brutos naõ eraõ sensitivos mas humas maquinas automatadas, movidas por hum occulto mechanismo. *Descartes* se aproveitou deste conceito para o renovar na sua philosophia, aindaque procurou outros principios para estabelecela.

Dessa chama vital, que o corpo inclue,
Que o move, o vivifica, o constitue.
Naõ me podeis negar que ella percebe;
Discorre, julga, inspira, ama, concebe:
Escuso de provar tanta eminencia:
Vós testemunha sois desta evidencia.

Absurdo he grande presumir que a ruda
Substancia material de hum corpo extenso,
Por mais que a pure o ardor n^ohum fogo intenso,
Possa fazer hum ente vigilante,
Discreto, judicioso, cogitante:
Logo hê mais do que corpo esta substancia:
E se hê mais do que corpo, que ignorancia
Negará que hé espirito, advertindo
Que em taõ diversos, naturaes portentos
Naõ há mais que estes dois predicamentos.

Notai (o Libertino lhe retorna)
Que se a materia, bem que o intenso a pure,
Nunca pode fazer que se procure
Na sua intensidade o raciocinio,
Tambem por mais que a extenuaçã se exalte,
Sempre será preciso que lhe falte
Aquella sensaçã, que naõ se nega

Em toda a especie bruta; e assim taõ cega
 Nos fica a intelligencia do conceito,
 Que o racional propoem no empenho activo,
 Como aquelle, que inculca o sensitivo.

Bem que a materia (o Peregrino adverte)
 Se imagine no seu impulso inerte
 Incapâz de hum effeito taõ illustre,
 Pode ser conduzida, ou elevada
 A outra operação mais sublimada;
 Sem que da elevação a grande empresa
 Deixe de ser mortal, nem que diffunda
 Outro ser mais que aquelle, em que se funda:
 Mas como huma substancia, que cogita,
 Que discorre, que julga, que medita,
 Nunca no material se considera,
 Porque entaõ a si propria se excedera;
 E naõ pode nenhuma qualidade
 Passar alem da esphera, em que a entidade
 A tem constituido; e assim os olhos,
 Bem que altamente sejaõ promovidos,
 Nunca podem ouvir, nem os Ouvidos
 Da mesma forte, ver; hê necessario
 Para salvar hum impeto contrario
 A's essencias das coizas, que julgemos

Que hum ente cogitante não hé corpo;
E a não fello, por mais que se forceja,
Se espirito não hê, não há que seja. *

Inda há que possa fer, O Libertino
Torna a instar: Pode fer hũa substancia
Dessas, que o Peripato tem jaçtancia
De produzir na eschola, dando aos entes
Com ellas as especies diferentes:
Formas substanciaes hê que appellida
Estas promptas imagens: * não duvida
O negar-lhe a materia; nem taõ pouco
Haverá nas escholas algum louco,
Que immortaes as conceba: Eu vos offreço
Outra substancia já, alem daquellas,
Que discorrido tendes; e esta nova

L 3

Substan-

* La pensée n'étant point un mode de la substance étendue, il faut qu'elle soit l'attribut d'une autre substance; Et qu'ainsi la substance qui pense, & la substance étendue soient deux substances réellement distinctes. D'où il s'ensuit que la destruction de l'une ne doit point emporter la destruction de l'autre; mais que tout ce qui arrive en ce que nous appellons destruction, n'est autre chose que le changement, ou la dissolution de quelques parties de la matiere qui demeure toujours dans la nature, comme nous jugeons fort bien qu'en rompant toutes les roues d'une horloge il n'ya point de substance de truite; quoique l'on dise que cette horloge est détruite. Ce qui fait voir que l'ame n'étant point divisible, & composée d'aucunes parties, ne peut perir, & par consequent qu'elle est immortelle.

L'Art de Penser. P. 4. Chap. 21.

* On s'est arrêté un peu en passant à faire voir la foiblesse des argumens, sur les quels metablit dans l'école ces sortes de substances qui ne se decouvrent ni par les sens, ni par l'esprit, & dont on ne sait autre chose, si non que

Substancia, ou Ente de taõ alto preço,
 Com todas as magnificas cautellas,
 Com que a sua existencia se lhe prova,
 Sempre a ideia, que a move, ou que a trabuca
 A concebe mortal, e a fâz caduca:
 E se no Peripato se discorre
 Que a substancia incorporea tambem morre,
 Para que me accusais, que agora creia
 N'outra substancia igual a minha ideia?

Naõ me insteis (lhe responde o Peregrino)
 Com a lêi dos Systemas: perde o tino
 Cada qual em seguir aquelle empenho,
 Com que ordena a ficçaõ do seu desenho:
 E essa mesma substancia, que se finge,
 Com que julgais me aperta a vossa Sphynges,
 Por si mesma se solta; pois a eschola,

Por

*Onles appelle des formes substanciellles parceque quoique ceux qui les souti ennent
 la fassent, a tres-hon dessein néanmoins les fondemens dont ils se servent, &
 les idées qu'ils donnent de ces formes obscurcissent, & troublent des preuves tres-
 solides, & tres-convain quantes de l'immortalite de l'ame, qui somprises de la
 distinction des corps, & des esprits, & de l'impossibilité qu'il ya qu'une sub-
 stance qui n'est pas matiere, perisse par les changemens qui arrivent dans la
 matiere. Car par le moyen de ces formes substanciellles se fournit, sans y penser,
 aux Libertins des exemples de substances qui périssent, qui ne sont pas propre-
 ment matiere, & à qui on attribue dans les animaux une infinité de pensées
 c'est-à-dire des actions purement spirituelles: & c'est pour quoi il est utile pour
 la Religion, & pour la conviction des impies, & des Libertins de leur oter
 cette reponse, en leur faisant voir qu'il n'y a rien de plus mal fondé que ces
 substances périssables qu'on appelle des formes substanciellles.*

L'Art de Penſer, P. 3. Chap. 19.

Por mais que nas especies a tremôla,
Naõ a poem entre espiritos; e a alma
Em acção, ou deliquio, moto, ou calma,
Naõ pode, sem espirito entenderse;
Pois hé hum claro absurdo o conceberse
Que espirito naõ seja ente, que julga;
E absurdo inda maior, se a needade
No espirito suppoem mortalidade.

Se quem julga talvez se espiritualiza
(Prosegue o Libertino) aos mesmos brutos
Espirito lhe dais; pois subtiliza,
Fundado em seus estimulos astutos,
Arnobio, * e seu discipulo Lactancio;
Que o bruto naõ sómente alcança, e aprende,
Mas que discorre, julga, infere, entende.
E se o juizo, discurso, e intelligencia
Do espirito procede, huma inferencia
Se tira, sem que tenha alguma instancia,
Que no bruto se encontra esta substancia.

Na Corte de Fernando, Rei de Hungria,
Tanto augmentou Jeronymo ✠ Rorario

L 4

Este

* *Arnob. lib. 2. adversus gentes. Lactanc. lib. de ira Dei, cap. 7.*

✠ *Jeronymo Rorario* era Nuncio do Papa *Clemente VII.* na Corte de Hungria quando disse na sua presença hum homem douto, que estranhava que o Imperador *Carlos V.* aspirasse à Monarchia univerval da Europa tendo me-

Este mesmo conceito, que dizia
 N'hum livro que escreveu, ser necessario
 O confessar talvêz n'algum recurso
 Que o bruto excede ao homem no discurso: *
 E se mostra este excesso, quem duvida
 Que huma alma racional lhe alenta a vida?

Nunca Rorario, nem Lactancio, e Arnobio
 (Responde o Peregrino) conceberão,
 Sem embargo de tudo, o que disserão,
 Que nos brutos havia hum raciocinio
 De taõ alto anagogico dominio
 Como se vê no homem: e inda quando

Das

nores qualidades que os *Oribones*, e que *Frederico Barbarossa*; o que fez dizer a *Rorario* que ás vezes raciocinavaõ melhor os brutos, que os homens; e assim o quiz provar no livro, que escreveu sobre esta materia

Philon, referido por *Euzebio*, *Hist. lib. 2. deo*, como *Arnobio*, e *Lactancio*, discurso, e intellecção aos brutos: a mesma opiniaõ seguiu *Plutarco*. no Tratado, que intitulou, *Bruta animalia ratione uti. Sext. Empir. advers. Mathematic. cap. de homine*; affirma que foraõ do mesmo sentimento *Straton*; e *Enesidemo*. *Aristot. de anim. lib. 1. cap. 2.* *Stob. Eclog. Physic. Voss. de origin. & progress. idol. lib. 3. cap. 41.* testificaõ o mesmo conceito em *Parmenides*, *Empedocles*, *Democrito*, e *Anaxagoras*. *Pythagoras*, e *Plataõ* se persuadirãõ que os brutos eraõ dotados de razaõ, e se não a exercitavaõ, que era pelo impedimento dos orgaos corporeos; e o que mais he que *Santo Agostinho*, de *nima*, & *ejus origine lib. 4. cap. 23.* pertende que os brutos tenhaõ huma alma espirital.

* Saõ portentosas as operaçoens que nos referem as historias de alguns brutos, que parece que excedem totalmente a esfera da sua subitancia sensitiva.

He celebre na antiguidade o caõ de hum criminoso que sendo condemnado á morte nos consulados de *Appio Junio*, e de *Publio Silio*, acom-

Das acçoens, que nos brutos se estaõ vendo,
Se infra que estaraõ imaginando,
Advertindo, dispondo, ou discorrendo;
Naõ dispoem, naõ advertem, naõ discorrem
Senaõ em huns objectos mui sensiveis,
Materiaes, e grosseiros: reflectiveis
Tambem naõ podem fer os seus connatos:
Da sua apprehensaõ todos os actos
Naõ passaõ de inferencias singulares:
Os impetos tem sempre irregulares:
Razaõ universal, razaõ commua,
Ou abstrata razaõ, tambem a ignora
A sua fantasia, possuidora

Só

panhou sempre o seu senhor dentro do carcere; depois d'elle morto lhe metia na boca alguma parte do que lhe davaõ a comer, e sendo deitado no Tibre, o caõ o trouxe muito tempo nadando em cima da agoa; *Solin.* o refere no cap. 12. conta *Elían. de animalib.* lib. 10. cap. 41. que o caõ de *Eupolis*, poeta comico se deixara morrer sobre a sua sepultura. O mesmo *A.* no lib. 11. cap. 13. nos diz que o caõ de *Xantippo* Pai de *Pericles* o seguio a nado desde o porto de Pireo. atè a Ilha de Salamina, aonde morreu a penas surgio na praia, em que se lhe fez huma sepultura digna da sua fidelidade. *Plinio* no lib. 8. cap. 40. e no lib. 10. cap. 5. traz varios exemplos da gratidaõ destes animaes; e naõ ha duvida que entre todos saõ os que observaõ maior amor, e fidelidade com seus donos, e reconhecem mais o seu bem feitor. Cincoenta caens defenderaõ a fortaleza de Corintho. O Padre *Charlevoix* livro 4. da *Historia da Ilha Hespanhola*, ou de *S. Domingos*, refere que na guerra que tiveraõ os Castellhanos contra os salvagens desta Ilha fizera hum caõ chamado *Berezillo* maiores proezas, que os soldados mais valerosos da quella Conquista. Mas o successo mais prodigioso do valor, e fidelidade destes brutos he o do caõ de *Auberi* de *Montdidier*, acontecido no anno de 1371. Foi *Auberi* morto na selva de *Bondi* por hum dos archeiros de Carlos quinto Rei de França: o caõ foi seguindo o matador, sem nunca cessar de o

Só de dois argumentos, que inlinua
 E numerando as partes, ou se alcança
 Alguma progressão de semelhança.

De outra forte discorre, e entende o homem:
 E leva a intellecção ao mais sublime;
 Defunidas noções na ideia imprime:
 Singulares objectos predomina:
 As razoes mais commuas determina:
 Os Entes mais excelsos reconhece:
 Nas substancias, sem corpo, se arrebatã:
 Une discursos, consequencias ata.

Destes,

perseguir, e de lhe ladrar; o que fez suspeitar que o archeiro tinha sido o homicida, e determinou que o caço entrasse em combate com elle a que assistio o Rei, e toda a Corte: Deuse ao archeiro hum battão, e o caço tinha por refugio hum tonel desfundado. A penas o caço vio o inimigo se lhe lançou ao pescoço, e o apertava tão fortemente que não podendo livrar-se da oppressão se julgou por vencido, e foi entregue a Justica para o castigar conforme o crime cometido. Esta historia se acha representada em huma chamine do Castello de Montargis. *Ful. Caf. Scalig.* a refere, *advers. Cardan. de subtil. exercit.* 202. §. 6. *Colombiere* tambem a conta no *Theat. d'honneur, & Chevalerie*, tom. 2. ch. 23. pag. 300. e o *Padre Montfaucon* atraz nos monum. de la *Monarch. Franc.* tom. 3. sous *Charl.* 5. p. 70. planch. 18. *Solin.* no cap. 27. escreve varias maravilhas do Leão: *Athen. Dipsosoph.* lib. 13. cap. 30. outras semelhantes de outros brutos. *Oppian.* passa este mesmo assumpto para os Delphins lib. 5. de piscib. v. 453. e *Solin.* cap. 18. com maior razão devem entrar nesta conta os Elephantes, pelo que d'elles diz *Clement. Alexand.* Strom. lib. 1. *Plut.* in *Pyrrhum*; e finalmente dos Cavalos, dos Bugios, das Rapozas estaõ cheios os AA. do modo, e dexteridade, com que imitaõ, ou tal vez excedem, e envergonhaõ a cultura, e os costumes dos homens em quasi tudo o que respeita à sua conservaçoõ, e ao seu devido reconhecimento.

Destes, e de outros actos portentosos
Da sua intellecção, tão numerosos,
Que não cabem nas regras do algarifmo,
Hê que infiro o innegavel aphorifmo
De que huma alma immortal sempre se embeba
Onde quer que este impulso se perceba:
E se me perguntais pelo que figo,
Ou creio na extensaõ dos brutos? Digo
Que he sensitivo o bruto, e intelligente: *
E que affirmar se pode que hê hum Ente
Entre materia, e espirito, julgando,
Pelo que está medindo, e executando,
Que parece ser mais, que sensitivo,
Menos que racional o impulso activo
Com que procede tanta ideia astuta
Em tudo o que obra, em tudo o que executa:

E

* *La matiere, qui dans son état naturel n'est qu'une substance étendue, & impénétrable, n'étant susceptible que de repos, de mouvement, & de figure, ne peut sentir commander, désirer, craindre, souffrir. N'est-il pas plus vraisemblable que l'ame des bêtes est une substance, qui n'est réellement ni esprit, ni corps? Une troisième espèce de substance, uniquement capable de passions, & de connoissances sensibles, ou de sensations; mais de sensations exquisés, les quelles dans la pratique valent quel quefois des raisonnemens: Une substance dépendant des organes du corps, inutile sans le corps; sans reflexion sur ses connoissances, sans deliberation, sans choix, sans liberté, sans mérite; & par conséquent destinée à périr avec le corps.*

Marquez de Santo Aubin, *Trait. de L'opin.* p. 1. tom. 2. lib. 3. art. 3.
Bayle soutient au contraire, qu'il est impossible que tout ce, qui existe, ne soit pas esprit, ou matiere, puisque s'il a de l'étendue il est matiere; & s'il n'en a pas, il est esprit. Ce sentiment de Bayle ne prouve autre chose, si non que le esprit humain entreprend de décider ce, qu'il ne connoit pas.

Idem, *ibidem.*

E supposto que tudo, o que se indica,
 Hê Espírito, ou Corpo, não implica
 Que hum Ente se conceba entre as distancias
 Destas duas genericas substancias. *

Philosophicamente tenho unido
 Tudo o que pode haver de mais a lento
 Nesta seria questaõ: Agora intento
 Com luz mais efficâz vencer o dano
 Da vossa confusaõ, do vosso engano.

Se a alma racional fosse taõ fragil,
 Como o vosso discurso a tem supposto,
 Tudo o que illustremente está composto
 No archivo superior, no excelso erario
 Do acerto, e da razaõ; fora contrario

A

* Suelen perguntar los Cartesianos, si la alma del bruto es materia, ó espíritu? A que los Peripateticos responden, que ni lo uno ni lo otro; si nó que es una cierta especie de ser que se llama material; nó porque sea materia si nó porque nó es puro espíritu: Que es un ente medio, que nó es capaz de discorrir, ni de entender; pero si de percibir y de sentir; esto es, de una impresion de los objetos corporeos, tal como la experimentamos en nos otros quando se nos quema se nos pica, o se nos golpea. Nó dizen los Cartesianos que el espíritu es una cosa que piensa, y que discurre? Pues assi pueden los Peripateticos dizar, que la alma de los brutos es una cosa, que aunque nó discurre, ni piensa siente, y tiene sus conocimientos sensitivos.

Replicase contra esto, diciendo que la sensacion, ó conocimiento sensitivo es una cierta especie de pensar. Bien sé que los Cartesianos lo dizen, y que incluyen lo uno en lo otro, como una especie en su genero. Pero querria y o que me dieran la razon porque lo dizen. Todo el Mundo conoce que lo que en el lenguaje comun se llama pensar, o discurrir es cosa muy diversa de lo que en el mismo lenguaje se llama sensacion o conocimiento sensitivo. Ved (por exemplo) el

A quanto nesse cofre se procura:
Seria a heroicidade huma loucura;
Crime a constancia; o jubilo, supplicio;
Torpeza a perfeição; virtude o vicio.

Quem morreria pela amada patria?
Quem o objecto amaria da innocencia?
Quem louvaria os actos da clemencia?
Quem soffreria a maxima importuna,
Ou do fado, ou da sorte, ou da fortuna?
De tudo se faria hum vil desprezo,
E o homem não teria outra sahida,
Que amar o alento, dilatar a vida,
Ignorara cobarde em toda a empreza
O egregio resplandor da fortaleza:
Com detrimento seu, fora ignorancia

Fir.

fuego: Sentir el fuego, y pensar en el fuego son cosas muy distintas; y por consecuencia nó hay repugnancia en que se separen. Podran puez convenir ala alma del bruto lo primeiro, y lo segundo, sin que le convenga lo tercero. Esta definicion, que puede apropiarse a la alma del bruto, una cosa capaz de sensacion, esto es de ver, oir &c. nó es menos clara que la que Monsenhor Descartes apropria al espiritu, es asaber, una cosa que piensa, y que discurre. Negaran los Cartesianos la posibilidad de este ente medio capaz unicamente de sentir: Mas que se á hecho aquel profundissimo respeto á la Omnipotencia, que su Maestro tanto procuró inspirarles? Dios, cuyo poder nó tiene limite; hasta poder tambien hazer (segun este philosopho) que un triangulo nó tenga tres angulos, y que dos y tres, no sean cinco: Dios, digo omnipotente nó podrá producir una cosa de tal naturaleza, que solo pueda sentir.

Viaje d'el Mundo de Descart. del P. Gabriel. Daniel part. 5. pag. mihi 306. e 307. pela traducção, de Joáo Gregorio Araujo. E na pag. 308. diz assim: Luego nó es solido el fundamento, sobre que los Cartesianos dizen que todo ente

Firmar-se na columna da constancia:
 Se achasse algum perigo na bondade,
 Buscaria o caminho da impiedade;
 Pois nenhuma virtude se exercita,
 Sem saber-se que a Parca facilita
 Melhor aura, em que o acerto se premeia:
 Ou sem ter no discurso aquella ideia,
 De que inda que na acção acabe o forte,
 Que outra vida terá depois da morte.

Nada de vera Roma a Elio, ✠ a Mucio,
 Ou a Bruto, Cataõ, Decio, Genucio,
 A Codro, ou a Themístocles Athenas,
 Se nos seus coraçoes não se imprimira
 Que vive a alma, quando o corpo espira.
 Se ella fosse mortal a luz mais clara

Do

ó es cuerpo, ó espíritu, y por consequente podran los Peripateticos suponer un ente medio, esto es la alma del bruto.

Esta mesma reflexãõ tresladou palavra por palavra o referido Marquez de Santo Aubin no lugar, que deixamos citado, e no art. 4. em que principia.

Les Cartesiens demandent si l'ame de la bête est matière, ou sprit. &c.

E eu acrescento que a supposiçãõ deste ente medio entre o corpo, e o espirito, he hum conceito novo criado na mente do P. Gabriel, e este exquisito refugio, que nunca me parece que veio à apprehençãõ de algum dos antigos Philosophos, mostra bastantemente a força do argumento Cartesiano, não se lhe podendo dar outra sahida, aindaque se deve confessar que supposto, seja atrevida, tem todas as qualidades de huma boa reposta.

✠: Veja-se Valer. Max. lib. 5. cap. 6. de pietate erga Patriam.

Do summo bem, que o homem recebera,
Seria conservar-lhe a vida clara,
Que na uniaõ do corpo persevera:
Este fora fomento o seu cuidado,
Este todo o seu fim, sem que attendesse
A quanto se induzisse ou succedesse,
Fosse vicio, ou virtude, amor, conflito,
Nobreza, estimaçaõ, culpa, ou delito.

E de que Deos he bom, justo, e perfeito,
Se perderia o ingenito conceito;
Pois he certo que vemos os Tyrannos
Viverem nos projectos deshumanos,
Sem alguma oppressaõ, algum castigo;
E vemos sem socorro, nem abrigo,
Trabalhando em hum vinculo pungente,
Sem premio algum, a vida do innocente.
Se depois desta vida naõ se achasse
Outra vida, em que a culpa se pagasse,
E á bondade se desse o merecido, *
Seria Deos injusto, e aborrecido
Praticando a observancia iniqua, e rude
De enlaçar a maldade na virtude.

Basta-

* Este argumento, sendo taõ Catholico, se acha na Republica de Plataõ
lib. 10.

Bastaria que a alma presistisse
 Algum tempo depois; o Libertino
 Ao Nuncio diz aqui: Não imagino
 Que possa haver supplicio, ou gloria eterna:
 Se a virtude, se o vicio, que governa
 A propensão humana, tambem morre;
 A minha intelligencia não discorre
 Como pode a maldade, ou a innocencia
 Ter do premio, ou castigo a presistencia;
 Pois a virtude ou momentaneo vicio
 Deve ter premio igual; e igual supplicio:
 E se em Deos a igualdade se procura,
 Em hum premio, ou rigor, que sempre dura,
 Não deve compensar-se aquelle intento,
 Que se obra, ou se concebe em hum momento:
 Seria horror, seria iniquidade
 O dar por hum instante a eternidade.

Nunca mais (diz o Nuncio) a luz se mostra
 Do que em dar-se hum castigo tão terrivel
 A quem offende hum Deos incomprehensivel,
 Amavel, bom, benigno, e verdadeiro:
 Se hê infinita pelo objecto a culpa,
 A justiça e a razão tambem ordena
 Que igualmente infinita seja a pena:
 Ve-se no premio a mesma consonancia:

Mas inda desta harmonica observancia
A alma não depende para acharse
N^huma vida immortal: * deve encontrar-se
Algum novo contrario, que a destrua,
Para que este esplendor não constitua:
A gente não dareis, que a defanime:
Cada vêz mais brilhante mais sublime;
E sobre as oppressoens se considera:
Quanto mais combatida, mais prospêra
A sua illustre essencia: mais se a viva,
Mais se esforça se inflamma, se cultiva.

Se houvesse algum contrario, que a insultasse;
De materia, ou de espirito seria:
Do primeiro repugna, que se achasse,
Pois todo o material perde a valia
Com hum Ente incorporeo: do segundo
Menos se pode crer; pois fica aceito
Como em seu proprio, natural fogeito:
Nenhum a gente natural se move
Para a gente contrario, sem que aspire
No impulso à algum proveito: não conspire
O mais forte com este injusto emprego,

M

Que

* *In animi autem cogitatione dubitare non possumus nisi in physicis planè plumbi sumus, quin nihil sit animus ad mixtum, nihil concretum, nihil copulatum, nihil coagmentatum, nihil duplex: Quod cum ita sit, certè nec secerni, nec dividi, nec discerni, nec distrahi potest, nec interire cogitur.* Cicer. Tuscul. quæst. lib. 1. e este mesmo argumento repete o mesmo A. no livro *de velhice.*

Que tudo se acharà posto em socego.

O ente, que se extingue; ou dentro, ou fora
De si mesmo, tem força, que o devora:

Fora de si, o homem tem o incendio

O ferro, a agoa, o ar; e quanto encerra

Nos oppostos estímulos a Terra:

Dentro de si, o insulta essa desordem

Dos seus mesmos humores; onde aníma

O mesmo, que o combate, e que o lastíma:

Destes contrarios vive izenta a alma:

Delles consegue victoriosa palma,

Com que vive triumphante na fraqueza

Da nossa miseravel natureza: *

Só Deos hé que podera destruiilla; Mas

* Ninguém pode duvidar que o attributo mais proprio, ou talvez a essência da alma consista na cogitação. De tudo pode duvidar a alma mas não pode duvidar de que cogita, porque a mesma duvida he a melhor prova de que ella he cogitante. Examinandose pois o que he cogitação se conhece com toda a evidencia que não se inclue nella alguma coiza de huma substancia extensa, a que se chama corpo, como o comprimento, a largura a altura, a composição de diversas partes, o ser desta ou da quella figura, e o ser divisível, e impenetravel: Donde se conclue que a substancia extensa he totalmente diversa da substancia cogitante; e por esta razão tambem se mostra, que a destruição de huma não tem nada com a da outra. Digo destruição fallando com os termos da eschola, pois com propriedade fenaõ pode dizer destruição ao que he realmente huma mudança ou dissolução das partes da materia que sempre existe na *Natureza*; pois aindaque se finja que hum relogio se destroe quando se descompoem, bem se vê que nesta descomposição, ou dissolução das rodas, do mostrador, da pendola, não ha substancia destroida; e aindaque a bouvera, como a alma não he substancia extensa, nem tem partes divisíveis, nem alguma de que seja composta, não pode haver, em que se consiga a dissolução, que se dá na substancia extensa; e por consequencia deve ser immortal, porque não tem inimigo, agente, ou mudança, que a combata.

Mas com que fim, depois de produzilla?
Sem motivo, nem fim, era maldade
Incompativel com a Divindade.

Dizeime agora, sem fingir: A morte
Temestes algum dia? Por mais forte,
Que vos imagineis; este inimigo
Achastes formidavel no perigo
Da enfermidade, ou de outro algum successo?
Se credes que não há outro progresso
Mais que a vida acabar; que horror, que espanto
Neste perigo vos afflige tanto?

M 2

Naõ

Este argumento, ou demonstraçaõ taõ forte, como simples, nos offerece *L'Art de penser*, Part. 4. Chap. 2. exponho aqui este lugar com mais alguma clareza em beneficio dos que ignoraõ a lingua Franceza, sem embargo de deixar escripto o original na nota do verso 238. deste mesmo livro. O Marques de Santo Aubin no seu *Traët. de Popin.* lib. 3. do tom. 2. da 1. part. art. 11. nos faz huma admiravel demonstraçaõ da immortalidade da alma. Se a nossa alma (diz elle) foitè material, seguirsehia que ella não era mais que huma coordinaçaõ, ou hum composto de minutissimas partes materiaes, muito mais soltas, e muito mais subtis, que as que se observaõ nas faiscas ou no fumo; e que estas partes subtilissimas, ou estes corpusculos saõ aquelles que movem, e ordenaõ pelo seo impulso, ou configuraçaõ tudo o que ha de mais nobre, e de mais excellente no nosso pensamento. Desta supposiçaõ se hade seguir necessariamente, que a verdade dos primeiros principios não subsiste, senaõ pela composiçaõ de alguns pequenos corpos materiaes, e que se estes tomaõ outra configuraçaõ, da que agora v. g. tem, succederia que todas as noçoens mais evidentes, que agora temos, seriaõ ho depois contrarias e oppostas; e se veriaõ trastornadas aquellas verdades inegaveis em que todo o Mundo convem e todos os axiomas, e principios eternos que persuadem o nosso consentimento a penas se proferem, ficariaõ duvidosos, e sem alguma segurança na nossa intelligencia. Esta prova da immortalidade da alma (acrescenta o mesmo A.) produz huma certeza igual aquella de que dois e dois saõ quatro, e que o todo he maior que a tua parte.

Naõ julgais por empreza delectavel
 O fahires de hum Mundo miseravel?
 Outro lusto talvez vos a tormenta:
 Outra imaginaçãõ se representa
 Lá dentro de vós mesmo: * Quem a excita?
 Negais que a Natureza a deposita
 No vosso coração, e que a recorda
 Quando mais descuidado vos insulta
 No côlo o alfange, na garganta a corda?
 Confessai, confessai a chama occulta,
 Que o peito vos abraza: Mas já vejo
 Quanto feliz tem sido o meu desejo:
 Já reconheço que mudais a imagem
 Dessa vossa brutal Libertinagem:
 Pouco, a pouco perdendose a figura
 Se vai da quella fera embravecida,
 Onde barbaramente deimentida
 Tinheis toda a expressãõ da vossa essencia:
 Com a mesma festiva complacencia
 Vendo estou, que os demais, que me escutaraõ,
 Já de brutos em homens se mudaraõ.

Vos me tendes (lhe diz o Libertino)
 Chegado ao desengano: as minhas tropas

To-

* Testimonium illius reddente conscientia ipsorum, & inter se invicem cogitationibus accusantibus. Div. Paul. ad Rom. cap. 2. v. 15.

Todas vos seguiraõ: Tambem conspira
Nos outros a mudança: O campo gira
Em successivos jubilos: Os ares
Se inundaõ de clamores populares:
Repetemse nos circulos velozes
Vivas, acclamaçoens, applausos, vozes.

Entre todos no empenho se distingue
O alvorço do Velho Polyphilo:
Pendente esteve do nervoso estylo
Com que o Nuncio a doutrina propuzera:
Hum incognito impulso reverbera
Do coração aos olhos; e se achava
Mais gostoso, se mais o contemplava.

Dos Libertinos o geral conselho
Logo fêz escolher ao sabio Velho
Para dar aos Deistas a reposta,
Que tinhaõ consultado na proposta,
Que o Nuncio lhe intimou: com este intento
Procura o sitio do outro acampamento:
Do Peregrino vai na companhia;
E Pauli os recebeu com alegria,
Que inda se fêz maior nessa resulta,
Que tinha procedido da consulta;
Pois ja comsigo mesmo convencido

Se achava na ficção do seu sentido.

As pazes se firmaraõ conspirando
 Os campos na catholica doutrina:
 Logo alli se dispoem, e determina
 A erecção das Igrejas: E o negocio
 Mais ferio dos artigos era o meio
 De se estabelecer o Sacerdocio:
 E para liquidarfe algum receio,
 Que houvesse neste ponto, se dilata
 Mais tempo a conferencia; e foi preciso
 Deixar toda a importancia deste aviso
 Para o dia seguinte: No entretanto
 Deita a noite funesta o negro manto
 Sobre a face do Mundo: as sombras graves
 Caiem dos altos montes: * vem as aves
 Seus ninhos procurando: o manso gado
 Vai buscando o curral: no monte, e prado,
 Se finge o tronco espectro da montanha:
 Tudo da escuridade se acompanha;
 Até que o sono, que no Ceo palpita,
 N'hum silencio mental se precipita. ✠

Neste

* *Maioresque cadunt aliis de montibus umbræ.*
 Virgil. Eclog. 1. vers. ultim.

✠ *Et jam nox humida Cælo
 Precipitat, suadentque cadentia sydera somnos.*
 Æneid. lib. 2. vers. 8.

Neste da luz parenthesis umbroso,
Dizia a Polyphilo o Peregrino:
Que fado, que successo, que destino
Vos pôz com esta gente? A claridade
Da vossa superior capacidade,
Parece que me intima a repugnancia
De teres adoptado a extravagancia
De taõ louca impressaõ: Mais suspendido
Ficareis, a saber que eu figo o dogma
(Polyphilo lhe diz) que ensina Roma:
Bem que a minha lembrança mais me afflige
Quando tyrannamente se dirige
Aos meus tristes successos; desejava
Que ouvisseis quanto pôde a sorte brava
Na minha propensaõ, tomando o empenho
De fundar seu rigor no meu despenho:
Se tendes tolerancia para ouvido.
A historia vos direi de Polyphilo.

Terei por grande obsequio, se a contares;
Lhe díz o Peregrino: as singulares
Prendas, que em vós observo; ou sympathia,
Que eu naõ sei conhecer, tanta harmonia
Na minha alma produzem, que naõ posso
Deixar de commoverme a quanto hê vosso.

Em Portugal nasci; assim começa
 O velho Polyphilo: na cabeça
 Do Imperio Lusitano a minha aurora
 Vio as luzes do Sol; taõ brilhadora,
 Que entre as sombras do pállido occidente
 Inda chegou a ser resplandecente: *
 Quero dizer: que illustres Genitores
 Me deraõ da nobreza os resplandores.

Com todas as cautellas do cuidado,
 Que influe a successaõ, fui educado:
 Mestres se mandaõ vir de varias partes

Para

* Pode alguém reparar que se pertenda que a Nobreza concorra tambem para a gloria do Heróe. No Prolegomeno se faz mençaõ de que ha *Epicos* que preccituaõ que o Heróe naõ só deve ser nobre, mas *Principes*. Sobre a estimaçaõ, ou pouco caso, que se deve fazer da nobreza herdada se dividiraõ os *Philosophos antigos*. Os *Estoicos* naõ queriaõ que houvesse outra mais que a sabedoria. *Seneca* o maior Sectário desta eschola a constituia na virtude. *Non facit nobilem* (diz elle na Epistol. 44.) *atrium plenum fumosis imaginibus: Nemo in nostram gloriam vivit; nec quod ante nos fuit, nostrum est: Animus facit nobilem; cui ex quacunque conditione supra fortunam licet surgere.* *Juvenal* na Satyra 8. em desabono da Nobreza recorre ao effugio de que todos nascemos de hum tronco humilde.

Et tamen ut longè repetas, longèque revolvas

Nomen ab infami gentem deducis asylo:

Maiorum primus, quisquis fuit ille tuorum

Aut pastor fuit, aut illud quod dicere nolo.

Horacio no lib. 1. satyr. 6. assegura que se lhe dessem a escolher a sua origem que naõ escolheria outra, que a de que tinha procedido; e sendo neto de hum *Libertino* talvez, que lisongeasse com este hypocrita conceito a impossibilidade da escolha. *Plataõ in Menon* tambem se declarou contra a Nobreza dizendo q̄ era digno de vergonha o ser estimado por outrem, e naõ por si: Porem estes testemunhos saõ mui sospeitosos, pois naõ podia estimar a Nobreza quem a naõ tinha, e estas philosophias só se encaminhavaõ a desluzir o que senaõ podia alcançar. *Cicero* foi mais ingenuo

Para a instrução das sciencias, e das artes;
E com esta officiosa diligencia
A' idade cheguei da adolescencia.

Entre as varias naçoens, que o Mundo lança
De Lisboa ao Emporio, deu-me a França
Hum Cavalhero em tudo taõ disposto
A' minha inclinação, engenho, e gosto,
Que parece viviamos unidos
Com huma só vontade: escurecidos
Deixamos nos estimulos Celestes
Os affectos de Pylades, * e Orestes.

Mas

com os seus discursos; pois sem embargo de ser filho de hum *viãhateiro*, deu na orac. pro *sexio* à Nobreza à estimaçã, que ella inerece. *Omnes boni semper nobilitati favemus, & quia utile est Republica, nobiles homines esse dignos maioribus suis, & quia valet apud nos clarorum hominum, & bene de Republica meritorum memoria etiam mortuorum.* Aristotelis tem decidido o ponto da Nobreza, e da virtude no seu lib. de *Nobilitat.* Diz que a *virtude he mui differente da Nobreza, porque esta pertence à Ascendencia, aquella à pessoa; e acrescenta que para ser nobre não basta ter hum pai virtuoso, que he necessario que isso provenha de muitas geraçoens successivas.* Depois que os Evangelistas nos deraõ a arvore geneologica de Christo; e que este mesmo Senhor quiz proceder pela parte Materna da Real casa de David ja senaõ pode descubrir invectiva alguma contra a estimaçã da Nobreza heriditaria, que seja digna de attençã; e que senaõ conheça que quem a produz não acha outro meio de consolar a desgraça do seu nascimento. O defejo que se manifesta nos mecanicos de quererem ser nobres; e eites de se fingirem mais illustres, do que talvez saõ na verdade está universalmente contradizendo tudo o que se pode philosophar contra a antiguidade, e resplendor das origens.

* Ficou em proverbio a amizade de *Pylades, e Orestes*, porque cadahum delles por livrar o outro, se queria fazer culpado no furto do Simulachro de *Pallas* diante do *Rei de Taurica*; Ravis. Textor in officin. lib. 5. cap. 40. Por esta grande amizade lhe deraõ os *Scythas*, culto de *Deoses*. *Paped; Monarch. eccles; lib. 3. cap. 13. §. 5.*

Mas como não trazia mais intento,
 Do que purificar o entendimento
 Das Cortes no esplendor, foi necessario
 Auzentarse ao seu proprio domicilio:
 Aqui logo entendi ser-me contrario
 O impulso da Fortuna: neste auxilio
 Tinha fundado toda a minha sorte:
 Com menos afflicção divide a morte
 Do corpo a alma, do que a auzencia dura
 Rompeu desta amizade a ligadura.

Entre o horror desta subita tristeza,
 Acafo vî hum dia a chama aceza
 Da etherea luz no angelico semblante
 De huma rara Molher: taõ semelhante
 A' quellas, que das agoas no distrito
 Pintou da Grecia o deleitoso rito,
 Que á minha admiração, e ao meu desejo
 Nympha lhe pareceu do nosso Tejo.

Procurei informarme de quem era:
 Conheci ser Deidade de alta esphera;
 E arrebatado sempre do prodigio,
 Menos saudoso estava no vestigio
 Da auzencia, que o Francêz me tinha impresso
 Dentro do coração: O novo excessso

Deste amoroso incendio vai riscando
Tudo quanto outro objecto está lembrando:
Mais de huma, e outra vêz fitei a vista
Como a aguia no disco luminoso:
Resolvo, em fim, a empreza da Conquista;
E metime em hum pégo proceloso
De ingraticosens, desprezos, esquivaças,
De agravos, de violencias, de vingaças.

A Diana só parece, que attendia
Do seu ingrato peito a rebeldia;
E logo a desprezava na sospeita
Que de hum suspiro occulto o voto aceita:
A purpura das faces inflammava,
Se alguém de amor, ou Venus lhe fallava;
E nesse mesmo incendio, que respira,
Entre a vergonha dissimûla a ira.

Referirvos a idade, e o ardor vehemente
Do meu continuo rogo, impertinente
Narração emprendera: O meu gemido,
Os meus ais, o meu culto enternecido
Forão lavrando o marmore rebelde
Da quelle duro peito: Mais piedosa
Foi ouvindo a tragedia lastimosa
Da minha pretensão: logo hum descuido,

Que

Que pareceu cuidado, me fingia
 Mais alguma clemencia: apparecia
 Huma luz de attençaõ ao meu desvelo:
 Pouco, a pouco notei mais algum Zelo
 Da minha utilidade, até que a chama,
 Que já nos olhos brilha, despedindo
 As fetas, que a minha alma estaõ ferindo,
 De tal forte em seu peito amor inflamma,
 Que exhalando do sol todo o dispendio,
 Da mesma neve produzio o incendio.

Huma tarde me lembra que encontrando
 N^o hum jardim esta Deosa; a sorte esquivã,
 A meus grandes trabalhos compassiva,
 Me deu lugar a que podesse a ancia
 Dizerlhe toda a fé, toda a constancia
 Do meu ardente estimulo: risonha,
 E benigna permite que eu lhe exponha
 A minha adoraçaõ; e se assegura
 Na palavra de esposo, que lhe offreço,
 E occultamente teve em outro instante
 Do meu empenho o effeito mais constante:
 Favores tive entaõ, que a desventura
 Em males converteu, quando conheço
 O meu fero destino: Alli, presumo
 Que fingir pretenderaõ novas cores

Os arbutos, as arvores, as flores:
Quasi perdidos em delicias tantas
Os zephiros gemiaõ entre as plantas:
Huma tropa de espiritos frecheiros,
Vibrando no arco os placidos luzeiros;
Enchia as auras de volantes tiros:
A fonte com harmonicos suspiros
Prospêra no cristal tanto recreio
Para applaudir, talvez, o meu enleio.

Desde o feliz momento, nunca avara
Foi a sorte comigo, até que pâra
Taõ doce elevaçã no termo injusto
De fecundarse o thalamo: reseryo
A' vossa intelligencia o horror, e o susto,
Que causaria hum fado taõ protervo
Na minha adversidade; pois a vida
Só podia salvarse na fugida.

A partir neste tempo se dispunha
Hum navio a Marselha, berço antigo
Da quelle meu auzente, e charo amigo:
Vencendo mil temores com a amada
Chego a bordo da nãu, que empavesada
Muito alem já da barra, o seu alento
A's ondas tinha entregue, e dado ao vento.

Sahî da terra para achar no golfo
Mais sustos e temores: as borralças
Nos forção, nos impelem, sem que o rumo
Da terra procurada, onde présumo
Ver todo o meu asylo, se encontrasse:
Na ruda costa, em fim, na inculta praia
De huma inhospita Ilha; a duras penas,
Já sem vellas, nem mastos, nem antenas,
Nos deita o temporal: Todos sahimos
Para beijar a terra; e alli nos vimos
A dar crena ao navio precisados;
Alli tinhaõ disposto os duros Fados
Toda a minha desgraça: Chega a hora
Do parto à infaulta Dama: a lûz traidora
De algum barbaro influxo lhe dispunha
Que deste alumno ao halito primeiro
Votasse o seu suspiro derradeiro.
Morreu em fim o Idolo brilhante
Da minha adoração, e fê constante:
Em taõ triste silencio hê que procura
Mover a Parca tanta desventura;
Pois se a formasse á vista das Cidades,
Quem obsequios faria ás Divindades?
Julgou taõ grande a sorte esta violencia,
Que dispôz que na tragica inclemencia
Fossem lô entre os horridos segredos
Inuteis testemunhas os penedos. Con

Contemplai a afflicção, em que estaria?
Andava errante toda a companhia
Pelo bosque, cortando varios troncos
Para compor a nau; Os feios roncões
Do Mar hê que me ouviaõ no meu pranto:
Cheio de indignação, de horror, e espanto
Para a parte do monte, aonde andava
Toda a vaga equipagem corro, e grito
Para vir focorrer o meu conflito.

Porem voltando os olhos para o estrago,
Maior assombro a forte me destina;
Pois huma Loba indomita, e ferina,
Essa reliquia, que a tyranna Cloto
Tinha deixado á lastima do voto,
Sem eu poder valerlhe, me arrebatã;
E entre as horriveis brenhas se recata,
Com taõ precipitado, occulto ingresso,
Que alcançar não se pôde o seu progresso.

Em quanto allî se ordena a sepultura
A' belleza infelîz; no duro exame
Deste immenso rigor, tinha o vexame
Apurado o tormento de tal sorte,
Que se Atropos não vibra o impio corte,
Me pôz ao menos com interno raio

De todas as potencias no desmaio: *
 Caie no mesmo affombro o meu sentido;
 E assim fui neste estado conduzido
 Outra vêz para o golfo, enternecendo
 Quantos neste infortunio me estão vendo.

Em Marselha acordei deste lethargo;
 E entre as violencias de meu pranto amargo,
 Não achou a afflicção outros retiros,
 Que o continuo clamor dos meus suspiros:
 As penhas procurava o meu lamento
 Para mais dilatar o sentimento;
 E abrandando-as com lagrimas velozes,
 Imprimi nos seus ecos, estas vozes.

O' * perdido esplendor de huma esperança,
 Taõ defunto no alivio da existencia,
 Taõ vivo na fadiga da lembrança!

Nunca

* Este desmaio explica melhor a dor de *Polyphilo*, do que todas as expressões, que se podião empregar nesta tragedia: He imitação de *Euripides*, que tambem fez desmaiar *Hecuba* no theatro em semelhante occasião. Quando a dor he taõ grande, que se pode descreditar nas vozes se deve recorrer ao silencio; assim o fez *Homero* no encontro, que teve *Ajax* com *Ulysses*, quando este desceu ao *Averno*; e *Virgilio* no de *Dido* com *Eneas*, quando se avistaraõ no mesmo lugar.

* Este desafogo de *Polyphilo* se guardou com a advertencia para depois de acordar do desmaio, em que já não estaria a dor com tanta vehemencia. A mesma causa (diz o grande *Vieira* nas *Lagrimas de Heraclito*) quando he moderada, e quando he excessiva produz effeitos contrarios. A luz moderada faz ver, a excessiva faz chorar. A dor, que não he excessiva rompe em vozes, a excessiva emmudece. E antes do *Vieira* o tinha dito *Seneca* in *Hippolyto*. *Cura levis luquantur, ingentes supent.*

Nunca o golpe fatal da contingencia
Riscará tão funesta, e estranha historia
No indelevel impulso da memoria.
Aquelle puro affecto, aonde a forte
Perdeu tanto o exemplar, como a medida,
Perpetuo ficará na quella vida,
Em que não tem poder a dura morte:
Prezente terei sempre aquelle objecto,
Quanto mais suspirado, mais activo:
Entre o horror infelîz da infame Alecto
Mais constante ferei, mais excessivo:
Todas as coizas mudarão de estado:
Sulcos fará no Ceo o torpe arado:
Fará na terra o Sol a ardente via:
A neve será quente, a chama fria,
O monte vagabundo, o Mar constante, *
Primeiro que haver possa algum instante,
Que se atreva a extinguir na minha ideia
Tão sempre viva imagem: nesta areia
Vejo o teu nome impresso; aonde a agoa
Tão doces caracteres purifica:

N

Nos

* Argumento, que os *Rhetoricos* chamaõ *ab impossibili*, mui usado dos Poetas.

*In caput alta suum labentur ab equore retrò
Flumina: conversis solque recurret equis.
Terra feret Stellas. Cælum findetur aratro.
Unda dabit flammæ; & dabit ignis aquis.*

Ovid. lib. 1. eleg. 7.
Tristium.

Nos penhascos os abre a minha magoa ,
 Em que amor novas aras edifica :
 Tronco já se não vê nesta espeffura ;
 Sem ser ornado da immortal figura.

Clamava ao mesmo tempo o meu gemido
 Com o nome de Amintha: enternecido
 O valle com os ecos me responde :
 Aonde, O' duro fado, se me esconde
 (Dizia) esta illusão, que se me ordena
 Para mais requintar a minha pena?
 Suspiro de hum alento mentiroso,
 Que com tristes articulos me induzes
 A procurar hum bem tão lastimoso :
 Pretendes que em imagens fraudulentas
 Sejaõ as sombras só as minhas luzes?
 Fantasticas regioens me representas
 Para vagar por ellas solitario ;
 E em sonhos de hum alivio imaginario
 Por hum novo caminho de pezares
 Me vâz traidoramente conduzindo :
 Vós, O' rudos frondosos exemplares
 Da tosca selva, * q̃ me estais ouvindo,

Lasti-

*Cum Patris anone poterit spirare relicta,
 Ad fontem Xanthi versa recurret aqua.*

Idem Heroid; epist. 5. ænon. Paridi.

* *Assi mismo es verdad hypothetica que un hombre agitado de una violenta passion, olvidandose de que los Cielos, los arboles, y las penas son incapazes de entender sus queexas, y de interessarse en sus passiones, nõ obstante les hable como si tuviessen alma, y sentido, y les atribuya pensamientos, y discursos racionales.*

Lufan, en la Poet. lib. 2. cap. 8.

Lastimai-vos ao menos do meu pranto,
Já que o Ceo neste misero quebranto
Taõ descuidado o vejo, que parece
Que nem dos meus suspiros se enternece.

Alma felíz, que em globos de Zaphira
Sulcando golfos de Esplendor Celeste
Com raptó excelso teu alento gira;
Como tanto de mim já te esqueceste?
Nessa luzente, harmonica distancia
Attende de meus ais à consonancia,
Se lá no Ethereo assento se permite
Que hum amante soluço te visite.

Muitos dias gastei no triste emprego
Deste ardente gemido; sem socego,
Sem alivio, e constante no delirio,
De querer acabar no meu martyrio:
Depois de largo tempo, em que me ordena
A luz da reflexaõ mais tibia a pena,
Pergunto pelo amigo; daõ-me o informe
Que amando desta feita a ideia enorme
Aqui se retirara: Eu o procuro
Nesta louca Colonia: aqui o encontro:
Nunca pude alcançar que abandonasse
Pensamento taõ barbaro, e voltasse

Ao seu illustre berço: na esperança
De poder conseguir esta mudança
Naõ me tenho apartado desta gente:
Porem esta ventura prehemimente,
Este grande esplendor, esta Victoria,
Tinha o Ceo reservado á vossa gloria.

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO VI.

Contra o Mahometismo. *

A Bsorto estava o Peregrino vendo
Seu mesmo Genitor, quando entendia
Naõ ser crível achallo: discorrendo
Em taõ grave successo, naõ sabia
Que podesse fazer: se o declarasse,
Talvêz que a sua empreza embarcasse:
Se o intentava occultar, a viva instancia
De outro impulso, o silencio desordena:
Venceu, em fim, a interna consonancia,
Que há entre o filho, e o Pai: o amor condena
Já tanta suspenção: com a ternura

N 3

Das

* A origem do *Mahometismo* se explica no exordio do combate, que teve o *Peregrino* com *Mahumed*.

Das lagrimas, o abraça de repente,
Dizendo: Vosso filho está presente.

Fica assombrado o Velho Polyphilo
Com a doce expressãõ: não acha estylo
Com que possa exprimir a novidade:
Não crê, quando conhece na vontade
O mesmo, que duvida, e quando alcança
Entre os dois toda a luz da semelhança,
Então hê que elevado no portento
Se acaba de firmar o pensamento. *

Larga conta lhe deu o Peregrino
De toda a digressãõ do seu destino;
E do assumpto, que o tinha estimulado
A ver do Mundo o aspecto dilatado:
Permiti que se logre o meu empenho,
(Profegue o amante filho) este desenho
Que entre as duas Naçoens se tem composto
Vós lhe dareis o espirito: o meu gosto
Seria não deixarvos; e a grandeza
Do intento, não permite ao meu desinio

Que

* Esta alegria, e alvoroço, que teve o *Heroe*, e *Polyphilo* com a inopinada ventura de se acharem, e de se reconhecerem, he hum modo de suavizar a historia funesta, que tinha acabado de contar. Assim o fez *Virgilio* com os jogos, que descreveu no 5. livr. da *Eneid.* nas exequias de *Anchises*, que tambem foraõ para adoçar a tragedia dos amores de *Dido*, que tinha narrado no livro quarto.

Que eu possa desprezar taõ alta empreza:
Na vossa direcção, e patrocínio
Fica o triumpho, que hoje aqui se alcança
Com perfeita, com firme segurança.

Deixai-me, pois, seguir esta derrota
Da parte mais visinha á mais remota,
Para achar no esplendor, que a alma sulca,
Tantas victorias, como o Ceo me inculca:
Eu prometo depois de conseguillas
Reduzirme a este sitio; e repitillas
Na vossa amavel, singular presença:
Concedei-me, Senhor, esta licença:
Formai ao vosso amor hum sacrificio,
Que fará mais glorioso, e mais propicio
O jubilo de acharvos, e de acharme,
Quando vires que venho repararme
Dos trabalhos, que observo na Conquista,
Inda mais victorioso á vossa vista.

Naõ pretendo impedir o vosso impulso
(Polyphilo lhe diz, quasi sem pulso,
E nos olhos as lagrimas:) quizera
Hir com vosco tambem; mas os meus annos,
Nunca mais infelices, mais tyrannos
Me impedem tanto arrojo: a alma espera

Que cumprais a promessa de voltaes :
 Sondai do Mundo o assombro, o horror dos mares,
 Mas concedeime em outra despedida
 Que eu entre os vossos braços deixe a vida.

Enterneceuse o filho na paterna,
 Amante turbação: como governa
 Movimento maior a luz constante,
 Que o impele, e que o dirige; facilmente
 Vencer pode huma instancia semelhante, *
 Que expôz no coração o affecto ardente:
 Primeiro que do campo se partisse
 Se despedio de Pauli; e lhe encommenda
 Quanto preciso achou para que o acenda
 Na doutrina e na pâz, que se dispunha:
 Arbitrios dava, direcçoens compunha:
 Prometia o regresso: e acompanhado
 Do Genio, que movia o seu cuidado,
 Novamente do Mundo ao globo entregue,
 Authoriza o fervôr, a estrada segue.

Quasi no meio do caminho aponta
 Hum fechado arvoredado, que confronta
 Com hum comprido valle, quando o dia

No

* Esta victoria, que alcança o *Peregrino* do seu affecto, caracteriza a heroicidade do seu espirito.

No espherico Orizonte se escondia,
E a sombra entre o pavor da escura brenha
Dos empinados cumes se despenha:
Aqui passar a noite foi preciso;
E a penas fecha os olhos, de improvizo
Lhe parece que o bosque se rasgava,
E em tristes expressoens lhe figurava
Hum pezado deliquio a boca escura
De huma horrivel, incognita rotura,
Taõ cavada da terra para dentro,
Que no centro do Mundo tinha o centro:
Infestada de hum fogo denegrido,
Mais espanto infundia no sentido;
E em prizoens de huma rustica muralha
Gemia todo o alento da fornalha.

A chama se revolve, sem que possa
No duro aperto da materia grossa
Desfatar-se da liga furibunda:
E quanto mais os concavos innunda,
E entre as fortes abóbedas se enreda,
Mais se move, e crepita a labareda.

Do voráz elemento no refumo
Se enrola, agita, e esforça o negro fumo;
Que com espessa horrivel densidade

Finge mais tenebrofa a escuridade:
 No immenso espaço das estancias feias
 Grita o medonho ruido das cadeias,
 Que acompanha entre o horror de tristes brados
 A horrenda confusaõ dos condemnados.

Eraõ ministros de immortaes furores,
 E do implavel Ethna habitadores
 Infaustas luzes, que o dragaõ violento
 Com a cauda arrancou do Firmamento:
 Naõ ha fogo, que espectros naõ enlace:
 Do Abyfmo o feio, da caverna a face
 Na multidaõ feróz o affombro offrece:
 Sobre as espigas providas naõ dece
 De aves devoradoras tanta copia,
 Como no campo infame desta Ethyopia,
 De Estenopés a turba se derrama,
 Se move, e precipita sobre a chama.

Hum monstro mais atróz, mais carrancudo
 Parece dominava o Imperio rudo
 De conflicto taõ barbaro: na fronte
 De viboras mortaes, se lhe conserva
 E se forma a laureola proterva,
 Que arriça a grenha de hum furor impio;
 Em final do nefando Senhorio.

Pela voracidade dos Vesubios
Passeia o ardente Principe das sombras,
Tendo junto de si já convocado
A caterva do povo desgraçado:
A huma, e outra parte os olhos deita:
Cada impulso da vista lhe retrata
O aceso arrojo de huma furia ingrata:
O orgulho, a raiva, o impeto, a inclemencia,
Se vibraõ das pupillas: dando hum grito,
Que enfureceu as ondas do Cocyto,
Entre as cavernas, que eterniza a morte,
Falla a todo o concurso desta sorte.

Hê crível consintais que hum Peregrino,
Hum misero mortal, se atreva a tanto,
Que nos tenha causado o seu destino
Taõ grande assombro, taõ fatal quebranto!
Que hum animo educado com os brutos,
Mais ferozes, crueis, e dissolutos,
Aceite hum tal empenho, que pretenda
Girar os montes, e vadear os mares
Para erguer os catholicos altares,
Sem que o atrevido impulso lhe suspenda
A fadiga, em que as maximas devotas
Trabalhaõ nas distancias mais remotas!

Não vistes a impressãõ, que os Atheistas
 Das suas doudas vozes receberãõ?
 Como os mais sabios Chinas, e os Deistas
 A os seus altos clamores attenderãõ?
 E como os Libertinos revogaraõ
 As confusas ideias, que approvaraõ?
 Agora vai buscar do Turco Imperio
 O mais esclarecido magisterio
 Para tambem rendello: Do Hebraismo
 Procurará o indomito aphorismo
 Para voltarlhe os ritos: conjecturo
 Que senaõ intentais embaraçallo,
 Daqui a pouco tempo algum vassallo
 O Abyfmo não terá, em que se veja
 Contra a lúz Evangelica da Igreja
 Profeguir a soberba tyrannia
 Da nossa antiga, infausta monarchia.

Donde estaõ os impulsos turbulentos,
 Com que dais nova furia aos elementos?
 Donde aquelles adulteros concursos,
 Que pervertem dos homens os discursos?
 Donde aquelle exacravel artificio,
 Com que triumphã da virtude, o vicio?
 Sahi deste infelice captiveiro,
 Emprenda cada qual ser o primeiro,

Que

Que acuda á nossa honra , e que desfaça
Tudo quanto dispoem , e quanto traça
Este oulado Christaõ : seja o empenho
Apontallo do intento mais que humano
De combater o Oraculo Otomano;
Pois se o confegue já não tem o Averno ,
Em que sustente o seu dominio eterno.

Disse ; e a penas nas ancias mais ferozes
Exprime as roncás , balbucientes vozes ,
Quando do incendio atropeladamente
Salta a perversa chufma : de repente
Se apesta , e abafa o ar no giro errante :
Não de outra sorte a mina fulminante
Enche tudo de fumo , estroendo , e fogo ,
Que do horror subterraneo o ardente afogo
Na colera indomavel , que alimenta ,
Do Abyssmo para as nuvens arrebenta.

Espavorido acorda o Peregrino ,
E assombrado do sonho perde o tino
Do caminho , que segue , e quanto andava
Era fora do intento , que buscava :
Mais assombrado , mais confuso fica
Quando o seu mesmo susto verifica
Terse auzentado o genio : e inda parece

Que

Que a cada impulso o passo se entorpece;
 E vacilante o empenho não alcança
 Por onde o leva a tímida esperança,
 Sem o auxilio do incognito luzeiro,
 Que lhe propunha o amante companheiro.

Torceu, em fim, a estrada: muitos dias
 Curvou por variás, encontradas vias,
 Que poem distante o objecto, que procura:
 Confundia-se mais a conjectura
 Com o erro primeiro: entra na Persia,
 No Indostan, na Tartaria; volta à Syria,
 E visita os lugares Sacrosantos:
 Aqui se desfizerão os encantos,
 Que o tinham perturbado: aqui desperta
 De tanta confusão: patente, e aberta
 Já reconhece a estrellá para a obra:
 Consegue o aviso, o resplendor recobra.

Scintilla a nova luz: e ao mesmo instante
 Outra vez mais alegre mais brilhante
 Junto de si percebe o doce amigo:
 Que mudança foi esta, que comigo
 (Lhe diz o Héroe) tão súbita fizeste?
 Para que desejava, ou pretendeste
 Que eu padecesse tanto na violencia

Que atequi me causou taõ dura auzencia,
Sofrendo os teus affectos, que o destino
Duas vezes me fizesse Peregrino
Por clymas taõ estranhos, sem moverte
Mais que as outras, a magoa de naõ verte?
Sem fadigas, e trabalhos nunca a gloria
(Responde o Genio) e as luzes da memoria
Se podem conseguir: mais prompto, e forte
Para vencer o acaço, o fado a forte
Te confidero agora: este intervallo,
Ou infelîz parenthesis do indulto,
Mais purifica a ancia do teu culto
Ao grande fim da empreza, que meditas:
Aqui estou para quanto sollicitas:
Patente a estrada está, o Ceo clemente,
Eu mais auxiliador, tu mais ardente
N'hum monte inculto da felîz Arabia,
Se rasga huma Caverna, onde presume
O culto do Alcoraõ, que todo o lume
Da inspiraçaõ Celeste recebera
O barbaro Propheta: a tosca esphera,
Em que se abre, ou respira a boca estranha,
De broncos arvoredos se acompanha:
Na horrivel, vegetante escuridade
Se retira, ou se encrespa a soledade.

Mais facil pela parte, onde se offrece
 De Medina o aspecto se acha o monte: †
 Pela vista contraria do Orizonte
 Taõ intrincado, e incognito se tece,
 Que por mais que o valor rompello a guarda,
 Ou sempre se perturba, ou se acobarda.

Há fama dos Arabios entre os metros
 Que varios monstros tem, varios espectros *
 Desta espessura o escandalo frondoso:
 Toda a grenha do bosque pavoroso
 Se arriga ou estremece das imagens,
 Que se formaõ nas horridas voragens
 De espelhos tristes, de ceruleos vidros;
 Que despenha a montanha: Dos Chelydros,
 Das Hydras, das Esphynge, das Medusas
 Se irrita o estrondo de expressoens confusas,
 Que dentro da afflicção do infame claustro
 Corrompe o Boreas, inficiona o Austro.

Da solidaõ nefando Anachoreta
 Se tem feito Mahumed: do seu Propheta
 Neste medonho alvergue escolhe a estancia

Da

† He allegoria da difficuldade, que tem os Turcos para serem combati-
 dos na sua lei pela parte dos Chrysaons.

* Varios monstros, varios espectros. Symbolizaõ os horrores da empreza.

Da sua habitação: tem a jaçtancia
De ser da impia lei no torpe axioma
Taõ douto, e santo como foi Mafoma.

Aqui o nosso Heroê o passo inclina;
Chega á entrada do bosque, e determina
Desfatar com valor insuperavel
Toda aquella carranca formidavel,
Que arruga a indigestaõ do labyrintho:
Desprezado o pavor, o assombro extinto,
Quanto na feia selva o espanto envolve
Ardente opprime, impavido resolve.

No meio do arvoredos o Herôe se achava,
Quando ouvia que a sombra se infestava
Com os silvos dos monstros: o montante,
Que tinha sido premio rutilante
Da batalha passada, ousado empunha;
E a penas ao combate se dispunha,
Eis que do centro de espinhosa balsa
Hum dragaõ arrebenta, com taõ falsa
Precipitada acçaõ, que o seu sentido
Foi achallo, talvez, desprevenido.

Embravece nos olhos o Vesubio,
De asquerosas escumas hum diluvio

Destila a boca; a lingua trifulcada,
 Da colera parece fulminada:
 Da cauda facil ás orelhas tronchas
 Inflamma as duras, verdinegras conchas.

Firmandose nos pés, as garras vibra
 Contra o valente Herôe; este aproveita
 A elevação do corpo, que fogeita
 Melhor a fera ao golpe: na garganta
 Lhe encosta o ferro com violencia tanta,
 Que pode conseguir que na ferida
 O corpo, da cabeça se divida:
 Cahio o monstro atrôz, e enche o terreno
 De púrpureo, de calido veneno.

Ao vencedor illustre se accelera
 Outro espectro na effigie da chimera:
 Hum incendio nos halitos respira:
 Incita a indignação, acende a ira
 Nos dentes, e na cauda; porem logo
 Se postra a indignação, a ira, o fogo
 Ao victorioso braço: Hum Minotauro
 Pretende sustentar a pugna horrivel,
 E faz inda a victoria mais plauzivel:
 Das Gorgonas crueis outros modellos
 Profeguem no combate: os seus cabellos

Das cobras na figura o ardor disparaõ ;
Outros novos impulsos se preparaõ
Para o golpe feliz ; e a mesma sorte
Tiverõ na oppressão do braço forte ;
Servindo ao bosque atrõz de triste espanto ,
Naõ só dos monstros o fatal quebranto ,
Mas entre o horror dos choques furibundos
O aspecto dos cadaveres immundos. *

Vendo o estrago mortal , naõ se atreveraõ
As outras feras a seguir o arrojo :
No mais fundo do bosque se esconderaõ ;
E a partado do horrifico despojo ,
Foi proseguindo o intentõ o passo invicto ;
E sem nova occasiã , novo conflicto ,
Chega ao sitio , onde o monte em sombra eterna
Rompe a feia garganta da caverna.

Na sua entrada o horrendo Solitario
Recebe o Peregrino : Triste , absorto
Desfalece em hum misero transporte ,
Vendo que houve valor taõ temerario ,
Que opprimindo dos monstros a disputa
Chegasse a profanar aquella gruta :

O 2.º Jul-

* A victoria que alcançou o *Heroe* dos monstros symboliza a que conseguiu das difficuldades horrorosas, q se lhe figuravaõ na imaginaçã.

Julga no alento superior desinio,
 Mais poderosa luz, maior dominio:
 Enche a sua advertencia este conceito,
 De admiração, de obsequio, de respeito.

Suspenso estais de que eu aqui me exponha
 (Lhe diz o Peregrino) em taõ medonha,
 Funesta confusão, como a que guarda
 Deste penhasco a camera bastarda:
 O rumor, que tem feito a vossa sciencia,
 De mui longe me obriga à diligencia
 De querer confrontar a fé Romana
 Com esta vossa Seita Mahometana:
 Se tendes livre o vosso entendimento,
 Vós fereis o Juiz deste argumento.

Bem que estou prohibido do Propheta
 Para que nas disputas me intrometa,
 Que a nossa controversia não abrange
 Mais que á parte onde chega o nosso alfange
 (Lhe responde Mahumed) o grande assombro,
 Que hoje me tem causado a vossa vinda
 Me pôde desculpar de que eu prescinda
 Deste preceito; e que com vosco argua,
 Sem que elle o tenha por offensa sua.

Para entrar, sem engano, no combate,
Sofra a vossa instrucção, que eu vos relate
(O Peregrino torna) esse principio,
É inda a causa, e o progresso, com que aceita
Tanta parte do Mundo a vossa feita.

Nesta mesma Provincia teve o berço
Este vosso Mafoma: á sua origem
As minhas expressoens não se dirigem:
Basta saber que teve hum Pai escuro,
Que foi Hebreia a Mai; pastor de gado
De huma certa veuva, a cujo agrado
Tanto a sua destreza se accomoda,
Que a sua servidaõ converte em voda.

Mudando de fortuna, se arrebatã
A mais altos estimulos: retrata
No discurso huma imagem da grandeza:
Concebe de Tyranno a injusta empreza,
Atropelando a Arabia: este dominio
Funda na atrocidade, e Latrocinio.

Naõ furtio bom effeito este projecto;
Voltaõ as suas maquinas de objecto:
De extorfor em hypocrita se muda:
Neste intento lhe dá bastante ajuda

Hum Monje, * que no Arabio territorio
Seguia a falsa ideia de Nestorio.

Extático se affecta entre esta gente
Taõ solta, como rude: hum accidente,
Que mais de alguma vêz lhe repetia, ✠
Os fraudulentos exctafis fingia.

Fundado este conceito, o fim a dianta
De inculcar-se Propheta: Já se espanta
A Arabia vendo frequentarlhe o ouvido
Huma pomba: * da esphera socorrido
Se expoem ao vulgo; mas da ave o intento
Era buscar na orelha o seu sustento,
Onde a levava a força do costume:
Com taõ grosseiro engano lhe presume
Hum superior auxilio o nescio Povo:
Compoem de hũa lei nova hum livro novo,
E affirma que este livro lho dictara
De hum soberano Nuncio a lûz preclara.

Aqui

* Este Monje foi Sergio, que andava fugitivo na Arabia pelo crime da seita Nestoriana.

✠ Com os accidentes epilepticos, que muitas vezes lhe repetiaõ, inculcava que ficava extático com o impulso de superior commoção.

* Costumava pôr nas orelhas algumas sementes, para sustentar della huma pomba; e vendo chegar o bico da pomba aos ouvidos de Masoma, presumia a rusticidade dos Arabes que o Espirito Santo lhe dictava o Alcorão.

Aqui a origem tendes, e o successo
Do famoso Alcoraõ: o seu progresso
Innunda toda a Asia; passa à Europa
A' Africa se estende: a immensa tropa,
Que a lascivia aceitou deste aphorismo,
Opprimio ferózmente o Paganismo,
E parte fêz gemer da Christandade:
Vejo que impugnareis esta verdade;
Confessai-a, porem, que he taõ notoria,
Que inda a naõ desconhece a vossa historia.

Vede agora se hum homem taõ perverso,
Taõ falso, e enganador, e taõ diverso
Nas acçoens, nos intentos, nos insultos,
Podia formar leis, produzir cultos?
Ou sendo taõ brutal, taõ ignorante,
Podia ter espirito bastante
A mover tantos Povos, senaõ dera
Tantas normas, e ideias, sem limite
Para fartar a sede do appetite?

Morto o torpe impostor se altera a Asia
Na contenda geral, que se origina
Da sua mesma barbara doutrina:
Mohavia, Khalifah de Babilonia,
Pretende reduzir a hum só sentido

Das questoens a phrenetica acrimonia :
 Por Interpretes doutos , escolhido
 Foi o melhor da feita ; o que restava
 Nas ondas se deitou : neste volume
 Todo o Alcoraõ antigo se resume ,
 Taõ pouco concertado , e em si conforme ,
 Que inda o fazem mais falso , e mais enorme ,
 A pezar das ficçoens , que se escolheraõ ,
 Quatro feitas , que delle procederaõ .

Nos coripheos das feitas bem se alcança
 Quaes ellas podem ser , dando-se a morte
 Huns , e outros Calyphas para a forte
 Da sua successaõ : Na tyrannia
 Com que o sceptro os vassallos opprimia ;
 E na varia , continua atrocidade ,
 Se vê destes Prophetas a bondade : *
 E inda assim a Melich ✠ segue o Mouro ,
 O Turco segue a Omar com lei diversa ,

O

* *Abubequer* foi sogro de *Mafoma*, e lhe succedeu no dominio, sem embargo delle nomear por successor a *Aly* seu genro. Morto o sogro de *Mafoma* succedeu *Omar* no senhorio, que casou com duas filhas deste impostor. A *Omar* succedeu *Odmar*, e a este *Aly*. E todas estas successoens foraõ violentas, dando-se a morte huns a outros Successores; que serviraõ de exemplo aos outros que se foraõ seguindo; pois naõ ha throno mais infamado que o *Otomano* com o sangue da sua meõna familia.

✠ A Seita de *Melich* he a mais supersticiosa: a de *Omar*, a mais solta: a de *Odmar*, a mais singela: a de *Aly* a mais racionavel.

Abubequer foi tambem chamado *Mahamet Aquil*, e *Aben Abitalib*.

O Tartaro a Odemar a Aly o Persa;
Buscando a opposição do mesmo axioma
Para fundar a ideia de Mafoma.
Bem que a lêi não tivesse a dissonancia,
Que ella mesma prodúz; a repugnancia
De tanto disparate, em que conspira,
Bastava para ver quanto delira
O discurso, que a aceita: Que indecencia
O fingir que o demonio na eminencia
Se remonta do Ceo, onde procura
Os divinos segredos? Que loucura
Como de hum acto vil no impulso interno
Fingir toda a extenção do gosto eterno?
Que demencia maior do que infecundo
Fazer ao mesmo Deos, porque não tinha
Mulher, que para hum filho lhe convinha?
Que horror, quando o suppoem tão ignorante,
Que para lhe lembrar o que acontece
No Mundo, tem hum livro de memoria?
Que ideia mais brutal, mais illusoria,
Que negarlhe a bondade, e darlhe o fado
De ser author maligno do peccado?
Fazello tão cruel, que não perdoa?
Tão descuidado, em fim, que se importuna
Em governar dos orbes os progressos,
Entregando á cegueira da fortuna

A enlaçada harmonia dos successos?
 Que muito que estes horridos exames
 Na vossa lêi se fação, se os dictames
 Seguio da quelle horrendo parocismo,
 Que fecundou na Igreja o torpe Abyfmo?

Se negais, O' immundos Mahometanos,
 Consubstancialidade em Pai, e Verbo,
 Hé só porque o tomastes dos Arrianos:
 Deuvos Nestorio o pensamento acerbo
 Que Christo foi somente hum homem puro:
 Manes vos influio o axioma escuro
 Que Jesûs não morrera, ou padecera:
 A Hebraica nação, que concebera
 Perdendo a Virgindade a excelsa Virgem:
 Esta infelice gente vos renova
 Algumas ceremonias, que reprova
 O Cêo com outro lêis: deo-vos Lucrecio,
 Ou talvêz Epicuro, o instinto necio
 De que a gula, a lascivia, o ocio, a dança,
 Constitue huma Bemaventurança.

Destes erros, não só se ordena o monstro
 Da vossa falsa lêi; mas que discurso
 Sofrer pode o quimerico concurso
 Dessas contradicçoens, que a contaminação?

Em huma parte tem: Ninguem se salva,
Sem a lêi Mahometana: esta resalva
Noutra parte desfâz; pois se accomoda
Que aquelle, que obra bem, sempre aproveita
A salvaçõ, ou nesta, ou noutra Seita.

Diz que o Alcoraõ foi dadiva celeste;
E logo de Mafoma o engenho rudo
Affirma, lhe custara hum grande estudo:
Nega a Hebreos, e Christaons a lêi decente;
E pouco mais abaixo se desmente,
Jaçtandose que Deos na que lhe dava
Que consultasse as outras lhe mandava.

Diz que Christo a vingança desafoga
Contra o intento cruel da synagoga,
Outro na Crûz por si sustituindo;
E o Pai, em outra parte introduzindo
Lhe modera o martyrio na esperança
De que o triumpho da morte o Filho alcança.

Aconselha que o incredulo não deve
Vir á crença violento; e já se atreve
A mandar que se mate o Mundo todo,
Se hê que a lêi não recebe de outro modo.

Prohibe que se traga ao juramento
 Mais que o nome de Deos; e elle hê que jura
 Pelas coizas mais vís: e pelo vento,
 Estrellas, e Planetas, conjectura
 Que Deos jura tambem: Que o grande dia
 Do Juizo universal se lhe escondia
 Claramente confessa; e ao mesmo tempo
 Assevera ter delle ideia clara,
 Porque Deos só a elle o revellara.

Com justissima causa este Propheta
 Vos diz que do Alcoraõ toda a disputa
 A's violencias do alfange se cometa:
 Que auxilio n^huma lêi taõ dissoluta,
 Se pode achar, sem verse focorrida
 De taõ injusta, e barbara sahida?

Se assim o mando, porque assim o quero
 Hê preceito taõ rustico, taõ fero
 No dominio Civil; que atrocidade
 Se deve conceber de huma vontade,
 Que pretende alcançar na intelligencia
 Esta mesma oppressaõ, esta violencia;
 E sem outro poder, que o seu delirio,
 Praticar com a alma este martyrio?

Mandar que o ferro seja o que responda
A's duvidas da lèi, hê taõ hedionda,
Taõ perversa instruçãõ, que naõ há templo,
Naõ há regra, ou doutrina, que este exemplo
Atégora aceitasse: Fosse o rito
Suave, ou duro, saudavel, ou precito:
Fosse o dogma benigno, ou deshumano;
Nunca se achou conceito taõ tyranno,
Que quizesse provar a lèi, e o culto
Com a torpe violencia de hum insulto.

Se a vossa lèi hê boa, por si mesma
Se pode defender; e sennaõ pode;
Sem procurar o escandalo do ferro,
Manda a justiça que ella se accomode
A conhecer as sombras do seu erro:
Comprehendei que Mafoma naõ mandara
Que o Alcoraõ no sangue se banhara,
Se de algum modo visse, ou entendesse
Que havia outra razaõ, que o defendesse:
Naõ attendeu que fosse má, ou boa
A regra, que vos dava: O seu projecto
Menos buscava a lei, do que a pessoa;
Mais o Imperio, que os ritos: architecto
De oppostos materiaes, edificando
A piedade no horror, no insulto o mandô.

Na duração da Seita, permanente,
 Desde o seculo setimo, evidente
 Quereis fazer que o Céu a solemniza:
 Não o Ceo, mas a Terra a fertiliza;
 Pois em gostos terrenos se acumula:
 Se a vingança, a lascivia, o roubo, a gula
 Vos concede o Alcoraõ, não tenho espanto
 De que esta vossa lêi prefista tanto;
 Despenhada sustenta esta firmeza
 Na mesma corrupção da Natureza.

Que essa fordida instancia do appetite
 Nos deleites carnaes se precipite,
 Pode dar tanto affombro, como o empenho,
 Com que a pedra procura o seu despenho,
 Se talvêz se desprende da montanha:
 Que corra para baixo, quem o estranha,
 Se aquella gravidade, que a domina,
 A mesma inclinação lhe determina?
 A não ter outro esforço, que a suspenda
 Como pode o seu pezo achar emenda?
 Como sem outra força pode o vicio
 Suspenderse em seu mesmo precipicio,
 E sendo de outro impulso estimulado,
 Que inda o fâz muito mais precipitado?

Naõ achais dissonancia em que Mafoma
Divinize na lêi aquelles crimes,
Que o mesmo lume natural condena?
Hê crível que de estimulõs sublimes
Proceda a atrocidade, que se ordena
No perjurio, no roubo, na vingança,
Na lascivia, na gula? Naõ alcança
A vossa comprehensãõ, que estas offensas
A Natureza agravaõ? E hê possível
Que a Bondade de Deos fique apprazível
No mesmo horror, que a Natureza impugna?
Naõ vos parece agora que repugna
A culto superior esta desordem?
Que differença pode têr a ordem
De homens, e brutos, se essa lêi vos pede
No homem, quanto ao bruto se concede?

Onde tendes de Sabio a grande fama,
Se da luz natural toda esta chama,
Talvêz desconheceis? Sem lume, ou tino,
Pulsa a vossa razaõ; pois o destino
Cegamente seguís, que tem o bruto
No seu procedimento dissoluto,
Sem ver que o homem pára, o bruto corre:
Que hum naõ reflecte, o outro, que discorre.

Mas de tantos absurdos, como observo
 Neste vosso Alcoraõ, nenhum decido
 Que hê mais desordenado, ou mais protervo,
 Que pores nos deleites do sentido
 A gloria celestial, deixando em calma
 As funçoens mais congenitas da alma.

Nas hortas de Epicuro se recreia
 A vossa fantasia, e finge a ideia
 De hum vistoso jardim, aonde as flores
 Se adornaõ de corádos resplandores:
 Que aromaticos pomos convalecem
 Na vegetante plebe: Que se tecem
 As videiras nos alamos frondosos:
 Que saõ rubis os bagos luminosos:
 Que o Zephiro respira, cultivando
 Flores, e pomos, com alento brando:
 Que para mais encanto, mais deleite,
 Huma fonte de mel, outra de leite
 O bosque, e campo regaõ: Que os manjares
 Se offrecem pelas sombras dos pomares:
 Que varias Nymphas vagaõ nas estancias
 Em continuas, discretas consonancias:
 Que alli naõ há desdens, naõ há repudios:
 Que em alegres, harmonicos tripudios
 Se passa sempre a vida; a onde o gosto

Sempre está permanente, está disposto
 Na gula, ou na lascivia; e nas delicias
 Dos festins, dos amores, das caricias.

Tem subido atéquî todo o conceito,
 Que fazeis da immortal prosperidade:
 Mas sendo definida em toda a idade
 A gloria pelo *estado mais perfeito*
De congregados bens; introduzirse
 Esta definição nunca podera,
 Se nessa doce, venturosa esphera
 Não podessem acharse outros motivos
 Mais que os destes deleites sensitivos.

O appetite inferior, que tem o homem,
 Não se achará gostoso, nem contente
 Em huma fruição, que de repente
 Em tedio, ou em violencia se desfata:
 Ao sublime appetite mais ingrata
 Lhe fora esta delicia, pois regeita
 Os gostos, com que o corpo se deleita:
 E quando a intellegão a hum bem aspira
 Incorporeo, e immortal, não consentira
 Deleitarse n'hum triste desafogo,
 Que a penas se consegue, acaba logo.

Quanto mais: nesta Bemaventurança
Há fome, e sede, ou não? se há sede, e fome,
Triste gloria será: se o Beato come,
Ou se bebe, sem ella, como alcança
Quem bebe, ou come, o gosto, sem que o excite
Das taças, dos manjares o appetite?
Em tantas iguarias, como imploraõ
Estes corpos celestes, que melhoraõ
De nutrição he força, que conceba,
E tambem he preciso que perceba
Corrupção, se talvez se nutre o corpo:
Eterno, e corruptivel, não implica?
Donde vem as porçoens, que a meza indica;
Veados, carneiros, bois? se vão da Terra,
De que forte os conduzem? se os encerra
O contorno dos orbes, onde pasta
Este bruto rebanho? senão basta
Huma e outra advertencia ao vosso engano,
Não vos confunde ao menos a vergonha
De que esta lêi no Céu o alento exponha
De hum incendio, tão vil, e tão profano,
Que inda hum homem sezudo terá pejo
De que se lhe conheça este desejo?

Tanto deste conceito se divide
O humano raciocinio, que preside

A' nossa intellecção, que inda os mais sabios
Dos vossos grandes Mestres, quando as Sciencias
Nos Arabes estavaõ, as negligencias
Vendo desta observancia, e deste premio,
Tiveraõ pejo em ser do vosso gremio:
Avicena entre vos o maior homem
De engenho, e erudição, que a penas conta
Dois lustros nos seus annos, se remonta
De forte nos estudos, que sabia
De memoria o Alcoraõ, e comprehendia
Logica, Astrologia, Architectura,
Arithmetica, metro, tropo, e canto;
Quando no seu discurso se figura
Quanto a feita dispoem, não teve o espanto
Outro regresso mais, que o desalento
De julgar que em Mafoma todo o intento
Fora allegorizar nisto, que ensina
Mais alta ideia, mais feliz doutrina:
Porem este discurso inda que fora
De melhor fundamento, elle se ignora
Em toda a geraçãõ, que a lêi professa:
O corpo Mahometano se interessa
Em que á letra se observe quanto excita
O Cacíz no ferralho, ou na Mesquita.

Averrhoes, hum dos vossos preceptores,

E o que fêz mais ruido nas escholas,
 Muitas vezes as Aulas Hespanholas
 Lhe ouviraõ que os preceitos dissolutos
 Da vossa lêi só servem para os brutos:
 Consta que elle a deixou por esta causa,
 Notando a insoportavel needade
 Com que a gloria fingis: Vede o debuxo
 Que della fâz a nossa Christandade:
 Divina inspiraçaõ, * sublime influxo
 Pode só concederme que eu me atreva
 A proporvos a lûz da quella Estancia,
 Que naõ cabe no esforço da elegancia;

Paulo, sendo ao Empyreo arrebatado,
 Taõ absorto ficou, que inda hum treslado
 Naõ nos pode fazer do que alli vira:
 Debuxada nos campos de Zaphira
 Outro Apostolo as sombras luminosas
 Vio da Gloria Celeste; mas apenas
 Com as linhas mais ricas, mais preciosas
 Dos humanos objectos, as serenas,
 E as varias luzes do esplendor tranquilo
 Nos pode figurar o seu estylo:

Que

* *Nó solo en el principio del Poema tiene lugar la Invocacion; los Poetas suelen usarla en otras muchas partes del Poema siempre que se ofrece haver de referir alguna cosa muy extraordinaria &c.*

Lusan, en la Poetic. lib. 4. cap. 10.

Que posso conseguir no mesmo rasgo,
 Se estas vozes sagradas, que o emprenderão,
 Submergidas no espanto, esmorecerão?

A Bemaventurança se retrata
 Em varias concepções: Fâzse *objectiva*
 Com a vista de Deos: *Intuitiva*
 Com a visão felice, que redundá
 No corpo luminoso: a que se funda
 Na posse deste Bem, *Formal* se chama:
Essencial ao logro dessa chama
 Com que se goza, e vê o Objecto immenso:
Accidental á quelle gosto intenso
 Que da visão procede: Neste golfo
 De glorias, e doçuras infondaveis,
 Não há luto, * nem dor, pranto, ou gemido:
 O horror da morte se acha aqui vencido:
 Tudo feraõ funções interminaveis
 De hum alegre fervor, de hum raptó interno,
 De huma ardente impressãõ, de hum gosto eterno.

Depois que os nossos corpos se innovarem,
 Outros dotes terãõ os que alcançarem
 Tantas ditas perennes: Impassiveis,

P 3

Cla-

* Não ha Luto. &c. Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum:
 & mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.

Apocalyps, cap. 21, v. 4.

Claros , promptos , subtis , haõ de extender se
 Por todos esses globos appraziveis ,
 Prosperarse , applaudirse , conhecerse.

Naõ fêi se o vosso juizo no costume
 De hum material discurso , alcança o lume
 Desta excelsa apprehensaõ : será preciso
 Talvêz accommodarme ao vosso aviso ,
 Para que percebais sensivelmente
 Tanta amplificaçaõ resplandecente.

Se intento produzirvos a Ichnographia
 Da corte Celestial , naõ hã thesouro
 Donde tire esta copia , como a vista
 Da quelle sempre amado Evangelista ,
 Que a notou altamente : A cana de ouro , *
 Com que o Anjo medio esta Cidade
 Me servirá de estylo , e a claridade †
 De tanto resplendor ; de hum novo alento
 Para naõ desfaiar o pensamento.

Edificado está n'hum alto monte ††
 Este Emporio feliz : todo o Horizonte

Se

* A cana de ouro. Et qui loquebatur mecum habebat mensuram arundineam auream, ut metiretur Civitatem. Ibid. cap. 21. v. 15.

† E a claridade. Habentem claritatem Dei. Ibid. v. 11.

†† N'hum alto monte. Et subsulit me in spiritu in montem magnum, & ostendit mihi Civitatem Sanctam. Ibid. v. 10.

Se banha de hum luseiro matutino,
 Quasi como o reflexo cristalino: *
 Huma grande muralha o cerca em torno: I
 Com doze portas se abre o seu contorno: II
 Três ao Setemptriaõ, e três ao Austro,
 Três ao Occaso do sol, e três ao berço: III
 Os alicerces do sublime claustro
 São doze; (†) e às quatro fontes do Universo
 Se viraõ quatro faces: C a figura
 Corre em quadro por toda a architectura.

A doze mil estadios  se dilata:
 Igual no comprimento, P e na largueza,
 E na altura tambem: toda a grandeza
 Do seu muro em cem covados se mede,
 E mais quarenta, e quatro: ¶ ao jaspe excede
 P 4. A

* De hum Luseiro matutino. &c. Et lumen ejus simile lapidi pretioso, tanquam lapidi jaspidis, sicut crystalum. Ibid. v. 12.

I Huma grande muralha. Et habebat murum magnum & altum. Ibid. v. 12.

II Com doze portas. Habentem portas duodecim. Ibid.

III Tres ao setemptriaõ. &c. Ab Oriente portæ tres; & ab Æquilone portæ tres; & ab Austro portæ três; ab occasu portæ tres. Ibid. v. 13.

(†) São doze. Et murus Civitatis habens fundamenta duodecim. Ibid. v. 14.

C Se viraõ quatro faces. Et Civitas in quadro posita est. Ibid. v. 16.

 A doze mil estados. Et mensus est Civitatem de arundine aurea per stadia duodecim milia. Ibid.

P Igual no comprimento &c. Et longitudo, & altitudo, & latitudo ejus equalia sunt. Ibid.

¶ Em cem covados. Et mensus est murum ejus centum quadraginta quatuor cubitorum. 17.

A pedra, que o fabrica: * de ouro puro,
 Ao mais diaphano vidro * semelhante,
 Hê da Cidade a maquina brilhante:
 Os alicerces doze, em que se funda,
 Se guarnecem das pedras mais preciosas: **
 O primeiro nas cores luminosas
 Brilha de hum jaspe ardente: *** na Zaphira
 O segundo: nos mais a luz respira
 Da esmeralda, do sardo, da sardonias,
 Chrysolitho, beryllo, e chalcedonia,
 Do topacio, chrysopraso, jacintho,
 E da amethyste; aonde o Labyrintho
 Das refracçoens nos ambitos convexos
 Enche tudo de raios, e reflexos.
 Todas as doze portas, (†) que abre o muro;
 Se formaõ de huma perola: procuro
 Das aras e dos templos o edificio,
 Naõ há desta estrutura algum indicio: *

O

* Ao jaspe excede a pedra, que o fabrica. Et erat structura muri ejus ex lapide pretioso. 18.

* Ao mais diaphano vidro. Ipsa verò Civitas aurum mundum, simile vitro mundo. Ibid.

** Das pedras mais preciosas. Et fundamenta muri Civitatis omni lapide pretioso. 19.

*** De hum jaspe &c. Fundamentum primum, jaspis: secundum sapphirus: tertium calcedonius: quartum, smaragdus: quintum sardonix: sextum, sardius: septimus, Chrysolithus: octavum, beryllus: nonum, topazius: decimum, Chrysoprasus undecimum, Hyacinthus: duodecimum, amethystus. v. 14. & 20

(†) As doze portas &c. Et duodecim portæ margaritæ duodecim sunt per singulas; & singulæ portæ erant ex singulis margaritis. v. 22.

* Das aras, e dos templos &c. Et templum non vidi in ea. Ibid.

O templo, e a ara hê Deos: — nem sol, nem lua
 Os dias com as noites continua: =
 O resplendor divino hê que alumia,
 Sem noite, ou sombra, n'hum eterno dia: ≡
 Bem que patente esteja, e sempre aberta ☉
 Por toda a parte a entrada, não acerta
 Com tanta luz aquelle, que affombrado
 Caminha com o pezo do peccado. (†)

Do folio, aonde Deos sempre preside,
 Purissimas correntes se desprendem: †
 Da vida varias arvores se extendem
 Pelas margens do rio: ¶ as suas folhas
 Daõ perpetua saude: * carregadas

De

— O templo, e a ara he Deos. Dominus enim Deus Omnipotens templum est illius & agnus. Ibid.

= Nem sol, nem lua. Et Civitas non eget sole, neque luna ut luceant in ea. Ibid. 23.

≡ O resplendor divino. &c. Claritas Dei illuminavit eam. Ibid.

☉ Sempre aberta. Et portæ ejus non claudentur per diem: nox enim non erit illic. v. 25.

(†) Não acerta. Non intrabit in eam aliquod coinquinatum. Ibid.

† Purissimas correntes. Et ostendit mihi fluvium aque vitæ. Cap. 22.v.1.

¶ Varias arvores. In medio plateæ ejus, & utraque parte fluminis lignum vitæ. 22. v.

* As suas folhas daõ perpetua saude. Et folia ligni ad sanitatem gentium. Ibid.

De aureos pomos se vêm: * sempre animadas
 Do verdor cristalino, hum sopro brando
 As está repartindo, e refrescando:
 Os seus fructos repetem varias vezes;
 Sempre novos os têm todos os mezes. **

Sempre, e sempre, sem nunca haver mudança,
 Defordem, confusaõ, deffemelhança
 Durará tanta gloria, sem limite: ***
 Nem me digais que eu meto no appetite
 Este premio immortal, quando lhe exprimo
 Cidade, portas, muros, e palacios,
 Esmeraldas, Chrysolitos, Topacios,
 Beryllos, fardos, chalcedonias, pomos,
 Plantas, e agoas; que em fim tanto concurso
 Mui diverso achareis deffe discurso,
 Que da gloria formais: O que descrevo
 A mais sublime pensamento elevo;
 Pois não só as potencias, os sentidos
 Nos seus proprios objectos embebidos,
 Considerar se podem: de outra sorte
 Nenhum fora felíz depois da morte.

A

* *De aureos pomos. Afferens fructus duodecim. Ibid.*

** *Repetem. Per menses singulos reddens fructum suum. Ibid.*

*** *Sempre, e sempre. Et regnabunt in Sacula seculorum. v. 5.*

A vista gozará do suave aspecto *
De Christo, e de Maria; e dos mais Santos:
O ouvido entre docíffimos encantos
Se elevará nas altas consonancias
Da musica Celeste: nos aromas
Se animará o Olfato: nas substancias,
Em que borbulhaõ Celestiaes redomas,
Há de encontrar hum gofsto conducente
O nofso paladar: e competente
Delicia ao tacto, em tanta suavidade,
Lhe ferá toda a pompa da Cidade.

A' voffa material ideia offreço
O fenfivel objecto: eu que appetejo
Mais rara elevaçãõ no que difcorro,
A mais subido eftimulo recorro.

A quadra deffe muro symboliza,
No meu conceito, tudo o que eterniza
Efta gloria immortal: Nesses luzeiros

De

* *A vista gozará. &c. Oculis delectabitur in admirabili Redemptoris, ac Virginis Mariæ, & aliorum Beatorum aspectu. Etiamque in oculis erunt visiones multorum Cælorum, ac varietatum. In aures redundabunt omnes melodiæ, & consonantiæ, ac harmoniæ. Odoratæque resperget fragrans, suavitas odoramentorum. Indicibilis quædam cælestis omnis delectabilium melliflua jucundabit oris palatum. Ipse tactus congruis abundabit delitiis in Dei gloriam, & venerationem Div. Aug. lib. de vita, & Spirit. Div. Anselm. de similitud. cap. 57. Div. Laur. Just. lib. de Discipl. & perfect. monast. convers. cap. 23. Div. Prosper. lib. 1. de vit. contemptat. cap. 4.*

De taõ preciosas pedras , vejo a chama
 Das virtudes , que alli se representaõ :
 A charidade , e a fé na luz se inflamma
 Do topacio , e jacinto : o incendio alentaõ
 Nas outras cores os impulsos varios ,
 Que brilhaõ nos pacificos erarios.

Nas agoas se figura a subsistencia
 De taõ fluxivel , próvida affluencia :
 Nas plantas hum perpetuo ardor , que imprime
 Da consistencia o esforço mais sublime :
 Nos doze giros , que dispoem os frutos
 Vejo que saõ brilhantes sustitutos *
 A saude incorrupta : a eterna enchente :
 Refeição , sem fastio : Segurança ,
 Sem temor : alegria , sem mudança :
 Sem ignorancia , incendio intelligente :
 Descanso , sem receio : Liberdade ,
 Sem servidaõ : deleite , sem tristeza :
 Applauso , sem ficçaõ , nem estranheza :

Multi-

* Nos doze giros que dispoem os fructos &c. Deinde eterne Beatitudinis duodecim fructus numerat Albert. Magn. Primus sanitas , sine corruptione : Secundus plenitudo sine defectu : Tertius refectio , sine fastidio : Quartus scientia , sine ignorantia : Quintus gaudium , sine tristitia : Sextus securitas , sine timore : Septimus pax , sine turbatione : Octavus libertas , sine servitute : Nonus gaudium de justitia Dei : Decimus laus sine intermissione : Undecimus de Sanctorum multitudine : Duodecimus jucunditas de Dei visione.

Multidão, sem rumor: e interno agrado
Nos prodigios de hum Nume tão amado.

Comparai esta gloria com a vossa:
Vede tambem a singeleza amavel
Da Lêi christan: tão doce, tão affavel,
Tão conforme à razaõ: vede o que ensina;
Então conhecereis se hé Lei divina.

Ponho de parte o affombro dos mysterios,
Vamos só ao Moral: ella prescreve
Que a memos hum só Deos: por causa leve,
Ou falsa não juremos: que nos seja
Tão chara a nossa especie, que se veja
Com ella o proprio amor, que em nós sentimos:
Que as Festas Sacrosantas observemos:
Que os nossos Genitores veneremos:
Que não usemos de mortal vingança,
Seja qual for o aggravo, a offensa, a injuria:
Que a Castidade triumphes da luxuria:
Que o furto se aborreça: Que a perfidia
E a calunnia se ignore: que na ideia
Não entre a vista da molher alheia;
E dos bens, que outro logra, ou desperdiça;
Que os impulsos se abstenhaõ da cubiça.
Que a soberba se abata na humildade:

Que

Que a avareza se mude em charidade :
 A ira em mansidaõ, : em abstinencia
 A gula : toda a enveja em complacencia :
 E que em qualquer acçaõ, fortuna, estado,
 Se converta a preguiça no cuidado.

Lançai agora os olhos ao preceito
 Da lascivia, vingança, latrocínio,
 Da soberba, ambiçaõ, perjurio, e gula,
 Que os vossos Mahometanos tem aceito
 Como lêi superior; e em que o dominio
 De huma paixãõ infame se estimula;
 E dizeime, se o horror não vos quebranta,
 Qual destas duas lêis, he lêi mais Santa?

TRIUMPHO
 DA
 RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO VII.

Contra o Hebraismo. *

R Ecolhido Mahumed no mudo affombro
 De hum triste enleio de hũ discurso amargo,
 Parece que a cordava de hum lethargo
 Ao ruido dos Catholicos clamores:
 Mal desperto entre os funebres horrores
 Da sua confusaõ, assim dizia:
 Antes de vos ouvir me parecia
 Que responder podera; e agora vejo
 Que ficou só no intento o meu desejo:

A:

* *Hebraismo* se chama a feita, que hoje seguem os *Hebreos*. Se o nome de *Hebreos* se deriva de *Heber* filho de *Sale*, ou do nome appellativo, que significa *transmigrator*, veja-se o *Padre Calmet no Diccionario Biblico*, verb. *Heber*, ou a *Valtonio* que tratou esta materia ex professo.

A' vehemente elegancia da proposta
 Não dera hum Mulsumaõ * outra reposta
 Mais que arrancar o alfange, expondo a vida,
 Por não deixar a offensa consentida:
 Mas não só me suspende neste arrojô
 Causa mais superior, que em vós descubro,
 Porem no mesmo espanto, em que me cubro,
 Talvêz que se envergonhe a ingenuidade
 De impugnar tantas luzes da verdade:
 Com tudo como a lêi, que Meca excita
 Concorda em muita parte com a Hebreá,
 Resolvome a deter a minha idea
 Em quanto não ouvis outro Eremita,
 Que vive do outro lado da montanha:
 De tão grande conceito se acompanha,
 Que todos tem julgado a sua toga
 Pela mais superior da Synagoga.

Vamos buscar (lhe díz o Peregrino
 Alegre, e alvoraçado) esse Rabbino;
 E bem que tantas letras recomende,
 Lá vereis de que forte a lêi defende.

Não, sem grande fadiga, vão subindo
 A alcantilada Serra, e descobrindo

A

* *Mulsumaõ* entre os *Turcos* he o mesmo que *verdadeiro crente*.

A varia povoação, que está disposta
 Pela larga planície, e pela côsta
 Dos golfos orientaes: chegando ao cume,
 Ficou palmado o Herôe no planispherio,
 Que debuxava a luz deste hemispherio:
 Na vasta, deleitosa variedade
 De toda a quella extensa amenidade,
 Páramos, bosques, montes, e edificios,
 Aos olhos se faziaõ taõ propicios,
 Que de tantos objectos a abundancia,
 Na confusaõ formava a consonancia.

Que fortaleza hé aquella, que se anima
 Mais que as outras na força, e na eminencia,
 Pergunta o Peregrino? A dura lima
 Do tempo lhe não tira a prehemencia;
 Lhe responde Mahumed: os Lusitanos
 A guarneceraõ contra os Mahometanos;
 E nella com valor, esforço, e brio
 Sustentaraõ da Arabia o Senhorio:
 Inda conserva o nome de Mascate: *

Q

Inda

* *Mascate*, fortaleza da *Arabia felix* na sua costa setemptrional, ao longo do sino Persico na altura de 23. graos, e quatro minut. da banda do Norte: aindaque pequena, foi reputada por inexpugnavel pelo sitio, em que está fabricada. Fundou-se no anno de 1588. por ordem do governador *Manoel de Souza Coutinho*. Foi capital do senhorio, que instituimos na *Arabia*, e lhe estavaõ sogetas as outras fortalezas, que vaõ nomeadas neste lugar.

Inda affecta o dominio de Curiate,
 Matara, Sibo, Quelba, Sohar, e Borca,
 De Corfoção Libidia, Doba e Mada:
 Inda o espanto das armas se treslada
 Em Ormûs, Guardafû, Adem, e Meca:
 Não sei se a vossa vista determina
 Lá ao longe os aspectos de Medina, †
 Que não aparta o fusto de que a cerque
 O arrojo militar de outro Albuquerque,
 Temendo se envileça o Arabio axioma
 Na inquietação das Cinzas de Mafoma.

Entre as mais Povoações tambem se exalta
 Outra Cidade, que parece assalta
 Com soberbos torrioens a regiaõ vasia:
 Della alguma noticia pertendia
 O Herôe; e o Turco diz: Aquelle Povo,
 Que nos adornos vos parece novo,
 Desertores compoem da vossa Igreja:
 Quanto, á Bretanha, e á Olanda lhe sobeja
 (Proceda de Luthero, ou de Calvino)

A

† *Medina Elnabi* na lingua *Arabica* val o mesmo que *Cidade do Propheta*. He outra Cidade da mesma *Arabia feliz*, pouco distante do rio *Leaquic*; antigamente se chamou *Jathrel*. He muito venerada dos *Turcos* pelo sepulcro de *Mafoma*. Os seus ossos estavaõ algum dia em *Meca*, e foraõ tresladados para *Medina*, que fica pela terra dentro, com o receio de que *Affonso de Albuquerque* invadisse *Meca* como desejava segundo affirma seu filho nos seus commentarios, e diz que era facil pela pouca defeza que os *Turcos* podiaõ fazer nesta irrupção.

A quí vem a parar: O desatino
Da sua nova Seita tresladaraõ
Do Norte para o Oriente; e edificaraõ
Nesta costa da Arabia essa Colonia,
Que adopta Londres, Amstardam requèbra;
E se pode chamar outra Ginèbra.

Naõ me podeis dar melhor noticia,
Lhe diz o Herõe: a indomita malicia
Desta gente, pretendo há muito tempo
Metella n'hum combate, onde confesse
Que essa lêi, naõ hê lêi, mas interesse.

Algum dos seus Ministros me visita:
Este conhecimento facilita
A vossa introducçaõ, lhe diz o Turco:
Com vosco hirei, salvando a novidade
No desejo de veres a Cidade.

O Peregrino lhe agradece a offerta;
Quando se via do Rabbino aberta
Em hum profundo rasgo a feia gruta,
Que inculca a Serra n'huma penha bruta:
Recebidos do Hebreo com agazalho,
E descansando hum pouco do trabalho
De subida taõ aspera, pertende

O Eremita saber do seu vizinho
A causa, que o meteu neste caminho.

Eu tenho a culpa (o Peregrino acode)
De que o vosso silencio, se incommode
Com a nossa presença: a ver o Mundo
Me tráz não sei que espirito profundo:
Este me leva de Mahumed á estancia:
Este me tráz á vossa; com a ancia
De poder focegar o meu conceito
Da vossa lêi no theorico preceito.

Cuido que saberei romper o laço
(Diz o Hebreo) aos estorvos, que tiveres
Na vossa intellecção: sem embaraço
Me podeis perguntar quanto quizeres;
Pois julgo que achará qualquer proposta
Em prompta solução, breve resposta.

Confesso (o Peregrino continúa)
Os raios, com que a vossa lêi gradúa
Toda a sua excellencia: reconheço
Ser hum desenho de tão alto preço,
Que o mesmo Deos o ordena, e escreve em bronze:
Sei que se commoveu dos orbes onze
A maquina celeste, quando sente
Que o dava ao Povo a Mão Omnipotente.

Sei que os prodigios, que assombraraõ Memphis :
 Sei que a enxuta passagem do mar roxo :
 Que o Maná, pedra, e nuvem do deserto :
 Que essas Victórias, que houve em campo aberto
 Contra os esforços de naçoens ferozes,
 Clamando estaõ, com soberanas vozes,
 O empenho, com que Deos na excella guia
 A vossa geraçaõ favorecia :
 Mas não podeis negarme ao mesmo tempo
 A feia ingraticidaõ com que pagavaõ
 Os filhos de Israel os beneficios :
 No meio dos portentos murmuravaõ
 Da celeste clemencia : Sacrificios
 Ao bezerro dedicaõ, quando o monte
 Falla, grita, retumba, assombra, e brilha
 Na piedade, na lûz, na maravilha
 Da nova instituiçaõ, que Deos lhe expunha :
 Quatorze vezes mil, e mais seiscentos,
 Com quatro vezes dêz, o sol dispunha
 Seus raios entre as sombras sonolentas,
 Sem que se visse no mais breve instante
 Menos forte este auxilio ; * e sempre errante
 O coraçãõ do Povo ingrato, e duro,
 Sempre infame se achou, sempre perjuro :

Q 3

Deos

* *Quadraginta annis proximus fui generationi huic, & dixi semper hi erant corde: Quibus juravi in ira mea, si introibunt in requiem meam.*

Deos irritado de taõ bruta offensa,
 Jura em tanta protervia endurecida
 De lhe naõ dar a patria promettida.

O coraçãõ torcido, injusto, e vario
 Desta vossa Naçaõ, hereditario
 Sempre o fizestes desde a sua origem:
 Contra as moçoens celestes se dirigem
 Sempre os vossos impulsos: Naõ emprendo
 Dar os progressos deste crime horrendo;
 Impertinencia fora o repetillos:
 A tres pontos pretendo reduzillos:
 Pontos fundamentaes, em que proroga
 Toda a sua existencia a Synagoga.

Suspirais por hum Reino, declarado
 No Testamento Velho: este o primeiro:
 Pelo Rei, ou Messias esperado:
 Este o ponto segundo: e no terceiro
 Impugnais o Mysterio da Trindade:
 Na Escriptura achareis toda a verdade:
 Aquelles mesmos Textos que vos movem
 A taõ cega apprehensaõ, farei que provem
 Que hê mui diverso o Reino concebido:
 Que já veio o Messias promettido:
 Que Deos he Trino, e Hum: estaime attento,

Que

Que hê digno de atençaõ este argumento:
 Tem Daniel no Capitulo segundo, *
 Que Deos hum novo Reino entrega ao Mundo:
 Reino, que sobre os mais a prehemencia
 Logrará de huma solida existencia:
 Que a hum Povo se destina; e que este Povo
 Hê que terá fomite o Reino novo.

Pertendeis que só possa vigorarse
 Na vossa geraçaõ esta promessa,
 Por ser esta a familia, que confessa
 O mesmo Deos que hê sua: Permitime
 (O Rabbino lhe diz) que eu vos anime
 Inda mais esse Texto; e que vos lembre
 Que esse conceito naõ se fãz caduco
 Na discripsaõ da Estatua de Nabuco: †
 Tendo a cabeça de ouro, os braços tendo,
 O peito, e maõs, de prata: ventre, e coxas,
 De bronze: pernas, pês, de ferro, e barro,

Q 4

Hum

* *In diebus, autem, regnorum illorum suscitabit Deus Cæli regnum quod in æternum non dissipabitur; & regnum ejus alteri populo non tradetur: comminuet, autem, & consumet universa regna hæc; & ipsum stabit in æternum.*
 v. 44.

† *Hujus statuæ caput ex auro optimo erat: pectus autem, & brachia de argento: porro venter, & femora ex ære: tibiæ autem ferreæ. Pedum quædam pars erat ferrea, quædam autem fætilis. Tunc contrita sunt pariter ferum testa, æs, argentum, & aurum, & redacta quasi infavillam æstivæ aræ, que rapta sunt vento.*

Tu es caput aureum (falla Daniel com Nabuchodonosor) e este he o Reino dos Chaldeos: Et post te confurget regnum aliud minus te, argenteum.

Hum colosso taõ forte, e taõ bizarro:
 Cabeça, braços, maons, coxas, e peito
 Ventre, pernas, e pês; tudo desfeito
 De repente se vio: tudo partido,
 Em pô mudado, em cinza convertido.

A explicação da Estatua no Propheta
 Nos diz que estes metaes nos symbolizaõ
 Os Reinos, que as Historias solemnizaõ
 Nos Chaldeos, Persas, Gregos, e Romanos;
 E que depois que o tumulto dos annos
 Resolver tanta gloria em sombra fria,
 Entaõ hê que este Reino se ergueria
 Para seguirse em ambos hemispherios,
 O curso successivo dos Imperios.

Dos tres primeiros Reinos a memoria,
 A penas se achará na antiga historia:
 O quarto inda da vista se acompanha,
 Ou seja em Roma, ou seja na Alemanha:
 Inda existe este Reino; e em quanto dura De

Este he o Reino dos Persas, que se seguiu ao dos Chaldeos. Et regnum tertium aliud æreum, quod imperabit universe terræ. Este he o Reino dos Gregos debaixo do senhorio de Alexandre, que se seguiu ao dos Persas. Et regnum quartum erit velut ferrum: quomodo ferrum comminuit, & domat omnia, sic comminuet, & conteret omnia hæc. Este he o Reino dos Romanos a quem nenhuma Nação do universo pôde resistir; que se seguiu ao dos Gregos. Porro. quia vidiſi pedum & digitorum partem teste figuli, & partem ferream; regnum diviſum erit. E assim succedeo na divisaõ do Imperio oriental, e occidental.

De balde o quinto Imperio se procura:
 Vedé lá se a esperança se prospêra
 Neste novo dominio, que se espera?

O mesmo texto aquí vos desengana
 (Lhe diz o Peregrino) desse enleio;
 Pois o mesmo Propheta vos explana,
 Sem confusão, metaphora, ou rodeio,
 Que no Cêo há de ser o Imperio quinto; *
 E vos nesse confuso labyrintho
 De violentas razoens, que o engano encerra,
 O Reino pretendeis fazer na Terra:
 He verdade que teve o seu principio
 No Mundo, mas no Ceo o seu progresso:
 Livre está da mudança, e do successo,
 Com que os outros Imperios se acabaraõ:
 Se fosse temporal, se amotinaraõ
 As iras da fortuna contra a pompa
 Da sua duraçãõ: Que novo impulso
 Arruinou, estragou, deixou convulso
 O resplendor dos outros Principados?
 A inconstancia do tempo, o horror dos fados
 Bastou para extinguir este governo:
 E se o mesmo Daniel lhe chama eterno, *
 Cogitaçãõ será bem importuna

* *Suscitabit Deus Cæli regnum.*

* *Quod in æternum non dissipabitur.*

O fogeitallo aos lances da fortuna:
 Mas a vossa Nação, que nunca a vista
 Levantar pode ao Céu; toda a conquista
 Deste Reino esperado, têm disposto
 No vil objecto de hum terreno gosto;
 E ardendo tanta luz contra esta ideia,
 Inda a vossa loucura a lisonjeia?

O Reino promettido nesse Texto,
 Hê o Reino da Graça: do contexto
 Se conhece, e se prova este sentido;
 Pois estando na estatua comprehendido
 Da Chaldea, da Persia, Grecia, e Roma
 Este vario dominio: e no ouro, e prata,
 Bronze, e ferro, a visão, de que se trata;
 Não podereis negarme, que em figura
 Se achaõ estes Imperios na Escripura:
 E se estaõ em sentido figurado, *
 Haveis de comprehender no mesmo estado
 O quinto Reino, que aos demais se segue:
 Logo no temporal não se consegue Este

* *Messiam contrivisse hæc omnia Imperia, non quo ad temporale, & terrenum dominium, quod parvi est momenti, sed quo ad mysticum, & spirituale, quo per gentilismum, & idololatriam dominabantur tam mentibus, quam corporibus hominum, eosque demoni, inferno, & pœnis æternis mancipabant; quæ tyrannis erat acerbissima; sub qua duram servitutem serviebant omnes gentes, gementes sub ejus jugo. Hanc tyrannidem evertit Christus, hominesque hoc eorum servitutis jugo liberabit, dum eos suæ fidei subjiciens in Dei gratiam libertatem, & salutem æternam asseruit. Cornel. Alapid. comm. in Dan. cap. 2. pag. m. 10321.*

Este vosso dominio; e he já preciso
Que mude de conceito o vosso juizo.

Aqui diz o Rabbino: Se effes Reinos,
Bem que estaõ dos metaes na allegoria;
Induzem propriamente a Monarquia
De Chaldeos, Perias, Gregos, e Romanos,
Importa pouco que em figura estejaõ
Para o sentido proprio: se o destroço
Nos fica temporal; este alvoroço
Do Reino, que há de vir, tambem contemplo;
Naõ como exposiçaõ, mas como exemplo.

Naõ se devem tomar materialmente
Esses Reinos, acode o Peregrino:
Pois se a pedra, que desce da montanha;
Hê que desfâz a estatua; coiza estranha
Seria imaginar que ella rendesse
Huma maquina tal, sem que entendesse
A razaõ, que outra coiza significa: *

Se

* *Lapis hic, quem vidit Daniel, cum esset parvulus, non poterat tantam statua nolem, ex ere ferro, auro, & argento compactam, prosternere physicè, & corporaliter: ergo mysticè, & spiritualiter, ac symbolicè (est enim hæc visio tota symbolica) id accipiendum est; nimirum ut significet quod Christus humilis, & pauper, sua humilitate, mundique contemptu dejecturus esset in mentibus fidelium per totum orbem omnem ambitionem, pompam, & fastum humanæ gloriæ, & concupiscentiæ, quam ingens hæc statua, ostentatione, mole, & pretio metallorum, representabat.*

Se ao Messias dizeis que ella se applica,
 Tambem deveis notar que nos Imperios
 Se devem conceber outros mysterios:
 A ambição, gloria, fausto, e pompa humana,
 Que se achou nesses Reinos, representa
 A estatua nos metaes; e a claridade,
 Que venceu a profana escuridade
 Deve no quinto Imperio conceberse:

E se esta nunca pode comprehenderse
 No Reino temporal; será forçoso
 Que seja espirital aquelle mando,
 Que a Biblia nos promete; * e o Rei glorioso,
 Que empunhe as redeas deste jugo brando,
 Quem pode ser? Eu digo que o Monarca
 Deste Reino, o Piloto desta Barca
 Só pode Aquelle ser, que se intitula
 Inda Rei dos Judeos: O que regeita
 A vossa Synagoga: Esse, que aceita

Por

* *Spiritale foret regnum Messie non terrenum, & corporale docet disertè Daniel cap. 9. ubi definiens tempus Messie, nimiram eum venturum post 70. hebdomades annorum, idest post 490. annos, ait de eo.*

Septuaginta hebdomades abbreviatæ sunt super populum tuam, & super urbem Sanctam tuam (non ut reducatur regnum Salomonicum, & Judæicum, sed ut consummetur prævaricatio, & finem accipiat peccatum, & deleatur iniquitas, & adducatur justitia sempiterna, & impleatur visio, & prophetia, & ungatur Sanctus Sanctorum.

Vides, O' Judæe, regnum Christi non fore in exercitiis, pompis, & triumphis, sed in abolitione prævaricationis, & peccati, ut pro eo inducatur Sanctitas, & justitia, eaque in Christianis toto orbe regnet? Ibid.

Por remir-nos a morte : O que vincula
 A' nova Lêi da Graça a lêi antiga :
 O que destrôe a barbara fadiga
 Do indomito Tyranno : o que prospêram
 E constitue o Imperio na sincêra
 Reciproca observancia da humildade,
 Da paciencia, do amor, da charidade:

Clamando vos estaõ as Prophecias
 Que hê Este, e não hê Outro esse Messias,
 Que tanto suspirais : e não sentende
 A vossa obstinação ! Ou Deos pertende
 Pela vóz dos Prophetas enganarvos,
 Ou não credes a Deos : hum anathêma
 Tem n'humas, e noutra parte este dilêma.

Se no mesmo Daniel (diz o Rabbino)
 Com exacta advertencia determino
 A conta das Hebdomadas, discorro
 Que ao Rei, e ao Reino mui tempo resta
 Para fazer a vinda manifesta.

Na mais certa opiniaõ dos Thalmudistas,
 A Hebdomada perfeita só compete
 Ao Jubileo, que em sete vezes sete
 O intervâllo dedúz : Quarenta, e nove

Saõ os annos, que a conta multiplica:
 Sendo, pois, as Hebdomadas setenta,
 Quando as multipliqueis pelos quarenta,
 E nove, que notais; vereis que monta
 Três mil, cento, e secetta a minha conta:
 Daniel prophetizou annos quinhentos,
 E mais sincoenta, e hum, antes de Christo;
 E depois d'elle, mil, e sete centos,
 E mais sincoenta, e tres já temos visto:
 Com que para as Hebdomadas chegarem
 Ao seu devêdo termo; e se notarem
 Cumpridos os propheticos desenho;
 Inda se fâz preciso que os despenhos
 Das eras, nos seus giros se revolvão
 Cem vezes oito; com dês. vezes cinco
 E duas vezes três: e entãõ chegamos
 Ao Messias, e ao Reino, que esperamos.

Louca, e triste esperança (o Herôe lhe argue)
 Nessa ideia infelîz vos constitue!
 Naõ há lugar algum na Biblia santa,
 Que o Jubileo, e Hebdomada pertenda
 Fazer! do mesmo espaço: a torpe emenda,
 Que intentais d'esse tempo, he hum delirio
 Da vossa obstinaçãõ, ou dos horrores
 Desses cegos fanaticos Doutores,

Que o Thalmud compozeraõ ; onde basta
Abrillo em qualquer parte , e recitallo
Para reconhecello , e desprezallo.

A mesma prophesia naõ vos grita ,
Que no fim das Hebdomadas se excita
Hum Capitaõ , que o Templo , e que a Cidade
Devastará com tal calamidade ,
Que esta ruina , este estrago furibundo
Há de durar em quanto dure o Mundo ? *
Que das aras , da hostia , e sacrificio
Naõ vos díz que ja mais tereis indicio ?
Que esta abominação , ou este exemplo
Fará sempre execrando o vosso Templo ?

Naõ conheceis que está cumprido tudo ?
Destroço mais fatal , mais carrancudo
Houve nunca na Terra , que o conflito ,
Que padecestes no furor de Tito ?
Ficou no Templo pedra sobre pedra ?
Extinto o sacrificio , a hostia , a ara
Naõ tendes , desde entaõ ? Naõ desampara
Toda a vossa Nação seu domicilio ?

Naõ

* Civitatem , & Sanctuarium dissipabit populus cum duce venturo... & in medio hebdomadis deficiet hostia , & sacrificium ; & erit in templo abominatio desolationis ; & usque ad consumationem , & finem perseverabit desolatio.

Não vos achais em hum perpetuo exilio;
 Sem ara, templo, offerta, ou Sacerdote? *
 Não padeceis o misero garrote,
 Com que todo o Universo vos despreza?
 Aonde está o Rei, que tanto preza:
 Todo o vosso Judá; que a Deos o implora?
 Pois se desde Jacob se vos melhora
 A promessa divina, de que nunca
 Falte o sceptro a Judá, senão no tempo
 Em que o Messias venha; † há tantos annos
 Tendo-vos já faltado os Soberanos,

Como

* *Dies multos sedebunt filii Israel sine Rege, & sine Principe, & sine sacrificio, & sine altari, & sine Ephod, & sine Teraphim.* Osee; cap. 3. v. 4.

† *Non auferetur sceptrum de Juda, & dux de femore ejus donec veniat qui mittendus est, & ipse erit expectatio gentium.* Genes. cap. 49. v. 10.

O texto Hebreo, em lugar de *Sceptrum* tem *Scevet*, que he o mesmo que *Virga*. Os R.R. pertendem que a palavra *Virga* signifie *tyrannia*, e não *Imperio Legitimo*; porem isto he contra o seu mesmo *Talmud*, que dá a significação de *Sceptro* ao vocabulo *Scevet*; e nunca se acha na *Biblia* com esta significação *Rabbinica*, senão quando se lhe a junta o adjectivo, que a conduz para este significado, como se vê no *Psalm.* 11. v. 9. e em *Isaias*, cap. x. v. 5.

Quanto mais que no mesmo texto *Hebraico* se segue a vós *Hebraica Mechokak*, que corresponde á palavra Latina *Dux*, que no sentir do *Rabino Kimchi* significa o soberano, que estabelece leis, e exercita todos os actos de justiça, e o mesmo segue o *Rabb. Salomão*; com o qual fica tirada toda a duvida da palavra *Scevet*.

Em lugar do *femore ejus*, que tem a vulgata, tem o *Text. Hebreo* *De inter pedes ejus*; que confirma que este Reinado deduzido na Monarquia *Hebraea* nunca há de ser tyranno em quanto não vier o *Messias*, porque sempre se há de produzir o Principe da geração *Hebraea*. Esta he a commua interpretação dos seus D.D. O *Thargo* verte: *A filiis filiorum ejus: Jonathano: de Semine ejus: Kimchi. De medio pedum ejus: o Talmud Jerosolimitano: de filiis filiorum ortis. ex semine ejus.*

Como inda duvidais, que neste dia
Esteja por cumprir a Prophecia?

Naõ tendes por certeza que do Tribu
De Judá ha de ter o nascimento

Este vosso Messias? Sempre attento

Naõ esteve este Povo em pôr distinto

Este Tribu feliz nesta esperança?

Havendo, pois, taõ horrida mudança

Nas vossas geraçoens, onde presume

A vossa louca ideia, que se encontre

Este Tribu escolhido? Naõ tem pejo

A vossa intelligencia, o vosso estado

De seguir este fordido desejo

Depois de estar taõ roto, e embaraçado?

A' lém disto naõ tem a gente Hebreá

Em David, em Daniel, Amôs, Osea,

No genêsis, Micheas, e Isaias,

Na sapiencia tambem, e em Malachias,

Sinaes taõ evidentes dos progressos

Deste esperado Rei; que inda a maldade,

A insolencia, a malicia, a iniquidade

Mal os póde negar? Se estes successos

Com tanta distincão se achão dispostos,

Que só podiaõ ser desconhecidos

Do horror, ou da protervia dos sentidos;

Pertendeis infamar-vos na cegueira
 De negar huma lûz taõ verdadeira,
 Que entre as sombras de pérfidos abrolhos,
 Se vos está metendo pelos olhos?

A prophesia díz distintamente
 Que ha de ter em Bethlêm * o seu Oriente
 O Messias: Que a Mãi hade ser virgem: †
 Que haõde adorallo Reis de estranhas terras: ††
 Que no Orbe cessaráõ todas as guerras: †††
 Que hade ter Percurfor o seu advento: C
 Que terá de David o regio sangue: (†)
 Que apprasivel será sua doutrina: †
 Terrivel a paixãõ, que lhe destina Q
 A enveja, ou o furor da Synagoga:
 Que a Judas se darãõ trinta dinheiros 

Para

* *Et tu Bethlehem Ephrata parvulus es in millibus Juda: ex te mihi egredietur qui sit dominator in Israel.* Mich. cap. 5. v. 2.

† *Virgo Concipiet, & pariet filium; & vocabitur nomen ejus Emmanuel.* Isai. cap. 7. v. 14.

†† *Reges Tharsis, & Insula munera offerent: Reges Arabum & Sabadona ad-dacent.* Psalm. 71. v. 10.

††† *Parvulus natus est nobis; & filius natus est nobis; & factus est principatus super huraerum ejus :::: Pater futuri seculi Princeps pacis.* Isai. cap. 9. v. 6.

C *Ecce ego mitto angelum meum, & preparavit viam ante faciem meam.* Malach. cap. 3. v. 1.

(†) *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* Psalm. 131. v. 11.

† *Disciplina pacis nostrae super eum.* Isai. cap. 53. v. 5.

Q *Non est species ei, neque decor, & vidimus eum, & non erat aspectus.* Isai. cap. 53. v. 2.

 *Et appenderunt mercedem meam triginta argenteos.* Zachar. 11. v. 12.

Para dallo à prizaõ: Que esbofeteado, ¶
 Ferido, escarnecido, e condemnado
 Da Cruz à morte infame: e nos madeiros §
 Cravados pés, e maons, os seus vestidos
 Serão à sua vista repartidos: ∞
 E que ao terceiro dia no sepulcro.
 Triumphante se erguerá da sombra horrivel: *
 Que luminoso, esplendido, impassivel,
 Hirá subindo ao Ceô, cheio de gloria: †
 E que a Corte do Empyreo se deleita,
 Vendo o Filho assentado à mão direita ††
 Do Eterno Pai, vencendo desta sorte
 O Inferno, a enveja, a noite, a culpa, a morte.

Pois se tudo se tem Verificado:
 Se tem vossos Maiores prezenciado
 Tudo quanto os Prophetas vos disserão:
 Se todás estas coizas succederaõ
 Muitos annos depois dos vaticinios:
 Que intentos, que loucuras, que disinios
 Saõ estes de quererem que succeda

R 2

O

¶ *Ipsè autem vulneratus est propter iniquitates nostras.* Isai. cap. 53. v. 5.
omnes, videntes me, deriserunt me. Psalm. 21. v. 8.

§ *Foderunt manus meas, & pedes meos.* Ibid. 17.

∞ *Diviserunt sibi vestimenta mea.* Ibid. 19.

* *Nec dabis Sanctum tuum videre corruptionem.* Psal. 15. v. 10.

† *Ascendisti in altum; cepisti captivitatem; accepisti dona in hominibus.* Psal.
 67. v. 19.

†† *Sede à dextris meis.* Psal. 105. v. 1.

O que já succedeu? Que se conceda
 O que está concedido? Por ventura,
 Se hum Messias sómente se procura,
 Presumís que no Cêo está disposto
 Que outro Messias venha ao vosso gosto?

Combinando os Pagaons as prophcias;
 E notando-as, depois verificadas
 Com taõ claros successos; inventadas
 Entenderaõ que foraõ nesse tempo
 Pelos mesmos Christaons: * neste discurso
 Naõ pode conseguir algum recurso
 A vossa obstinaçaõ; pois os Prophetas
 Nas vossas maons estavaõ; e os Doutores
 Da vossa mesma Lei saõ as melhores,
 Mais firmes testemunhas, que defendem,
 Com todos os impulsos da verdade,
 De tanto annuncio a sacra antiguidadé. *

E se o Pagaõ naõ acha outra sahida
 Tam

* *Vidistis ita fieri; & tanquam predicta sint scripssis.* Diziaõ os Ethnicos aos Christaons, vendo cumpridas as prophcias: S. Aug. Serm. 62; vel 67. de Div.

* *Gens Judæorum reproba per infidelitatem, à sedibus extirpata, per Mundum asqueaque dispergitur, ut ubique portet. Codices Sanctos; ac si prophetica testimonium, qua Christus, & Ecclesia prænuntiata est, ne ad tempus à nobis sifium existimaretur, ab ipsis adversariis proferatur; ubi etiam predictum est ipsos non fuisse credituros.*

Tambem vós a não tendes : Concluida
 Nos fique esta disputa ; e comecemos
 Já no terceiro ponto , que Hum , e Trino
 He Deos : e se penetro , se examino
 Tudo o que ha n'huma , e noutra natureza ,
 Vejo em toda esta vasta redondeza ,
 Da Trindade hum symbolico retrato :
 Se deito a vista ao Céu , acho disposta
 Em três Classes a Angelica eminencia ;
 E a mesma triplicada consistencia ,
 De três choros tambem se vê composta :
 Se passo ao campo ethereo , o melhor astro ,
 De luz , moto , e calor , o corpo anima :
 Se mais algum composto o Céu me intima ,
 A Terra , ou Ar , três partes nelle encontro :
 Materia , forma , uniaõ : Inda os viventes
 Em três cathogorias se dividem :
 Homens , brutos , e plantas : Não decidem ,
 Com tudo , estes treslados eloquentes
 O Trigono immortal , pelas distancias ,
 Que ha entre os accidentes , e as substancias . *

Nem deveis empenharvos em trazerme
 (Lhe diz o Hebreo) exemplos tão distantes

R 3

De

* Verumtamen caveat, ne hanc imaginem ita ei comparet, ut omnino existimet Similem: Sed potius in qualicunque ista similitudine magnam quoque dissimilitudinem cerhat. Div. August. lib. xv. de Trinitate.

De hum ser taõ superior: Se convencerme
 Quercis, talvêz, com maximas constantes,
 Produzime a Escriptura: ella confirma
 Quanto a luz me propoem, e a Lei me affirma:
 Diz o Deuteronomio que attendamos.

A' palayra de Deos; e logo adverte
 Que este Deos he hum só: * Que impulso inerte
 Me fará conceber que he Hum, e Trino,
 Depois desta advertencia? O defatino
 Desses vossos Doutores, por ventura
 Tem mais authoridade, que a Escriptura?

Só com ella he quero argumentarvos;
 Ehe torna o Peregrino: No Psalterio
 Naõ me podeis negar que houve mysterio
 Em repetir três vezes continuado
 O alto nome de Deos: † Se o repetirse
 Tres vezes n' hũa regra, esta substancia,
 Naõ he para tirarse, ou deduzirse
 As tres Pelloas de huma só Essencia;
 Repetillo três vezes, redundancia

Se-

* *Audi Israel, Dominus Deus noster, Dominus unus est.* Cap. 6. v. 4.

† *Benedicat nos Deus, Deus noster; benedicat nos Deus, & metuant eum omnes fines terre.* Plal. 66. v. 7; & 8.

Tria repetitio nominis Helohim, sive Dei non caret mysterio Sanctissima Triadis, que per Evangelium apud omnes populos innotuit... usurpatat singulare in verbo benedicat & pronomine eum ob essentialem unitatem: Plurale in nomine Helohim propter Personarum Trinitatem. Sic enim tres in Divinis Persona in una conveniunt essentia. Geueb. in Psalm. 66. v. 7.

Seria no Psalmista, ou negligencia:
 Dizello não podeis: Logo a verdade
 Já vos mostra o Mysterio da Trindade.

Nem cuideis que a noção sómente he minha:
 Nesta sagrada maxima convinha

A vossa Synagoga, quando estava

Com menos confusão; * pois se chamava

A voz do Empyreo a Deos três vezes Santo;

Sempre entendeu, sem susto, nem espanto,

Que este três vezes Santo, o referia

Tanto ao Pai como ao Filho, e ao Procedente:

Se a vossa intelligencia se confia

Nos Doutores Hebreos, assim o sente

O vosso Rabbî Ibba: † Sem mudança

O díz Rabbî Simeão: estes Doutores.

São dos vossos mais sabios Professores.

R 4

Se-

* *Bis in die, scilicet oriente, & occidente sole, tam hec Isaia, vel potius seraphim verba, quam illa Mosis Deut. 6. 4. juxta Hebraicum textum: Audi Israel, Deus, Deus noster, Deus unus est à quolibet Judo quotidie recitentur. Quod apud eos ad sua usque tempora perseverasse aserit; nimirum ut ita personarum, Trinitatem cum Divine essentie unitate profiterentur. A' Lapid. in Hsajam, cap. 6. v. 1.*

† *Veteres Rabbinii sic exponunt, ut R. simcon filius Josi: Sanctus, inquit, hic est Pater; Sanctus, hic est Filius; Sanctus, hic Spiritus Sanctus; teste Galatino lib. 2. cap. 1. apud A' Lapid. supra. Citat. & Genebrardus in fin. lib. 1. Chron. Veterem Rabbinum R. Ibba, qui dicit hos tres Kados idest Sanctus, alibi vocari tria specula, tria luminaria, tres supremos patres, principio, & sine carentes, alibi vocari coronam, sapientiam, & intelligentiam, alibi tria lodim designantia tres Jehova, idest tres personas Divinas.*

Idem A' Lap. loco supra citat.

Senaõ vos contentais com estes Mestres,
 Hum taõ douto darei, de tal conceito,
 Que a Synagoga, cheia de respeito
 Ficarã, se he que chego a produzillo:
 Este he o Author do Targo: Author taõ grande,
 Que a Hebraica Naçaõ quer que se mande
 Seu nome à eternidade, e repetillo
 Naõ pode inda o Thalmud, sem que notoria
 Faça a sua eminencia na memoria.

Já sei que me allegais com Jonathano; *
 Responde o Hebreo: Foi homem mais q̃ humano:
 E se acaso elle diz o que disseraõ
 Os outros dois Rabbinos; daqui digo
 Que as minhas objeçoens se suspenderaõ:
 Desde hoje, se elle o diz, a Roma sigo,
 Desamparo o Thalmud, e alegre approvo
 Tudo o que achar no Testamento novo.

O grande Jonathano se fallasse
 Desse mysterio taõ precisamente,
 Nem huma vóz se quer da nossa gente

Seria

* *Jonathano* He o Rabbino mais venerado entre os Hebreos. O seu mesmo Thalmud lhe dá huma grande veneraçã no Codex *Bavà-Batrà*, cap. 8. pag. 134. Foi *Jonathano* filho de *Huziel*, e os Hebreos o fazem Coetaneo dos Prophetas *Aggeò*, *Zacharias*, e *Malachias*, dos quaes na sua mocidade recebera a *Lei Oral*; e que na eschola do famoso *Hillel* fora condiscipulo do grande Rabbino *João*, filho de *Zaccai*; em fim elle se reputa na Synagoga pelo primeiro; depois dos Patriarchas, e Prophetas.

Seria verosimil, que o negasse :
 Quando o dizeis estais n'algum lethargo,
 Porque sei que a Paráphrase do Targo,
 Da Trindade não falla, antes intenta
 O Thalmud na doutrina, que sustenta,
 Fundado em Zacharias, que eu não tome
 Mais q̄ hum Deos, que he hū só; hū só seu nome.*

O Escriptor, que o assevera he Galatino; †
 Responde ao Hebreo o Sabio Peregrino:
 Homem maior, que Jonathano: illustre
 Por doutrina, costumes, e advertencia:
 E senão quereis darlhe a preheminnencia
 Por ser Author Christão; será forçoso
 Que eu me atreva a dizervos que sabia
 Tanto, ou mais, do que vós, a Theologia
 Do Targo, e do Thalmud: se as Polyglottas,*
 Se o Thalmud, e se o Targo não produzem
 De Jonathano o explicito Trisfagio;
 Todos estes silencias não induzem

Que

* *Erit Dominus unus, & erit nomen ejus unum.* Zach. cap. 14. v. 9.
 † Pedro Galatino, Religioso observantissimo de S. Francisco, e doutis-
 simo Theologo compoz hum livro que intitolou de *Archanis catholica ve-
 ritatis in hebraicis libris, praesertim in Thalmud inventis.*
 * Galatino, que viveu no seculo decimo quinto; affirma que nas Bi-
 blias de impressãõ mais antiga se achava a traducçãõ de Jonathano expli-
 cada com o Trisfagio de Isaias pelo modo, que temos referido, e attesta
 que elle o vira, de que se segue que o não acharse hoje nas Biblias
 Hebraicas, foi pela supressãõ, que lhe fizeram os Rabbinos modernos.

Que elle o não escrevesse: este naufragio
 (Vénia me permitti para dizello)
 Esta calamidade , este flagello ,
 Destes , e outros escriptos , a perfidia
 Dos vossos próprios Mestres lho causaraõ:
 No torpe esquecimento os sepultaraõ ,
 Sem outra culpa mais , que a claridade ,
 Com que expunhaõ as luzes da verdade.

Mas já , nem Jonathano , ou Galatino ,
 Nem Ibba , nem Simecaõ , quero allegarvos :
 Author vos quero produzir agora ,
 Que não contradicteis : Póde informarvos
 Com toda a segurança a luz , que adora
 Vossa mesma Naçaõ ? Pois o que allego
 He não menos que o authenticico volume
 Do grande Texto Hebreo : Talvez presume
 Desordenallo o vosso arrojo cego ?
 Imagino que não se atreva a tanto :
 Converttei em obsequio o vosso espanto.

Falla Moyfes da criação dos Orbes ,
 E que Deos no principio he que os criara :
 Do *Helobim* , que he dicçaõ expressa , e clara ,
 Que significa *Deoses* , usa o Texto :
 E tambem de *bará* , que corresponde
 Ao singular do verbo : este sentido ,

Do Hebraico fielmente traduzido,
 Nos faz: *Deoses criou o Ceo, e a Terra;*
 Se huma pelloa só o Verbo encerra,
 Como o caso tem mais? * Heis de dizerme
 Que Moyfes na grammatica delira,
 Ou não podeis deixar de concederme,
 Que deste mesmo Oraculo se tira
 Que o singular do Verbo mostra a essencia,
 E o plural das pelloas hum Deos Trino;
 Pois não póde haver mais no ser divino:
 Mais não; porque no Filho, e Procedente

Toda

* Alguns Hebreos, fundados na authoridade de Rab. *Aben-hezra*, pretendem que o nominativo no singular e o Verbo no plural he phrase peculiar da lingua Hebraica. Mas *S. Jeronymo* observou depois de huma grande meditação sobre a propriedade desta lingua, que ella não usa de semelhante phrase; e que sempre denota hum grande mysterio este modo de fallar, ou que debaixo d'elle se occulta alguma mysteriosa significação; e no *Berescith Ketana* se lê: *Nisi hic sermo scriptus fuisset, non licuisset dicere: Creavit Elohim.* O mesmo tem *Moyfes Hadar*, e outros *Rabbinos*, allegados por *Gallatino* lib. 2. cap. 9. e por confissão dos *Rabbinos* mais antigos, esta phrase do verbo no plural, e o nominativo no singular não he propria, e natural da lingua Hebraica, mas sempre indúz o segredo de alguma significação occulta. Com este mesmo texto coincidem outros muitos, que se achão no Testamento velho, como aquelles do *Genesis*: *Facimus hominem; Et creavit Deus hominem. Descendamus, Et confundamus linguam eorum; Descendit Dominus. Apparuerunt Dii: Fac tibi altare Deo, qui apparuit tibi:* e o do cap. 23. de *Jeremias*: *Pervertisti verba Deorum viventium: Verba Domini exercituum, &c.* Interpretáos os Hebreos que o *Descendamus*, e o *Faciamus* são modos de fallar, competentes à Magellate Divina, a cuja imitação costumão fallar tambem no plural os Monarcas da terra.

Theodoreto na Quest. 21. in *Genes.* dá a esta objecção huma boa resposta: *Si Deus propter auctoritatum, ac maiestatem de se loqui retur in plurali, apponisset eum ita loqui, vel semper, vel ut plurimum, praesertim cum legem daret in Sina.*

Toda a fecundidade Omnipotente,
 Que chamamos *ad intra*, alli se acaba:
 Menos não, porque em seio, tão profundo,
 Deve lograr-se o immenso no fecundo,

Eu não sei que vos diga: grande força
 (Lhe diz o Hebreo) me faz esse argumento:
 Mas não pôde alcançar o pensamento
 A luz; com que o Mysterio se illumina;
 Nem pôde reduzir-me alguma instancia
 A que eu veja, e á que eu creia a repugnancia.

Duvidais (diz o Herôe) que o Filho, sendo
 Gerado pelo Pai; e procedendo
 De ambos o Santo Espirito, se iguaem
 No tempo, e no podêr: e que huma essencia
 Tenha a sua insondavel subsistencia
 Em tres iguaes Pessoas: Sei que ao humano
 Discurso excede tão divino arcano:
 Mas se tivesse nelle algum imperio,
 Não deixaria entãõ de ser Mysterio?

Como quereis que a misera fraqueza
 Da vossa intellecção suba à grandeza
 De tão excelsa luz; sem que a subida
 Se veja em tanto affombro submergida?

Para crêr o Myfterio da Trindade,
 Primeiro se ha de crêr a Divindade,
 E o advento do Messias: se vós crêres.
 Em tanta prophesia, que a Judea
 Já vio verificada; a vossa idea,
 Sem mais outra razão, outro luzeiro,
 Vos dirá que o Myfterio he verdadeiro;
 Basta a razão, e a luz, que não periga,
 De que Deos o revella, e Deos o diga.

Se o Messias he Christo, e he Deos, e homem:
 Se elle he toda a esperanza dos Prophetas:
 Se não podeis negar que estão completas
 Todas as predicçoens no seu advento:
 Nem myfterio, nem lei, nem sacramento
 Negar tambem podeis; pois Elle o ensina,
 Elle o diz, o dispoem, o determina:

Em tudo que nos move, e nos explana
 He certo que não mente, nem engana;
 Pois implica que hum Nume tão glorioso
 Chegasse a ser, ou falso, ou mentiroso.

E para que entre nós mais firme seja
 Taõ alto resplendor, à sua Igreja
 O quiz deixar impresso: o Mundo todo

Se esclareceu com elle : deste modo
 A razão cede à lei : cede o discurso
 A^o palavra divina : este concurso
 Não serve de exemplar à Synagoga :
 O mysterio despreza, a lei derroga :
 Para mostrar na pérfida efficacia
 A sua antiga, e indocil contumacia.

Se me desseis agora algum exemplo,
 Que melhor o Mysterio me explicasse
 (Ao Herôe diz o Hebreo, quasi rendido)
 Talvez que me deixassem persuadido
 Tantas instancias, como tendes feito :
 Bem que vejo não pôde declarar-se
 O Portento n'alguma semelhança ;
 O Peregrino diz : * Verei se posso,
 Inda que seja n'hum exemplo grosso,
 Qual pôde permitir huma potencia,
 Taõ fraca, como a nossa intelligencia,
 Mostrarvos do Mysterio o ser divino,
 Como a imagem no espelho cristalino.

Vede-

* *Secretum Trinitatis, nec ulla visibilibus, nec invisibilibus creaturarum potuit investigare natura;* Hormisd. Papa in Epist. ad Iust.

Impossibile est generationis Verbi Divini Scire Secretum: mens defecit, vos silet. Div. Ambrô. de Fide, Cap. xi.

Quenam tandem vis intelligendi, quæ vivacitas rationis quæ acies cogitationis ostendent, quomodo sit Trinitas? Div. Aug. de Trinitat. Lib. xv cap. xvi.

Vede-vos n^o hum espelho: ao mesmo instante
Não resulta huma imagem semelhante
Em tudo a vós no diaphano composto?
Hum intrinseco affecto, hum grande gosto
Não se produz tambem deste reflexo?
Pois assim vendo Deos a sua imagem
Em si mesmo, gerou no mesmo ponto
Outro igual a si mesmo: e deste affecto
Se produzio o espirito completo
Igual tambem a Ambos: Sendo tudo
No mesmo tempo, e instante reflectido,
Tudo gerado, tudo produzido.

Porém notai aqui huma distancia:
Em tudo o que Deos houve, foi substancia;
E tudo o que em nós há, hé accidente
De hum raio inflexo, de hum cristal luzente:

O exemplo (diz o Hebreo) desfata as sombras
Tanto no meu discurso, que não tenho
Na minha intellecção maior empenho,
Que confessar o engano, em que vivia:

Vendo o Turco que o Hebreo já se rendia,
Não se pode apartar deste dictame:

Agora falta proseguir no exame
(Lhe diz o Peregrino) da Colonia,

Que

Que hoje aqui vos produz, e aqui celebra
 O impulso escandaloso de Ginebra.
 O Rabbino, que a gente Visitava
 Também da Povoação, acompanhava
 Com Mahumed ao Herôde: em tempo breve
 A Cidade chegarão: Do primeiro
 Ministro, onde a doutrina tem o auxilio,
 Entrarão no soberbo domicilio,
 A tempo que na pompa de huma sala
 Entre hum grande congresso se affinala
 Na eloquencia, e nas duvidas, que explica:
 Toda aquella Assembleia se amplifica
 Em varias opinioens: Huns de Luthero,
 De Calvinó outros tem o dogma opposto:
 O Ministro pretende achar a emenda
 Nas suas direcçoens desta contenda.
 Os hospedes recebe com agrado;
 E depois ja de ter manifestado
 Toda a sua doutrina, o Herôde lhe pede
 Licença para exporlhe o que duvida
 Na mesma exposiçãõ: elle a concede:
 Com os raios do espirito convêda
 A que fique o silencio do concurso
 Naquelle obsequio, que o respeito lavra,
 Ou ancioso, ou pendente da palavra.

TRI-

TRIUMPHO
 DA
 RELIGIAO

Poema Epico-polemico.

LIVRO VIII.

*Contra o Lutheranism, e Calvinismo.**

T Omando a coiza desde o seu principio,
 O Peregrino diz: Dar-me heis licença
 Que eu vos traga à memoria, sem offensa
 Da vossa erudição, a injusta causa,
 Que vosso Mestre, ou que Luthero toma
 Para impugnar as maximas de Roma.

Orgulhofas as armas Mahometanas
 Com as victorias, que lhes dava a Persia,

S

E

* No exordio deste livro se mostra a Origem destas duas Seitas.

E a conquista de Rhodes, * se temia
 Talvêz o Vaticano, que viria
 O mesmo insulto à Italia: Governava
 Leam decimo com susto vigilante
 O leme do Navio Militante;
 E para prevenir este receio,
 Com repetido ardor, recorre ao meio
 De persuadir a toda a Christandade
 O perigo commum: à dignidade
 Do rogo ajunta o premio da Indulgencia:
 Abre do Santo Erario a providencia:
 Com huma Bulla a guerra santifica,
 E às Potencias Christans a communica.

Na Alemanha foi della Commissario,
 De Moguncia o Arcebispo: era ordinario
 Que os Sabios Eremitas de Agostinho
 Annunciassem no pulpito o caminho
 Do Ceô com este indulto: No respeito,
 Com que a Luthero Vitemberga illustra,

Ti-

* *Solymaõ*, Imperador dos Turcos, depois de fazer huma grande irrupçaõ na Hungria, e conquistar nella muitas praças, poz sitio com mais de 200U homens à Ilha de *Rhodes* no anno de 1523: os Cavaleiros de S. Joaõ de Jerusaleem a defenderaõ com grande valor, e com grande estrago dos sitiadores; mas o seu grande numero lhes deu a victoria. Daqui passou *Solymaõ* à Persia, e depois de conquistar muitas Provincias naquelle Imperio, se coroou Rei dellas em *Babilonia*; sem opposiçaõ do *Sophi Thamas* q̄ sempre se desviou de se encontrar com os *Turcos*. Esta felicidade das suas armas he que causou o receio à Igreja; e produzio a Bulla da Cruzada, que mandou promulgar o Papa *Leam decimo*.

Tinha formado hum solido conceito
Que a Bulla lhe dariaõ ; porém frustra
Esta ideia o rumor, que estava dada
A outro Nuncio † a Bulla da Cruzada.

Impaciente ficou desta noticia:
De huma enveja mortal toda a malicia
Seu peito consumio ; e o desafogo
Da torpe chama, do violento fogo
Foi dizer que a Indulgencia era hum engano
Huma illusão de Roma, hum meio infano,
Em que encobria, com hum santo intento,
Da ambição o perverso pensamento.

Fêz em toda a Cidade hum grande ruido
Esta proposição ; e era o partido
De Luthero nas Aulas numerofo:
Com hum Breve de Roma foi forçoso
Que desse conta desta torpe injuria
Ante o Legado , que adoptava a Curia
Nas Cidades do Imperio : Sem certeza
Responde à accusação , e segue a empreza
Ao depois de esfôrçar o seu absurdo :

S 2

Em

† Deu-se a *João Testzelio*, ou *Testzel* frade *Dominico*, e famoso na quelle tempo pela sua concionação, letras, e virtudes.

Em Leipfigh no combate de João Ecchio *
 Acabou de mostrar a contumacia:
 Resolveu finalmente a fua audacia
 A descobrir a mascara: O primeiro
 Enfaio deste arrojo foi o escrito,
 Ao qual o nome deu de *cativeiro*
Babilonico, cheio de hum precito
 Furor, tomando nelle a authoridade
 De fer reformador da Christandade.

Aqui negou que havia Purgatorio:
 Desprezou todo o impulso meritorio:
 De Christo o Sangue, e a Fé, fem penitencia,
 Dizia fer bastante segurança
 Para alcançar a Bemaventurança:
 Que na Meza Sagrada estava o Corpo,
 E o Sangue com o paõ, e com o vinho:
 Que a vontade não tinha algum caminho.
 Que eleger: Que era o culto das Imagens
 Idolatria explicita: Que a Igreja
 Prevaricada estava nos abusos:
 Que os Papas eraõ só Bispos intrusos:
 Das Chaves o podêr, que o não havia,
 Que a Tradição canonica não era

Mais;

* João Ecchio era o Escripturario mais eminente da quella idade: apertou de forte a *Luthero*, que não teve que responder: envergonhado, e irritado, se resolveu a descobriſe, fiado no patrocínio do *Duque de Saxonia*.

Mais, do que huma invenção, e huma quimera.

Todos estes delirios se prégavaõ

No tempo, em que os espiritos clamavaõ *

Do Clero contra algumas impaciencias :

Ouviaõ-se com gosto as insolencias,

Que as vozes de Luthero encareciaõ :

Da mesma sorte os Principes ouviaõ

Pelo interesse proprio, algum pretexto

De sacudir o jugo, que o dominio

De Carlos tinha posto no desinio

Da sua rebelliaõ ; † mas a batalha

Do Elba, †† desconcerta este refugio,

Que Luthero encontrava, e os mais Sectarios

S 3

Nas

* Não se pôde negar que era grande a corrupção de costumes no Clero de *Alemanha*; e por estarem os Seculares irritados contra o seu procedimento foi hum dos maiores motivos para se ouvirem com alvoroço as novas doutrinas de *Luthero*. Os Concilios de *Piza*, e de *Constanza* tinhaõ clamado por esta reforma Ecclesiastica. *Josão Gerson* Cancellario de *Paris*, e famoso entre os fastos da Igreja fêz sobre esta materia huma vehemente oração ao Concilio de *Piza* diante do *Papa Alexandre V.* o *Cardeal Pedro de Ailli*, Arcebispo, e Principe de *Cambrai* seguiu os clamores deste seu Mestre; e não foraõ menores os que expoz o *Cardeal Juliaõ* ao *Pontifice Eugenio Quarto* na sua 1. Epist; que vem entre as obras de *Eneas Silvio* pag. 66. Veja-se o que diz o *Senhor Bossus* na sua *Hist. das Variac. das Igr. j. Protest. no exord. do livr. 1.*

† Estes Principes, que para sacudirem o jugo do dominio *Imperial* pretextavaõ a rebeldia com a Religiaõ, eraõ os principaes, *Josão Frederico Duque, e Eleitor de Saxonia*; *Philippe Lantgrave de Hesse*; o *Conde Palatino*, e outros *Dynastas* menos poderosos a quem seguiaõ muitas Cidades de grande consideração, como *Augusta, Ulma, Argentina, Francfort, Lubech, Brema, Brunsvich, Hamburgo, Norimberga, Norlingh, Rotemburgh*; e outras.

†† Chegavaõ em fim a tomar as armas contra o seu mesmo Imperador

Nas Cortes destes Principes : A varios
Reinos, clymas, Provincias, e disditos
Se acolhem, como miseros proscritos
De huma decreto Imperial : Osiandre a Prussia
Procura : Ochino vai para Ginebra ;
Para a Helvecia Zvvingle, e Oecolampadio ;
De Luthero se aparta Carslostadio, *
Com nova exposiçaõ, de que na Ceia
Só existe do Corpo, e Sangue a ideia.

Divide-se a reforma em dois partidos :
Já todos se combatem desunidos :
Huns se chamaõ nos perfidos enganos,
Sacramentarios, outros, Lutheranos.

Ap-

Carlos V; e avistando-se os exercitos de catholicos, e herejes junto do rio *Elba* se deu a batalha em que ficaraõ vencidos os Lutheranos, e prisioneiro a sua maior cabeça, qual era o Duque de Saxonia : Carlos lhe deu sentença de morte ; mas ainda que ao depois lhe concedeu a vida pela sua grande piedade, e pela intercessãõ de alguns grandes senhores seus parentes, e de *Sibylla* sua mulher, o deixou de forte, que não pôde continuar o patrocínio aos sectarios de *Luthero*; cujo successo fez tambem render o orgulho do *Lantgrave*, fôgeitando-se aos artigos, que lhe impos o Imperador : este profcreveu os Ministros Lutheranos do Imperio com hum edito Imperial; e assim se espalharãõ todos por diversas Provincias.

* *André Carslostadio* se desgostou com seu Mestre *Luthero*, o que deu motivo a apartar-se da sua doutrina, e para a combater no mais principal, negou-lhe q o Corpo, e Sangue de Christo estivesse com o paõ e vinho na *Eucharistia*, mas que só estava a figura; e não a realidade do Sangue, e Corpo de Christo : *Carslostadio* não tinha destreza para sustentar esta opiniaõ, ainda que foi o *A. della*, tendo talvez alguma noticia do que tinha dito *Berengario*, que foi o primeiro que a levou; porém *Zwingle* se aproveitou desta ideia, e com os seus artificios instituiu a heresia nova dos Sacramentarios taõ inimigos dos Lutheranos, como os mesmos Catholicos, em que por muitos tempos tiverãõ repetidos, e vergonhosos combates.

Apparece Calvino neste tempo , *
E inclina-se ao conceito da figura :
Com despenho correo a Seita impura :
Como se fosse rapida torrente
Innunda toda a Olanda de repente ,
Polonia, e Dinamarca : passa a França :
Nella executada a tragica mudança ,
Que padeceu no impulso arrebatado
De Francisco segundo o Principado , †
Sem que em tanto oppressão a modifique
O nono Carlos , e o terceiro Henrique.
Não quero ponderarvos os costumes
Destes primeiros Mestres ; os volumes
Dos vossos Escriptores nos informão
Da horrenda corrupção dos seus progressos :
Vos podeis advertir se estes excessos
São dignos de huma luz, em que se veja
A missãõ, e a reforma de huma Igreja.

Nem tão pouco pertendo dilatarme
Em todas as questões , que tendes feito

S 4

Para

* João Calvino natural da Picardia , bem conhecido pelos disturbios que causou em França : tomou huma nova ideia entre o discurso dos Lutheranos , e Sacramentarios.

† Francisco 2. Carlos 9. Henrique 3. filhos de Henrique 2. e da Rainha Catherina de Medices : em cujos tres Reinados succederão as guerras Civis de França causadas pela heresia dos Principes de Condè, de Garpar de Coligni , e de outros senhores Francezes até a abjuraçãõ, que fêz Henrique Quarto, o grande, a qual deu o Reino à Casa de Bourbon.

Para firmar o heretico conceito :

Aos pontos principaes quero cingirme,

Vede se estes seraõ: O Purgatorio,

A Justificação, a Penitencia

A Tradicção, a Missa, a Reverencia

Das Imagens, a Invocação dos Santos,

Os Sacramentos; e podêr das Chaves?

Os artigos mais serios, e mais graves,

Que ha nas nossas questoes (diz o Ministro)

São elles que dizeis: Só na Escripura

Aceitarei a prova: Conjectura

Não hei de consentirvos : Se mostrares

Da pagina divina entre os lugares,

Algun, que o Purgatorio tenha pronto,

Largo a disputa do primeiro ponto.

Eu tenho em S. Matheos lugar expresso,

Acode o Peregrino: Pois affirma *

Que ha peccado em que o indulto não se admite,

Nem nesta, ou na outra vida se remitte:

E se ha peccado, que se não perdoa

Depois da morte, consequencia he boa,

Que depois della, póde haver peccado,

Que mereça perdaõ : Se coinquinado

Ninguem entra no Cêo, será forçoso

Que

* Qui autem dixerit contra Spiritum Sanctum, non remittetur ei neque in hoc Seculo, neque in futuro. cap. 12. v. 32.

Que se dê no outro Mundo algum districto,
Em que possa expiar-se este delicto.

O Apostolo nos diz que o excelso nome
Se adora de Jesus, inda no Inferno: *

Naõ podeis conceber no fogo eterno

Taõ pia adoraçãõ; logo he notorio

Que este Inferno ha de ser o *Purgatorio*:

Elle nos diz tambem que pela chama †

Ha de haver salvaçãõ: na que se inflama

Com supplicio immortal, naõ póde havella;

Logo será preciso concebella

Noutro fogo distinto: No segundo

Livro dos Machabeos, expressamente

Tendes este lugar, que se duvida: ††

Nessa somma de prata remetida

Por Judas à Cidade, e destinada

Dos mortos ao suffragio, está provada

Toda a nossa questaõ: Eu me rendera

(Diz o Ministro) ao Texto, se tivera

Por Canonico o Livro: Envergonhaivos

(Lhe

* *Ut in nomine JESU omne genu flectatur, Caelestium, terrestrium, & infernorum.* ad Philip. cap. 2. v. 10.

† *Uniuscujusque opus, quale sit, ignis probabit ... si cujus opus arserit, detrimentum patietur, ipse autem salvus erit; sic tamen quasi per ignem.* 1. ad Corinth. cap. 3. v. 14. & 15.

†† *sancta ergo, & salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis solvantur.* cap. 12. v. 43; & 46.

(Lhe diz o Herôe) de expôr esse conceito:
 Pois senão tem Lutherô o livro aceito,
 Foi porque nelle achava taõ distinto
 O lugar, que negou: Que authoridade
 Teve Lutherô para intentar o arrojô
 De pertender na Biblia este despojo?
 Elle mesmo confessa na disputa
 De Leipfigh, que ha na Biblia o Purgatorio;
 E que a alma em seus miseros contagios *
 Deve ser socorrida com suffragios.

Passemos ao outro ponto de mais força:

A *Justificação*, que o homem leva
 Da culpa para a graça; a enreda tanto
 A vossa confusão, que se levanto,
 Nesta disputa as duvidas, que a cercaõ,
 Entraria n'hum cego labyrintho;
 Por isso hirei sómente ao mais distinto.

Eu digo que a justiça inhere a alma,
 Vós dizeis que se imputa: Assim o affirma
 (Diz o Ministro) a confissão de Augusta: **

Fun-

* *Credo fortiter, inò ausim dicere, scis Purgatorium esse: facile persuadeor
 ut in Scriptura de eo fieri mentionem ego nihil de Purgatorio novi nisi
 animas ibi pati nostris operibus, & orationibus juvandas. Luther. in Dis-
 put. Lips. 8. Julii, 1519.*

** *Item docent quod homines non possint justificari coram Deo propriis viribus
 & peccata remitti propter Christum qui sua morte pro nostris peccatis satis-
 fecit ... Hunc fidem imputat Deus pro justitia coram ipso. In confessione,
 Augustan. art. 4. de Justificat. homin.*

Funda-se em que seria ideia injusta
 O conceber em nós essa *justiça*,
 Que a Christo só se deve: accusa Paulo
 Ao Judeo de que a sua só procura,
 E à de Christo não olha; * elle assegura
 Que só Christo he que a tem; e em nós a ordena:
 Que a *adopção*, que nos fêz só conceberse
 Pode extrinsecamente: Que hum vestido
 A *justiça* nos foi pelo sentido
 Do mesmo Paulo; e aquillo, que se veste
 Não póde ser intrinseco: Se accusa
 O Apostolo (responde o Peregrino)
 Ao Judeo, he sómente o desatino
 De entender, que dos ritos a observancia
 O poderá salvar, sem a constancia
 Da Fé do Redemptor: se Elle *justiça*
 Se chama para nós, tambem a nossa
Ressurreição se chama, e desta forte
 Imputada tambem depois da morte
 Nos fora; e ficaria o novo estado
 N^huma apparencia só resuscitado:
 Se quem fâz a *adopção*, talvez podera
 Fazella *filiação*, elle a fizera:
 Deos a póde fazer; logo caduca
 A vossa semelhança; e juntamente

A

A do vestido extrinseco: Presente
 Presumo que estareis tambem nos Psalmos?
 Nelles se acha que Deos da fortaleza *
 Se veste; e não direis que esta firmeza
Extrinseca se fâz: Notai da alma,
 E do corpo a distancia, e entã veremos
 Se encontráis semelhanças nos extremos.

Escusarei agora de advertir-vos
 Os Textos, que podera produzir-vos
 Para provar a graça; e que a justiça
 He inherente à alma: Passo às obras,
 Com que ella se consegue: A Fé, sem ellas
 (Diz o Ministro) basta: Quereis vellas
 Na Escritura escusadas? Lede a Paulo,
 Que está sempre affirmando em varios Textos,
 Que o homem com a Fé se justifica
 Sem as Obras da lêi: † E quem se implica
 (Diz o Herôe) de que o Apostolo não falla
 Dos ritos, que propunha a synagoga?
 Outro Apostolo dou, que vos derroga

Essa

* *Indutus est Dominus fortitudinem, & præcinxit se.* Psalm. 92. v. 1.

† *Arbitramur hominem, justificari per fidem, sine operibus legis.* Ad Roman. cap. 3. v. 18.

Non justificatur homo ex operibus legis, nisi per fidem JESU Christi. Ad Galat. cap. 2. v. 16.

Concordaõ com estes textos os da Epist. ad Ephes. cap. 2. v. 8 ad Philipp. cap. 3. v. 9. ad Tit. cap. 3. v. 5.

Essa ideia; pois diz que está defunta,
Sem as obras, a Fé: † Jacobo o disse:

Na refórma esse Texto não se aceita
(Reconvem o Ministro) e se o regeita
He por não ser Canonico: Luthero
O separou da Biblia: Com que causa,
Acode o Herôe? Quem deu ao vosso Mestre;
Metido n'hum escandalo terrestre,
Privilegio, ou poder, para que ousado
Despreze o mais sublime, o mais sagrado?
Mudai de soluçoens; porque indeciso
O obsequio, não deixeis no vosso juizo:
Em havendo algum Texto que condemne
Da reforma os delirios, he bastante
Que diga o vosso Mestre: *Não aceito
Esse Texto*; inventando-lhe o defeito
De que não he canonico? Suppondes
Que póde consentirse este recurso?
Que homem se póde achar d'algum discurso
Que não se ria, e zombe deste asylo?
Se a controversia admitte hum tal estylo,
Que lugar, ou que pagina segura,
Encontrar já podemos na Escriptura?
Vamos à *Penitencia*: Por abuso

Na

† Sicut enim corpus, sine spiritu, mortuum est, & fides, sine operibus, mortua est cap. 2. v. 26.

Na fé Romana a tem os Calvinistas ;
 Continua o Ministro : elles assentaõ
 Que todos os seus filhos se alimentaõ
 Na *Predestinaçãõ* ; e que não pôde
 Haver peccado algum , que lha incommode ;
 Pois nenhuma protervia contamina
 A mesma filiaçãõ , que os predestina.

O Lutherano diz que a *Penitencia*
 He hum terror sómente da consciencia
 Na reflexãõ da culpa : * Deos a absolve : **
 E com esta reposta se dissolve
 A vossa *confissãõ* ; pois não se achando
 Na Biblia tal preceito ; quanto à culpa ,
 He odiosa observancia o preferilla
 A quem não tem poder de remitilla.

De Jacobo na Epistola bem clara
 (Lhe adverte o Peregrino) e bem expressa
 Tendes a *confissãõ* : † De que servia

Ter

* *Apud Lutheranos dua statuuntur propriae, & essentielles partes penitentiae, contritio, & fides: Contritio sunt terrores conscientiae incussi à lege agnitò peccato, & ira Dei; Fides conscientiam iterum consolatur, dum territus firmiter credis sibi remitti peccata propter Christum.* Pichler tom. 2. de Theol. Polem. Artic. 4. de Sacram. Pœnit. §. 21.

** *Sciendum 2. sc̄tarios aliquos, nempe Calvinistas, penitus abominari hanc peccatorum coram Sacerdote confessionem.* Calvin. lib. 3. Instit. cap. 4. §. 19. *Alios verò nempe Lutheranos docent, absolutè sufficere siquis soli Deo confiteatur sua peccata.* Id. Pichl. §. 3.

† *Confitemini alterutrum peccata vestra.* cap. 5. v. 16.

Ter dito Christo a Pedro, que *seria*
Ligado tudo aquillo, que ligasse, †
E solto tudo aquillo, que soltasse,
Se Lei a *confissão* não produzisse?

Entremos noutro ponto : Se advertisse
Em tudo o que não póde defenderse
Esta vossa refórma, conhecerse
A si mesma podera ; e não negara
Tambem a *Tradicção* : Constante ampara
As palavras da Biblia ; e não recebe
Tudo o mais, que na Igreja se concebe :
Dizeime : qual he a causa porque à Biblia
Tanto credito dais ? He porque nella
Falla Deos : Não he assim ? E quem decide
Que Deos na Biblia falla ? Ha quem liquide
Esta certeza ? Quem ? Se eu nego agora
Que Deos falle na Biblia, e nella esteja,
Donde haveis de provarme que assim seja ?
Sem haver *Tradicção*, he impossivel :
Pois se ella aqui se fâz tão infalivel,
Porque nas outras partes evidente
Não ficará tambem ? Vamos à *Missa* :
Hoje a não consentís, sendo Lutherano

Tão

† Et tibi dabo Claves regni Cœlorum, & quodcunque ligaveris super terram
erit ligatum, & in Cœlis ; & quodcunque solveris super terram erit solutum,
& in Cœlis. Math. cap. 16. v. 16.

Taõ frequente no Altar : Qual he o indicio
 Da vossa *adoração*? O Sacrificio ,
 Com que se reconhece a Divindade
 He taõ antigo , como o mesmo Mundo :
 Supponho que alcançais esta verdade
 Nos de Abêl , e Caím : Quando do fundo
 Das agoas surge a Terra , acende as aras
 Noê : Melchisedech as continûa :
 Abrahâm , Jacob , tambem as perpetua :
 A Moysês manda Deos que lhe immolasse
 O Cordeiro Paschal ; e nunca exhausto
 O Altar se conheceu entre os Levitas ,
 Desde entaõ , ou da hostia , ou do holochausto :
 Sendo , pois , toda a Lei dos Israelitas
 Antecipada luz da Lei da graça ;
 E sendo o Sacrificio indispensavel ;
 Onde o holochausto , a hostia , a ara , offerta
 Se conserva entre vós? a onde aberta
 Se encontra a *adoração* na excelsa guia
 De votar-se à immortal Soberania?
 Nada tem a reforma , que proponha
 Mais , que expor à verdade esta vergonha ,

Julgais idolatria aquelle culto ,
 Que às *Imagens* dos Santos concedemos :
 O Exemplar respeitamos , e esse vulto

Só nos serve nos rogos, que fazemos
De fixar o Conceito d'esse Santo
A quem nos dirigimos: exclusivo
Fica o culto do lenho; e respectivo
Sómente a tudo o que elle representa:
Dizeime: a onde em voto taõ regrado
A nossa idolatria se sustenta?

Juntamente nos tendes accusado,
Que sendo Christo só o Medianeiro
Entre os homens, e o Pai; os nossos rogos
Aos Santos esta gloria he que concedem:
Porém vede que os Santos intercedem;
E nesta intercessaõ só lhe pedimos
Ajuda, e não despacho: e quem ignora
Que neste puro auxilio se melhora
O nosso rogo, sem alguma offensa
De huma sacra, e sublime reconpensa?

A mesma confusaõ nos Sacramentos
Fostes tambem seguindo: regeitastes
Confirmação, Unção, e Matrimonio,
Ordem, e Consição; e vos ficastes
Com *Ceia*, e com *Baptismo*: o patrimonio
Da vossa fé dispôz que os reduzisseis,
De sete só a dois: e com que causa

Podeis negar que o *Matrimonio* o seja,
 Se mui expressamente o pôz na Igreja
 O Apóstolo, escrevendo aos Ephesinos? *
 A *Unção* a tem Santiago, † Paulo, e as Actas:
 Da mesma sorte a *Ordem*: †† como exactas,
 E legais entre vós se constituem
 As Sagradas funções? Onde se incluem
 Os poderes, que tem vossos Pastores
 No templo, e altar, sem este Sacramento?

Se o *Baptismo* confessa o Lutherano;
 Que misero, que indigno pensamento
 Fâz delle o Calvinista! Não entende,
 Submergido no estímulo profano,
 Que não he necessario à vida eterna?
 O seu confuso espirito pertende
 Que em sendo filho do que aceita a Christo
 Se recolhe no cofre do Santuario,

Sem

* Propter hoc relinquet homo Patrem, & Matrem, & adhaerebit uxori suae, & erunt duo in carne una: Sacramentum hoc magnum est ego autem dico in Christo, & in Ecclesia. Ad Ephes. cap. 5. v. 32.

† Infirmatur quis in vobis inducat Presbyteros Ecclesiae, & orent super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini, & oratio fidei salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus, & si in peccatis fuerit, remittentur ei. Jacob. cap. 5. v. 15.

†† Ut constituas per Civitates Presbyteros, sicut & ego disposui tibi. Ad Tit. cap. 1. v. 5.

Segregate mihi Saulum, & Barnabam in opus ad quod assumpsi eos: Tunc junxerunt, & orantes, imponentesque eis manus dimiserunt illos. Act. cap. 13. v. 2. & 3.

Sem lhe ser o *Baptismo* necessario ;
E não lhe fâz violencia o texto expresso
De não entrar no Reino promettido
Quem não seja desta agoa renascido.

Entremos já no altissimo Mysterio
Da *Sacra Communhaõ*, ou no da *Ceia*,
Como vós lhe chamais: Que nova ideia
Não tendes procurado para a instancia
De firmar a exquisita extravagancia
Com que intentais romper toda a excellencia
Deste amante Esplendor da Omnipotencia?

Taõ sensual, e glotaõ se fêz *Luthero*,
Que inda o Corpo de *Christo* presumia
Que sem vinho, e sem paõ, senaõ comia:
Se vos chamaõ, por isso, *empanadores*;
Diviaõ-se chamar *figuradores*
Aos *Calvinistas*, tendo a ideia escura,
De que alli não ha mais do que a figura.

Deste opposto sentido, que combates
Emprendido não tendes? os *Magnates*
Da vossa mesma feita conhecendo
Ser esta divisaõ hum golpe horrendo,
Que daveis na *reforma*, quantas vias

Buscaraõ para as vossas demasias
 Terem fim n'humã unanime concordia?
 Mas sempre profeguiu esta discordia,
 Por mais que de *Bucer* os artificios *
 Deter quizeraõ tantos precipicios.

Vós rasgastes a tunica inconsutil
 Da Igreja com a feita; e Deos ordena
 Que vós mesmos cahisseis nesta pena
 Com o rasgo, que déstes na *refôrma*:
 Se he que o vosso discurso vos infôrma
 Da verdade, bastava este despenho
 Para veres o horror do vosso empenho.

Mas vejamos melhor este delirio,
 Respondendo com força, e brevidade
 Ao erro de *Luthero*: A Divindade
 De Christo, dîz alli, que o Corpo, e Sangue,
 Que aos Discipulos dá, à morte entregue
 Serà por seu amor: † O paõ, e o vinho

Naõ

* *Bucer* o mais artificioso, e sophistico dos *Protestantes* se acha na conferencia de *Marburgh* para conciliar a doutrina *Lutherana* com a *Calvinista*. Torna com o mesmo projecto a avizarse com *Luthero* por mandado de *Philippe*, *Lantgrave de Haffsa*, e nada se conseguiu, como da mesma forte no Consistorio de *Smacalda*. Tudo o que se concedia de huma, e outra parte nestes Ajuntamentos se fundava em Equivocos; e ao depois com novas declaraçoens sustentava cada hum a declaraçãõ da sua intelligencia.

† *Et gratias agens, fregit, & dixit: Accipite, & manducate: hoc est Corpus meum, quod pro vobis tradetur: I. ad Corinth. cap. 11. v. 24.*

Naõ foi entregue à morte ; que caminho
Toma , pois , a *reforma* para a ideia
De que o paõ , com o vinho , está na *Ceia*?

Tudo o mais , que pertende deduzirnos
Com o pronome *HOC* ; * e com o *adverbio* ,
Que aqui nos introdûz , he hum esforço
Obstinado , e infelîz do seu aborso ;
Pois nunca alcançará nessa proposta
Impulso , que destrúa esta reposta.

Nem Calvino o sentido figurado
Vos póde sustentar , tendo as palavras
Da *Ceia* todo o physico sentido
Do mesmo Corpo , e Sangue : Concebido
Já tereis (o Ministro lhe argumenta)
Que he incerto que Christo nos fallasse
Do Corpo , & Sangue , taõ precisamente ,
Como vos entendeis : Mui claramente
Nos dîz tambem que he *porta* , *que he Cordeiro* ,
Que he caminho , *que he via* ; e mais que he vinha ,
Que he caminho , Cordeiro , e tambem porta ,

T 3

Nin-

* Naõ cabem neste lugar as explicaçoens , que dã os *Protestantes* ao pronome *HOC*; ajuntando-lhe o adverbio *Sacramentaliter* ; nem o que dizem os *Calvinistas* para ideaiarem o sentido figurado: Veja-se o que diz o P. Pichl. no §. de *Transubstantiatione*. Maldonad. in *Evang.* ao text. e o senhor *Bajuz* na expolit. da *Doutrin. cath.* sobre os pontos de *Controversa*.

Ninguém diz, se talvez, senão reporta
 Do sentido à figura: Os exemplares
 Que trazeis não concluem; lhe responde
 O douto Peregrino: Vêde aonde
 Que era *Cordeiro, via, porta, e vinha,*
 Nos diz; e aonde disse que nos dava
 O seu Corpo, e o seu Sangue: Aqui fallava
 Como em hum Testamento, que fazia,
 E lá só quando os Povos instrua:
 As figuras se admittem na eloquencia;
 Mas seria huma grande negligencia
 Pôllas n'hum Testamento, aonde deve
 Tudo ser expressivo, claro, e breve,
 Terminante, objectivo, puro, exato,
 Para não duvidarse do Mandato.

Se para teres fé na mesma Biblia
 He preciso que seja respeitada
 Tambem a *Tradicção*, desordenada
 Se encontra toda a instancia da *refôrma*;
 Pois desde a Lei da Graça deduzida
 A *Transsubstanciação* está na Igreja;
 E não seî atégora que se veja
 Em Luthero, Calvino, ou Berengario
 Algum legal, e novo formulario,
 Alguma authoridade, algum respeito,
 Para arrancar da Igreja este conceito.

Ao dominio das Chaves já chegamos:
Se quereis o Pontifice o não tenha,
Onde o quereis levar? onde o desenha
O vosso ardor? Na Igreja de Polonia,
Na de Olanda, da Suecia, da Saxonia,
Da Bohemia, graõ Bretenha, Dinamarca,
Ginebra, Prussia, Helvecia? Quem corrige,
Quem modêra, dispoem, move, dirige
Quem manda, ou rege a militante Barca
Nessas vastas Provincias? Os Pastores,
Que tendes escolhido entre os horrores
Da vossa confusaõ? Donde deduzem
O Sagrado podêr? Como produzem
Os Sacros ministerios, sem caracter?
Donde o Bispado a Successaõ deriva?

Se ategora não destes a exclusiva
Ao primeiro Concilio de Nicêa:
Se inda não duvidais de que se crêa
O que elle definio; E definindo
Que a Igreja ha de ser *huma*, * como tantas
Inventais, e seguis? Se haõ de ser *Santas*
As suas direcçoens, que Santidade
Descobris na terrivel impiedade
De negar os mais altos Sacramentos,

T 4

E

E de oufarem taõ miseros alentos
 A perverter com furia exasperada
 Toda a doçura da Ethica sagrada?

Se Universal os Padres do Concilio
 Tambem à Igreja chamaõ, onde existe
 Este signal nas vossas? Não presiste
 Cada qual em doutrina mui distinta,
 Em fundamento, e regra mui diversa?
 Não se combatem com paixãõ perversa
 Sobre os mesmos dictames dos artigos?
 Não fois huns contra os outros inimigos,
 Da Religiaõ nos pontos? Se igualmente
 Hade ser *Apostolica*, que Nuncios
 Deduzis de huma maxima divina
 Para estabelecer esta doutrina?
 E se *Visivel* ha de conceberse,
 Como póde na vista conhecerse
 A vossa em quinze seculos seguidos
 Depois da Lei Christan? Se com *milagres*
 Se deve ornar, quaes saõ os da *refôrma*?
 E se *antiga* hade ser, como se fórma
 Taõ grande antiguidade desde o tempo
 Que a produzio Luthero? Que vestigios.
 Vosso Mestre nos dá dos seus prodigios,
 Para vêr que elle estava destinado

A revoltar da Igreja o antigo estado?

Para que a Lei da Natureza anime

Fallava Deos ao Mundo: Para erguella

A maior perfeição na Lei Escrita

Fallou Deos a Moysés: Para que admita

A Lei da Graça falla na Judea

O mesmo Deos ao Povo; e os Missionarios

Fallaõ a toda a Terra em Clymas varios,

Com milagres prodigios, e portentos:

Dai-me, pois, todos estes fundamentos

Para capacitar o meu destino

A' missãõ de Luthero, e de Calvino,

Cuido que bem sabeis o grande estrago

Da Igreja (insta o Ministro) quando rompe

Nessa empreza a ousadia de Luthero:

O continuado escandalo do Clero

Se tinha feito taõ insoportavel

Na dura vexação dos tristes Povos,

Que eraõ precisos huns impulsos novos

Para se rebater tanta violencia:

Gritou pelo remedio a diligencia

De Ailli, e de Gerson: da mesma sorte

Gritou tambem Juliaõ a Eugenio quarto;

E gritou com a mesma segurança

O concilio de Piza, e o de Constança :
 Mas a pezar de todos estes gritos,
 Mais se esforçava o arrojio dos delitos :
 Para o Povo livrar do impio assedio
 He que Luthero busca algum remedio ;
 Outro não acha, que mais prompto seja,
 Que emprender a *refôrma* em toda a Igreja.

Nunca cuidei que fosse taõ Zelloso
 (Diz o Herôe) esse Mestre portentoso :
 O zello da *refôrma* lhe louvara,
 Se elle primeiro a si se reformara :
 Porém romper os votos do seu claustro,
 Casarse sendo frade, e Sacerdote,
 Submergir-se na gula, e na vileza
 Da enveja, da impiedade, da torpeza ;
 Delictos de que sempre se acompanha :
 Por certo que he *refôrma* bem estranha.

Mas inda que tambem comvosco accuso
 A corrupçãõ do Clero: era este abuso
 Na Fé, ou nos costumes? Pois se inteira
 A Fé se conservava, que cegueira,
 Foi esta de Luthero, e de Calvino
 Para emprender o grande desatino
 De reformar a Fé nos seus volumes,

E relaxar o Povo nos costumes?

Inda me fica muito por dizervos ;
Mas se talvez não posso convencervos
Com este pouco , que vos tenho dito ,
He de balde accusar o vosso rito ;
E inutil o prégar o desengano
A quem se lisonjeia do seu dano.

Não he (diz o Ministro) esta materia
Da nossa salvaçãõ taõ pouco seria ;
Que a intente desprezar : Para alcançares
A impressãõ , que recebo , e me explicares
Mais a vossa doutrina , daime o gosto
De aqui vos dilatar mais algum tempo :
Conveio o Peregrino nesta offerta :
E aquella mesma noite se desperta
O Ministro do sono , em que vivia :
Allí tambem o Herôe lhe referia
O que ao Turco , e Rabbino acontecera :
A noticia lhe dá do que fizera
Entre os Deistas , e entre os Libertinos ;
E que a estas Colonias já voltava ,
Onde seu Pai há tempo que o eiperava.

Resolveu-se o Ministro a hir com elle ,

O Rabbino, e Mahumed: Todos desejaõ
 Vêr tambem o que o Herôe tinha alcançado
 Nas duas Povoações: O novo agrado
 Da Doutrina os movia, com o intento
 De mais assegurar seu pensamento,
 Ou talvêz de encontrar na semelhança
 Naõ a desculpa; o gosto da mudança.

Do Mînistro, do Hebreo, do Turco, e Genio,
 Acompanhado o Herôe, já se encaminha
 Para a parte onde o Pai deixado tinha:
 A estrada menos aspera se expunha:
 Esse primeiro horror, que a descompunha,
 Desvanecendo-se hia ao mesmo tempo
 Que o passo se alentava; como a nevoa,
 Que à presença da luz, que o Sol dilata,
 Em hnmidos vapores se desfata.

Nem se alcança algum monstro, que se enrosque
 No emmaranhado escandalo do bosque:
 Tudo facil se achava, e já se adverte
 Que a fadiga em descanso se converte.

Chegua-se emfim ao campo dos Deistas:
 Pasmado fica o Herôe das novas vistas,

Que a campina lhe offrece; * pois os Cedros
Nãõ eraõ já taõ ocos, como as canas :
As Florestas estavaõ mais ufanas
Nesse intrinseco impulso, que as alenta:
Na pompa dos Jardins se representa
Outra vegetaçãõ mais luminosa :
Nem o jacinto, o cravo, o goivo, a rosa
Perde a nativa cõr da mãõ tocada:
Nos pomos a substancia delicada
Percebe o paladar; nãõ vem aos olhos
A multidaõ de espinhos, e de abrolhos,
Que os frutos affligiaõ : Sem o cheiro,
E sem o amargo antigo, lisonjeiro
Se liquida o cristal; e rega o campo,
Sem essa turbaçãõ, esse occidente,
Que lhe infestava a placida corrente.

O aspecto da Cidade apparecia
Tambem com huma nova symmetria :
Viaõ-se os Edificios regulares :
Pela campanha diaphana dos ares,
Com dorica fachada, estaõ notorios
Os luzeiros das torres, e zimborios.

Entre

* Allegoria da mudança que tinhaõ feito os *Deistas* com a felicidade da *Religiãõ Catholica*.

Entre tudo o que havia mais distinto
 Era hum templo, que a regra de Corinto
 Na parte superior daquelle monte,
 Onde a Cidade està, com novo empenho
 Edificado tinha: o seu desenho
 Enchia de esplendor todo o Orizante:
 Cornijas, capiteis, festoens, cimalthas,
 Claraboias, columnas, e medalhas
 Despediaõ de raios hum diluvio:
 Da egregia architectura em toda a parte
 Parece que se achava o engenho, e a arte
 De Nicon, de Eupalino, de Vetrúvio.

A' casa vaõ de Pauli: Na elegancia
 De huma debil, cingida consonancia
 A explicaçaõ naõ cabe do alvorço
 Com que o Herõe se recebe: nem o estilo
 De hum plectro, sem ardor, em Polyphilo
 Póde representar aquelle excessõ,
 Com que a alma lhe move este successo.

O filho lhe dá conta das Viçtorias,
 Que conseguido tem; e as fâz notorias
 No Ministro, no Turco, e no Rabbino:
 O Pai tambem o infórma do destino,
 Que teve a Religiaõ na sua auzencia:

Que tudo se dispôz com a decencia ,
Que elle tinha advertido : Que os Altares
Se erguerão com as pompas singulares ,
Que lhe inculcava a fabrica do Templo :
Que tudo se animava com o exemplo
Da Sacrosanta Roma , onde pedira
Hum Prelado , que as maximas inspira ,
E que deu successão ao Sacerdocio :
Que huma , e outra catholica Cidade
Vivia na reciproca amizade ,
Cultivando , sem erro , nem insulto ,
No Templo a devoção , na Ara o culto.

Apenas se espalhou do Herôe a vinda ;
De ambas as Povoações tudo concorre
A dar-lhe os parabens : Quanto discorre ,
Quanto emprende esta gente alvoroçada
Em jubilos , e applausos se treslada.

E notando as victorias conseguidas ,
Pertende que se vejaõ produzidas
Em hum famoso Triumpho , aonde a gloria ,
Que em tanto empenho a Religiaõ alcança ,
Possa ficar eterna na lembrança.

Em quanto se cuidava no apparato

Da magestosa acção; Atheos, e Chinas
 A' Cidade corriaõ pela fama
 Deste novo esplendor; ou porque a chama;
 Que a vòz do Peregrino lhe acendera
 Dentro do coração, os commovera,
 Desamparando o barbaro aphorismo,
 A procurar as luzes do Baptismo.

L I V R O I X

Canto de Nicolau

Hesita a dar a gloria patria

Toda a nobreza de ambas as Castellas

A qual mais se tem mantida

E qual se tem mantida

U

TRI-

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO

Poema Epico-polemico.

LIVRO IX.

Contra os Incoherentes. *

Chegado o dia da gloriosa pompa,
Toda a nobreza de ambas as Cidades,
Apenas nasce o raio matutino,
Vem buscar o triumphante Peregrino,
E conduzillo ao Templo, onde se achava
Tudo quanto a grandeza preparava
Na magnifica acção: Entre festivas
Acclamaçoens de jubilos, e *vivas*
A multidaõ o segue: chega ao novo
Sacrosanto edificio, e alegre o Povo
Enche outra vêz, com seu canoro alento,
De exultaçoens o ar, de applauso o vento.

U

Re-

* Chamo *Incoherentes* aos que confessaõ o Evangelho com a boca, e negaõ com as obras.

Recebe-o no parástade o Prelado;
 Do Ecclesiastico corpo acompanhado:
 As Aras bêja; e humilde gratifica
 Quanto a suprema lúz lhe communica.

Do adorno Pontificio se reveste
 O Director Sagrado; e o Sacrificio
 Da santa Lei prepara: a Deos propicio
 Poém na offerta da victima brilhante:
 Dos cheiros sobe o estimulo fragrante;
 E suaviza-se a excelsa Liturgia
 Das vozes na alternada melodia.

Consumado o divino Ministerio,
 Supplica o Herôe do Templo ao magisterio
 Que licença lhe dê para que falle
 A taõ grande concurso; e conseguida,
 Lhe disse desta sorte: Agradecida
 Se mostra a vossa fé na illustre empreza
 Deste egregio apparatus, que agrandeza
 Da vossa disciplação da vossa gloria
 Deixar pertende eterno na memoria:

Louvo a magnificencia deste culto,
 Mas quizera advertirvos que esta palma,
 Que conseguido haveis de hum erro antigo;

Só com mudar de fé, não segue a alma:
Debellar he preciso outro inimigo,
Que inda mais formidavel se presume:
Fallo da grande força do costume.

Vivesteis atégora submergidos
No sono das potências: Os sentidos
Dirigiaõ sómente o vosso impulso:
Costumados estais, sem algum pejo,
A seguir toda a ancia do desejo;
E neste vaporoso Labyrinto
Não houve mais razaõ, que o vosso instinto.

A Lei Christan não sofre este despenho:
Todo o vosso cuidado, o vosso empenho,
Ha de ser que esta fé, que hoje se alcança,
Tenha nas obras toda a semelhança;
Pois he grande incoherencia, e he desvario
Ser Christaõ, e viver como gentio.

Reino, e terra não ha, Villa, ou Cidade,
Em toda a vastidaõ da Christandade,
Que eu não tenha inquirido: O Imperio, a Gallia,
Polonia, Portugal, Hespanha, Italia,
Tudo tenho fondado, com a pena
Que se nestas Provincias se condena

O Pagaõ, o Judeo, o Herege, o Turco,
 He só na lingua; e a vida se protege
 Do Turco, do Pagaõ, do Hebreo, do Herege.

Vesse em todo esse Mundo, que venera
 Ao Solio Pontificio, huma sincera,
 E firme confissão da Lei da Graça;
 Mas quasi todos caem na desgraça
 De que o que diz a boca, e o peito sente,
 Com acçoens, e com obras se desmente. *

Poucos chegaõ a ver no seu desinio
 Que este Mundo he hum misero exterminio,
 Que taõ distantes traz nesta carreira
 Os objectos da Patria verdadeira:
 Arreigados no estimulo mundano
 De hum gosto indigno, de hum ardor profano
 Queremos na oppressão do intento agreste
 Confundir o terreno no celeste.

Da Santa Igreja no mais puro gremio
 Nos havemos taõ mal, como se o premio
 Houvesse de alcançar toda a malicia
 Das Cegas intençaens: Onde a noticia

Acha-

* *Constantentur, se nosse Deum, factis autem negant.* Div. Paul. ad Titum, cap. 1. v. 16.

Acharei de quem cuide nesse estado
Da nossa immutação, em que se funda
Huma vida futura, e que governa
Ou tormento immortal, ou gloria eterna?

A penas ha na Terra quem o advirta :
De sabios, e prudentes nos jactamos,
E no que mais importa não cuidamos,
Delirando de sorte as negligencias,
Que fazemos sentidos, das potencias.

Em toda a mocidade não ha vida,
Que não seja hum despenho : entre a nobreza
Não ha mais, que ambição, e que avareza :
Na Plebe, huma desordem fementida :
Nas Mulheres, hum luxo, e huma inconstancia,
Que não póde deterse : Os Matrimonios
Se infamaõ nos adúlteros excessos :
A Justiça no curlo dos processos
Se prostitue à peita : a iniquidade
Ao commercio se estende : na maldade
O interesse se enreda : O gabinete
Só violencias, e escandalos promete.

Nos seus mesmos Pastores o rebanho
Se apesta, e se devora : assumpto estranho

Os púlpitos offende: a Ara, e Templo,
 Profanado se encontra com o exemplo,
 Que os Sacerdotes daõ: a hypocrefia
 Encobre, com nefanda aleivosia,
 A cangrenada chaga, que a corrõe:
 A enveja, e a emulaçaõ, que se destrõe
 A si mesma, em nós mesmos se reparte:
 O furto, e mais o engano se fez arte:
 Galanteio a lascivia: fez-se o jogo
 Licita occupaçaõ: divertimento
 A immodestia: a calunnia defafogo:
 Graça a murmuraçaõ: arrojo o aiento.

Como obsequio a soberba se cultiva:
 A vingança por honra se deriva:
 Inda a mesma mentira, o mesmo enredo,
 A lisonja, e a traiçaõ, por hum segredo
 Da politica passaõ, tendo a sorte
 De as julgarem por maximas da Corte.

Se voltamos a vista aos três primeiros
 Seculos do Evangelho: que Luzeiros
 Não temos nesses venturosos mappas
 Dos Catholicos Fastos? Trinta Papas
 Em successaõ continua, de exemplares
 Nos servem na cultura dos Altares.

Que admiravel sôllicito concurso
De Prelados, de Virgens, de Doutores,
Martyres, Missionarios, Confessores,
Se nos offrece aos olhos? Duro, e necio,
Sacrílego, impaeiente, emprende Decio,
Ou Maximino, ou Nero, ou Dioclesiano
Arrancar tanta fé do peito humano.

Bem que do Abyfino as horridas Ceraftas
A violencia apurassem nas Cataftas,
Nos garfos, rodas, grelhas: Bem que o estilo
Do impulso atróz no touro de Perilo
Dêsse novos horrores ao tormento:
Bem que quizesse intimidarfe o alento
Dos enxofres nos impetos ceruleos,
Nos potros, nos garrotes, nos equuleos;
Sempre a Fé se mostrava no semblante
Quanto mais combatida, mais constante.

Entre o horroso estrondo das batalhas
Pulsava todo o incendio das fornalhas,
Respirando as particulas violentas
Pelo horrivel escandalo das ventas:
Em borbotoens a chama ao ar subia;
Ministrava, aticava, revolvia
A materia, entre os animos ferozes,

O sórdido concurso dos algozes,
 Noutra parte as caldeiras vomitando
 Em cachoens as escumas; e exhalando
 Em ignea indigestão nuvens de fumo,
 Queriaõ expressar todo o refumo,
 Das penas Infernaes; e em fusto tanto
 Nada fazia o medo, nem o espanto;
 Pois desprezando a alma hum bẽm caduco,
 E não temendo o barbaro delirio,
 Sempre se achava a Fé entre o martyrio,
 Que apurava do horror todo o veneno,
 Com rosto alegre, espirito sereno.
 Que fariamos hoje (eu me envergonho
 De o trazer à memoria!) em tão medonho,
 Em tão terrivel, apurado exame?
 Raro seria aquelle, que o dictame
 Não seguisse do rito escandaloso:
 Se vejo em tanto Reino populoso
 Que o Idolo se adora da cubiça,
 Da ambição, da lascivia, da vingança;
 Eu não sei que se dê dessemelhança
 Em adorar tambem da mesma sorte
 A Venus, Pluto, Jupiter, Mavorte.
 Que importa que digais que a Fé de Christo

No vosso peito está, se a mão se estende
A infernar esses vultos, que pretende
Fazer Deoses a cega Idolatria?
A observancia, a humildade, a continencia,
O zello, o sofrimento, a displicencia
De si proprio, era a força, que abatia
O impulso dos Tyrannos: se hoje encontro,
Em lugar deste santo, illustre empenho,
Nos Vicios hum indomito despenho,
Que conceito farei, senão que o Abyssmo
Mete na Christandade, o Paganismo?

Que o Turco nas desordens se intrometa,
Desculpa tem; pois crê que o seu Propheta
Com tanta culpa o leva à sua gloria:
Que não lhe passe ao Hebrêo pela memoria
Que Christo pôde erguello do peccado,
A escusa nos produz de o ter negado:
Que o Pagaõ desconheça que o delito,
Em que sempre procede, o faz precito,
Pôde dizer que Jovê não condena
O mesmo, que exercita: se huma obscena,
Desordenada vida o Hereje anima,
Com toda a segurança nos intima
Que a Redempçaõ lhe basta, sem as obras
Para alcançar o Ceo: Mas se aceitamos

Que

Que sem ellas a gloria não se alcança :
 Se estamos n'humã firme segurança
 Que o que morre na culpa, eternamente
 Não ha de ver a Deos : De tanta vida,
 Sem ordem, sem dictame, nem medida,
 Que desculpa dareis? Mais insensatos
 São os nossos improvidos connatos,
 Que os do Herege, Judeo, Turco, e Gentio :
 Elles desculpa têm no desvario ;
 E nós em tantos miseros extremos,
 Nem razão, nem desculpa dar podemos.

Já houve quem nos disse que na Igreja
 Bastaõ dois Tribunaes, com que se reja
 O dominio das chaves: Se o exercicio
 Com a Fê não concorda; herege, ou louco :
 Se herege à Inquição: se disparates *
 Não tem mais do que a casa dos orates.

Quem segue a Synagoga, ou a heresia, Quem

* Dito he antigo, e como verdadeiro, e discreto muito celebrado, que na Christandade não havia de haver mais que duas prizoens, a dos carcereiros do *Santo Officio*, e a da casa dos *Orates*. Porque hum homem qualquer que seja, ou tem Fé, ou não tem Fé: se não tem Fé, he herege, e pertence aos carcereiros do *Santo Officio*: se tem Fé, e crê que ha Deos, e Ceo. e Inferno, e com tudo vive como se o não crera, he reumatadamente louco, e pertence à casa dos *Orates*.

O grande P. Vieir. tom. XI. dos Serm; Serm. da 5. Dom. de *Quaresma* n. 500.

Quem aceita o Alcoraõ , e a Idolatria ,
He porque tem o entendimento cego :
Porém crer huma coiza , e fazer outra ,
He incoherencia tal , que este concurso
Desfmente toda a prova do discurso :

Naõ teve , nem Luthero , nem Calvino
Outra ideia no infame desatino
Mais do que naõ cahir nesta incoherencia :
Todo o empenho da sua diligencia
Foi fazerem nos sórdidos volumes
Huma fé , semelhante aos feos costumes.

Se perguntais agora quem procede
Mais confórme à razão ; se o Hebrêo , se o Tur
Se o Herege , se o Pagaõ , se o que confessa
A Christo com a boca , e se interessa
Em desfmentir a lingua com as obras ?
Direi ; que mais coherente , mais confórme
He aquelle , que a Lei tem uniforme
Com todas as acçoens , que aquelle fatuo ,
Que em huma vida torpe , e dissoluta
Contradiz o que crê no que executa.

Se em vós dura a soberba , o engano , a ira ,
A Lascivia , a ambição ; será mentira

Dizer que tendes fé; A fé sem obras
 He Cadaver: na Biblia assim se escreve:
 Se hum homem, já defunto, não se deve
 Chamar homem, tambem a fé defunta
 Fé não póde chamar-se: Sempre junta
 Com obras deve andar para ser viva:
 Vede a Fé, que aceitais nesta Colonia?
 Fé, sem obras, he Fé de cerimonia.

Naõ deve de Deista, ou Libertino
 Seguir a vida quem não segue a crença;
 Pois na falsa incoherencia se gradua:
 Se entre todos, talvez, se continua
 Tanto a Fé, como a Lei; ao illustre intento
 Deste grande aparato, o movimento.
 Podeis já produzir, para que fique,
 Quando a fama ao clarim o esforço applique;
 Servindo este esplendor na luz da historia
 De hum eterno padraõ da vossa gloria.

Ao Peregrino, em nome do concurso,
 O Prelado responde: No desvello,
 Na piedade, no amor, constancia, e zello,
 Com que as duas Cidades tem vivido,
 Desde que vim de Roma, conhecido

Tem a minha advertencia que igualmente
Se acha na voz, e acção a Fé patente.

Os Idolos de Venus, e de Marte
De Jupiter, e Plutão, em toda a parte
Se vem despedaçados no desprezo
Que todos aqui fazem da lascivia,
Da ambição, da cubiça, da vingança:
Huma imagem da Bemaventurança,
Parece que se logra no districto
Destas duas Colonias: O delicto,
A emulação, o escandalo, a violencia,
Aqui fenaõ conhece: A continencia,
A doçura, a modestia, a tolerancia,
Devoção charidade, e vigilancia,
Em tudo quanto anima, quanto adverte,
Em virtudes os Idolos converte.

Ao immenso Author da Graça, toda a origem
De taõ grande ventura, os nossos votos
Humildes, reverentes, e devotos
Devem reconhecer: Segunda causa
De impulso taõ feliz, e inesperado,
Todos tambem admiraõ no cuidado,
Na efficacia, no zello, e na divina,
Luzente inspiraçaõ, com que a doutrina

Da Instituiçaõ Christan, se vio gloriosa
 Na eloquencia, ou na chama luminosa
 Do vosso illustre alento, expondo o culto
 Dos seus raios, em parte taõ distante;
 E desatando o horror, de hum campo inculto
 Com a doce impressaõ da Lei brilhante;
 Crescendo o graõ nos áridos caminhos,
 Nos penedos, nos brejos, nos espinhos,
 Sem que supersemine o infame arrojo
 Do inimigo commum, com maõ grosseira
 A Zizania infeliz na sementeira.

Se fostes o instrumento, com que o Herege,
 O Hebrêo, o Mahomentano, o Libertino,
 O Deista o Pagaõ, o Atheo, voltaraõ
 Para a Lûz Do Evangelho; e o desatino,
 Com taõ excelso impulso, condemnaraõ;
 Triumphai gloriosamente destas feitas:
 A Religiaõ, a Fé, e a Lei sublime.
 Triumphem tambê com vosco: O applauso anime
 O magnifico empenho; e os ares rompa
 O festivo rumor da egregia pompa.

Disse: e à ultima clausula movia
 Já todo aquelle Fausto no progresso:
 Tudo reípira ardor, tudo alegria,

Tudo acção, tudo gosto, tudo excessão.
Naõ se tinha a partado o Genio amigo
Do victorioso Herõde: alli servia
De excelsa testemunha a gloria tanta;
Perém de taõ amada companhia
Mais se commove agora, mais se espanta:
Pareceu-lhe que o rosto transfigura
Na luz de huma celeste criatura;
Fingem-se as roupas de brilhante neve,
Mova-se o corpo de hum assopro leve,
Bate huma, e outra aza; e n'hum momento
Se engolfa pelo ardor do Firmamento:
Reconhece o piedoso Peregrino
Os favores do estimolo divino
Que o tem acompanhado; alcança o effeito
Que lhe tinha proposto o seu conceito;
E da alma nos raios mais devotos
Renova os cultos, e confirma os votos.

Com docéis successivos se adornavaõ
As ruas: Os brocados, das janellas
Pendentes, entre as auras tremelavaõ:
De vegetantes flóridas Estrellas
As praças, e calçadas se melhoraõ:
Continuamente os Zephiros desfloraõ
De eirados, e balcoens tudo o que enleia

O brilhante thesouro de Amalthea.

Dos Maios as paredes se entapizaõ :

Subtís exhalacoens aromatizaõ

O locegado ambiente , onde o dispendio

Dos aromas em hum jucundo incendio

Liquída quanto alenta , quanto ensaia

O influxo da Sabêa , e da Panchaia.

O *Triumpho* se prepara no canoro ,

Bellico estrondo de metaes torcidos :

Alterna o bronze o Crepitante choro ,

Dos tambores nos roncõs estampidos :

Sobre hum filho do Boreas , que o compasso

Faz com ambas as maõs no airoso passo ,

Huma Nympha se expôz , cheia de lingoas ,

De olhos , e pennas : Hum clarim se alenta

Na vehemencia do hálito : Sustenta

Na esquerda hum estandarte , onde proclama

Que será deste applauso eterna fama.

Segue-se huma Carroça , conduzida

De immundos animaes : em baixo assento

Apparecia hum monstro sonolento ,

Que de homem mal a forma recobrava :

Todo o miserõ corpo se infestava

De sórdidas toupeiras , exhalando
Hum fétido vapor , e figurando
Nas sombras de hum profundo parocismo
A miseria , e a loucura do *Atheismo*.

Outra Carroça vinha , em q'outro monstro
De diversas feições o solio ordena
Entre pedaços de troncados vultos :

♥ O elegante Sinzêl allî condena
De Jove , Marte , e Venus os insultos :
Estimulando as cores dos berylos ,
Tiravaõ fraudulentos Crocodilos
Pela maquina impura , que fingia
A enorme ostentaçaõ da *Idolatria*.

Na terceira Carroça se propunha
A imagem do *Deismo* : o throno expunha
Em destroçadas aras : os exemplos ,
Com que o pincél anima o frontispicio
Eraõ despojos funebres dos templos ,
Da offerta o odio , o horror do sacrificio :
Quebrados os thuribulos se viaõ
A os pés do simulacro : repartiaõ
Quatro Tigres o adorno , em que se apura ,
A fachada da horrenda architectura.

Finge a quarta Carroça a feia imagem

Da torpe, da infelíz *Libertinagem*:
 Em hum charco de escandalos corrutos
 Respiraõ seus alentos dissolutos:
 De animaes, que se arrastaõ pela terra
 Parece que se nutre: Os olhos cerra
 A o resplendor do dia: a quatro bufos,
 Mais vorazes, e fórtes, do que os griphos,
 O pezo se confia; e em tanto empenho
 Naõ ha giro, ou impulso, sem despenho.

Retrata a sombra na Carroça quinta
 Huma aduſta Matrona; aonde a tinta
 Mais carrancudo faz o seu semblante:
 Cinge-lhe a fronte hum barbaro turbante:
 Hum alfange guarnece a maõ direita:
 Entre diversos monſtros se deleita:
 E o plauſtro, como indomitos Ethontes,
 Movem quatro Orientaes Rhinocerontes.

Copiar pertende na Carroça sexta
 A velha *Synagoga* o aspecto antigo:
 E com distancias frivolas pretexta
 A dura obstinaçaõ do seu castigo:
 Hum denſo fumo a cerca; e alonga vista
 Se dilata nos longes da conquista,
 Que lhe debuxa o intento vagabundo

De hum novo Imperio, de hum fingido Mundo:
O pezo destes miseros desvellos
Facilitando vaõ quatro Camellos.

A *Heresia* na setima Carroça
Sobre hum dragaõ se assenta, ou se entroniza:
Com as garras péstiferas destroça
Tudo o que a Igreja ordena, e solemniza:
Saõ da boca infeliz horrendos partos,
Viboras, Sapos, Cobras, e Lagartos:
Nos abortos da colera indigesta
O olfato se amotina, o ar se apesta:
Tanto horror, entre a chama dos coriscos,
Conduzem quatro infames Basiliscos.

Alli vaõ juntamente figuradas
As *bortas de Epicuro*: debuxadas
As *estancias gentilicas*: os *bosques*,
Collisseo, e *Edificios dos Deistas*:
O *combate do arrojo Libertino*:
A *Caverna do Turco*, e a do *Rabino*:
Dos *Lutheranos*, e dos *Calvinistas*
A *moderna Colonia*: e tanto crece
Na pintura o treslado, que parece
Nestes retratos, que o pincel retoca,
Que o exemplar com a imagem se equivoca.

Para escoltar a horrenda committiva
 Hum nefando esquadrão o Abyfmo acende :
 Da iniqua *Enveja* a hydropica invectiva
 Pelos triftres espiritos fe estende :
 Opprime hum tigre indomito a *Vingança* :
 A *Soberba* hum pavaõ : o vulto lança
 Sobre a espada de hum touro a *Ira* ardente :
 Sobre hum mono a *Lascivia* fãz patente
 O cálido semblante : a torpe *Gula*
 Na fereza de hum lobo fe estimula :
 A *Traição* na de hum urfo, he que respira :
 Na de huma sphynge a pérfida *Mentira*.

Dominando este objecto pavoroso
 Vinha todo o concurfo luminoso
 De mais nobre apparato, expondo o erario,
 O esforço, e o resplandor do fantuario.
 Nos adornos de varias estructures
 Se vem representadas as figuras
 Do antigo Testamento : O sacrificio
 Allí fe expoem de Ifaac com tanto indicio
 Do impulso, que na sombra fe descobre,
 Que parece que Abraham o susto encobre
 Na fé, e na obediencia, com que a certa
 A fazer do feu sangue a sacra offerta.

A Luta de Jacob se determina
Com tanta propriedade, que imagina
A vehemente apprehensãõ no que flutua,
Que o empenho da batalha continua;
E sem que tanto empenho se remate,
Se está fingindo o estrondo no combate.

Com tanto ardor nas aras produzido
O cordeiro se vê; que inda o balido
Se affecta no retrato: O igneo fausto
Taõ vivo se debuxa no holocausto,
Que a semelhança sobornando a ideia
Quer persuadir que a victima fumeia,
E que crepita a chama, quando adverte
Que em leve cinza a hostia se converte.

Moyfés na recepção da Lei sagrada
Com taõ raro desenho se treslada
Na elegante escultura, que parece
Que a maquina do Sina se estremece
Das trombetas aos bellicos clamores:
Na montanha entre horriveis resplandores
A presença do Altissimo se hospeda:
Na enrolada, fumosa escuridade
Desordena, ou confunde a labareda
A aurea agitação da claridade:

Tão proprio, que na imagem do portento.
Brilha, como verdade o fingimento.

Com outras perspectivas luminosas
Rodaõ diverso plauftros no desinio.
Do triumphante apparatus: alto dominio!
Inculca huma Matrona nas preciosas
Luzentes roupas, que imperiosa veste:
Sobre os globos da fabrica celeste
O folio constitue: da riqueza,
Com que o Mundo se adorna, se fabrica
O assento, em que descança: multiplica
As purpuras, e os Sceptros entre as plantas:
Dos cáucassos as tímidas gargantas.
Ficaõ flexiveis ao mais leve aceno,
Que expõem no rosto o resplendor sereno:
A penas esta copia huma apparencia
Nos pode figurar da *Omnipotencia*.

Outra molher, naõ menos prehemimente
A^d admiracão se offrece: Intelligente
Se mostra na efficacia do semblante:
Cingida da grinalda vegetante,
Que o Oitono felicita, traz a fronte:
Alegraõ-se os aspectos do Orizonte
Nos seus festivos olhos: toda a esphera

No seu divino rosto se prospêra:
Sustenta humã brilhante cornucopia,
Donde sempre procede a immensa copia,
Com que o Ceo, Mar, e Terra se fecunda:
Tudo alenta, e prodûz; tudo se funda
Neste cofre immortal, que o Mundo gira:
Tudo nelle se expoem, tudo se inspira:
E tudo o que no Erario a lûz dilata
A Sabia *Providencia* lhe retrata.

Outra mulher igual na pompa illustre
Se faz patente à vista: o throno altivo
De humã base quadrada, a representa
Firme, constante, esclarecida, attenta:
No semblante respira aquella chama,
Em que o peito, em que o espirito se inflâma:
Hum elmo intenta moderar os raios,
Que saiem do seu rosto: os seus desvellos
Em hum livro dispoem de sete fellos,
Que ninguem pôde abrir: e tudo ensina
Que no adorno da imagem se illumina
A infondavel *Sapiencia*; onde o cuidado
Fica em humilde assombro sepultado.

N'hum pedestal se exalta humã donzella
Vibrando o troço de hum trifulco incendio:

Traz a vista coberta ; e huma balança
 Lhe tempera os impulsos da vingança :
 A seus pés , com louvavel inteireza ,
 Triumphando dos assaltos da riqueza ,
 Tem hum thezouro immenso , e quando o calca,
 Defordena a ambição, vence a cubiça :
 Bem mostra ser a imagem da *Justiça*.

Sobre hum rotundo ardor de astros benignos
 De outro novo Prodigio se acompanha :
 Rota da morte a indomita guadanha
 Com as plantas a opprime : o seu refugio
 Allí tem a desgraça , a ancia , a pena :
 Em hum manto de purpura se ordena
 Hum asylo immortal contra a malicia :
 Sempre piedosa está , sempre propicia
 Para dar hum sollicito agazalho
 Na afflicção , na miseria no trabalho :
 Em tanto resplendor , tanta assistencia ,
 O esforço se figura da *Clemencia*.

Com madeixas de Ophir outro portento
 Representa hum espirito incorruto :
 Taõ activo se mostra , que o tributo
 Da Parca no seu thalamo desfodora :
 Despedaçada a funebre tezoura

De Cloto allí se adverte : sem jactancia ,
Sem algum movimento , alguma instancia .
Se desalenta o arrojo furibundo
Da negra roca , do ferilho immundo :
De huma roupagem verde se guarnece :
No circulo , que empunha se conhece .
Entre as luzes da sua claridade ,
Que inculca a effigie da *Immortalidade* .

Com olhos cegos , com ouvidos promptos ,
Logo se exprime a *Fé* noutra figura :
De arminhos adornada aqui procura
Mostrar a candidêz do seu conceito :
O seu sincero rosto , de respeito
Enche todo o concurso : A Hostia , o Caliz ,
Divinamente o punho esquerdo adorna :
Reje o direito , com devoto espanto ,
Na pompa illustre o Lenho Sacrosanto .

Em hum Leito florido , aonde a esphera
Constitue huma nova Primavera
O vigor se enthroniza da *Esperança* :
A clara vista pelos orbes lança ,
Fitando-a sempre na continua aurora ,
Que o aspecto do Horizonte condecôra :
De matizadas plumas no destino

Aspira sempre ao raio matutino;
 E na insignia de huma âncora prepara
 A doce especção da luz preclara.

A *Charidade* segue a companhia
 Destas duas Irmans: a simpathia
 De hum intrinseco incendio as tem disposto
 A formar outro terno, outro composto
 De graças celestiaes: ardente hospeda
 Em cima da cabeça a labareda,
 Que do peito resulta; e a mesma chama
 Acende, move, impelle, incita, inflamma
 Tudo o que anella, tudo o que respira,
 Emprende, anima, alenta, ama, e suspira.

Não se aparta a *Concordia* destas gemeas:
 Na espada de hum Gerião o throno exalta:
 Rubicunda lauréola lhe esmalta
 A dourada madeixa, com os gomos,
 Com as flores, e folhas destes pomos,
 Que a mesma natureza tem coroado
 Em sibal do frondoso principado.
 De ardentes coraçoes, que tem unido,
 Com doce inclinação, melhor Cupido,
 Se compoem toda a gala da Carroça:
 A harmonia do affecto se alvoroa

Na brilhante expressãõ ; e esta elegancia
Estimûla , e requinta a consonancia.

Cercado de versateis resplandores
Hum milagre felîz de excelso empenho
Apparece no candido desenho
De outra rara donzella : ao Ceo levanta
Continuamente a vista : a Pomba santa
Hum raio lhe introdûz no peito ancioso :
O semblante de agrado venturoso
Sempre banhado estâ : toda a alegria
Do seu luzente rosto se confia :
Em tudo quanto anîma , quanto abraça
Se alenta , e se prospêra a lûz da *Graça.*

Neste maravilhoso ajuntamento
De apparatus symbolicos, unida
Em huma nova esquadra , o movimento
Segue deste concurso, outra partida
De emphaticas imagens : *A Paciencia*
Por insignia prodûz hum pelicano :
Foge a *Contemplaçaõ* no horror profano
Com as azas da aguia : *A Continencia*
Empunha hum ramo de frondoso louro :
A Contriçaõ compoem o seu thezouro
Em hum cofre de espinhos : *A Humildade*

Leva hum jugo : hum delphim leva a candura
 Da affavel *Mansidão* : não ha figura,
 Que em nobre impulso, ou émphasi sublime
 As virtudes excellas não anime.

Orientou finalmente hum aureo coche
 Onde o Sol os seus raios felicita :
 Nem roziclêr, ou joia, airaõ, ou broche
 Tantas luzes nas cores deposita :
 Brilha entre chamas de hum reflexo ardente
 Toda a pompa da maquina luzente :
 Quatro Elephantes com modesto arrojô
 Fazem mover as rodas : huma nuvem,
 Taõ candida, taõ pura, como a neve,
 Com outra fórma esplendida descreve
 O throno, em que se ostenta mais gloriosa
 Da *Religião* a imagem luminosa.
 A Sâcrofanta Tiara na cabeça,
 Das vestes Pontificias adornada,
 Na mão direita a Pagina Sagrada,
 Na esquerda as chaves : tanta luz divina
 Todo aquelle concurso predomina.
 Vinha o Herôe com honesta gravidade
 Junto à base do folio : em fundo de ouro
 Trâz hum manto de purpura : a grinalda
 Se tece no esplendor de huma esmeralda,

Em que tem novo alento a planta esquiua :
Parece que huma palma se cultiva
No agrado, com que a empunha : o fado e forte,
O Mundo , a Carne, o Inferno, a Enveja, a Morte,
Debaixo dos seus pés se representa :
A Cidade se anima , o ar se augmenta
Na doce variedade , com que as vozes
Repartem pelos circulos velozes ,
De acordes instrumentos focorridas ,
Os musicos estrondos : divididas
Com varia consonancia em varios choros ,
Mais festivos expoem , e mais canoros
Mais nobres , mais alegres , mais solenes ,
Mais gloriosos , esplendidos perenes ,
Mais inclytos , com tantos artificios ,
Os cantos , os tropheos , os Epinicios.

*Sit laus Deo Patri ,
Summo Christo Decus ,
Spiritui Sancto ;
Tribus honor unus.*

